

CARTOGRAFIA GELNE:

20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

GELNE



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ataíde, Cleber et al. (Orgs.)

Cartografia GeINE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura - Volume I /
Cleber Ataíde et al. (Orgs.)

Campinas, SP: Pontes Editores, 2019

Bibliografia.

ISBN: 97885-217-0242-9

1. Linguística - GeINE 2. Literatura - estudos literários
3. Comunicação social – informação e análise
I. Título

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística – 410
2. Literatura - estudos literários - 807
3. Comunicação social – informação e análise - 302.24

PONTES EDITORES
Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão
Campinas - SP - 13070-056
Fone 19 3252.6011
ponteseditores@ponteseditores.com.br
www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil 2019

Coordenação do projeto Cartografia Linguística e Literária

Cleber Ataíde

Comissão Editorial

Cleber Ataíde (UFRPE) – Coordenador geral
Valéria Severina Gomes (UFRPE)
Emanuel Cordeiro da Silva (UFPE)
Sherry Morgana Justino de Almeida (UFRPE)
Thaís Ludmila da Silva Ranieri (UFRPE)
André Pedro da Silva (UFRPE)

Conselho Editorial

Aldir de Paula Santos (UFAL)
Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)
Ana Lima (UFPE)
Camilo Rosa (UFPB)
Cleber Ataíde (UFRPE)
Clécio dos Santos Bunzen Júnior (UFPE)
Ewerton Ávila dos Anjos Luna (UFRPE)
Expedito Eloísio Ximenes (UECE)
Inaldo Firmino Soares (UFRPE)
Isabela B. do Rêgo Barros (UNICAP)
Jacinto dos Santos (UPE)
Joice Armani Galli (UFF)
Josilene Pinheiro-Mariz (UFCEG)
Josivaldo Custódio da Silva (UPE)
Marcelo Amorim Sibaldo (UFPE)
Maria Janaina Sampaio (UFRPE)
Maria Luísa de Andrade Freitas (UFPE)
Sandra Helena de Melo (UFRPE)
Sherry Morgana Justino de Almeida (UFRPE)
Stella Telles (UFPE)
Tânia Lima (UFRN)
Valéria Viana Sousa (UESB)

Apoio Institucional

Grupo de Estudos Linguístico do Nordeste (GELNE)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE)
Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc)

Preparação dos originais

Cleber Ataíde
Valéria Severina Gomes

Projeto gráfico

Pipa Comunicação
Editora Pontes

Copyright © 2019 – Dos organizadores representantes dos autores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Editoração e capa: Vinnie Graciano

Revisão: Autores e Organizadores

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève - Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ - Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL - Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-056

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

Impresso no Brasil 2019

SUMÁRIO

POR QUE UMA CARTOGRAFIA NORDESTINA DAS PESQUISAS NA ÁREA DE LINGUÍSTICA E LITERATURA?	9
<i>Cleber Ataíde, Sherry Morgana Justino de Almeida</i>	
APRESENTAÇÃO	13
<i>Célia Marques Telles</i>	
PANORAMA DAS PESQUISAS EM FILOGIA E EM LINGUÍSTICA HISTÓRICA NO NORDESTE BRASILEIRO	23
<i>Expedito Eloísio Ximenes, Alícia Duhá Lose, Arivaldo Sacramento de Souza</i>	
1. Introdução.....	23
2. Primeiras palavras sobre Filologia e Linguística Histórica.....	25
3. Os estudos filológicos e em Linguística Histórica no Nordeste brasileiro.....	28
4. Considerações finais.....	52
PANORAMA DOS ESTUDOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS E LEXICAIS NO NORDESTE: UMA ABORDAGEM NA INTERFACE SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA	55
<i>Dermeval da Hora, Maria do Socorro Silva de Aragão, André Pedro da Silva</i>	
1. Introdução.....	55
2. A Sociolinguística.....	61
2.1 Panorama dos estudos variacionistas no Nordeste.....	63
2.2 O sistema fonológico do Português Brasileiro, realidade nordestina: as consoantes.....	63
2.2.1 As consoantes em posição de ataque.....	63
2.2.1.1 Consoantes oclusivas dentais/alveolares.....	64
2.2.1.2 A consoante lateral palatal em posição de ataque.....	65
2.2.2 As consoantes em posição de coda.....	66
2.2.2.1 Consoante lateral em posição de coda.....	67
2.2.2.2 Róticos em posição coda.....	69
2.2.2.3 Fricativas coronais em posição de coda.....	71
2.3 O sistema fonológico do Português Brasileiro, realidade nordestina: as vogais.....	72
2.3.1. As vogais pretônicas.....	73
2.3.2. As vogais postônicas.....	79
2.3.2.1. As vogais postônicas mediais.....	80

2.3.2.2. As vogais postônicas finais.....	83
3. Situando a Dialetologia e a Geolinguística nos Estudos Lexicais no Nordeste.....	84
3.1 A Dialetologia.....	84
3.2 Os Estudos Geolinguísticos.....	86
3.3 Os Estudos do Léxico.....	86
4. Panorama dos Estudos Lexicais no Nordeste.....	88
4.1 Temas Lexicais Estudados.....	88
4.2. Glossários, Vocabulários e Dicionários de Obras de Autores Nordestinos.....	88
4.3. Atlas Linguísticos do Nordeste.....	89
4.4 Trabalhos de Léxico Regional Desenvolvidos a Partir do Atlas Linguístico do Brasil.....	89
4.5 Dicionários Regionais Populares do Nordeste.....	90
5. Considerações finais.....	90
ANÁLISE DO DISCURSO NO NORDESTE: FILIAÇÕES TEÓRICAS E INSTITUCIONAIS.....	93
<i>Evandra Grigoletto, Fabiele Stockmans De Nardi, Helson Flávio da Silva Sobrinho, Pedro Farias Francelino</i>	
1. Considerações Iniciais.....	93
2. Um passeio pelas universidades e suas análises de discursos.....	97
3. Principais vertentes teórico-analíticas e temáticas de estudos da AD no Nordeste.....	109
4. Debate e agenda político-científica para os estudos discursivos no Nordeste.....	116
ANEXO 1.....	120
O CAMINHO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL NO NORDESTE.....	145
<i>Mônica Magalhães Cavalcante, Mariza Angélica Paiva Brito, Suzana Leite Cortez</i>	
1. Introdução.....	145
2. Bases do estudo da textualidade no Nordeste	148
3. Marco da pesquisa em Linguística Textual no Nordeste.....	153
3.1 Ensino de compreensão e produção de texto.....	159
3.2 Perspectiva do texto e aspectos antropológicos das práticas discursivas.....	161
4. Grupos de pesquisa em Linguística Textual.....	162
5. As pesquisas no Grupo de Pesquisa em Linguística - Prottexto.....	167
5.1 Trabalhos desenvolvidos na pós-graduação.....	168
5.2 Renovação das abordagens e consolidação dos temas	

de pesquisa: destaque para publicações.....	176
6. Considerações finais.....	183
ESTUDOS DE PRAGMÁTICA NO NORDESTE: DIÁLOGOS COM ÁREAS AFINS PARA ALÉM DO SEU USO NA LINGUÍSTICA.....	187
<i>Antonio Carlos Xavier, Patrícia Fernandes</i>	
1. Introdução.....	187
2. Metodologia – o <i>modus operandi</i> utilizado para acessar os dados.....	189
3. Análise dos dados.....	190
4. Considerações finais.....	198
PESQUISAS FUNCIONALISTAS NO NORDESTE: PANORAMA HISTÓRICO.....	201
<i>Maria Angélica Furtado da Cunha, Edvaldo Balduino Bispo, José Romerito Silva</i>	
1. Introdução.....	201
2. Pressupostos teórico-metodológicos fundamentais da Linguística Funcional.....	203
3. Breve histórico das pesquisas funcionalistas no Nordeste.....	207
4. Estudos funcionalistas sobre gramaticalização no Nordeste.....	210
5. Produção acadêmica e formação de recursos humanos para a pesquisa.....	214
6. Considerações finais.....	221
A LINGUISTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E SUAS INTERFACES: UMA CARTOGRAFIA INTRODUTÓRIA DO NORDESTE DO BRASIL.....	225
<i>Medianeira Souza, Orlando Vian Jr., Wellington V. Mendes</i>	
1. Introdução.....	225
2. Histórico da área temática nas pesquisas no Nordeste.....	228
3. Principais conceitos.....	232
4. Vertentes teóricas e analíticas da área temática.....	238
5. As produções da área temática no Nordeste.....	242
5.1. Ferramentas de busca.....	243
5.2. O universo da pesquisa: os gêneros objeto de análise e a delimitação temporal do <i>corpus</i>	244
5.3. As produções em LSF: filiação institucional.....	246
5.4. Amarras imprescindíveis ou ressalvas necessárias.....	246
5.5. Uma cartografia introdutória da LSF e suas interfaces no Nordeste.....	248
5.5.1. As produções acadêmicas.....	248
5.5.2. O perfil sistêmico-funcional do Nordeste.....	259
6. Conclusão.....	260

A GRAMÁTICA GERATIVA NO NORDESTE.....	265
<i>Adeilson Pinheiro Sedrins, Dorothy Bezerra Silva de Brito, Dannel da Silva Carvalho</i>	
1. A Gramática Gerativa.....	265
2. Chomsky no Nordeste brasileiro.....	266
3. A gramática gerativa no Nordeste – a Bahia.....	266
4. As pesquisas gerativistas em Alagoas.....	277
5. Demais centros de pesquisa gerativista no Nordeste.....	282
PANORAMA DAS PESQUISAS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO NORDESTE BRASILEIRO.....	287
<i>Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Renata Fonseca Lima da Fonte</i>	
1. Área da Aquisição da Linguagem: considerações iniciais.....	287
2. Procedimentos metodológicos.....	291
3. Pesquisas em aquisição de linguagem nos Programas de Pós-Graduação no Nordeste entre o período de 1999 a 2018.....	293
3.1 Mapeamento dos objetos de estudo na área da aquisição da linguagem.....	315
3.2 Levantamento quantitativo das dissertações e teses defendidas na área de aquisição de linguagem.....	317
4. Considerações finais.....	320
PANORAMA SOBRE OS ESTUDOS EM LINGÜÍSTICA COGNITIVA NO NORDESTE BRASILEIRO.....	323
<i>Jan Edson Rodrigues Leite</i>	
1. Introdução.....	323
2. A Linguística Cognitiva: fundamentos e perspectivas teórico-metodológicas.....	327
3. Contextualização da Linguística Cognitiva no Nordeste brasileiro.....	335
4. A pesquisa científica em Linguística Cognitiva no Nordeste.....	349
5. Perspectivas e Desafios da Linguística Cognitiva no primeiro quarto do século XXI.....	357
ESTUDOS DE PSICOLINGÜÍSTICA NO NORDESTE DO BRASIL.....	361
<i>Elisângela Nogueira Teixeira, Márcio Martins Leitão, José Ferrari Neto</i>	
1. Introdução aos Estudos em Psicolinguística.....	361
2. Formação e Consolidação da Psicolinguística no Brasil.....	364
3. Os Grupos de Pesquisa em Psicolinguística do Nordeste do Brasil.....	370
4. Conclusões.....	376
REFERÊNCIAS.....	381
AUTORES.....	435

POR QUE UMA CARTOGRAFIA NORDESTINA DAS PESQUISAS NA ÁREA DE LINGUÍSTICA E LITERATURA?

O termo **cartografia** diz, segundo seu étimo, do conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas ou, em outra acepção, diz da descrição ou de tratado sobre mapas. Por contiguidade de sentido e pela adoção para além da Geografia e áreas afins, o termo passou também a designar a ideia de mapeamento, não apenas numa perspectiva espacial, mas também na perspectiva discursiva, indicando o mapeamento de ideias em diversas áreas do saber antropológico.

Essa noção de mapeamento que se deriva e aponta para a descrição de ideias existentes interessa-nos porque explica, inicialmente, o surgimento do projeto que culmina com a publicação desta obra, **Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura**. Contudo, para a plena compreensão desse projeto, é imprescindível que chamemos a atenção do leitor para a ideia, implícita e inerente a toda obra de mapeamento, que é a de se configurar, em seu propósito último, num convite a novas descobertas, num estímulo para que se construam novas ideias a partir do que se apresenta mapeado. Em palavras mais diretas, nossa **Cartografia GelNE** se constitui num convite à atividade de pesquisa.

Esse convite foi sendo grafado já na proposta das ações de gestão da diretoria que esteve à frente do Grupo de Estudo Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE) durante os biênios

2014-2016 e 2016-2018. Isso porque assumimos a diretoria dispostos a tornar o GELNE ainda mais atrativo aos seus associados e aos participantes dos eventos promovidos, e por conseguinte, tornar o GELNE ainda mais importante para o desenvolvimento das pesquisas científicas na área de linguagem em nossa região.

Dessa forma, podemos dizer que **Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura** surgiu em 2015, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, inicialmente, com a finalidade de publicação de uma obra em comemoração aos 40 anos do GELNE. Com o amadurecimento da proposta, nossa grafia se tornou mais nítida e o projeto da obra ganhou outro formato, com um principal objetivo: socializar uma obra de referência na qual fosse possível resgatar a produção científica em Linguística e Literatura vinculada aos Programas de Pós-graduação das universidades nordestinas.

Várias motivações impulsionaram o projeto:

- i. fazer um levantamento das produções científicas das áreas de Linguística e Literatura nos últimos 20 anos, a fim de Identificar os centros de pesquisa de maior contribuição para a região nordestina;
- ii. repercutir as atividades de pesquisas dos Programas de Pós-graduação das universidades nordestinas;
- iii. desenvolver projetos coletivos integrando professores de diversas áreas de atuação da Linguística e da Literatura;

Por ocasião do **I Seminário de Pesquisas em Linguística e Literatura**, em Recife, no ano de 2018, o projeto ganhou uma grafia encorpada, envolvendo praticamente todo o mapa do Nordeste ao integrar mais de 50 pesquisadores de diversos estados de nossa região, divididos por áreas de atuação, com a tarefa de levantar, nos últimos 20 anos, os principais avanços das áreas de pesquisa dos programas de pós-graduação do Nordeste.

Alguns resultados da então obra de referência, que veio a se tornar **Cartografia GelNE** foram apresentados e debatidos no referido seminário, no qual conseguimos: 1) propiciar interlocuções e estreitamento de relações entre pesquisadores da Linguística e da Literatura; 2) criar um ambiente de diálogo e de parcerias em estudos linguísticos e literários; 3) elaborar diretrizes para a finalização da obra de referência; 4) fazer um apanhado, com base nos capítulos analisados, do desenvolvimento das pesquisas em Linguística e Literatura na região nordeste; 5) promover a difusão de pesquisas científicas de valor e interesse reconhecidos e 6) manter intercâmbio com instituições congêneres.

Após muito trabalho de mapeamento pelos pesquisadores envolvidos, chegamos aos “cartografismos” contidos neste livro, composto de dois volumes, e cuja existência se torna ainda mais importante se considerarmos o momento histórico brasileiro atual que se mostra incerto para as universidades públicas e sem perspectiva de futuro promissor para a ciência e a tecnologia no país. Ademais por restar clara a condição bastante inóspita para o desenvolvimento da região nordeste em face ao cenário sócio-político nacional, podemos dizer que **Cartografia GelNE** se configura mais que uma obra de referência sobre 20 anos de pesquisas nas áreas de Linguística e Literatura em nossa região, ela se mostra como obra de resistência e, principalmente, de reação de pesquisadores do Nordeste.

Eis, leitor, a **Cartografia GelNE** que atesta nossa existência e nossa relevância histórica no mapa científico dos estudos em linguagem. Descubra-a e sinta-se convidado a ampliá-la com novas pesquisas!

Cleber Ataíde (UFRPE)

Sherry Morgana Justino de Almeida (UFRPE)



APRESENTAÇÃO

Célia Marques Telles (UFBA, CNPq)

Em setembro de 2018, o GELNE promoveu o *I Seminário de Pesquisas em Linguística e Literatura do GELNE*, na cidade de Recife. Desse Seminário resultou uma publicação, de que este é o primeiro volume, no qual, em onze artigos, se busca traçar um panorama, ainda parcial, dos estudos linguísticos no Nordeste.

Em *Panorama das pesquisas em filologia e em linguística histórica no nordeste brasileiro* é o título do artigo assinado por Expedito Eloísio Ximenes, Alícia Duhá Lose e Arivaldo Sacramento de Souza que, após uma breve introdução, informam sobre os estudos em Filologia e Linguística Histórica na pós-graduação no Nordeste do Brasil, ressaltando que essas áreas apresentam “alguns pontos de semelhança”, mas que “são bastante diferentes pelo método e pelos resultados. Destaca-se o fato de que no século XX “houve um reflorescimento dos estudos com o ressurgimento de pesquisas acadêmicas”, o que “é muito visível nas universidades do estado da Bahia”, mas também presente no Ceará, em Pernambuco e na Paraíba. A seguir mostra-se a inter-relação entre os estudos filológicos e os de linguística histórica que vêm marcando a pesquisa nessas duas áreas na pós-graduação em Letras no Nordeste. São informados a longevidade da atividade em estudos filológicos e de linguística histórica na Bahia e a sua repercussão, os pesquisadores, suas áreas de trabalho, os

principais temas de pesquisa. Assinalam-se os pesquisadores e os resultados de sua pesquisa no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, em Pernambuco, no Piauí, em Sergipe. Ao finalizarem o artigo reafirmam a proposta do texto “dar notícias dos trabalhos realizados nos nove estados que compõem a região Nordeste do Brasil no que se refere às áreas de Filologia e Linguística Histórica” e escrevem, finalmente que o levantamento feito lhes “permite afirmar que o cenário das pesquisas em ambas as áreas começa a mudar, em especial, a partir do contato dos pesquisadores com os *corpora* organizados pelo grupo Para a História do Português Brasileiro-PHPB”. Concluem os autores ratificando a persistência milenar dos estudos filológicos e a “profícua retomada” da linguística histórica, ambas atraindo “o interesse de jovens pesquisadores que adentram pelos caminhos da pesquisa da língua materna, sinal de que permanecerá ainda viva e produtiva por muito tempo”.

Dermeval da Hora, Maria do Socorro Silva de Aragão e André Pedro da Silva, em *Panorama dos estudos fonético-fonológicos e lexicais no Nordeste: uma abordagem na interface sociolinguística e dialetologia*, tecem considerações que apresentam os estudos linguísticos em uma perspectiva interdisciplinar, provando como diferentes níveis de análise linguística podem ser verificados também em diferentes perspectivas metodológicas, porém não antagônicas. Nessa direção apresenta-se o panorama dos estudos variacionistas no Nordeste, com base na análise de fatos fonético-fonológicos relativos aos principais problemas nesse nível de análise para o português do Brasil: as consoantes em posição de ataque e as consoantes em posição de coda, exemplificando-se com a lateral palatal, os róticos e as fricativas coronais. Do mesmo modo se mostra o comportamento das vogais pretônicas e das postônicas. No que tange aos estudos lexicais, faz-se um mapeamento dos estudos dialetológicos, geolinguísticos desenvolvidos no Nordeste, dando-se ênfase aos diferentes aspectos da

pesquisa desenvolvida e dos resultados alcançados na confecção e glossários, vocabulários e dicionários – em especial os dicionários regionais populares do Nordeste –, a que se acrescentam os atlas linguísticos, com destaque para o Atlas linguístico do Brasil, de que a concepção e a coordenação geral tem contato com a participação de pesquisadores do Nordeste, em especial Suzana Alice Marcelino Cardoso.

Ao iniciarem o artigo, intitulado *Análise do discurso no Nordeste: filiações teóricas e institucionais*, Evandra Grigolletto, Fabiele Stockmans de Nardi, Helson Flávio da Silva Sobrinho e Pedro Farias Francelino afirmam que para “falar da Análise do Discurso na região do Nordeste brasileiro, é preciso iniciar assumindo uma posição plural: análise(s) de/do discurso(s)”, mostrando, dessa forma, a “heterogeneidade das perspectivas teóricas” existentes. O levantamento realizado mostrou que se fazem pesquisas em “análise(s) de discurso(s)” no Maranhão, no Piauí, no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, em Pernambuco, em Alagoas, em Sergipe e na Bahia, isto é, nos nove estados do Nordeste brasileiro. Após analisarem as “principais vertentes teórico-analíticas e temáticas” aí estudadas, foi feito o mapeamento das pesquisas e dos trabalhos acadêmicos em cada programa de pós-graduação em Letras. Do levantamento feito chegou-se à um “debate e [a uma] agenda político-científica para os estudos discursivos no Nordeste” nos últimos vinte anos, em que foram ressaltados os avanços alcançados e os desafios encontrados.

O caminho da linguística textual no Nordeste, o quarto artigo, é de autoria de Mônica Magalhães Cavalcante, Mariza Angélica Paiva Brito e Suzana Leite Cortez que apresentam o panorama dos estudos de linguística textual no Nordeste. À introdução, segue-se a informação pormenorizada relativa às bases do estudo da textualidade no Nordeste, destacando-se a importância que tiveram a ação, a pesquisa e os trabalhos de Luiz Antônio Marcuschi em

todo o Nordeste. Ressalta-se de modo claro como, pela motivação relativamente ao ensino, “as abordagens em Linguística Textual se debruçaram sobre propostas de avaliação da textualidade por meio de padrões necessários para que um texto tivesse eficácia comunicativa”, fundamentadas na concepção de M. Charolles. Lembra-se, ainda, que para L. A. Marcuschi, “a linguagem era fruto de nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossas inserções sociocognitivas nele, pois usamos nossa criatividade em atividades de integração conceitual”. Esse princípio, em seus desdobramentos, tem motivado os estudos em linguística textual nas pesquisas desenvolvidas no Nordeste. As pesquisas desenvolvidas em todas as vertentes da linguística textual são relatadas, destacando-se as produções acadêmicas delas resultantes.

O quinto artigo dedica-se aos *Estudos de pragmática no Nordeste: diálogos com áreas afins para além do seu uso na Linguística*, nele Antônio Carlos Xavier e Patrícia Fernandes buscam mostrar “a quantas andam o emprego da abordagem teórico-metodológica da Pragmática” nos programas de pós-graduação na área de Letras e Linguística no Nordeste. Com os dados recolhidos segundo a metodologia apresentada, os dois autores esclarecem “a contribuição da Pragmática para a compreensão do funcionamento geral da linguagem em contextos reais de uso” na produção acadêmica dos programas de pós-graduação examinados. Em conclusão, afirmam “Saber se a nova Teoria da Relevância ou os conceitos e definições mais conhecidos da Pragmática vão predominar, é ainda a grande incógnita”.

Em *Pesquisas funcionalistas no nordeste: panorama histórico*, Maria Angélica Furtado da Cunha, Edvaldo Balduino Bispo e José Romerito Silva, após uma breve introdução, na qual enumeram os grupos de pesquisadores, destacando os temas estudados: a linguística funcional norte-americana, a gramática discursivo-funcional e a linguística sistêmico-funcional, informam a sua

produção acadêmica e a formação de recursos humanos alcançada. De início são descritos os pressupostos teórico-metodológicos fundamentais da Linguística Funcional, após o que se traça um breve histórico das pesquisas funcionalistas no Nordeste, e, em seguida discorre-se sobre os estudos funcionalistas sobre gramaticalização no Nordeste e sobre a produção acadêmica e a formação de recursos humanos para a pesquisa. Chega-se, por fim às considerações finais, afirmando-se que a “breve exposição demonstra” que, apesar das diferenças, “os funcionalistas, compartilham pressupostos teórico-metodológicos fundamentais e de interesse de pesquisa”, tendo como característica principal “o fato de descrever a explicar a estrutura linguística com base nos usos que dela se fazem”. Dessa forma – como se explica – “integram fenômenos morfológico-sintáticos e funções semântico-discursivas, buscando dar conta das pressões destas sobre aqueles”. No breve histórico das pesquisas funcionalistas no Nordeste do Brasil, informa-se sobre os estudos funcionalistas desenvolvidos na região, em especial na direção da linguística funcional centrada no uso e ressaltam-se os trabalhos na vertente discursivo-funcional, assim como aqueles estudos ligados à modalidade deôntica e a vertente sistêmico-funcional. Assinalam-se, ainda, os trabalhos em sociofuncionalismo em linguística histórica, ligados à variação e à mudança na língua em uso. No enfoque nos estudos funcionalistas de gramaticalização, esta é “entendida como um processo diacrônico e um *continuum* sincrônico”, alcançando “as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática e os padrões fluidos do uso da língua”. Em todas as perspectivas de estudo são mostrados os trabalhos desenvolvidos nas diversas linhas teóricas. Chega-se, finalmente, a apresentação da produção acadêmica do pesquisadores e a conseqüente formação de novos recursos humanos. Em último lugar destaca-se “a contribuição dos linguistas funcio-

nais do Nordeste para o ensino de língua, resultante não apenas da produção acadêmica em si mas também da formação de professores que hoje atuam nos diferentes níveis de educação”. São assinalados, em conclusão, os desafios que levam à “a produção de material didático para utilização em sala de aula como a abertura de novos horizontes nos rumos da investigação linguística nesse viés teórico-metodológico”.

Medianeira Souza, Orlando Vian Jr. e Wellington V. Mendes assinam o segundo artigo, *A linguística sistêmico-funcional e suas interfaces: uma cartografia introdutória do Nordeste do Brasil*, no qual, após uma breve introdução, falam do histórico da pesquisa nessa perspectiva desenvolvida no Nordeste e dos principais conceitos da Linguística sistêmico-funcional. Continuam o artigo tratando das vertentes teóricas e analíticas, passando, em seguida, a informar sobre a pesquisa e a metodologia utilizada, chegando aos produtos alcançados no Nordeste, fazendo um mapeamento do que se tem feito. Ressaltam o fato de que o grupo de pesquisadores abrange “quatro estados – Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte”, cujos trabalhos encerram resultados da pesquisa ligada à Multimodalidade, ao Ensino de línguas, à Formação de professores, aos Gêneros textuais/discursivos, à Tradução, à Análise Crítica do Discurso e à Linguística de *Corpus*. No que tange ao mapeamento das produções acadêmica, explicam os três autores que a sua construção “alicerça-se na execução dos procedimentos metodológicos adotados e descritos a seguir, acompanhado das devidas explicitações”.

No artigo seguinte, *A gramática gerativa no Nordeste*, Adeilson Pinheiro Sedrins, Dorothy Bezerra de Brito e Dannel da Silva Carvalho tocam em cinco pontos cruciais para o desenvolvimento dos estudos gerativistas no Nordeste. Traça-se, inicialmente, o percurso da linguística gerativa, desde os anos 50 do século XX, tendo-se os primeiros estudos publicados no Brasil a partir de

1967. No Nordeste brasileiro são ressaltados os estudos e a pesquisa realizados em Alagoas e na Bahia, citando-se os principais docentes responsáveis pelo ensino da linguística gerativa e pela pesquisa nessa direção dos estudos linguísticos e os trabalhos acadêmicos então desenvolvidos. Nessa direção, destaca-se a atuação de Ilza Ribeiro, com a pesquisa em interface com a linguística histórica. São citados, ainda, os demais centros de pesquisa do Nordeste onde se desenvolvem trabalhos e pesquisa em linguística gerativa. Conclui-se afirmando: “Em síntese, a pesquisa gerativista no Nordeste teve como berço a Bahia e, em um estágio posterior, Alagoas”. Afirma-se, por fim que “a maior concentração de pesquisadores da GG na região está nas universidades baianas, alagoanas e pernambucanas [...]”.

Panorama das pesquisas em aquisição da linguagem no nordeste brasileiro, é o artigo de responsabilidade de Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante e Renata Fonseca Lima da Fonte que vão escrever sobre a área de aquisição da linguagem no Nordeste, nos últimos vinte anos. Após algumas considerações iniciais, quando se diz que se trata de “um campo de estudo heterogêneo e híbrido, marcado por diferentes vertentes teóricas da linguística ou da psicologia, que influenciam a concepção da linguagem e de sujeito”, informa-se existirem no Brasil, nos dias atuais, “diversos grupos, núcleos e laboratórios de pesquisa voltados exclusivamente para a aquisição da linguagem que vêm desenvolvendo trabalhos de referência e formando uma extensa geração de pesquisadores”. Ao falar dos procedimentos metodológicos, são citados os trabalhos sobre aquisição da linguagem, desenvolvidos nos programas de pós-graduação em Letras. Passa-se, então, à enumeração das pesquisas desenvolvidas no nordeste na perspectiva da aquisição da linguagem e dos seus resultados em trabalhos acadêmicos, em especial em Alagoas, na Bahia, no Ceará, na Paraíba e em Pernambuco. Faz-se, na sequência, um mapeamento

do que vem sendo estudado no Nordeste e um levantamento da produção acadêmica os cursos de pós-graduação. Conclui-se afirmando que tais estudos “poderão ganhar ainda mais espaço no cenário dos estudos no Nordeste.

A seguir, Jan Edson Rodrigues Leite escreve sobre o *Panorama sobre os estudos em linguística cognitiva no Nordeste brasileiro*, compreendendo, nesse “rascunho cartográfico” desde a década de 70 do século XX até este primeiro quartel do século XXI. De início [e esclarecido que a linguística cognitiva “introduz uma nova perspectiva na análise dos fenômenos linguísticos, considerados sob o ponto de vista mental”, ressaltando-se, entretanto, o caráter “absolutamente impreciso” dessa concepção. Novamente cita-se L. A. Marcuschi no que concerne à “afirmação de um *compromisso cognitivo*”, que “leva a refletir não apenas sobre a natureza da linguagem sob o ponto de vista de seu estatuto cognitivo, mas também sobre a própria natureza da cognição e seus reflexos na atividade na atividade referencial e na significação”. Mostra-se, então como se desenvolveu a linguística cognitiva no Nordeste, destacando-se as pesquisas desenvolvidas na pós-graduação em Letras Linguística e aponta-se quais as perspectivas e quais os desafios que se apresentam nos estudos de linguística cognitiva neste início do século XXI.

O último artigo de Elisângela Nogueira Teixeira, Márcio Martins Leitão e José Ferrari Neto intitula-se *Estudos de psicolinguística no nordeste do Brasil* e começa ao se tecerem considerações sobre os estudos de Psicolinguística, centrados sobre o “processamento linguístico e aquisição da linguagem numa perspectiva experimental”, sobre a “aquisição da linguagem numa perspectiva interacionista, em suas várias vertentes” e sobre os estudos “em aquisição e processamento que se situem em interfaces com a sintaxe gerativa, sociolinguística, psicologia cognitiva, etc.”. Explica-se, a seguir, a formação e a consolidação da

psicolinguística no Brasil, iniciados “na segunda metade da década de 1970”, passando-se, logo depois, a enumerar as pesquisas desenvolvidas no nordeste do Brasil, no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, em Alagoas, em Sergipe e na Bahia. Finalmente, ao concluir assinalam o desenvolvimento dos estudos da psicolinguística no Nordeste, em especial nos programas de pós-graduação em Letras, mas frisando as dificuldades encontradas na perspectiva da expansão e da consolidação dos trabalhos.

De tudo que acaba de ser exposto, pode dizer-se que neste primeiro volume se conseguiu mapear um quadro geral das pesquisas em Linguística que vem sendo realizadas em universidades do Nordeste brasileiro. Este é o escopo deste livro.



PANORAMA DAS PESQUISAS EM FILOLOGIA E EM LINGUÍSTICA HISTÓRICA NO NORDESTE BRASILEIRO

Expedito Eloísio Ximenes (UECE)
Alícia Duhá Lose (UFBA)
Arivaldo Sacramento de Souza (UFBA)

1. Introdução

Parabenizamos a iniciativa da presidência do GELNE, na pessoa do professor Cleber Alves Ataíde e de seus colaboradores, em organizar esta CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA, em dois volumes, para trazer à tona a produção científica ou parte dela, no Nordeste do Brasil, no período de vinte anos. Levantar e publicar a produção dos diversos ramos linguísticos, filológico e literário nos programas de pós-graduação das universidades nordestinas é divulgar o conhecimento produzido e preservar a memória científica e acadêmica que, sem dúvida, servirá para as novas gerações em suas pesquisas atuais.

Este capítulo tem por objetivo fazer o levantamento dos estudos em Filologia e em Linguística Histórica nos programas de pós-graduação dos nove estados nordestinos. Essas duas áreas, apesar de apresentar alguns pontos de semelhança, são bastante diferentes pelo método e pelos resultados. A Filologia tem milê-

nios de existência, remontando ao século III a.C, persistindo até a atualidade. A Linguística Histórica tem seu ponto de surgimento, pelo menos de forma sistematizada, no século XIX, como um desdobramento dos estudos filológicos. Unir essas duas áreas em um capítulo não deixa de ser um desafio pela tradição que ambas sustentam. No entanto, as pesquisas nessas áreas, no Brasil, passaram por um processo de reclusão durante muito tempo e, somente a partir da última década do século XX, houve um reflorescimento dos estudos com o ressurgimento de pesquisas acadêmicas. No Nordeste, isso é muito visível nas universidades do estado da Bahia, em que há uma quantidade privilegiada de teses e de dissertações elaboradas sob diversos vieses. Em outras universidades da região, há também a presença de trabalhos como no Ceará, em Pernambuco e na Paraíba, em outras, pouco ou quase nada.

Além de teses, dissertações, artigos em revistas e livros, há também eventos como seminários filológicos, jornadas de Filologia, grupos de estudo e de pesquisa e muitas outras atividades. Não pretendemos relacionar todos aqui, apenas as teses e as dissertações, cremos, que ainda de maneira incompleta. O levantamento foi feito nos bancos de teses das universidades e compreende o período de mais ou menos 20 anos. Os dados são apresentados por estado, seguindo a ordem alfabética de seus nomes e deixando de mencionar aqueles para os quais nada foi encontrado através da metodologia utilizada. Enumeramos os trabalhos por títulos, data e autoria.

Organizamos nosso texto em cinco seções. Além dessa *Introdução* que compõe a seção 1; intitulamos a seção 2 de *Primeiras palavras sobre Filologia e Linguística Histórica*, na qual trazemos, de forma sucinta, algumas noções teóricas sobre os temas; na seção 3, *Os estudos filológicos e em Linguística Histórica no Nordeste brasileiro*, relacionamos os resultados da

nossa pesquisa de levantamento; na seção 4, apresentamos as *Considerações*; e na seção 5, trazemos as *Referências* que arrolam apenas os autores citados aqui no aporte teórico.

2. Primeiras palavras sobre Filologia e Linguística Histórica

Filologia e Linguística Histórica, áreas disciplinares produzidas pela tradição ocidental, diferenciam-se uma da outra e dentro delas mesmas a depender da região, do grupo de pesquisa e do programa de pós-graduação. É isso que acontece nos estudos linguísticos e filológicos na região Nordeste (NE) do Brasil, de forma bastante peculiar em relação às demais regiões, ainda que não se possa desconhecer a influência de instituições de outras regiões, do país e de fora dele, que funcionaram como centros de formadores para mestres e doutores no NE.

A relação entre Filologia e Linguística Histórica é, de fato, de complementaridade utilitária, como afirma Cano Aguilar (2000). Isto é, tanto a pesquisa filológica precisa do conhecimento linguístico para compreender os textos históricos; quanto a pesquisa sobre mudança linguística precisa de *corpora* para interpretação da história da língua. Embora Filologia e Linguística Histórica contemporaneamente estejam separadas, a história dessas disciplinas já foi de grande simbiose, a ponto de uma confundir-se com a outra. Entretanto, faz-se necessário, principalmente pelos desdobramentos das pesquisas, entender uma e outra de modo estratégico.

O texto é o objeto da Filologia e é fonte para estudo da Linguística Histórica, que tem por objeto a língua (a mudança linguística, em seu sentido estrito). Ambas se atêm ao texto e dele extraem interesses diferentes, por isso, a confusão no que diz respeito aos objetivos. A Filologia pode manter relação interseccional com os estudos linguísticos, mas também com os estudos cultu-

rais ou com os literários. Assim, pode ter diferentes perspectivas metodológicas, que podem variar dentro do **matiz platônico, teleológico** (KASTAN, 2001; DUARTE, 1995; BORGES; SACRAMENTO, 2012) – há vertentes que assumem que é possível historicamente restituir o texto genuíno, fidedigno e que teria fiabilidade científica para pesquisas de língua –; ou de **teor pragmático**, envolvida com as vertentes contemporâneas da Crítica Genética (estudo dos processos de criação de textos da literatura e de outras artes/da cultura) e da Sociologia do Texto (estudo dos processos de produção, circulação e recepção histórica dos textos) (MARQUILHAS, 2008), que, muito embora desconfiem do caráter científico construído pelo discurso positivista, propõe a renovação epistemológica da tradição filológica.

A depender da perspectiva, geram-se trabalhos de edição e de crítica filológica –vertente de leitura e análise que utiliza a materialidade textual para construir a reflexão acerca de um tema. Nesse sentido, o crítico lida com a pluralidade de testemunhos e reconhece como único cada um dos testemunhos de um texto, ou seja, em vez de confiar numa edição restituidora e simplificadora das diferenças, o crítico filólogo, explora as diferenças como lugar de potência para construção da leitura.

A Linguística Histórica, por sua vez, surge no contexto do reflorescimento dos estudos linguísticos e filológicos no Brasil ocorrido nas últimas décadas do século XX, como afirma Faraco (2005). Surgem vários grupos de pesquisas nas universidades brasileiras, embalados pelo gosto de conhecer a História da Língua Portuguesa do Brasil por meio dos textos escritos, desde o surgimento dos primeiros núcleos administrativos das antigas capitâncias hereditárias até os dias atuais, pois, desde os primórdios dos estudos da linguagem até finais do século XIX, tem sido o texto o documento da cultura e dos fatos de língua.

A Linguística Histórica como estudo histórico/diacrônico de fenômenos de uma língua, também não pode prescindir do texto escrito. De modo geral, é a Filologia que oferece os textos editados à Linguística Histórica que, por sua vez, realiza análise diacrônica da língua, devolvendo à Filologia informações linguísticas que auxiliam na identificação, compreensão e datação dos textos. Não existe diacronia sem os textos escritos e com textos bem editados que permitem conhecer a língua como foi registrada pelos *scriptores*, quais sejam: tabeliães públicos e notários, escrivães dos vários segmentos da administração pública, padres nas cúrias diocesanas e por todos aqueles que tinham o poder de escrever, em se tratando de textos brasileiros, sobretudo, dos períodos colonial e imperial.

Portanto, Linguística Histórica, subdivisão da Linguística, ocupa-se em acompanhar os processos de transformação, mudança, permanência, conservação de formas, criação e inovação pelos quais as línguas passam. Para Mattos e Silva (2008), a Linguística Histórica tem duas vertentes: uma *lato sensu* e a outra *stricto sensu*. Em *lato sensu*, trabalha-se com dados datados e localizados baseados em *corpora*, assume-se portanto, que é histórico qualquer estudo que tome dados de língua, não há estudo que esteja fora da história. Nessa amplitude, cabem tanto estudos descritivos como os sociolinguísticos. Em *stricto sensu*, estuda a mudança nas línguas ao longo do tempo, para isso são necessários *corpora* editados para se localizarem os fenômenos estudados e acompanhar seus processos de mudança (MATTOS E SILVA, 2008, p. 10).

Da mesma forma, a Filologia apresenta duas dimensões como aponta Santiago-Almeida (2011). Em *lato sensu*, a Filologia se dedica ao estudo da língua em toda sua plenitude, dos aspectos da língua, passando pelo teor literário, da crítica textual e os aspectos sócio-históricos do texto escrito literário ou não-literá-

rio. É um estudo amplo que envolve diversas interpretações. Em *stricto sensu*, o labor filológico se concentra no texto literário para reconstituí-lo a forma genuína por meio dos métodos da Crítica Textual.

Os trabalhos desenvolvidos nas universidades nordestinas abarcam essas duas dimensões – de *lato sensu* e de *stricto sensu* – tanto na Filologia quanto na Linguística Histórica.

3. Os estudos filológicos e em Linguística Histórica no Nordeste brasileiro

A geografia das pesquisas em Linguística Histórica e em Filologia aponta para a diversidade de interesses das regiões. Por isso, a proporção de trabalhos entre uma e outra diz mais respeito às demandas de pesquisa que à qualidade ou aos avanços. Há estados como Alagoas e Maranhão que, em nossas buscas, não foi possível localizar nenhuma atividade em pesquisas ou em ensino de Filologia e Linguística Histórica em nível de pós-graduação. Nos demais estados, os desdobramentos das pesquisas são numerosos.

No estado da Bahia, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), na década de 1960, contou com dois mestres de significativo destaque na implementação dos estudos da Filologia e da Linguística Histórica na instituição: Nilton Vasco da Gama¹ e Nelson Rossi², que deixaram como sucessoras, de modo especial, Célia Marques

1 Teve sob sua orientação as professoras Célia Marques Telles, Tereza Leal Pereira, Vera Nascimento Brito, Célia Tavares, Elizabeth Baldwin, Rita de Cássia Queiroz, Rosa Borges, Risonete Batista de Souza, Eliana Gonçalves Brandão, Aurelina Ariadne de Souza e Adevaldo Aragão, todos, posteriormente, professores de universidades baianas, alguns aposentados e outros ainda em atividade.

2 Teve sob sua orientação, entre outros, as professoras Rosa Virgínia Mattos e Silva, Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso e Jacyra Andrade Mota, grandes expoentes nas áreas de Linguística Histórica e Sociolinguística.

Telles na Filologia e Rosa Virgínia Mattos e Silva na Linguística Histórica. Cada uma delas continuou difundindo tanto a Filologia quanto a Linguística Histórica a ponto de tornarem a UFBA um centro de formação dessas disciplinas para a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e a Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). Dessa forma, a Bahia é hoje, certamente, o estado brasileiro com a maior quantidade de profissionais engajados, desenvolvendo pesquisas e formando pessoal nessas duas áreas, pois todas as universidades públicas baianas que oferecem cursos de Letras possuem disciplinas tanto de Filologia quanto de Linguística Histórica em seus desenhos curriculares.

Atualmente, no programa de pós-graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), atuam na linha Filologia Textual os professores Célia Marques Telles, Risonete Batista de Souza, Alícia Duhá Lose, Américo Venâncio Lopes Machado Filho, Tânia Conceição Freire Lobo, Aurelina Ariadne Domingues Almeida, Carlos Felipe Pinto, Edvalda Alves, Emília Helena Portela Monteiro de Souza, Juliana Soledade Barbosa Coelho, Zenaide Oliveira Novais Carneiro, Norma Sueli Pereira e Eliana Brandão. No programa de pós-graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult), atuam na área de Filologia como docentes Rosa Borges dos Santos, Arivaldo Sacramento de Souza, Rosinês de Jesus Duarte e Isabela Almeida.

Célia Marques Telles, professora Titular da UFBA aposentada, atuante no PPGLinC, bolsista de produtividade do CNPq também transita entre a Filologia e a Linguística, desenvolvendo projetos de edição de textos. Ao longo de sua trajetória acadêmica, orientou 19 dissertações de mestrado e 21 teses de doutorado e 2 supervisões de pós-doutorado. Entre as suas orientações e supervisões concluídas destacam-se as dissertações de mestrado de Gustavo Ribeiro da Gama (1995), Maria da Conceição Reis Teixeira

(1996), Maria Dolores Teles (1998), Alícia Duhá Lose (2000), Norma Suely da Silva Pereira (2007) que trabalharam com a obra de Arthur de Salles; Celina Márcia de Souza Abbade (1998), Genésio Seixas Souza (1999), Maria da Conceição Reis Teixeira (2000), Mônica Pedreira (2000) trabalharam com temas relativos à história cultural baiana; Maria das Graças Telles Sobral, Flávia Daianna Calcabrine Vicente, Alessandra Mascarenhas Sant'Ana estudaram, sob a perspectiva da Filologia e/ou Lexicografia, documentos do "Livro Velho do Tombo" do Mosteiro de São Bento da Bahia; Ingrid Oliveira Santos Silva fez um estudo lexicológico na prosa medieval francesa na obra "Chroniques" de Jean Froissart (2015).

Em relação às teses, é possível destacar as seguintes: Gustavo Ezequiel Etkin que fez uma abordagem interdisciplinar olhando a palavra e a psicanálise para analisar a designação e o insulto, uma história da palavra "puta" (2002); nos estudos de Linguística Histórica, José Raimundo Galvão que estudou os verbos que expressam "movimento" nos roteiros de navegação (2002); Celina Márcia de Souza Abbade que analisou os campos lexicais no "Livro de cozinha da Infanta D. Maria" (2003); Rita Maria Ribeiro Bessa verificou as marcas do sujeito em "Le Grand Routier de Mer" (2005); Norma Suely da Silva Pereira que analisou as marcas do discurso do poeta baiano Arthur de Salles (2008); Rosinês de Jesus Duarte que realizou um estudo do vocabulário Arthur de Salles (2011); no campo da cultura baiana, há: Alícia Duhá Lose que se debruçou sobre esboços e rascunhos do poeta baiano Arthur de Salles para preparar uma edição digital dos manuscritos (2004); Maria da Conceição Reis Teixeira que editou e analisou "O Sampauleiro", romance de João Gumes (2004); Norma Suely da Silva Pereira que lançou um olhar sobre a obra em prosa de Arthur de Salles (2004); Patrício Nunes Barreiros que preparou uma edição digital dos panfletos de Eulálio Motta (2013); e Liliane Lemos Santana Barreiros

que estudou o vocabulário regional do poeta baiano Eulálio Motta (2018).

Atuando sempre com acervos e textos literários e na interface da Filologia com a Crítica Genética, tem-se dedicado de modo especial nos últimos anos aos estudos de textos teatrais censurados pela Ditadura Militar Brasileira, Rosa Borges dos Santos, atualmente também professora Titular da UFBA. Já teve sob sua orientação 12 dissertações de mestrado e 9 teses de doutorado.

Entre as orientações de dissertação de mestrado estão a de Bárbara Cristina de Carvalho Martingil da Silva que fez edição crítica de “Luz Oblíqua” de Ildásio Tavares (2008); a de Ludmila Antunes de Jesus que fez edição crítica da dramaturgia de João Augusto (2008); Isabela Santos de Almeida que propôs leituras filológicas da dramaturgia baiana de Jurema Penna (2011); Williane Silva Corôa que fez edição e estudo da linguagem proibida em “Malandragem *made in Bahia*”, de Antônio Cerqueira (2012); Débora de Souza que analisou o processo de construção dos textos de Nivalda Costa (2012); Fabiana Prudente Correia que fez edição e crítica filológica de “Apareceu a Margarida” de Roberto Athayde (2013). Eduardo Silva Dantas de Matos, Mabel Meira Mota, Liliam Carine da Silva Lima, Carla Ceci Rocha Fagundes e Hugo Leonardo Pires Correia também analisaram os textos teatrais censurados no contexto baiano.

Em teses de doutoramento, podem ser exemplos da renovação das práticas filológicas, os trabalhos de: Isabela Santos de Almeida, *A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna* (2014); Arivaldo Sacramento de Souza, *Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá: crítica filológica e estudo de sexualidades* (2014); Eduardo Silva Dantas de Matos, *O manuscrito autógrafo e suas rasuras: autoria, subjetividade e edição* (2014); Elisabete Alencar Nas

sendas da criação literária de Moreira Campos: um estudo genético de contos inéditos do autor (2016); Mabel Meira Mota, *Filologia e arquivística em tempos digitais: o arquivo hipertextual e as edições de a escolha ou o desembestado de Ariovaldo Matos* (2017).

Risonete Batista de Souza dedica-se à edição e análise de textos medievais românicos. Em sua trajetória como pesquisadora/orientadora orientou 2 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado. As dissertações de mestrado foram desenvolvidas por Arivaldo Sacramento de Souza sobre a representação das relações entre homens nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas (2008) e Itatismara Valverde Medeiros, que também realizou suas pesquisas de doutorado com a mesma orientadora, analisou o campo lexical da sexualidade dos religiosos nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas (2009) e, também no doutorado, Genésio Seixas Souza, todos procedendo a análises linguística, especialmente no âmbito do léxico, em cantigas medievais portuguesas.

Alicia Duhá Lose desenvolve suas pesquisas em diversos acervos documentais baianos, dando prioridade ao resgate e organização de acervos do período colonial e imperial em instituições eclesiásticas, militares e laicas. Sob sua orientação já foram desenvolvidas 9 dissertações de mestrado, 4 teses de doutorado, sendo 1 em coorientação, além de 2 supervisões de pós-doutorado. Entre os mestrandos, podem ser citados os trabalhos de Marla Oliveira Andrade que preparou a edição semidiplomática do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia, estudando a composição do volume, trazendo diversos conhecimentos como heráldica e genealogia (2008); Jaqueline Carvalho de Oliveira que estudou os documentos referentes à família de Garcia d'Ávila nos Livros do Tombo (2011); Marília Andrade Nunes que propôs uma edição modernizada dos Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado (2013); Lívia Borges de Souza Magalhães editou e estu-

dou o Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia, propondo uma edição digital do documento (2013); Gérsica Alves Sanches preparou e analisou sermões de Dom Timóteo Amoroso Anastácio, abade do Mosteiro de São Bento da Bahia, durante o período da Ditadura Militar (2011); Aldacelis Barbosa que editou e analisou diplomaticamente o Livro IV do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia (2014); Rafael Marques Ferreira Barbosa Magalhães que editou um manuscrito português biográfico do Marquês de Pombal, analisando os gêneros textuais memória, biografia, vidas (2016); Perla Andrade Peñailillo que preparou edição e estudo paleográfico de registros de entradas e saídas do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes (2018).

Entre os doutorandos estão Marla Oliveira Andrade que preparou a edição de documentos do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia (2014); Jaqueline Martins Carvalho de Oliveira que estudou o fazer notarial na Bahia colônia através dos Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia (2014); Lívia Borges de Souza Magalhães que produziu uma edição digital de diversos documentos pertencentes ao acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia, colocando todos em diálogo em uma mesma edição, além de propor uma reflexão das edições filológicas produzidas no âmbito das Humanidades Digitais (2018). Todos trabalharam na interface da Filologia com a Paleografia e a Memória, procedendo a edições de documentos manuscritos do Brasil colonial e imperial.

Arivaldo Sacramento de Souza, transitando entre a literatura medieval e contemporânea, preocupa-se com estudos das teorias editoriais na contemporaneidade, a partir das reflexões decoloniais. Até o momento possui 2 orientações de dissertações de mestrado e 1 coorientação concluídas e tem 3 orientações de mestrado em andamento. Entre as orientações de mestrado concluídas está a de Elizete Leal Candeias Freitas que propõe leituras filológicas em hipertexto de um ensaio autobiográfico de Pinto de Aguiar (2016).

Quanto à Linguística Histórica de língua portuguesa, é preciso apontar para o nome do professor Nelson Rossi que desenvolveu pesquisas referentes ao Português Arcaico e editou, entre outros textos, o *Livro das Aves*, versão manuscrita datada do séc. XIV pertencente a Serafim da Silva Neto sob orientação deste. Entre os seus orientandos está Rosa Virgínia Mattos e Silva que, sob sua orientação, editou o Segundo Livro dos *Diálogos de São Gregório*, versão manuscrita portuguesa também do séc. XIV e pertencente a Serafim da Silva Neto.

Rosa Virgínia Mattos e Silva foi professora Titular de Língua Portuguesa da UFBA e atuou nas áreas Língua Portuguesa e nos seguintes temas: Linguística Histórica, história da Língua Portuguesa, história do português brasileiro, português arcaico e ensino da língua portuguesa. Foi pesquisadora I-A do CNPq. Orientou 24 dissertações e 14 teses. Fundou o PROHPOR (Programa para História da Língua Portuguesa)³, que reúne pesquisas sobre os seguintes temas: Funcionalismo e gramaticalização; História da cultura escrita no Brasil; Morfologia e lexicologia históricas; e Semântica histórica. Entre os seus orientandos de mestrado estão Maria Célia Nobre (1979), Sílvia Rita Olinda (1991), Anna Maria Nolasco de Macêdo (1997), Iraneide Santos Costa Fernandes (1998), Sílvia Santos da Silva (2000), Permínio Souza Ferreira (1996); Maria do Socorro Sepúlveda Netto (1989), Pascásia Coelho da Costa (2003), Pedro Daniel dos Santos Souza (2005) e Anielle Souza de Oliveira. Além desses, destacam-se os trabalhos de Therezinha Maria Mello Barreto que analisou o aspecto da constituição e funcionamento das conjunções na história do português (1992); Dante Lucchesi que traçou um percurso da Linguística no século XX (1993); Tânia Conceição Freire Lobo que analisou duas sincronias em confronto na colocação dos clíticos no português (1993); Zenaide de Oliveira Novaes Carneiro que estudou os verbos de padrão especial no por-

3 Endereço do site do Grupo PROHPOR: <http://www.prohpor.org>.

tuguês do século XVI (1996); Américo Venâncio Lopes Machado Filho que estudou a pontuação em manuscritos medievais portugueses (2000); Juliana Soledade Barbosa Coelho que estudou aspectos morfolexicais do português arcaico dos sécs. XII e XIV (2001); Eliéte Oliveira Santos que preparou uma edição diplomático-interpretativa *História de Portugal* de Fernão de Oliveira (2005); e Mariana Fagundes de Oliveira que fez um estudo diacrônico da voz passiva (2005).

Entre os orientandos de doutorado estão Therezinha Maria Mello Barreto que estudou a gramaticalização de conjunções na história do português (1999); Sônia Bastos Borba Costa que estudou aspecto verbal na história da Língua Portuguesa (2003); Américo Venâncio Lopes Machado Filho que preparou uma edição e glosário acompanhada de estudo linguístico um *Flos Sanctorum* do século XIV escrito em língua portuguesa (2004); Juliana Soledade Coelho que estudou semântica morfolexical para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico (2005); Antônia Vieira dos Santos que analisou o processo de composição no português arcaico (2005); Mariana Fagundes de Oliveira que analisou a agentividade e a passividade na história da língua portuguesa (2006); Klebson Oliveira (em coorientação) que preparou uma edição filológica e estudo linguístico de documentos escritos por negros no Brasil do século XIX (2006). A professora Rosa Virgínia faleceu em 2012, deixando um significativo legado para a área da Linguística Histórica.

Américo Venâncio Lopes Machado Filho desenvolve pesquisas em Linguística Histórica e Filologia, em especial, em lexicografia histórica, história da língua portuguesa, português arcaico e edição de manuscritos medievais. Até o presente já orientou 7 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado. Dos trabalhos já concluídos Maria Ionaia de Jesus Souza fez edição e estudo de cartas, requerimentos, pareceres e afins documentos da Capitania da

Bahia do século XVIII (2012); Lisana Rodrigues Trindade Sampaio fez edição e estudo do *Livro de Usos* da Ordem de Cister, de 1415 (2013); Jane Keli Almeida da Silva estudou a metalinguagem em Fernão de Oliveira e João de Barros, elaborando a um vocabulário contrastivo (2017) e Anielle Souza de Oliveira que fez um estudo metalexigráfico da variação em perspectiva dialetal e histórica do léxico brasileiro em dicionários monolíngues e bilíngues (2017) no doutorado.

Tânia Conceição Freire Lobo atua principalmente na investigação da história social do português brasileiro, história social da cultura escrita no Brasil, sintaxe diacrônica do português, sintaxe comparada das variedades do português, constituição histórica do léxico antroponímico do português brasileiro. Atualmente é coordenadora do Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR) e da equipe baiana do Projeto Nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB), além de coordenadora da Comissão de Pesquisa em História do Português Brasileiro da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). Até o presente, já orientou 8 dissertações de mestrado e 4 teses de doutorado. Entre as dissertações de mestrado orientadas, podem ser mencionadas: Klebson Oliveira que analisou textos escritos por africanos e afrodescendentes na Bahia do século XIX, como possíveis fontes do latim vulgar (2003); Nilzete da Silva Rocha estudou os clíticos através dos ingredientes na cozinha portuguesa do século XVII (2009); Ana Sartori Gandra analisou normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar em cartas de amor na Bahia do século XX (2010); Ana Cristina Santos Farias estudou a escrita privada à margem direita do Rio São Francisco, no início do século XX, em documentos pessoais privados (2014) e Adriana Batista Lins Benevides que verificou as práticas e representações de leitura, de escrita e de assistir a filmes em dois diários pessoais femininos (1945-1946) (2015).

Entre as orientações de doutorado Klebson Oliveira (em coorientação com Rosa Virgínia Mattos e Silva) preparou uma edição filológica de documentos e estudo linguístico na perspectiva da sócio-história de documentos baianos do século XIX, escritos por negros (2006); José Amarante Santos Sobrinho analisou o tempo da conservação e o tempo da produção na cultura escrita em latim no Brasil (2013); Wagner Carvalho de Argolo Nobre estudou a história linguística do Sul da Bahia entre os anos de 1534 e 1940 (2015) e Ana Sartori Gandra (em coorientação com Alícia Duhá Lose), verificou a difusão social da escrita nas capitanias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba em finais do Quinhentos, editando o Quarto Livro das Denúncias do Santo Ofício em Pernambuco (2016).

Emília Helena Portella Monteiro de Souza atua na área de Linguística Histórica e desenvolve pesquisas em Língua Portuguesa e Escolarização junto ao Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR) e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem (GELING). Em sua trajetória já orientou 5 dissertações de mestrado e 4 teses de doutorado.

Entre os trabalhos de mestrado estão Noemi Pereira de Santana que estudou a escolarização na Bahia na transição Império-República e a constituição da norma culta do português brasileiro (2007); Alex Batista Lins fez um estudo na perspectiva do Funcionalismo dos usos dos artigos definidos e indefinidos nos séculos XIII, XIV e XVII (2009); entre as teses de doutorado, Alex Batista Lins fez um estudo na perspectiva funcionalista dos usos e funcionamento dos determinantes demonstrativos no português dos séculos XIII, XIV e XVII (2011); Ricardo Nascimento Abreu analisou o ensino de língua portuguesa, na província de Sergipe, na primeira metade do século XIX, através do método lancasteriano (2011); Noemi Pereira de Santana estudou os pronomes *seu* e *dele* em correspondências de professores na Bahia do século XIX (2014); Valter de Carvalho Dias procedeu a um estudo sociofuncio-

nalista da indeterminação do sujeito em textos baianos do século XIX e XX (2017).

Carlos Felipe da Conceição Pinto atua na área da sintaxe na perspectiva histórica e contemporânea na língua espanhola. Até o momento orientou 4 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado e possui 3 dissertações e 4 teses em andamento. Entre as orientações já concluídas apenas 1 se enquadra na Linguística Histórica que é a de Alexandra Gomes dos Santos (2018) que estudou a história e a variação das formas de tratamento da segunda pessoa do singular no Espanhol do sul do México.

José Amarante Santos Sobrinho é professor de Língua e Literatura Latinas na Universidade Federal da Bahia e desenvolve pesquisas em Didática do Latim, História Social do Latim no Brasil e tradução de obras de Ausônio (séc. IV), Fulgêncio (Final do séc. V e Início do séc. VI d.C.), dos Mitógrafos do Vaticano. Até o momento orientou 4 dissertações de mestrado que são a de Silvio Wesley Rezende Bernal que analisou as Representações do Latim em um Brasil do século XIX na obra de Machado de Assis (2016) e Aline Alves Matias que estudou grafitos de banheiro numa leitura sobre as representações de sexualidade, amor e gênero na contemporaneidade (2017). Em 2018, foi a vez de Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida que estuda “Expositio sermonum antiquorum” de Fábio Planciades Fulgêncio; e Raul Oliveira Moreira que analisa e propõe uma tradução da obra “Exposição dos conteúdos de Virgílio segundo os filósofos morais”, de Fabius Planciades Fulgentius.

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, professora da Universidade Estadual de Feira de Santana, no PPGLinC da UFBA se dedica sobre pesquisas referentes à sócio-história do português brasileiro, com ênfase na região do semiárido baiano. No PPGLinC orientou a dissertação de mestrado de Adilson Silva de Jesus que propôs uma mensuração dos níveis de alfabetismo na Bahia oito-

centista (2015) e a tese de doutorado de Huda da Silva Santiago que analisou o tratamento metodológico dos graus de inabilidade em corpora histórico-diacrônicos: um estudo a partir das mãos inábeis do sertão baiano (2015).

Na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), foi implementado em 2006, no Campus I, em Salvador, o Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), atuando apenas no âmbito do Mestrado. Nele orientam pesquisas em Filologia e Estudos Linguísticos os professores Celina Márcia Abbade, Maria da Conceição Reis Teixeira que trabalham na interface da Filologia com a Linguística Histórica e, na interface da Filologia com a Análise do Discurso, atuam os professores João Antônio de Santana Neto e Gilberto Nazareno Teles Sobral.

Celina Márcia Abbade orientou 11 dissertações de mestrado, 1 tese de doutorado como coorientadora e 1 supervisão de pós-doutorado. Entre as dissertações de mestrado orientadas no âmbito da Filologia e da Linguística Histórica estão a de Nilzete Cruz Silva que estudou o vocabulário e a realidade extralinguística das escrituras de compra e venda de escravos da região sisaleira baiana (2008); Lise Mary Arruda Dourado que estudou o léxico de terreiro em “Tenda dos Milagres” (2010); Liliane Lemos Santana Barreiros que propôs uma edição e estudo léxico-semântico em “Bahia Humorística” de Eulálio de Miranda Motta (2012); Analídia dos Santos Brandão que estudou a toponímia como elemento identitário em “Bahia de Todos os Santos” de Jorge Amado (2013); Abílio Manoel Marques de Mendonça que procedeu a um estudo onomasiológico do vocabulário da sexualidade em Falares Africanos na Bahia (2013); Clese Mary Prudente Correia que estudou os topônimos dos municípios baianos (2015) e Marta Maria Gomes que fez um estudo toponímico dos nomes de ruas, becos e encruzilhadas de Salvador (2015). Orientou também a tese de doutorado de Lise Mary Arruda Dourado, desenvolvida no Doutorado

em Educação e Contemporaneidade da UNEB, no qual procedeu a um estudo do ensino lexical no processo e construção identitária dos estudantes da escola municipal Anna dos Santos, analisando o léxico afro-brasileiro na educação (2013).

Maria da Conceição Reis Teixeira orientou 3 dissertações de mestrado, a saber: Ionã Carqueijo Scarante Santos que propõe uma leitura de Anísio Melhor (2006); Ediane Brito Andrade Schettini que fez edição e estudo do vocabulário das crônicas e cartas de Anísio Melhor em “O Conservador” (2016) e Ayesk de Jesus Machado que fez um estudo toponímico dos Quilombos do Litoral Norte e Agreste Baiano (2018).

João Antônio de Santana Neto é professor Titular pleno da UNEB. Entre as dissertações de mestrado orientadas no âmbito da Filologia estão a de Gilberto Nazareno Telles Sobral que fez a edição semidiplomática e um estudo da argumentação das “Cartas do Senado a Sua Magestade” no Século XVIII (2003); Suani de Almeida Vasconcelos analisou o Discurso político à luz da Nova Retórica na ditadura militar (2005); Maria Neuma Mascarenhas Paes analisou a memória discursiva em “A Bala de Ouro” de Pedro Calmon (2007); Valdice Gomes de Souza Monção estudou a figura feminina na poesia de Adélia Prado (2016); Rosângela Góis Barbosa analisou a atribuição de sentidos e o fazer significativo em crônicas de Rubem Alves (2008); Marcus Vinicius Conceição Pereira analisou os discursos sobre a prisão no Estado Novo em “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos (2014); Fernanda da Silva Machado fez um estudo das argumentações no Parecer ao Projeto Dantas de 1800 (2014).

Entre as teses de doutorado orientadas no âmbito da Filologia estão a de Gilberto Nazareno Telles Sobral que preparou uma edição semidiplomática das cartas do senado e fez estudo argumentativo da relação colônia-metrópole no século XVIII (2004)

e de Maria Neuma Mascarenhas Paes que estudou os gestos de interpretação nas formulações de Pedro Calmon com ênfase em “A Bala de Ouro” (2009). Ambas as pesquisas foram realizadas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFBA, onde atuou como membro colaborador.

Gilberto Nazareno Telles Sobral possui 22 orientações de mestrado, no entanto, entre elas, listamos apenas as que se encontram no âmbito da Filologia como a de Bárbara Cristina de Carvalho Martingil da Silva que propôs uma edição crítica e estudo do sujeito-poeta Luz oblíqua, obra inédita de Ildásio Tavares (2008); Juliane Guimarães Cunha que analisou os processos argumentativos nos textos do “Diário da Bahia” de 1884 com enfoque no discurso abolicionista no século XIX (2012); Orivalda de Souza Reis que fez um estudo das técnicas argumentativas no jornal “Echos de abolição” (2012); Lucas Nascimento Silva que fez um estudo retórico no “Sermão do Monte” (2013); Alan da Hora Silva que fez edição e estudo de processos argumentativos em Cartas do Senado ao Procurador Manoel da Silveira de Magalhães (2016). E, como coordenação, acompanhou Ilza Carla Reis de Oliveira que fez uma análise discursiva da (des)construção da imagem de Antonio Conselheiro (2018).

Na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) iniciou suas atividades no ano de 2010. Nas áreas de Filologia e Linguística Histórica atuam nove professores. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz, Patrício Nunes Barreiros, Liliane Lemos Santana Barreiros, e Alcía Duhá Lose em Filologia e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, Josane Moreira de Oliveira, Silvana Silva de Farias Araújo, Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda.

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz possui 16 orientações de mestrado concluídas, relacionadas à Filologia (propostas de edição) e à Linguística Histórica (estudos semântico-lexicais). Algumas delas são a de Patrício Nunes Barreiros que propôs uma edição dos sonetos de Eulálio Motta (2007); Fabrício dos Santos Brandão que estudou a obra poética de Carlos Chiacchio (2010); Jeovania Silva do Carmo que fez edição e estudo dos antropônimos em livro de batismo de filhos de escravos da Chapada Diamantina-BA (2012); Adna Evangelista Couto dos Santos que analisou o processo de criação do romance “Nhô Guimarães” de Aeilton Fonseca (2012); Virgínia Maria Ferreira Silveira Baldow que fez uma análise crítico-textual da genuinidade de textos literários no contexto do livro didático de português (2013); Daianna Quelle da Silva Santos da Silva que fez uma edição semidiplomática e um estudo léxico-semântico do processo-crime de estupro de Maria Possidônia de Jesus (2014); Liviane Gomes Ataíde Santana que fez um estudo léxico-semântico da gastronomia brasileira do século XIX no Cozinheiro Imperial e Cozinheiro Nacional (2016); Geysa Andrade da Silva que estudou léxico, cultura e sociedade em comunidades ciganas da Bahia e de Pernambuco (2017).

Patrício Nunes Barreiros tem entre seus trabalhos ligados à Filologia, as seguintes orientações de dissertação de mestrado concluídas: Taylane Vieira dos Santos que fez edição e estudo do processo criativo do livro inédito “Canções do meu caminho” 3ª edição, de Eulálio Motta (2017); Geovanio Silva do Nascimento que analisa os marcadores culturais do domínio ecológico na tradução para a Língua Espanhola de “Os Sertões” (2018); Juliana Pereira Rocha que fez a edição de trovas de Eulálio Motta (2018) e Tainá Matos Lima Alves que preparou a edição do livro inédito “Flôres e espinhos”, de Eulálio Motta (2018).

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro atua no PPGEL da UEFS e no PPGLinC da UFBA e entre as orientações concluídas relacio-

nadas diretamente com Linguística Histórica da UEFS estão as dissertações de mestrado de Huda da Silva Santiago que fez um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano (2012); Lorena Enéas Rosa Santos que analisou a variação da concordância nominal de números em cartas de inábeis do sertão baiano (1906-2000) (2015); Priscila Estrela SterlineTuy Batista que analisou o uso de Tu e Você em cartas baianas pessoais no século XX em relações de simetria (2015); Janaina de Oliveira Costa Mascarenhas, que estudou sentenças relativas em cartas de inábeis (2016); além da coorientação da dissertação de Bruna Trindade Lima Santos que propôs uma edição do “Plano sobre a civilização dos Índios do Brasil” de Domingos Alves Branco Munis Barreto (1756), desenvolvido no Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa (2014).

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda orientou 1 dissertação de mestrado de Marinalda Silva Freitas que fez uma análise socio-pragmática dos pronomes de tratamento no Português Brasileiro (limiar do século XX) (2015). Liliane Lemos Santana Barreiros e Alícia Duhá Lose ainda não têm nenhum trabalho concluído sob sua orientação na instituição.

Na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), o programa de pós-graduação em Linguística (PPGLin) iniciou suas atividades em março de 2011. Nos estudos filológicos da instituição atua o professor Marcello Moreira e na Linguística Histórica atuam os professores Cristiane Namiute Temponi e Lucas Santos Campos, este sem defesas concluídas na área.

Marcello Moreira, atualmente, bolsista de produtividade do CNPq, desenvolve pesquisa sobre teorias da edição, a partir da crítica aos métodos de Lachmann e Bédier. Possui 15 orientações de mestrado concluídas e 3 teses de doutorado. Dentre as que tratam especificamente sobre Filologia, destaca-se a dissertação

de Marinês de Jesus Rocha, *Crítica textual neolachmanniana e memória disciplinar: os lugares comuns da Filologia brasileira*, que faz uma investigação social da metodologia de edição adotada pelos editores brasileiros.

Cristiane Namiute Temponi tem entre suas orientações concluídas na área de Linguística Histórica as dissertações de mestrado de Carlos Alberto Gomes dos Santos que fez uma investigação sobre a estabilização da ordem na diacronia do Português em 'Completo-Verbo' vs. 'Verbo-Complemento' (2013); Adilma Sampaio de Oliveira Vieira que fez um estudo sobre a sintaxe do PB de "Nós" e "a gente"(2014); Aline Silva Costa que analisou a Ferramenta Web WebSinC para buscas sintáticas e morfossintáticas em corpora anotados tendo como estudo de Caso do Corpus DOViC (2015); Eloísa Maiane Barbosa Lopes que fez um estudo diacrônico sobre a ordem e a função do clítico SE em português (2016); Luiz Fernando Cardeal de Souza que analisou a automação de anotações filológico-linguísticas em corpora eletrônicos usando XML comeAssigner. (2017); Sirlene Freire dos Santos Pereira que fez um estudo diacrônico do redobro de pronomes clíticos no Português Brasileiro (2018).

Além de todos esses programas de pesquisa e pós-graduação em andamento na Bahia, em função da centralidade dos estudos filológicos no estado, em 2006 foi criado pelas professoras Rosa Borges dos Santos da UFBA, Rita Queiroz da UEFS e Maria da Conceição Reis Teixeira da UNEB, o Seminário de Estudos Filológicos (SEF), o que tem dinamizado a cena de estudos filológicos na Bahia, ocorrendo com periodicidade e produzindo publicações.

No estado do Ceará, as pesquisas no âmbito da Filologia e Linguística Histórica ocorrem no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL-UFC),

no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA-UECE) e no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará (MIHL-UECE).

O primeiro trabalho sob a perspectiva de uma Filologia voltada para a edição de textos monotestemunhais, descrição da língua portuguesa e análise histórico-social dos documentos, ao qual podemos considerar de uma Filologia *lato sensu*, ocorreu no início do novo milênio, quando Expedito Eloísio Ximenes escreveu uma dissertação de mestrado no PPGL-UFC, em que fez a edição semidiplomática de quatro livros de Autos de Querela do século XIX, escritos no Ceará e analisou o uso dos pronomes clíticos nos documentos (2004). Esse trabalho filológico e linguístico de caráter descritivo deu início a uma série de outros já concluídos e em desenvolvimento.

Ainda no PPGL-UFC, Áurea Sueli Zavam defendeu sua tese de doutorado em que usou como *corpus* os jornais cearenses dos séculos XIX ao XXI, editou o gênero editorial e analisou diacronicamente sob a perspectiva teórica das Tradições Discursivas (2009); Expedito Eloísio Ximenes em (2009) defendeu sua tese de doutorado em que estudou as fraseologias jurídicas nos Autos de Querela dos séculos XVIII e XIX, trabalho ancorado nos estudos de Lexicologia, especificamente das Fraseologias. Também no âmbito lexicológico é a dissertação de Patrícia Batista (2011) que tem como objeto de estudo os topônimos cearenses nos Autos de Querela do século XIX. Karina Gomes de Sena analisou anúncios femininos dos séculos XX e XXI à luz das Tradições Discursivas (TD) em dissertação defendida em (2014); Ticiane Rodrigues em sua dissertação analisou as TD no gênero Denúncia de processos jurídicos do Ceará, escritos no século XX e XXI, numa abordagem diacrônica (2016); Jorge Luis Queiroz Carvalho fez um estudo tam-

bém sobre as TD em resumos acadêmicos numa diacronia dos séculos XX e XXI, em (2016).

No POSLA-UECE, várias dissertações no campo filológico e linguístico de caráter histórico foram concluídas as quais enumeramos. Ticiane Rodrigues Nunes (2014), com abordagem teórica ancorada nos campos lexicais, fez o estudo e organizou um glossário do léxico da violência nos *Autos de Querela* dos séculos XIX, analisando os documentos editados e publicados por Ximenes (2006); Wagner Rodrigues Loiola (2014) fez edição semidiplomática de 15 Editais do século XVIII e fez um estudo diplomático (aspectos formais) e linguísticos dos documentos; Adriana Marly Sampaio Josino (2015) editou semidiplomaticamente um livro de Autos de Arrematação do século XIX, analisou o contexto linguístico e histórico-social e organizou um glossário das fraseologias referentes à prática de um leilão em hasta pública, uma prática do período administrativo da coroa portuguesa; Edneuda Pinto editou 50 Escrituras Públicas de compra e venda de escravos do século XIX e analisou os usos das fraseologias em (2015); Ygor de Almeida Braga fez uma análise sociorretórica do gênero Portaria escrita no século XVIII e o estudo histórico da produção do texto, após a edição semidiplomática realizada por uma bolsista de iniciação científica (2015); Monique Cordeiro Martins de Sousa editou 15 Cartas Administrativas escritas pelos capitães mores de Pernambuco e Ceará e fez o estudo filológico e sociorretórico do gênero textual (2016); Luis Eleildo Pereira Alves analisou vários documentos do século XVIII sob a perspectiva teórica da Linguística Textual, especificamente da teoria da acessibilidade, que considera os elementos referenciais para dar sentido ao texto (2016); Fernanda Kécia Almeida fez a edição de 03 livros de Certidões de Óbitos da diocese de Limoeiro do Norte-Ce e constituiu um glossário fraseológico sobre as causas das mortes no século XIX na região do Vale do Jaguaribe (2016); Katherine Silva de Oliveira Soares editou

05 Testamentos do século XVIII, escritos na então vila de Aracati e analisou as tradições discursivas de caráter religioso (2015); Ticiane Rodrigues Nunes defendeu a tese de doutorado sobre o Léxico e a cultura do vaqueiro do Ceará (2018), em que analisou o contexto histórico social da linguagem dos sujeitos da pesquisa, concentrando a análise no léxico sob a perspectiva dos campos lexicais.

Atualmente, 02 dissertações estão em processo de desenvolvimento no POSLA que tratam sobre edição de textos e análise linguística, uma do gênero Provisão de professores de primeiras letras do século XIX e outra sobre Certidão de óbitos da diocese de Itapipoca, do final do século XIX e início do século XX. Além de 04 teses em andamento sobre edição de textos manuscritos e estudos linguísticos. No MIHL foi defendida a dissertação que teve como *corpus* a edição de um livro de Escritura de compra e venda de escravos do século XIX e o estudo linguístico e histórico dos documentos por Francisca Lisiani Rodrigues da Costa (2019). Esses trabalhos desenvolvidos dentro do POSLA e do MIHL são orientados pelo professor Expedito Eloísio Ximenes. Há ainda a dissertação de Cínthya da Silva Martins, de 2013, intitulada “Ao rufar das caixas, leia-se o bando: estudo diacrônico da tradição discursiva bando no Ceará (1670-1832)”, traz o levantamento e a edição semi-diplomática de noventa bandos de que a autora se valeu para analisar os aspectos contextuais e textuais bem como as mudanças e permanências que caracterizaram a historicidade desse gênero tomado como tradição discursiva. Esta dissertação foi orientada pela professora Nukácia Meyre Silva Araujo.

Dentro do PPGL da UFC as orientações de trabalhos na área estão na responsabilidade da professora Áurea Zavan. Todos esses trabalhos compõem os estudos de Filologia e Linguística Histórica no estado do Ceará, como resultados de produto dos programas de pós-graduação.

Pelo levantamento realizado no estado da Paraíba, encontramos 9 trabalhos que se inserem na área de Filologia/Linguística Histórica. Josefa Mônica Almeida Silva em sua dissertação, analisou as expressões referenciais em ofícios escritos na Paraíba, nos séculos XVIII e XIX. O trabalho faz uma interface entre Linguística Histórica e Linguística Textual; Maria Alba da Silva Cavalcante (2011) faz um estudo histórico sobre a ordem dos constituintes das orações em cartas paraibanas, escritas nos séculos XVIII e XIX; Advânia Franca de Moura (2011) faz um estudo diacrônico das TD em atas de câmeras municipais da Paraíba, produzidas nos séculos XIX, XX e XXI; Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças (2011) analisa em dissertação de mestrado, os processos de redução linguística (abreviação) nos documentos de tombamento dos séculos XIX e XX, na cidade de Mossoró-RN, numa abordagem diacrônica; Luciene Maria Patriota estuda em sua tese defendida em (2011) as TD em Livros didáticos de língua portuguesa, nos séculos XX e XXI, analisando as mudanças e as permanências, portanto, é um trabalho histórico diacrônico; Cleber Alves de Ataíde (2013), em sua tese de doutorado, analisa a ordem sujeito-verbo no português brasileiro em documentos pernambucanos dos séculos XVIII, XIX e XX. Esse trabalho em Linguística Histórica se insere nos estudos sobre a história do português brasileiro; Isabella Cristina Amorim de Lucena Lima (2013) escreveu sua tese sob a orientação teórica das TD em anúncios sobre medicamentos em jornais da Paraíba do século XIX, analisa também o contexto histórico social da escrita; Márcia Amélia de Oliveira Bicalho (2013) analisa partículas discursivas jurídicas em um processo criminal da cidade de Pombal, na Paraíba, no século XIX, sob a perspectiva da Linguística Textual coseriana e das TD; Isabel Pauline Lima de Brito, em sua dissertação (2016) trata sobre conectores adversativos em textos jornalísticos dos séculos XX e XXI numa orientação funcionalista na perspectiva histórica.

No repositório de teses e dissertações da Universidade Federal de Pernambuco, encontramos 265 dissertações e 119 teses do programa de pós-graduação em Letras. Referente à área de Filologia e Linguística Histórica foram encontrados 10 trabalhos realizados entre 2002 e 2017, os quais apresentamos a seguir: Maria Cristina de Assis Pinto Fonseca (2003) estudou a caracterização linguística de cartas oficiais escritas na Paraíba, nos séculos XVIII e XIX. Embora trate de documentos paraibanos, a tese foi desenvolvida na UFPE; Ana Karine Pereira de Holanda Bastos (2007) analisou aspectos lexicais e fraseológicos em anúncios de jornais do século XIX, em Recife, dos anos de 1853 a 1855; Valéria Severina Gomes em (2007) defendeu sua tese em que analisa traços de mudanças e de permanência em editorias de jornais pernambucanos dos séculos XIX, XX e XXI na perspectiva diacrônica de mudanças da forma ao sentido; Joanes Alves de Lima (2009) estuda o sistema ortográfico do português brasileiro em cartas do século XIX, escritas entre 1827 a 1873; Tarcísia Travassos (2010) faz um percurso da transformação histórica do gênero capa de jornal dos séculos XIX ao XXI, numa perspectiva da análise de gênero; Jurandir Ferreira Dias Junior (2011) faz uma descrição dos adjetivos em 4 exemplares de pasquins produzidos em Recife, entre os anos de 1844 e 1847; o trabalho de Hérwickton Israel de Oliveira Nascimento trata da edição de 15 cartas sobre abolição, escritas por Joaquim Nabuco, no século XIX, e do estudo sistêmico-funcional do sistema de transitividade, em sua dissertação em 2013; Fernanda Maciel Ziober (2014) estuda os termos de Manoel de Barros, um escrivão da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos do século XIX, na cidade de Recife; Maria Pereira da Silva (2014) faz um estudo sobre os papéis que desempenham os processos e os participantes e como se organiza o sistema de transitividade em cartas oficiais dos séculos XVIII e XIX; Ana Karine Pereira de Holanda Bastos (2016) em sua tese de doutorado analisa as

Tradições Discursivas em anúncios de jornais de Recife sobre fuga de escravos no século XIX, comparando as TD com os anúncios da atualidade sobre procurados. Os trabalhos aqui elencados se encaixam na área de Filologia por tratar de edição de textos e da Linguística História, partindo sempre dos textos de qualquer natureza para se analisar o gênero textual, as tradições discursivas, o léxico e outros elementos da língua.

Encontramos no repositório da Universidade Federal do Piauí-UFPI, 186 dissertações de mestrado escritas entre 2009 a 2018, no Programa de Pós-Graduação em Letras. Apenas 3 se aproximam dos estudos em Linguística Histórica, mas não tratam diretamente de diacronia. Samarina Soarede de Sá (2013) analisa o gênero propaganda de carros em jornais impressos de Teresina (1950 a 2002) numa perspectiva de mudança, trabalho que se aproxima da temática aqui tratada; Meryane Sousa Oliveira faz o estudo historiográfico sobre a história da língua portuguesa em gramáticas do português brasileiro em (2017); Alceane Bezerra Feitosa (2018) analisa a categoria de voz verbal em gramáticas do século XIX, para isso analisa uma série de gramáticas da língua portuguesa, podendo ser considerado um trabalho em Linguística Histórica.

No site da Biblioteca Digital de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, encontramos 174 teses e 376 dissertações, produzidas entre os anos de 2006 a 2018. Encontramos 08 trabalhos que seguem as orientações teórico-metodológicas das áreas de Filologia e Linguística Histórica. A dissertação de Felipe Morais de Melo defendida em (2012) traz um estudo diacrônico em Cartas Oficiais do Rio Grande do Norte, referentes aos séculos XVIII ao XX, do *corpus* do PHPB, ancorada nas teorias das TD; Camila Maria Gomes sob as bases das TD, analisa os benditos populares e as novenas, textos do *corpus* do PHPB-RN, dissertação defendida em (2014); Bibiana Jost Perinazzo em

dissertação de mestrado estuda as TD em testamentos do estado do Rio Grande do Norte, dos séculos XVIII ao XX, em (2015); Marly Rocha Medeiros de Vargas (2014), analisa em sua dissertação os possessivos de segunda pessoa em carta de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX, no *corpus* do PHPB; Kássia Kamilla de Moura em (2015) desenvolveu pesquisa de mestrado em cartas pessoais brasileiras dos séculos XIX e XX, analisando os constituintes das construções V2/V3; Geison Luca de Sena Pereira (2015) analisa a colocação dos pronomes clíticos em sentenças do infinitivo preposicionado em textos jornalísticos de vários estados do Brasil, dos séculos XIX e XX, que compõem o *corpus* do PHPB; Lígia Maria da Silva (2015) analisa em dissertação, as orações relativas no português brasileiro numa perspectiva histórica em cartas oficiais escritas entre os séculos XVIII e XX nos *corpora* do PHPB; Kássia Kamilla de Moura (2018) em tese de doutorado, sob os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista e histórica, analisa os processos de variação e mudança das formas pronominais de segunda pessoa em cartas pessoais ao longo do século XX.

No estado de Sergipe, as pesquisas em Filologia e em Linguística Histórica são desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL) que é um programa recente. O PPGL compreende duas áreas de concentração: uma em Estudos Linguísticos e a outra em Estudos Literários. A área de Estudos Linguísticos abriga duas linhas de pesquisa: (1) Descrição, análise e usos linguísticos; e (2) Linguagem: identidade e práticas sociais. A primeira linha é a que engloba os trabalhos vinculados à Linguística Histórica já que nela se reúnem os estudos de descrição, análise e sistematização de línguas, em sincronia ou diacronia, em seus diversos níveis de análise: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, pragmático e textual-discursivo. Dessa forma, são acolhidos trabalhos que to-

mam diferentes modalidades/registros (oral, escrito e gestual) em situações de uso autênticas, com suas especificidades históricas e socioculturais, considerando sua inter-relação gramatical com abordagens da Sociolinguística, Linguística Histórica, Linguística Funcional, Linguística Textual, Semiótica, Semântica e Pragmática.

Ao longo do funcionamento do programa, somente 2 dissertações estão vinculadas à área de Linguística Histórica: as dissertações de Cezar Alexandre Neri Santos (2012), intitulada “De Cirigype a Sergipe del rey: os topônimos nas cartas de sesmarias (1594-1623)” e Melânia Lima Santos (2015), intitulada “Os Onomásticos em documentos da Freguesia de São Cristóvão quando pertencente à Província Eclesiástica da Bahia”. A partir de 2017, o PPGL passou a oferecer a modalidade doutorado e passou a integrar ao Projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB), tendo como coordenador regional o Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, que, nesse momento, é o responsável pelas orientações na área de Linguística Histórica.

4. Considerações finais

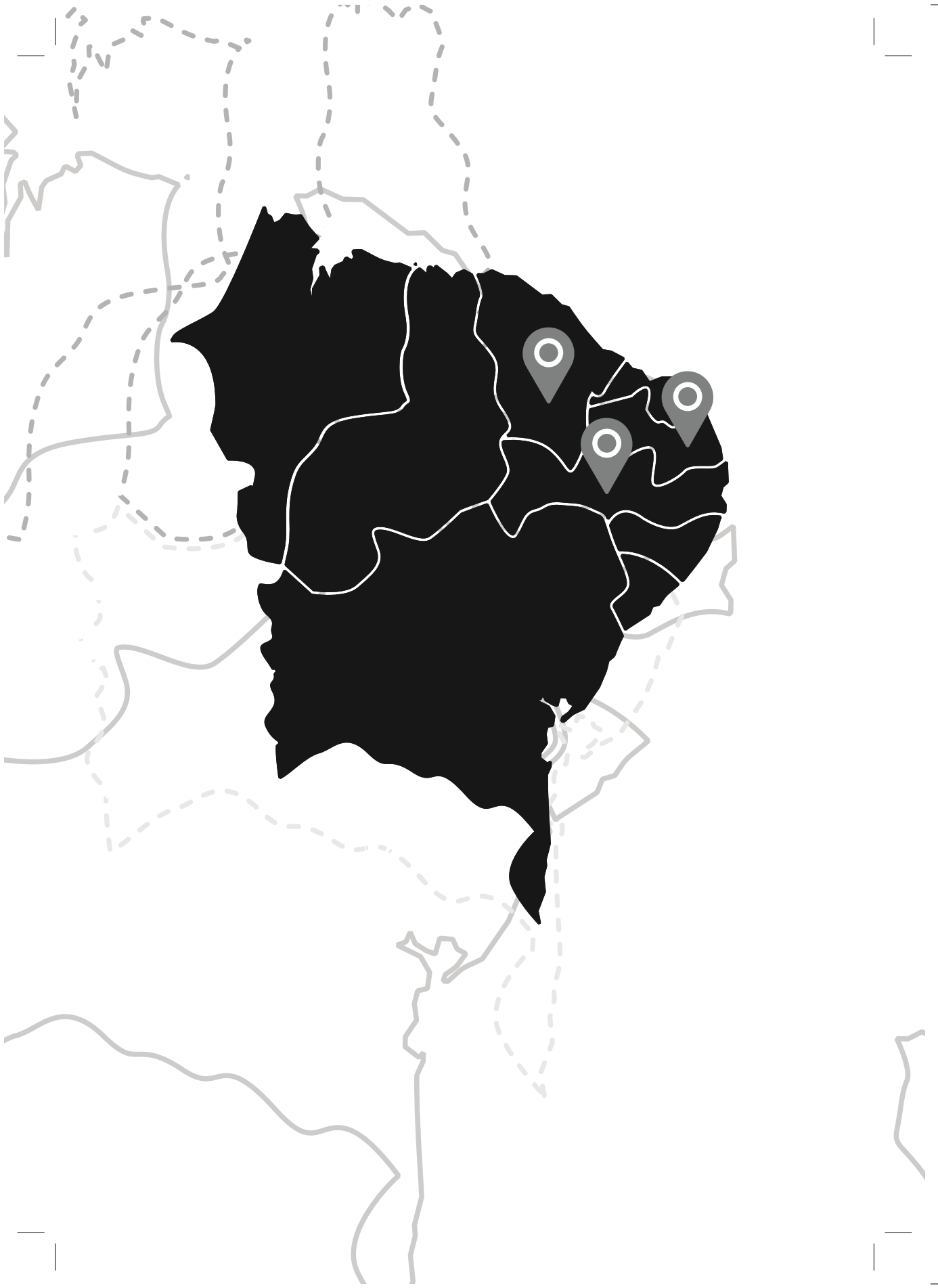
A proposta deste texto foi dar notícias dos trabalhos realizados nos nove estados que compõem a região Nordeste do Brasil no que se refere às áreas de Filologia e Linguística Histórica. Não afirmamos ter feito um levantamento completo e exaustivo, mas buscamos da forma mais cautelosa possível, a partir do que tínhamos disponível como recursos de busca. Os dados mostram que o estado da Bahia se destaca pela tradição nos estudos filológicos e em Linguística Histórica. Os demais estados possuem pesquisa nas áreas e apresentam trabalhos concluídos e em desenvolvimento, nos níveis de mestrado e de doutorado. A par da Bahia, que é um caso peculiar, o levantamento nos permite afirmar que o cenário

das pesquisas em ambas as áreas começa a mudar, em especial, a partir do contato dos pesquisadores com os *corpora* organizados pelo grupo Para a História do Português Brasileiro-PHPB, no final do século XX e início do XXI.

Do ponto de vista temático, há uma forte predominância dos estudos das Tradições Discursivas em interface com a Linguística Textual, outra parte se volta para o estudo do léxico e outro para questões morfossintáticas como uso dos pronomes e a ordem dos constituintes oracionais. Percebemos que a Linguística Histórica *stricto sensu* é predominante, pois os trabalhos são de base textual em que se avaliam os percursos de fenômenos da língua em processo de uso e de mudança. No que diz respeito aos estudos filológicos (propostas de edição e estudos de teoria editorial), destacam-se na Bahia a UFBA e a UESB. As demais regiões investiram mais nas práticas editoriais para estudos históricos de língua.

Além de não apresentarmos um levantamento completo, temos consciência disso, não elencamos trabalhos de conclusão de curso de graduação-TCC, artigos em periódicos, Revistas, livros, capítulos de livros, eventos, embora saibamos que tudo isso existe e fomenta as áreas em destaque, contribuindo para seu desenvolvimento, divulgação e aderência de muitos estudantes, professores, pesquisadores. Podemos pensar prospectivamente na organização de outro volume que dê conta de um montante de trabalhos espalhados em vários suportes.

Por fim, afirmamos que a Filologia persiste e resiste há séculos de existência, com abordagens de várias dimensões, ressurgindo e se revigorando no Nordeste brasileiro como no restante do país; a Linguística Histórica também é profícua em sua retomada, e ambas atraem o interesse de jovens pesquisadores que adentram pelos caminhos da pesquisa da língua materna, sinal de que permanecerá ainda viva e produtiva por muito tempo. Que assim seja!



PANORAMA DOS ESTUDOS FONÉTICO- FONOLÓGICOS E LEXICAIS NO NORDESTE: UMA ABORDAGEM NA INTERFACE SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

Dermeval da Hora (UFPB/UFPA/CNPq)
Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFC)
André Pedro da Silva (UFRPE)

1. Introdução

Os estudos linguísticos na região nordestina até a segunda metade dos anos sessenta e início dos anos setenta são poucos e em grande parte levados a efeito sem objetivos específicos bem definidos e metodologia adequada.

Muitos trabalhos, além de imprecisos quanto à delimitação do *corpus*, apresentam problemas metodológicos relativos à própria análise do material coletado. Na maioria deles são considerados apenas alguns níveis de análise. E esta não é exaustiva em cada um dos aspectos sob os quais poderia ser levada a efeito.

Sob o aspecto léxico, quase sempre não foram vistas as palavras e expressões realmente regionais. Vale ressaltar que os primeiros trabalhos, de modo geral, focalizaram mais o aspecto diacrônico, registrando-se apenas as palavras cujo significado

sofreu mudanças na sua evolução em cada Estado ou as que permaneceram com seu significado inalterado.

Isto não quer dizer, entretanto, que todos os trabalhos até então efetuados no Nordeste sejam por absoluta ausência de rigor científico. Há trabalhos realizados com base em pesquisa de campo, com *corpus* bem delimitado, em que são considerados não só os aspectos puramente linguísticos, mas, também, os aspectos dialetais, sócio e etnolinguísticos.

Outro problema quanto aos trabalhos realizados no Nordeste é sua pouca divulgação. Muitas vezes, são conhecidos apenas na instituição onde são realizados, não passando, sequer, para outras instituições do mesmo Estado.

Contudo, felizmente, a partir de meados dos anos sessenta, com a obrigatoriedade da disciplina Linguística nos cursos de Letras, e na década de setenta, com o surgimento dos cursos de Pós-Graduação em Letras em nossa região, essa situação vem mudando radicalmente.

Um levantamento por nós realizado, para a publicação de dados sobre trabalhos nas áreas de Dialetologia, Sociolinguística e Etnolinguística, no período compreendido entre os anos 60 e 80, mostrou que num total de 536 trabalhos, 124 deles, cerca de 20%, foram feitos no Nordeste ou sobre Falares Nordestinos.

Nesse levantamento e em outras pesquisas que realizamos, verifica-se que cada Estado nordestino tem uma tradição específica em estudos linguísticos, embora alguns somente agora estejam se definindo em termos de áreas de interesse, geralmente relacionadas a professores e pesquisadores que se especializaram, em seus cursos de Pós-Graduação, em determinados ramos da Linguística ou nível de Análise Linguística.

Porém, há trabalhos e nomes que ao serem citados levam-nos imediatamente ao Estado a que pertencem, como no caso da Bahia, com os trabalhos do Prof. Nelson Rossi e sua equipe, responsáveis pela pesquisa e publicação do Atlas Prévio dos Falares Bahianos (1963) e todos os demais trabalhos que a partir do Atlas e com seu material foram desenvolvidos. Ainda na Bahia, vale lembrar o nome do Prof. Nilton Vasco da Gama, com seus trabalhos sobre Maragogipe, e estudos de Linguística Histórica.

Sergipe também tem a marca dos trabalhos dialetais desenvolvidos pela mesma equipe do Prof. Nelson Rossi, com destaque para as Professoras Nadja Andrade, Carlota Ferreira, Vera Rollemberg, Jacyra Mota e Suzana Cardoso.

Alagoas tem seus estudos de léxico, sob a visão dialetal bem definidos na obra do Prof. Mário Marroquim, *“A Língua do Nordeste”*(1934), não tendo, contudo, anteriormente, uma marca de seus interesses linguísticos.

Pernambuco tem a obra magistral de Pereira da Costa, um dos pioneiros do estudo do léxico regional nordestino, com seu trabalho *“Vocabulário Pernambucano”*(1937), Mário Souto Maior, com seus Dicionários e Vocabulários populares, não se podendo esquecer o Prof. José Brasileiro Vilanova, nem tampouco o Prof. Geraldo Lapenda.

Os pioneiros dos estudos linguísticos na Paraíba foram, sem qualquer dúvida, os Professores Leon Clerot, com seu *“Vocabulário de Termos Populares e Gíria da Paraíba”*(1959), Hugo Moura e Horácio de Almeida – (1979), que também publicaram trabalhos sobre o léxico paraibano.

No Rio Grande do Norte destaca-se Luiz da Câmara Cascudo que, apesar de não ser um linguísta no sentido restrito do termo, foi um grande antropólogo e folclorista, publicando

uma série imensa de trabalhos sobre a linguagem regional popular do Nordeste.

O Ceará tem, também, uma tradição muito grande nos estudos dialetais, sociolinguísticos e lexicológicos, onde aparecem Tomé Cabral, com seu magnífico *"Dicionário de Termos e Expressões Populares"*(1973), Martins de Aguiar, com *"Fonética do Português do Ceará"*(1937), Antônio Sales, com *"O Falar Cearense"*(1938), Raimundo Girão, com seu *"Vocabulário Cearense"*(1967), Florival Serraine, com vários trabalhos sobre a linguagem regional popular e José Rebouças Macambira, linguista cearense que estudou o falar cearense sob vários aspectos.

No Maranhão surge como nome marcante o Acadêmico Domingos Vieira Filho (1953), com sua obra *A Linguagem Popular do Maranhão* e o Prof. Ramiro Correa, que fez análise sócio e etnolinguística do falar daquele Estado.

O Piauí não tem tido uma grande tradição em trabalhos dialetais e sociolinguísticos, não havendo nenhum nome representativo, existindo, apenas, trabalhos isolados, como é o caso do dicionário de Paulo José Cunha: *Grande Enciclopédia Internacional do Piauiês*(1995).

Muitos outros nomes surgiram em cada Estado, que não citar, para não cometer injustiças, por qualquer lapso de memória. Mas esses professores, pesquisadores e verdadeiros desbravadores são bem conhecidos e marcaram toda uma geração de professores e pesquisadores em nossa região, são admirados em todo o país e às vezes mais conhecidos e valorizados no exterior do que entre nós. Eles abriram e até mesmo "arrombaram" portas, muitas vezes com a oposição dos próprios colegas de universidade, acomodados e descrentes numa Pós-Graduação e numa pesquisa com a marca regional nordestina. Mas o fato de aqui estarmos, nas programações e publicações promovidas

pelo GELNE é uma prova cabal de que vencemos e de que valeu a pena todas as lutas e todas as batalhas enfrentadas.

No Nordeste, o primeiro curso de Pós-Graduação *stricto sensu* dentro dos parâmetros estabelecidos pelo MEC/CAPES foi o da Universidade Federal da Paraíba, que se iniciou em 1975, com a maioria de seus professores sendo Mestres ou grandes professores de reconhecida competência, além de alguns Doutores visitantes. Os estudantes eram provenientes de todo o Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul.

As demais universidades nordestinas, a partir daí, foram criando seus Mestrados em condições semelhantes, com maiores ou menores dificuldades e pressões. Com a implantação dos Mestrados e a exigência cada vez maior do MEC para que as instituições qualificassem seus professores, foram sendo implantados e fortalecidos cursos de Pós-Graduação em todo o Nordeste.

Outra consequência, bastante importante, da implantação dos cursos de Pós-Graduação no Nordeste, além da preparação de professores universitários, foi, sem a menor dúvida, a preparação de professores do Ensino Fundamental e Médio, que atualmente são uma força bastante marcante como alunos nos cursos de Especialização e Mestrado, fazendo, assim, com que a educação básica receba os benefícios que a universidade deve oferecer à formação de melhores professores do Ensino Básico.

Porém, a grande revolução desencadeada pelos cursos de Pós-Graduação no Nordeste foi a criação de Grupos de Pesquisa e, como consequência, o grande número de trabalhos apresentados em Encontros nacionais e estrangeiros, publicados por pesquisadores nordestinos.

A partir da criação dos cursos de Pós-Graduação em Letras e Linguística no Nordeste surgiu a ideia, a partir do Grupo de Estudos Linguísticos – GEL, do Estado de São Paulo, da criação

do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE, surgido em 1997, agora completando quarenta anos, e que tem sido um verdadeiro “Farol” que define, estuda e divulga os trabalhos de Nordestinos, sobre nosso falar e sobre nossa literatura regional.

Preparado o terreno e criada a mentalidade e a certeza de que podemos fazer uma Linguística Nordestina, sem qualquer marca de separatismo, em pé de igualdade e em colaboração com nossos colegas de todo o país, aqui estamos com cursos de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado - em todos os Estados nordestinos, todos cumprindo, da melhor forma possível, sua função sócio-educativo-cultural.

A pesquisa, nesse contexto, tem posição privilegiada, com as exigências da CAPES/MEC/CNPq quanto à criação de Linhas de Pesquisa nos Cursos, obrigando de forma quase que compulsória, que esses Cursos marquem sua posição e sua vocação em áreas específicas de estudo, direcionando os trabalhos dos alunos e as pesquisas dos professores para campos específicos de estudo.

Vale mencionar que, apesar de o Nordeste contar com uns vinte Programas de Pós-Graduação voltados para a Área de Linguística, poucos são aqueles que contam com uma Linha de Pesquisa voltada para os estudos dialetológicos. Apenas quatro deles contemplam essa área. Não muito diferente é o número dos Programas dedicados aos estudos sociolinguísticos. Mas, mesmo assim, já se tem uma boa descrição do falar nordestino.

Os textos referenciados aqui vão dar uma pequena amostragem do que se fez e se está fazendo, sob os aspectos Fonético-Fonológico e Léxico, com abordagens Dialetais e Sociolinguísticas do Falar Regional, Popular e Cultural de nossa região.

2. A Sociolinguística

De início, vale salientar que a referência à Sociolinguística que aqui se faz diz respeito àquela voltada para os estudos variacionistas. Como tal, ela é denominada de Sociolinguística Quantitativa e também de Teoria da Variação, que tem como um de seus representantes máximos William Labov (1966). É ele que nos anos 1960 dá início a estudos voltados para grandes comunidades, a exemplo de New York. Embora no início do século XX, já se falava da influência de aspectos sociais ligados à língua, só com Labov é com isso efetivamente foi estudado.

A Sociolinguística, a partir da observação da correlação entre aspectos sociais, estruturais e estilísticos e uma determinada variável linguística, e defendendo a possibilidade de que, a partir da heterogeneidade ordenada, se consegue sistematizar o caos aparente que a língua representa, traz para os estudos linguísticos a oportunidade de se entender a mudança linguística, desfazendo a ideia de impossibilidade que norteou os estudos estruturalistas, principalmente com Bloomfield.

Se nos Estados Unidos esses estudos têm início nos anos 1960, no Brasil, com a colaboração de Anthony Julius Naro e o envolvimento de um grupo de estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro é que eles se iniciam.

Em 1976, o Professor Anthony Julius Naro daria uma disciplina sobre línguas em contato no curso de mestrado s PUC-RJ. Antes de se iniciar a primeira aula, as alunas perguntaram se o referido professor não poderia ministrar um curso de Teoria da Variação Linguística de linha laboviana. Com a simplicidade científica que lhe é peculiar, o professor Naro respondeu que, naquele dia, não

poderia iniciar um curso sobre Teoria da Variação, porque não havia preparado a aula naquele sentido. Portanto, os alunos teriam de ouvi-lo falar sobre línguas em contato, mas, na semana seguinte, ele poderia recomeçar a disciplina falando sobre Teoria da Variação. E assim aconteceu. Ali, naquele momento, estava plantada a semente das pesquisas variacionistas sobre o Português falado no Brasil, que germinou através de inúmeras dissertações (...) e se ampliou no território brasileiro, com a formação de novos grupos assessorados pelo Grupo do Rio, entre os quais se destacaram o VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul) e o VALPB (Variação Linguística na Paraíba). (SCHERRE; RONCARATI, 2008, p. 37).

Graças a esses estudiosos, o Brasil conta hoje com uma boa descrição do Português Brasileiro realizada a partir de projetos como o VARSUL e o VALPB. Em geral, em cada universidade onde existe um pesquisador com formação variacionista existe um projeto de descrição.

Aliado a esses projetos estão ideias como tempo real, tempo aparente, variação e mudança linguística, estudo de painel, estudo de tendência, variável e variantes, conceitos esses que são necessários para que se entenda o processo de variação. Ao lado disso, cada projeto busca resolver os cinco problemas fundamentais para se entender o processo de mudança na perspectiva da Sociolinguística: (1) as restrições – sociais, estruturais e estilísticas; (2) a implementação; (3) a transição; (4) a avaliação; e (5) o encaixamento. Resolver esses problemas implica entender as circunstâncias em que o processo de mudança ocorre. Há uma vasta literatura sobre o assunto, o que justifica o seu não detalhamento aqui.

De posse do conhecimento da base variacionista, é possível desenvolver estudos nos diferentes níveis linguísticos. Aqui no Brasil, os níveis mais explorados são o fonológico e o sintático. Neste capítulo, interessa o nível fonológico, por ser, talvez, o mais trabalhado no Nordeste.

2.1 Panorama dos estudos variacionistas no Nordeste

Graças aos Programas de Pós-Graduação das universidades do Nordeste é que existem os projetos voltados para os estudos sociolinguísticos de base variacionista. Em geral, eles são desenvolvidos por professores que um dia tiveram em seus doutorados um daqueles que recebera as orientações de Naro. Os tópicos a serem abordados dizem respeito às consoantes nas posições de ataque e coda e às vogais.

2.2 O sistema fonológico do Português Brasileiro, realidade nordestina: as consoantes

Os estudos realizados no Nordeste contemplam as consoantes tanto em posição de ataque, a exemplo das oclusivas dentais/alveolares /t,d/ e da lateral palatal /λ/, como as consoantes em posição de coda, dentre elas /l, r, s/. São omitidas as nasais, por não se ter estudo específico a respeito.

2.2.1 As consoantes em posição de ataque

Um estudo do Português Brasileiro faz-nos ver que a posição de ataque pode ser preenchida por todas as consoantes do sistema fonológico. Independentemente da região essa é uma re-

alidade do PB. Dessas consoantes, interessam aqui as oclusivas dentais/ alveolares e a lateral palatal, por seu caráter variável.

2.2.1.1 Consoantes oclusivas dentais/alveolares

As consoantes oclusivas dentais têm sido estudadas em todo o Brasil, isso por seu caráter variável, que envolve um processo de assimilação, quer regressiva quer progressiva, resultando em sua palatalização ou não. Dessa forma, essas consoantes podem, variavelmente, ser assim descritas:

	Assimilação regressiva	Assimilação progressiva
	[t]ia ~ [tʃ]ia	[ojt]o ~ [otʃ]o
/t,d/	[d]ia ~ [dʒ]ia	d[ojd]o ~ d[odʒ]o
	cas[t]igo ~ cas[tʃ]igo	

Essa variação, com prioridade para a não palatalização como sendo a mais produtiva, é apontada como sendo característica do Nordeste, mas se sabe que em outras regiões do país ela também se dá. Leda Bisol registra sua ocorrência no Rio Grande do Sul. Em 1990, Hora (1990) defende sua tese tendo como corpus o falar de Alagoinhas na Bahia e, posteriormente, ele apresenta dados de variação presentes no corpus do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba. O certo é que sua variação, que envolve o processo de palatalização, como mostram os exemplos, se progressiva é, muitas vezes avaliada negativamente, ao contrário da regressiva.

No estudo realizado em João Pessoa por Hora (1993), a forma não palatalizada se apresentou quase como sendo categórica. Vinte e três anos depois, a partir de um estudo de recontato,

foi possível verificar um pequeno aumento em sua frequência de uso entre os falantes pessoenses.

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que em todo o Nordeste, não há um só estado em que esse processo não seja variável. Se, em alguns, nas capitais há maior produtividade da forma palatalizada, no interior a forma não palatalizada se faz presente.

2.2.1.2 A consoante lateral palatal em posição de ataque

A consoante lateral palatal em posição de ataque tem apresentado variação em alguns estados do Nordeste, podendo contar com as variantes descritas a seguir, sendo as mais produtivas:

[λ] mu[λ]er
/λ/ [l] mu[l]er
[j]. mu[j]er

Silva (1997), com uma amostragem de 30 informantes do município de Igatu – CE, realizou pesquisa com falantes do município de Iguatu (CE), constatou a predominância do segmento /λ/, com 84,7% de ocorrências, seguido, respectivamente, pelas variantes [j, l, Ø], com 7,4%; 5,4% e 2,5%. Constata-se a predominância da manutenção do segmento /λ/ no dialeto investigado. Entende-se que esse possível favorecimento possa estar ocorrendo devido ao fato de esse segmento ser considerado a variante padrão.

Freire (2011) realizou estudo na Paraíba no município de Jacaraú e constatou também a predominância da forma palatalizada [λ], seguida pelo glide [j] e pelo zero fonético, ficando a

formal lateral alveolar [l] como a menos produtiva. Freire (2012) também realizou estudo comparativo do comportamento da lateral palatal /λ/ em duas comunidades de fala que são vizinhas: Nova Cruz, localizada na região agreste do Estado do Rio Grande do Norte, e Jacaraú, situada na mata paraibana. Os resultados obtidos a partir da aplicação do pacote estatístico Goldvarb X forma assim expressos: encontraram-se 204 (duzentas e quatro) ocorrências das variantes do fonema /λ/ no dialeto paraibano e 165 (cento e sessenta e cinco) ocorrências no dialeto norte-rio-grandense, assim distribuídas: na variedade paraibana: 161 ocorrências da variante [λ], 78.9%; 9 ocorrências da variante [l], 4.4%; 32 ocorrências da variante [j], 15.7%, e 4 ocorrências da variante [∅] que corresponde a 1% do total; e na variedade norte-rio-grandense: 152 ocorrências da variante [λ], 92.1%; 8 ocorrências da variante [j], 4.8%; 5 ocorrências da variante [l] que corresponde a 3.0% do total.

Os estudos realizados denotam que a forma palatalizada é ainda a mais produtiva, mas não chega a ser categórica em nenhuma das comunidades. O que os estudos concluíram também é que as demais variantes estão presentes com maior produtividade entre falantes com menos anos de escolaridade.

2.2.2 As consoantes em posição de coda

Diferente do ataque, que pode ser preenchido por todos os segmentos consonantais do Português, a coda pode ser preenchida por apenas quatro segmentos /L, R, S, N/, como indicam esses exemplos:

jorna/L/

cu/L/pa

anda/R/
amo/R/
doi/S/
go/S/to
ca/N/to

Desses quatro segmentos, serão considerados apenas os três primeiros, uma vez que não se tem conhecimento de algum estudo variacionista voltado para a nasal no Nordeste.

2.2.2.1 Consoante lateral em posição de coda

Hora (2006) estudou a vocalização da lateral /l/ no falar pessoense, a partir do *corpus* do VALPB (Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba)¹. Segundo o autor, 3703 ocorrências foram obtidas, distribuídas entre as seguintes variantes:

- a) 3.109 casos de vocalização [w];
- b) 583 casos de zero fonético [Ø];
- c) oito casos de aspiração [h], e
- d) três casos de velarização [ɰ], tanto em final de palavra – exemplos de (a) –, como no interior de palavra, – exemplos de (b).

(a)

jorna[w] ~ jorna[tʃ] ~ jorna[Ø]

pape[w] ~ pape[tʃ] ~ pape[Ø]

1 Esse projeto iniciou suas atividades em 1993, sob a coordenação do Prof. Dr. Dermeval da Hora, e constitui uma proposta de pesquisa da realidade linguística da comunidade de fala de João Pessoa. Seu *corpus* é composto por uma amostra de 60 (sessenta) informantes, estratificado socialmente por sexo, faixa etária e anos de escolarização. E tem como base os pressupostos da Teoria da Variação e volta sua atenção para os aspectos fonético-fonológicos e gramaticais.

ani[w] ~ ani[t] ~ ani[Ø]
azu[t] ~ azu[Ø]
anzo[w] ~ anzo[t], anzo[Ø]

(b)
sa[w]do ~ sa[t]do ~ sa[h]do
fi[w]me ~ fi[t]me ~ fi[h]me
cu[w]to ~ cu [t]to ~ cu[h]to ~ cu[Ø]to
so[w]vente ~ so[t]vente ~ so[h]vente

A partir do conjunto dos exemplos apresentados, constatamos que a variante aspirada [h] ocorre no interior de palavra e o zero fonético ([Ø]), principalmente, no final de palavra.

Segundo o autor, as variáveis condicionadoras desse processo sociolinguístico são respectivamente: sexo (fator: feminino, com 0.53 de peso relativo), faixa etária (fatores: de 26 a 49 anos, com 0.58, e informantes de 15 a 25 anos, com índice de 0.55 de favorecimento), escolarização (+ de 11 anos, com 0.63), contexto fonológico precedente (fatores: vogal [e], com 0.60, e vogal [a], com 0.66), extensão do vocábulo (fatores: dissílabo, com 0.58, e monossílabo, com 0.52) e tonicidade (fator: tônico, com 0.56). Hora, retomando Callou, Leite & Moraes (1998), que estudaram o processo de vocalização da lateral /l/ em dados do Projeto NURC (Projeto Norma Urbana Culta), constata que esse processo parece ter tido início entre os séculos VI e VII d.C.

Um quadro bastante nítido em relação à lateral em coda é o forte predomínio do seu uso semivocalizado em detrimento das outras variantes. A variante alveolar velarizada, hoje, se restringe a falantes idosos, e muito pouco aparece no Nordeste. Assim, o Nordeste tem uma forte predominância em todos os grupos so-

ciais da variante [w], e o zero fonético, na maioria das vezes, se faz presente entre falantes com menos anos de escolarização, podendo também ser usado por pessoas com mais anos de escolarização, quando a vogal que antecede a lateral é uma posterior, principalmente alta, como “cu[l]pa” ou “azu[l]”.

2.2.2.2 Róticos em posição coda

É possível que os róticos tenham sido os segmentos mais estudados no Brasil. Seus estudos, conforme Hora; Monaretto (2003) datam da primeira metade do século XX, e podem ser reunidos em dois grandes blocos: de um lado os que não seguem uma orientação variacionista, e, de outro lado, os que a seguem. Entre os primeiros se encontram Jucá-Filho, Bueno, Marroquim, Celso Cunha, Joaquim Mattoso Camara Júnior, Leite de Vasconcelos, Eunice Pontes; entre os segundos Sebastião Josué Votre, Marco Antônio de Oliveira, Dinah Callou, Yonne Leite, João Moraes, Nadir Skeete e Valéria Monaretto. Dos primeiros, falando sobre o Nordeste, está Mário Marroquim. Dos últimos, também falando sobre o Nordeste está Nadir Skeete (1996) com sua dissertação de mestrado orientada por Dermeval da Hora, utilizando dados do VALPB.

Nos dados que Skeete levantou, foram consideradas duas posições para o rótico em posição de coda: final de palavra e interior de palavra. Em posição de coda no interior, a exemplo de casos como “porta”, “corda”, “força”, “cerveja”, etc., foram encontradas cinco realizações fonéticas. Das 4.595 ocorrências registradas, 3.998 foram para a forma aspirada [h], 457, para o zero fonético, 48, para o tepe, 66, para o glide posterior [w] e 26, para o glide anterior [j]. Os exemplos a seguir ilustram essas ocorrências.

[h]	[Ø]	[r]	[w]	[j]
po[h]ta.	fo[Ø]ça.	po[r]ta	ga[w]fo	po[j]ca
co[h]da.	ce[Ø]veja.	co[r]da.		
ma[h]melo.	ma[Ø]ch	ma[r]melo		

Em posição final, a exemplo de “andar” e “tumor”, foram encontradas três realizações. Das 11.492 ocorrências, 10.471 foram para o zero fonético, 1021, para a velar. Houve 350 ocorrências para o tepe, que se manifesta após processo de ressilabificação, como em “mar aberto”, onde o rótico deixa de ser coda e passa a ser ataque, formando sílaba com a vogal da sílaba seguinte.

A posição medial traz um dado bastante interessante para o PB do Nordeste. Em geral, o zero fonético é condicionado, principalmente, pela presença de uma fricativa na sílaba seguinte, como em:

for.ça ~ fo[Ø].ça
vár.zea ~ va[Ø].zea
gar.fo ~ ga[Ø]fo
cer.veja ~ ce[Ø].veja
mar.cha ~ ma[Ø].cha
cor.ja ~ co[Ø].ja

A posição final ratifica os estudos realizados em outras regiões do Brasil, em que o rótico nos verbos tende a apagar-se com muito mais frequência do que em nomes. Assim, tem-se:

anda[r] ~ anda[Ø]	tumo[r]
parti[r] ~ parti[Ø]	ma[r]
escreve[r] ~ escreve[Ø]	caráte[r]
propo[r] ~ propor[Ø]	márti[r]

2.2.2.3 Fricativas coronais em posição de coda

Sob a perspectiva variacionista, as fricativas coronais têm suscitados muitos estudos a partir de dados obtidos em corpora do PB. É possível que u, m dos primeiros estudos tenha sido o realizado por Callou e Moraes (1995), com dados do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC) das cinco capitais selecionadas (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife). Nesse estudo, foram consideradas quatro variantes do arquifonema /S/: fricativa alveolar [s,z], fricativa palatal [ʃ,ʒ], fricativa laríngea [h] e zero fonético [∅], como ilustram os exemplos:

[s,z]	[ʃ,ʒ]	[h]	[∅]
me[s]tre	me[ʃ]ter	de[h]de	
me[z]mo.	me[ʒ]mo	me[h]mo.	me[∅]mo

Considerando apenas o Nordeste, o que se tem hoje é uma configuração que privilegia todas essas realizações, seja na posição interna seja na posição de final de vocábulo. Se para o resto do Brasil, principalmente para a região Sul e para a Sudeste, há a predominância de uso de uma variante em detrimento de outra, como em Porto Alegre e São Paulo, em que predomina o uso alveolar, e no Rio de Janeiro que majoritariamente prefere a forma palato-alveolar, isso não acontece no Nordeste.

De forma bastante regular, o que se tem no Nordeste é o uso da alveolar em posição medial quando a consoantes seguinte é uma não oclusiva dental, e o uso da palato-alveolar, quando o segmento seguinte é uma oclusiva dental, como ilustram os exemplos:

me[z]mo	de[z]de ~ de[ʒ]
e[z]lavo	le[s]te ~ le[ʃ]te

re[z]vala	fe[s]ta ~ fe[l]ta
e[s]curo	pa[s]ta ~ pa[l]ta
e[s]cape	po[s]te ~ [po[l]te

A análise dos dados do VALPB realizada por Hora (2003) resultou num conjunto de 9.517 ocorrências, distribuídas entre as mesmas variantes encontradas em Callou e Moraes (1995).

2.3 O sistema fonológico do Português Brasileiro, realidade nordestina: as vogais

Os estudos sobre as vogais no Nordeste tomam por base a interação em que essas podem ter no âmbito do acento lexical e o inventário dos fonemas vocálicos da Língua Portuguesa, apresentadas como: vogais pretônicas, vogais postônicas mediais e vogais postônicas finais.

Assim, de acordo com Câmara Jr (2002), o sistema fonológico das vogais brasileiras apresenta na posição tônica sete vogais, / i, e, ε, a, u, o, ɔ/, na pretônica cinco vogais, /i, ε, a, u, ɔ/, e na átona final três /i, a, u/. Internamente, Teyssier (1997) argumenta que esse distanciamento consolidou um cenário linguístico diversificado que delimitou áreas dialetais diferenciadas mais do ponto de vista sociocultural do que geográfico, uma vez que:

Há, hoje, na língua do Brasil, uma diversidade geográfica. Os lingüistas vêm tentando elaborar o mapa dos “dialetos” brasileiros, à semelhança do que se tem feito para as línguas europeias. Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até a cidade de

Mato Grosso, no Estado do mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. A realidade, porém, é que as divisões “dialetais” no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra (TEYSSIER, 1997, p. 98).

Isto posto, reafirma-se na primeira argumentação de Teyssier (1997) a existência de uma diversidade geográfica (variação diatópica), mesma posição apresentada por Nascentes (1953) ao tentar mapear traços linguísticos semelhantes a partir de uma divisão dialetal. Passemos, então, aos estudos relacionados a cada tipo de vogal.

2.3.1. As vogais pretônicas

As vogais pretônicas são aquelas que antecedem as vogais tônicas em uma dada palavra. E no PB é possível observar que elas apresentam algumas possibilidades de pronúncia, sem prejuízo ao seu significado, como se pode observar em p/E/daço ~ p/e/daço. Essa alternância das vogais médias pode gerar algumas regras, como o abaixamento, a manutenção e o alçamento, regidas por alguns processos fonológicos (BISOL, 1989; VIEGAS, 2001). Assim, podemos ter as seguintes possibilidades:

	Abaixamento	Manutenção	Alçamento
Vogais coronais	p/ɛ/rfume	p/e/rfume	p/i/rfume
Vogais labiais	g/O/verno	g/o/verno	g/u/verno

Nascentes (1953), sem a utilização de um método descritivo rigoroso, elaborou um mapa dos seis subfalares do português brasileiro, baseado na observação oitiva dos falares, em que propõe uma distinção fonética e prosódica entre Norte e Sul do País. Nesse ponto, Mattos e Silva argumenta que a ausência de um instrumento rigoroso de mapeamento linguístico obriga a contentarmo-nos com a inferência das delimitações linguísticas propostas por historiadores que mapearam nosso passado caracterizando nosso presente linguístico, já que:

Se dispuséssemos de um mapeamento geolingüístico rigoroso e detalhado de todo o espaço brasileiro, teríamos um outro excelente caminho diretor para o nosso trabalho, uma vez que de posse de isoglossas bem delimitadas poderíamos entrever, através delas, aspectos diferenciáveis da nossa história passada (MATTOS E SILVA, 2004, p. 57).

Nascentes (1953) ainda polemiza duas grandes questões linguísticas: uma de âmbito nacional e outra de âmbito regional. Esta última refere-se à afirmação categórica de que no falar do Norte a pronúncia das vogais pretônicas é sempre aberta, o que difundiu um conhecimento parcial sobre as realizações destas vogais naqueles subfalares. Os primeiros estudos sobre as pretônicas nordestinas foram apresentados por Marroquim (1934), Castro (1958) e Aguiar (1937), aonde já descreviam as realizações de vogais médias abertas, médias fechadas naquela região.

É importante lembrar que, segundo Câmara (2002, p. 22), esta posição pretônica, “apenas neutraliza, ou suprime a oposição de dois graus nas vogais médias”. E ainda segundo o autor, “as posições átonas favorecem o que na teoria fonêmica se chama de neutralização. Certas oposições que, em posição tônica, tem valor distintivo, se suprimem ou desaparecem”.

A amostra de Maia (1986), constituída de seis falantes nativos, sendo quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, com faixa etária compreendida de 20 a 30 anos, analisa o comportamento das vogais médias pretônicas no dialeto natalense. No que diz respeito à escolaridade, três falantes são universitários, pertencentes à classe média alta, e os outros três são semianalfabetos, da classe média baixa da esfera social investigada.

Os dados utilizados por Maia (1986) foram extraídos apenas de itens lexicais com vogais pretônicas [e/ɛ] e [o/ɔ], excluindo-se, propositadamente, itens com pronúncias com vogais pretônicas como alta [i] e [u] por não serem estes traços diferenciados e sim convergentes entre as duas pronúncias ali confrontadas, a natalense e a carioca.

A partir desse estudo, chegou-se à conclusão de que: (i) o dialeto de Natal apresenta um alto índice de ocorrência de vogais pretônicas médias abertas, ao contrário das cidades do sudeste/sul do Brasil; (ii) a ocorrência da pretônica fechada é altamente previsível em termos estruturais, obedecendo a uma regra de harmonização de timbre e altura que se processa da vogal média fechada para a sua vizinha imediata à esquerda; e (iii) vogais pretônicas médias abertas ocorrem em ambiente de vogais baixas, vogais nasalizadas e vogais altas imediatamente subsequentes. Ou seja, sintetizando Maia, o processo de harmonização vocálica explica boa parte dos casos de vogais fechadas em ambiente pretônico no dialeto de Natal, todavia não se pode também descartar a hipótese de um desenvolvimento histórico, independente, regional.

Silva (1989), por sua vez, apresenta um estudo das vogais pretônicas na variedade culta do falar baiano que ora são produzidas como altas /i/ e /u/, como em prop[u]rção e n[i]c[i]ssita, ora como médias fechadas /o/ e /e/, como em prop[o]rção e n[e]c[e]ssita, e ainda como baixas /ɔ/ e /ɛ/, em pr[ɔ]p[ɔ]rção, e n[ɛ]c[ɛ]ssita. Seu

corpus compôs-se de uma amostra principal: a amostra principal é constituída por 24 informantes de um segmento do Projeto da Norma Culta de Salvador (NURC-SSA); e duas secundárias: um foi constituído por dados transcritos foneticamente, tomados de empréstimo do Atlas prévio do falar baiano (ROSSI, 1965), e o outro foi composto por dados de uma localidade sergipana, Ribeirópolis, constante do trabalho de Mota (1979).

Nessa pesquisa, Silva aponta como resultados: (i) regra categórica de elevação de /e/ para /i/ em posição inicial absoluta seguido de **s** implosivo como [i]scola, [i]scuro; (ii) regra variável de elevação em que a vogal torna alta a pretônica especialmente antes de **i** e **u** e de algumas consoantes, tais como c[u]rtina, s[i]rviço, c[u]stume.

Em João Pessoa, Pereira (1997) foi uma das pioneiras a apresentar uma pesquisa de cunho sociolinguístico com foco no uso das Pretônicas. É importante salientar que Marroquim (1945) e Nascentes (1953) já haviam realizado estudos em que apresentavam diferenças dialetais entre o falar sulista e nordestino, mas uma breve observação sobre o comportamento dessas vogais, sem a aplicação de qualquer teoria sociolinguística.

Pereira (1997) realizou seu estudo na cidade de João Pessoa-PB, aonde observou as vogais médias pretônicas da fala culta naquela cidade. Ela analisou a fala de 60 informantes, pertencentes ao *corpus* do VALPB², selecionados de acordo com a escolaridade, a faixa etária e o sexo. Desse *corpus*, foram coletadas 54 horas de gravação dos informantes que falavam espontaneamente acerca de diversos temas, sendo este material codificado e rodado no programa computacional VARBRUL, seguindo os preceitos da metodologia da sociolinguística variacionista.

2 Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba, coordenado pelo Prof. Dr. Dermeval da Hora.

Nesta pesquisa, Pereira (1997) apontou resultados linguísticos e sociais relacionados a esta vogal. Para os fatores linguísticos, ela apresenta a harmonização vocálica entre a vogal pretônica e o comportamento das vogais em posição tônica como o mais recorrente a alguns processos como: alçamento r/i/vista; abaixamento v/E/getais e manutenção c/e/rveja. Segundo essa pesquisa, confirmaram a hipótese inicial de que as médias abertas são majoritárias no dialeto pessoense urbano, porém essa predominância não ocorre na dimensão esperada. Confrontado esse resultado com os do dialeto de Salvador, constata que a ocorrência de variantes elevadas e fechadas apresenta níveis bem mais significativos no dialeto soteropolitano, como mostram os resultados gerais.

Assim, com base nos resultados de Pereira é possível concluir que a altura da vogal pretônica está sempre condicionada à da vogal seguinte, quer seja alta, média aberta ou média fechada. Uma outra conclusão que se toma é que, de maneira geral, a vogal [-post] está mais sujeita à elevação e ao fechamento do que a vogal [+post], que, por sua vez, apresentou sempre, em toda a amostra, índices superiores.

Na cidade de Recife, Silva (2008) traça como principal objetivo analisar as emissões de [e] e [o], isto é, variantes fechadas, também presentes no dialeto de Salvador, as quais, para a autora, implicam uma violação à regra geral do dialeto nordestino. Por serem, provavelmente, empréstimos da variedade do Sul do País. Sua amostra compõe o Projeto NURC-RE, constituída de 16 inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), distribuído igualmente entre mulheres e homens, compreendendo quatro faixas etárias: 25-33, 35-43, 45-53 e 55-63 anos.

Seus resultados revelaram que, em relação à elevação das pretônicas médias, a regra variável de elevação atua nessa amostra de modo semelhante a outras variedades brasileiras, ou seja, as vo-

gais médias pretônicas tendem a harmonizar-se diante das vogais altas /i/ e /u/. Ou seja, a semelhança de Salvador, a pretônica média é produzida aberta quando seguida por vogais baixas e mantém a média pretônica fechada diante de vogal média fechada, ou, ainda, por uma antiga regra de interferência das palatais mencionada por Gonçalves Vianna (1892) para explicar exceções à metafonia em palavras como f[e]cho.

Um dos últimos estudos acerca da pretônica nordestina aconteceu em Teresina. Neste, Silva (2009) tinha por objetivo descrever e analisar a pronúncia das vogais médias pretônicas no dialeto de Teresina-PI. Seu *corpus* era de 5.308 realizações de pretônicas, coletadas a partir de entrevistas com 36 informantes estratificados socialmente por gênero, faixa etária e escolaridade. Assim como nos estudos aqui já mencionados, a ocorrência da variação tripartida da pretônica deu-se ao uso moderado da harmonia com a vogal alta, já que é o contexto desta regra que abre as três possibilidades. Para Silva (2009), a emergência majoritária da vogal média aberta nesse contexto e em outros desarmônicos pode ser um indício de que o dialeto teresinense possa estar em direção a um processo de neutralização em favor da vogal média aberta.

Assim, de acordo com Silva (2009), em sua pesquisa sobre a variação das vogais médias em posição pretônica no dialeto de Teresina-PI, foi possível constatar que a produção destas vogais admite três realizações fonéticas que se harmonizam indistintamente de acordo com a presença do gatilho situado na sílaba seguinte: (i) harmonia com uma vogal média aberta, (ii) harmonia com uma vogal alta e (iii) harmonia com uma vogal média fechada. Ainda segundo Silva (2009, p. 209), “ao lado dessas variações harmônicas, o dialeto apresenta uma variação tríplice dentro de um mesmo vocábulo quando diante de vogal alta; porém, mesmo neste contexto desarmônico, a vogal média aberta predomina de forma irrefreável”.

Isso posto, Silva afirma que a complexidade desse comportamento variacional, indica que o dialeto está a caminho de um processo fonológico mais geral, já que a vogal média aberta ocorre seguida de sílaba com vogal alta, quando a harmonia com a vogal indutora for inoperante.

Destacadamente, a variedade nordestina sobressai-se como a maior usuária da vogal média aberta, o que comprova, em termos de frequência, a afirmação consensual que a literatura registra; enquanto nos demais Estados predomina a média fechada. Com respeito à vogal alta que reflete a harmonização com a alta vizinha, nota-se nos falares nordestinos um uso relativamente mais acentuado, ao passo que nos falares do Centro-Sul essa realização é bem menor.

Como se pode observar, em relação aos falares do Nordeste, os primeiros trabalhos de Marroquim (1934), Aguiar (1937) e Castro (1958) atestaram a presença majoritária da vogal média aberta na pauta pretônica. Entretanto, é possível detectar o registro da produção variação ternária das vogais médias: [ɛ ~ e ~ i] / [O ~ o ~ u], nesse dialeto. Estudos mais recentes desenvolvidos em Natal (1986), Salvador (1989), João Pessoa (1997), Recife (2008) e Teresina (2009) detectaram também a deflagração desse fenômeno nos respectivos dialetos, que, segundo Silva (2009), essa alternância tripartida só seja efetivada com a presença de vogal alta na sílaba seguinte.

2.3.2. As vogais postônicas

O número de fonemas vocálicos da língua portuguesa diminui consideravelmente quando comparados aos fonemas tônicos. Segundo Câmara Jr. (2002) estes fonemas passam a cinco, quando postônicos mediais; e a três, quando finais. Nessa posi-

ção, ocorre perda da distinção fonológica entre esses fonemas, também conhecida na língua como neutralização.

2.3.2.1. As vogais postônicas mediais

Os vocábulos proparoxítonos são documentados como irregulares em todas as fases do português. Já no latim clássico, observou-se que elas só ocorriam se a penúltima sílaba fosse leve. Tal particularidade passou pelo latim vulgar e pelo português arcaico. Segundo se documenta, essas palavras, chamadas esdrúxulas, desapareceram devido à queda da vogal da penúltima sílaba (WILLIAMS, 1991; COUTINHO, 1876).

No português arcaico, que se estende do século XII aos meados do século XVI, eram raras as proparoxítonas. Encontravam-se apenas algumas palavras semieruditas –eclesiásticas, jurídicas, medicinais etc., como os nomes de contribuições: *hospedádego*, *eirádega*, *montádega*. Com o Renascimento, os esdrúxulos (proparoxítonos) portugueses passaram a constituir a parte principal das palavras cultas, poéticas e eruditas, reintroduzidas a partir do século XV (AMARAL, 1999), cuja maioria decorre de empréstimos de palavras do latim clássico, entre as quais, palavras do grego adaptadas à estrutura latina (CÂMARA JR., 1978). Entre os quinhentistas e os seissentistas, Luís Vaz de Camões foi quem mais enriqueceu a língua nacional e elevou a cultura pátria com elementos da antiga civilização. Em *Os Lusíadas* (1572), já apareciam proparoxítonos como *trêmulo*, *lúcido*, *rúbido*, *nítido*, *túmulo*, *diáfano*, *fatídico*, *belígero*, entre outros.

No português moderno, quase todos os vocábulos proparoxítonos são eruditos. Mesmo os populares, como *árvore*,

estômago, câmara, pela lei de menor esforço³, pelo princípio de economia ou por tendência a seguir o padrão da língua, são transformados pelos falantes em paroxítonos, como, respectivamente, *arvre, estomo, cama*.

No Brasil, estudos sistemáticos sobre as proparoxítonas são escassos. Tem-se conhecimento de “O destino das palavras proparoxítonas na linguagem popular”, de Head (1986); “Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas”, dissertação de Mestrado de Caixeta (1989); “As proparoxítonas: teoria e variação”, tese de Doutorado de Amaral (1999); “O efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste goiano”, dissertação de Mestrado de Lima (2008) e “Descrição das vogais postônicas não finais na variedade do Noroeste paulista”, dissertação de Mestrado de Ramos (2009).

Já no Nordeste, apenas um trabalho é encontrado abordando tal tema: “Vogais postônicas não-finais: do sistema ao uso”, tese de doutorado de Silva (2010). Neste, Silva analisa o falar de Sapé, cidade paraibana e toma por base um corpus constituído por 36 informantes de ambos os sexos, de três faixas etárias e com três níveis de escolaridade. Como variáveis linguísticas controladas o autor escolheu contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, traço de articulação da vogal, estrutura da sílaba e extensão da palavra.

Quanto às variáveis sociais os resultados de seu trabalho mostram que o fator *anos de escolarização* é o que mais favorece o apagamento das vogais postônicas não-finais. Outro fator relevante é a faixa etária. Os informantes mais idosos usam mais a variante não-padrão. O fator sexo confirmou o fato de que as mulheres usam mais a variável padrão.

3 Quando o falante tende a reduzir um ou mais fonemas visando a fazer um menor esforço músculo-articulatório.

Quanto aos fatores linguísticos no caso do apagamento ou não da postônica medial, o mais significativo foi o *contexto fonológico seguinte, especialmente com a consoante líquida lateral seguida da líquida vibrante*. No *contexto fonológico precedente*, as fricativas apareceram como sendo as mais propícias ao apagamento da vogal postônica não-final, seguidas da oclusiva. A *extensão da palavra é outro fator* importante no apagamento da postônica medial. As polissílabas – com mais de três sílabas – são as que mais favorecem o apagamento.

Ainda de acordo com Silva (2010), alguns processos eram realizados, como o de abertura e o de alçamento destas vogais. Segundo ele, em relação ao processo de abertura das vogais postônicas mediais /e/ e /o/, constatou-se que este é mais frequente que o de alçamento. Além disso, o processo de abertura é diferentemente regido de acordo com a vogal em questão. Quando a vogal postônica medial for uma labial, i. é, for a vogal /o/, o contexto mais favorecedor é uma líquida vibrante, em posição seguinte a esta vogal. Logo, palavras como *cóc/o/ra* e *abób/o/ra* passam, respectivamente, a *cóc/O/ra*, e *abób/O/ra*.

Já a vogal postônica medial coronal /e/ sofrerá processo de *abertura* quando, passando a /ɛ/ quando o *contexto fonológico precedente* a esta vogal for uma líquida vibrante /R/, como: *pér/o/la* > *pér/ɔ/la*.

Um outro dado importante que este trabalho apresentou é que a vogal tônica também propicia o processo de *abertura* das vogais postônicas mediais. Nos dados trabalhados é fácil encontrar casos em que a vogal tônica seja aberta, e a postônica por harmonização vocálica também abra, embora não seja uma regra categórica, já que a postônica medial também pode alçar e não sofrer nenhum processo fonológico, respectivamente, nas labiais,

como em: abób/o/ra > abób/u/ra, fósf/o/ro > fósf/o/ro; e, nas coronais: cér/e/bro > cér/ε/bro, pêss/e/go > pêss/e/go.

Silva (2010) ainda apontam que, a partir do apagamento da postônica medial, certos processos são desencadeados, como a ressilabação, a assimilação e a reestruturação dos pés métricos, um fenômeno ligado diretamente à síncope e, por isso, tomado como ponto principal desta discussão. Uma das características desse apagamento é apresentar uma mudança de padrões, ou seja, desencadear um processo que transforma palavras com padrão de acento marcado em um padrão acentual não marcado. E conclui que a ressilabação, após o apagamento da vogal fraca, ocorre em consonância com alguns princípios e leis. Assim, o segmento que ocupava a posição de ataque da sílaba sincopada será incorporado ora à sílaba precedente (tônica), ora à sílaba seguinte (postônica final). Tal incorporação se deve, principalmente, a dois princípios: o de *Sequenciamento de Sonoridade* e o de *Maximização do Ataque*.

As proparoxítonas ainda são vistas como exceções no português atual, mesmo pertencendo a um número bastante resumido, devido às restrições que ocorrem na estrutura métrica dessas palavras. Para Silva (2015, p. 109), “isso se justifica ao se levar em consideração que essas palavras apresentam o limite máximo a que o acento pode chegar, tomando como base a borda direita da palavra, comumente conhecido como restrição das três janelas”. Assim, o acento, em português, não poderá ultrapassar a terceira sílaba da palavra, e o vocábulo proparoxítono é o limite acentual.

2.3.2.2. As vogais postônicas finais

As postônicas finais apresentam maior grau de atonicidade dentre as vogais átonas do português brasileiro. Elas também

apresentam neutralização entre vogais médias e altas, fazendo com que [e] e [o] sejam alofones de [i] e [u] respectivamente, na maioria dos dialetos brasileiros.

Atualmente, não há pesquisas que abordem as vogais pos-tônicas finais no Nordeste brasileiro. Além disso, não há indícios de uma possível variação das vogais nessa posição, diferente do que acontece, por exemplo, no Paraná.

3. Situando a Dialetoologia e a Geolinguística nos Estudos Lexicais no Nordeste

3.1 A Dialetoologia

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico.

O português do Brasil, apesar de não ter uma grande tradição em estudos dialetais e sociolinguísticos, a exemplo do português de Portugal ou de outras línguas da Europa e do inglês americano, tem demonstrado uma grande vitalidade nas duas últimas décadas, nessa área de atuação.

Contudo, a Dialetoologia no Brasil, apesar das dificuldades pelas quais sempre passou, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado, da falta de interesse das instituições e da conseqüente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos.

O trilhar desse caminho só tem sido possível, graças ao esforço de um grupo de abnegados pesquisadores que fizeram da dialetologia e especialmente da geolingüística o objetivo maior de seus estudos.

A quase inexistência dos cursos de Dialetologia nas universidades, especialmente as nordestinas, se constitui, talvez, no maior dos problemas para o desenvolvimento dos estudos dialetológicos. Tal fato forma um verdadeiro círculo vicioso. Não temos a disciplina porque não há especialistas. Consequentemente, não formamos especialistas, e assim sucessivamente. São raros, mesmo ainda hoje, os professores, em nossas Universidades, que se interessam pela Dialetologia no Brasil.

A esse respeito, concordamos com Cardoso (Cardosos 1998, p. 6) quando afirma na introdução do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil:

O quadro histórico-social do Brasil, hoje, e a necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira, necessário sobretudo à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural do país, estão a exigir, sem mais demora, um esforço coletivo na tentativa de concretizar estudos mais amplos que levem a esse conhecimento global. Essa pode e deve ser tarefa da Dialectologia brasileira nesse final de milênio, a se concretizar com a realização do atlas linguístico geral do Brasil.⁴

Nessa mesma linha de pensamento dizem Scarton e Marquardt (1981, p. 6):

4 CARDOSO, S. A.M. **Atlas linguístico do Brasil**. Projeto. Salvador: UFBA, 1998, p. 6.

As múltiplas variações observadas no sistema linguístico ocasionadas por fatores vários dão uma ideia multicolorida da língua, realçando seu caráter maleável, diversificado. Tal imagem corresponde a uma realidade evidente e desconhecê-la ou não levá-la em consideração o suficiente, significa ter uma concepção mutilada da língua”⁵

3.2 Os Estudos Geolinguísticos

No que diz respeito aos estudos puramente geolinguísticos, o Brasil e o Nordeste também evoluíram consideravelmente, embora não tanto quanto se desejasse. Aqui consideraríamos não apenas os estudos sobre falares regionais, mas sua colocação em cartas, ou mapas linguísticos, onde a dimensão geográfica fica muito mais evidente, sem, contudo, perder de vista os laços dialetais e sociolinguísticos. A distinção aqui feita dos estudos dialetais e geolinguísticos justifica-se por concordarmos com Coseriu quando define a geolinguística em relação à dialetologia. Diz ele: “Geografia linguística designa exclusivamente um método dialectológico e comparativo... e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais)”.⁶

3.3 Os Estudos do Léxico

No caso específico do léxico, numa visão dialetal, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda a visão de mundo, a

5 SCARTON, G.; MARQUARDT, L. L. O princípio da variação e suas implicações numa política para o idioma. *Boletim do Gabinete Português de Leitura*. Porto Alegre: (24): 21-31, jun/1981.

6 COSERIU, E. A geografia linguística. In: **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/USP, 1982, p. 79.

ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

Segundo Barbosa (1993, p. 1): [...] “o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”.⁷

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

Para Biderman: “O universo semântico se estrutura em dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico”. (BIDERMAN 1978, p. 139).⁸

O léxico, enquanto descrição de uma cultura está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas também, as lutas e tendências dessa sociedade. Graças aos projetos de pesquisa desenvolvidos nas Universidades, especialmente nos cursos de pós-graduação, os aspectos léxicos, numa perspectiva dialetal do português do Brasil vêm sendo analisados, utilizando-se, para isto, diferentes correntes e modernas teorias linguísticas.

Elaborar dicionários, glossários ou vocabulários regionais/populares não é tarefa das mais simples uma vez que o próprio sentido do que é regional e do que é popular é motivo de controvérsias entre os especialistas da área.

7 BARBOSA, M. A. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. **Anais**. Assis; UNESP, 1993.

8 BIDERMAN, M. T. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

4. Panorama dos Estudos Lexicais no Nordeste

Os estudos lexicais no Nordeste têm sido feitos em termos de livros, capítulos de livros, teses, dissertações, monografias, artigos publicados no país e no exterior e apresentações em congressos nacionais e estrangeiros.

4.1 Temas Lexicais Estudados

Os temas desses trabalhos estão relacionados aos seguintes assuntos: Léxico e Ensino da Língua Portuguesa, Variantes Lexicais de Falares de Estados ou Regiões Desses Estados, Léxico e Cultura Regionais, Léxico de Contos Populares, Léxico de Literatura de Cordel, Léxico e Folclore, Brasileirismos e Regionalismo, Regionalismo e Arcaísmo no Nordeste; Léxico da Medicina e Veterinária, Léxico da Alimentação, Léxico do Açúcar, Léxico da Carnaúba, Léxico do Caju, Léxico do Sal, Léxico do Babaçu, Léxico da Mandioca, Léxico da Moda, Léxico do Bumba-Meu Boi, Léxico da Rede de Dormir, Léxico da Pesca, Léxico do Samba, Léxico das Plantas Medicinais, Vocabulário Afro-religioso, O Léxico da Festa do Divino.

4.2. Glossários, Vocabulários e Dicionários de Obras de Autores Nordestinos

Outra fonte de estudos lexicais no Nordeste são os Glossários e Dicionários de Lexias e Fraseologias nas obras de autores Nordestinos. Dentre eles podemos destacar: Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Patativa do Assaré, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Euclides da Cunha,

Jessier Quirino, Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Domingos Vieira Filho, Oliveira Paiva, Florival Serraine, Gilmar de Carvalho, Luiz Gonzaga e um Glossário da Linguagem Científica de Augusto dos Anjos.

4.3. Atlas Linguísticos do Nordeste

No que diz respeito à publicação, elaboração e planejamento de Atlas Linguístico de falares da Região Nordestina, podemos listar um grande avanço nesse sentido nos últimos 40 anos.

ESTADOS	ATLAS PUBLICADOS	ATLAS CONCLUÍDOS	ATLAS EM ANDAMENTO	ATLAS PROJETADOS
BAHIA	01	01		
SERGIPE	02			
ALAGOAS			01	
PERNAMBUCO	01	01		
PARAÍBA	01			
RIO G. DO NORTE		02	01	
CEARÁ	01	02	02	
MARANHÃO			01	
PIAUI				01
TOTAIS	06	06	05	01

4.4 Trabalhos de Léxico Regional Desenvolvidos a Partir do Atlas Linguístico do Brasil

Com a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, muitos trabalhos foram e estão sendo desenvolvidos a partir de suas Cartas Léxicas: assim temos trabalhos, já publicados, dos seguintes itens lexicais das capitais

nordestinas: Estrela Cadente, Arco-íris, Sovina, Bêbado, Corno, Prostituta, Redemoinho, Colibri, Cambalhota, Menstruação, Culinária e Religiões e Crenças.

4.5 Dicionários Regionais Populares do Nordeste

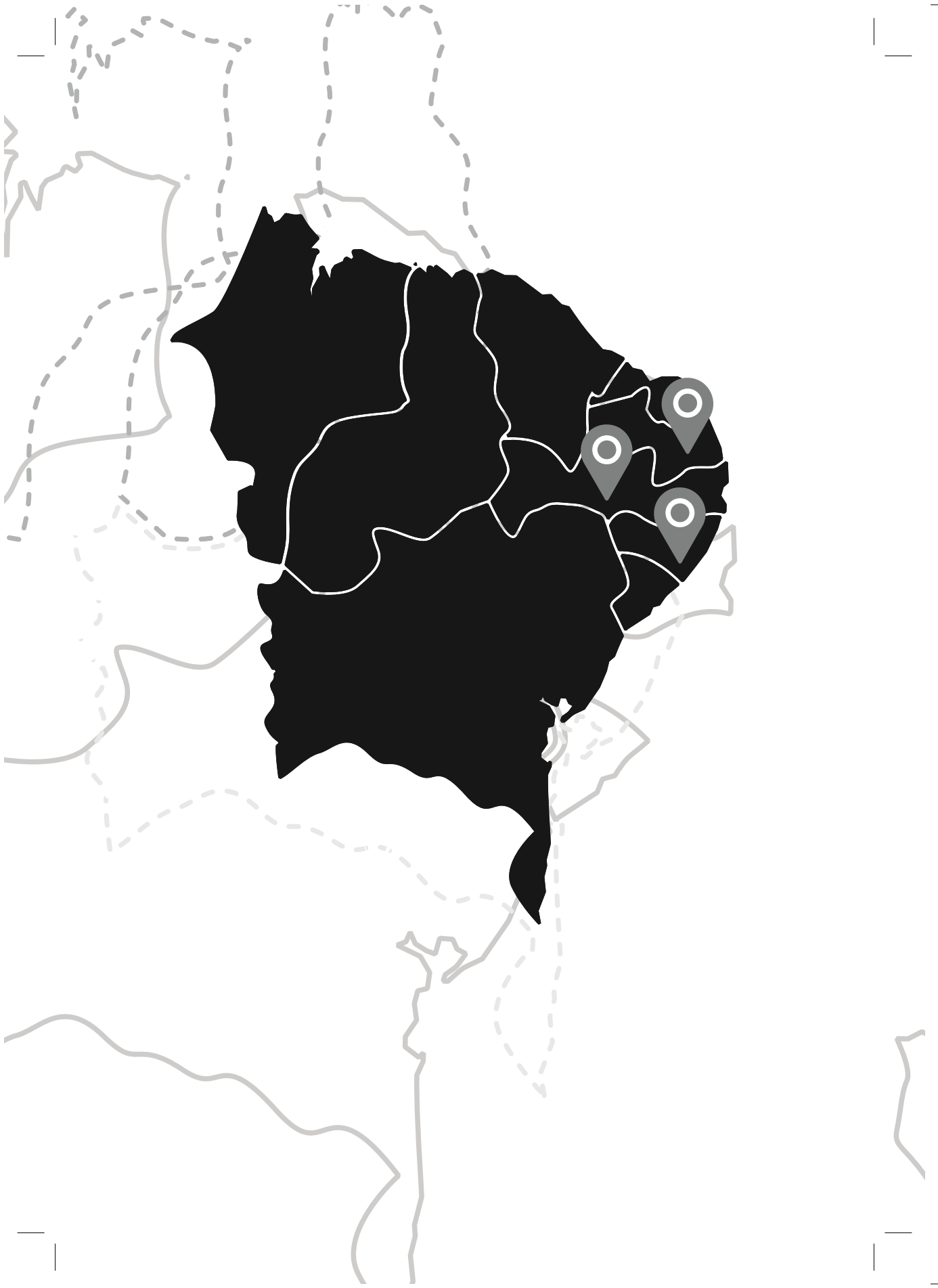
Outra fonte muito importante de estudo do léxico regional do Nordeste é a dos dicionários regionais-populares. Alguns são de autoria de especialistas na área, mas a maioria deles foi feita por pesquisadores não linguistas, porém todos trazem uma grande riqueza de informações sobre nossos falares. Há, ainda, muitos Glossários e Dicionários de falares nordestinos em sites de autores e instituições. Podemos ver os dicionários publicados em relação aos Estados Nordestinos: Bahia (3); Sergipe (0); Alagoas (2); Pernambuco (2); Paraíba (3); Rio Grande do Norte (6); Ceará (9); Maranhão (3); Piauí (1).

5. Considerações finais

Esse texto reúne uma amostra do que se fez no Nordeste nas áreas de Dialectologia, Geolinguística e Sociolinguística Variacionista. Sabe-se que outras referências poderiam ser acrescentadas, mas, se isso não acontece, deve-se à falta de divulgação de resultados obtidos.

O GELNE, com a realização de seus Congressos, permitiu que muito se divulgasse, mas, efetivamente, não contribuiu para um planejamento do que poderia ser feito. Isso se deve, principalmente, ao papel dos Programas de Pós-Graduação com suas linhas de pesquisa, projetos e disciplinas.

A sugestão que se faz ao GELNE, a partir desse trabalho, é que sejam implementadas ações no sentido de se esboçar uma agenda de pesquisa que contemple, de forma sistemática e bem delineada, estudos voltados para muitos aspectos da língua falada no Nordeste que ainda não foram explorados. Antes, porém, que seja feito um levantamento de todos os trabalhos realizados até o momento, contemplando as áreas de Dialetologia, Geolinguística e Sociolinguística Variacionista. Esse trabalho poderá ser realizado em parceria com os Programas de Pós-Graduação que desenvolvem tais estudos.



ANÁLISE DO DISCURSO NO NORDESTE: FILIAÇÕES TEÓRICAS E INSTITUCIONAIS

Evandra Grigoletto (UFPE)

Fabiele Stockmans De Nardi (UFPE)

Helson Flávio da Silva Sobrinho (UFAL)

Pedro Farias Francelino (UFPB)

1. Considerações Iniciais

Para falar da Análise do Discurso na região do Nordeste brasileiro, é preciso iniciar assumindo uma posição plural: análise(s) de/do discurso(s). Com efeito, reconhecer essa marca de heterogeneidade pode levar ao risco de velar as singularidades, mas, ao mesmo tempo, pode tornar visíveis as diferenças e as aproximações em torno do objeto discurso, com suas teorias e métodos que contemplan a exterioridade como constitutiva de todo dizer.

Além desse cuidado com a heterogeneidade das perspectivas teóricas, com essas primeiras palavras, outra preocupação nos afeta, pois estamos também nos inscrevendo nas modalidades do discurso científico e, com isso, assumimos outros riscos, como, por exemplo, deslizar nos meandros dos sentidos institucionais e suas relações de poder, ou mesmo, sem querer, assumir discursos positivistas que ainda dominam o nosso fazer ciência nas universidades e instituições de pesquisa. Mas, produziremos resistências!

Assim, a proposta deste texto que, a partir do batimento entre descrição e interpretação, pretende discorrer sobre a Análise do Discurso na região do Nordeste brasileiro, tomará como princípio o reconhecimento de nossa heterogeneidade constitutiva (sabendo que é um efeito das práticas científicas, políticas e institucionais e não pura “escolha” dos pesquisadores), pensando amplamente o discurso e nossas condições de produção¹. Como pontuamos, o nome “Análise do Discurso” recobre hoje, nos estudos da Linguística Brasileira - e não é diferente aqui no Nordeste -, uma gama bem diversificada de perspectivas teóricas, oriundas de diferentes pensadores. Neste texto, mesmo correndo o risco de sermos reducionistas, vamos centrar nosso olhar sobretudo em três perspectivas teóricas: a Análise do Discurso Francesa², em suas diferentes perspectivas, mas sobretudo aquela que tem como fundador Michel Pêcheux, e é considerada a primeira corrente que surgiu, nos estudos linguísticos, com o nome de Análise do Discurso (AD); a chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD), que toma Mikhail Bakhtin, Valentin Volochínov e Pável Medviédev como seus principais teóricos; e a Análise do Discurso Crítica

1 Especificamente, estaremos aqui tomando a noção de condições de produção, a partir da teorização de Michel Pêcheux, fundador da Análise do Discurso, na França, no final da década de 1960. Para este autor, as formações imaginárias fazem parte das condições de produção do discurso. Ou seja, partindo da noção de discurso como “efeito de sentido entre os pontos A e B”, Pêcheux afirma que “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX [1969], 1997, p. 82). Além do modo como esses lugares sociais estão representados nos processos discursivos, também fazem parte das condições de produção o referente, o contexto e a situação. Trata-se, portanto, de considerar as condições de produção em sentido amplo, que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2001).

2 Não desconsideramos, ao recorrer aqui à designação Análise do Discurso Francesa, as críticas a essa forma de nomear um conjunto de empreendimentos teóricos que podem ser muito diversos entre si. Fazemos isso, no entanto, como forma de reunir diferentes tradições de pesquisa que têm em comum a nacionalidade daqueles que se consideram seus fundadores. Dentro do que aqui designamos como Análise do Discurso francesa, podemos mencionar a linha de Michel Pêcheux, que é seu fundador; os trabalhos de vertente foucaultiana, e, mais recentemente, Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau. Trata-se, no entanto, conforme nosso entendimento, de perspectivas teóricas bem diversas.

(ADC), corrente que trabalha sobretudo com as ideias de Norman Fairclough e Van Dijk. Isso, no entanto, não significa que outros autores, a exemplo de Foucault, Charaudeau e Maingueneau, não sejam citados.

A Análise do Discurso de vertente pecheuxiana foi introduzida no Brasil, pela professora Eni Orlandi, no início da década de 1980. Foi o Programa de Linguística da Unicamp que formou os primeiros doutores na área, que hoje têm representantes nas mais diferentes instituições de ensino do Brasil, e já conta com uma forte tradição aqui no Nordeste. Em nosso país, nas palavras de Orlandi (2005, p. 81), “a Análise do Discurso institucionaliza-se amplamente [...] e, com sua produção e alcance teórico, configura-se como uma disciplina de solo fértil, com muitas consequências tanto para a teoria como para a prática do saber linguístico”, uma vez que, ao estabelecer o discurso como objeto, essa teoria exige tensionar a relação da língua com sua exterioridade constitutiva, estabelecendo um novo campo de questões que fazem ver o atravessamento do político nos movimentos da língua(gem).

A Análise/Teoria Dialógica do Discurso, ou apenas Análise Dialógica do Discurso, como acabou ficando mais conhecida atualmente no Brasil, foi um termo cunhado pela pesquisadora Beth Brait (USP/PUC), em textos publicados em 2006 e 2012, para referir-se a uma perspectiva, ao mesmo tempo teórica e analítica, de investigação acerca das relações intrínsecas entre língua/linguagens, história e sujeitos. Diz respeito ao modo específico de como se deu a recepção e circulação de uma série de ideias e conceitos constantes dos escritos filosóficos, linguísticos e literários de Bakhtin e o Círculo em nosso contexto, no período que se estende da década de 1970 até os dias de hoje. A designação, porém, não é consensual, de modo que os estudiosos dos escritos de Bakhtin e o Círculo dividem-se entre designações como “teoria da enunciação”, “teoria dialógica da linguagem”, “estudos bakhtinianos”,

para citar algumas mais conhecidas. Vale ressaltar, por fim, que a ADD já possui uma expressiva e produtiva presença na seara dos estudos discursivos empreendidos na linguística brasileira³.

Em relação à Análise Crítica do Discurso, ela chega ao Brasil através da professora Maria Izabel Santos Magalhães, da Universidade de Brasília (UNB), que coordenou a tradução para o português da obra *Discourse and social change*, de Norman Fairclough. Fairclough é professor emérito na Universidade Lancaster, no Reino Unido, e um dos fundadores da Análise de Discurso Crítica (ADC), um ramo da análise do discurso que estuda a influência das relações de poder no conteúdo e na estrutura dos textos. No prefácio dessa obra, que tem como título, na edição brasileira, *Discurso e mudança social*, Magalhães (2001) relata que conheceu Fairclough em 1975, na Universidade Lancaster, onde ela fez mestrado (1975-1976) e doutorado (1981-1985), e que, em 1988, Fairclough veio ao Brasil, a seu convite, para ministrar o curso *Linguagem, poder e ideologia*, na UNB. A partir dessa primeira visita do pesquisador ao Brasil, foi desenvolvido um convênio entre a UNB e a Universidade de Lancaster, que resultou na tradução da mencionada obra. A teoria foi, assim, introduzida na linguística brasileira, tendo, ainda hoje, a UNB como um dos seus principais centros de pesquisa. Foi também Izabel Magalhães quem promoveu a inserção dessa perspectiva teórica na região Nordeste, no período em que atuou como professora visitante da Universidade Federal do Ceará (UFC), entre 1987 e 1988. A atuação da pesquisadora na UFC contribuiu para a divulgação e consolidação dos trabalhos em ADC na região, linha teórica que, como veremos adiante, foi também inserida na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entre as perspectivas dos estudos discursivos.

3 Vários pesquisadores no Brasil, há algumas décadas, sobretudo no âmbito da linguística e da literatura, já têm se valido do pensamento desses autores em suas reflexões sobre a linguagem, mas não precisamente com a preocupação de uma 'disciplina' efetivamente estabelecida.

Assim, para falar da inserção dos estudos discursivos no Nordeste brasileiro, iniciaremos pelas filiações institucionais, construindo um mapa das inscrições nas teorias e análises de/do discursos; em seguida, apresentaremos uma pequena amostra das teses defendidas, nos últimos 20 anos, nos Programas de Pós-Graduação da UFPE, UFAL e UFPB. Por fim, faremos uma síntese com questionamentos e proposições de uma agenda que nos diz respeito e nos chama à responsabilidade diante do fazer ciência e fazer política no trato com esse objeto complexo que é o discurso, no qual se articulam língua, sujeito e história.

2. Um passeio pelas universidades e suas análises de discursos

Convidamos o(a) leitor(a) a vislumbrar as diferentes perspectivas das análises de/do discurso que são praticadas nos nove estados do Nordeste. Como forma de organizar, metodologicamente, essa apresentação, ordenamos os estados por ordem alfabética. Começamos, portanto, por Alagoas.

► Alagoas

Em Alagoas, destacamos o Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), criado em 1989. Na UFAL, a Análise do Discurso na perspectiva de Michel Pêcheux é a que se faz presente e atuante na área de Linguística, na Linha de pesquisa intitulada *Discurso: Sujeito, História e Ideologia*. Os professores, em sua maioria, foram formados na própria UFAL com intercâmbio com a Unicamp. A presença dos estudos pecheuxtianos se deve à presença de Eni Orlandi em cursos e palestras, quando da fundação do Programa de Pós-graduação, bem como de contribuições do professor Ingo Voese e da professora Mônica Zoppi Fontana. Na UFAL, as profes-

soras Belmira Magalhães, Maria Vírginia Borges Amaral e Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante introduziram, no final dos anos 1990, essa linha de pesquisa na Pós-graduação e, com seus estudos, pesquisas, orientações e publicações, consolidaram a AD nessa Universidade. Vale ressaltar que, devido à formação acadêmica dessas professoras-pesquisadoras (nas áreas de Ciências Sociais, Serviço Social e Letras, respectivamente), o diálogo com a AD foi mais fecundo pelo viés da teoria marxiana, o que revela um gesto de interpretação e perspectiva política que marca a singularidade da produção desse grupo. Atualmente, também atuam nessa Linha de pesquisa os professores Helson Flávio da Silva Sobrinho e Sóstenes Ericson Vicente da Silva⁴, ambos doutores pela UFAL. O conjunto dos pesquisadores se organiza em dois grupos de pesquisa: Grupo de Estudos em Discurso e Ontologia Marxiana (GEDOM), e Grupo de Estudos em Análise do Discurso (GrAD). A perspectiva da AD na UFAL tem sua especificidade, pois trabalha fortemente com Michel Pêcheux e aprofunda estudos sobre o materialismo histórico e dialético a partir de Marx e Engels e também da perspectiva ontológica de Lukács e Mészáros; assim, tais autores são constantemente citados nas teses e dissertações produzidas nessa Universidade. Nessa perspectiva, a Linha de pesquisa tem por objetivo formar pesquisadores qualificados que possam analisar os discursos que são formulados e circulam na sociedade capitalista em suas diversas modalidades e facetas, a saber: trabalho, política, direito, mídia, educação, gerações, gêneros, e também, tem abarcado estudos de caráter teórico-político com reflexões e discussões científico-filosóficas.

► Bahia

Na Bahia, podemos destacar a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), a Universidade

4 As respectivas teses desses pesquisadores constam no anexo 1 deste texto, com indicação do título e orientação.

Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), nas quais se destaca a relação com a perspectiva pecheuxtiana e foucaultiana⁵.

Na UFBA, no Programa Língua e Cultura, há a área Linguagem e Interação, que contempla a linha de pesquisa *Linguagem, Cognição e Discurso*, na qual encontramos estudos sobre discurso e texto, sobretudo nas perspectivas da Análise do Discurso Francesa e da Análise Crítica do Discurso. Atuam nesse Programa as professoras Daniele de Oliveira, Iracema Luiza de Souza, Lícia Heine e Simone Bueno.

Na UNEB, o Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) possui a linha de pesquisa *Linguagem, Discurso e Sociedade*, que contempla “projetos na área de estudos retóricos e processos argumentativos”, bem como na perspectiva da Análise do Discurso. Ligados a essa linha, encontramos também dois grupos de pesquisa: o Núcleo de Estudos da Análise do Discurso (NEAD), que tem como líder o professor João Antônio de Santana Neto, e o Grupo de Estudos Interdisciplinares em Línguas, Linguagem e Culturas (GELLC), do qual participam os docentes André Luiz Gáspari Madureira e Rosa Helena Blanco Machado, essa última doutora pela UFAL na área de AD.

Na UEFS, encontramos o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), criado em 2010, em nível de mestrado, no qual o discurso está contemplado na linha de pesquisa intitulada *Práticas textuais e discursivas*. Atuam, nessa linha, com Análise do Discurso foucaultiana, os professores Nilton Milanez e Carla Luzia Carneiro Borges e, com Análise do Discurso pecheuxtiana, a professora Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez. Vinculados a esses pesquisadores, encontramos, respectivamente, os seguin-

5 Agradecemos ao prof. Dr. Rogério Modesto, que nos ajudou a coletar essas informações sobre o estado da Bahia.

tes grupos de pesquisa: Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (Labeledisco), Grupo de Pesquisa em Linguagem, Sociedade e Produção de Discursos (LINSPI), Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso (GEPEAD).

Na UESB, temos três Programas de Pós-graduação que trabalham com discurso. A saber: 1. Programa de Pós-graduação em Memória, linguagem e sociedade (PPGMLS), criado em 2007; 2. Programa de Pós-graduação em Letras: cultura, educação e linguagens, aprovado pela CAPES em 2009; 3. Programa de Pós-graduação em Linguística, que teve o início de suas atividades em 2011. No primeiro, o PPGMLS, há uma linha de pesquisa intitulada *Memória, Discursos e Narrativas*, que faz relação com os estudos discursivos, trabalhando memória, mídia e sociedade. Autores como Foucault, Pêcheux e Maingueneau são mobilizados nos trabalhos realizados nesse programa. Dentre os pesquisadores de Análise do Discurso, destacamos a professora Maria da Conceição Fonseca-Silva e Edvania Gomes da Silva. Já, no segundo, há uma disciplina intitulada "Discurso e ensino", e a linha de pesquisa *Linguagens e práticas sociais*. Os autores trabalhados são: Bronckart, Fairclough, Foucault, Maingueneau, Possenti, Voloshinov. O terceiro e mais recente programa da UESB conta com uma linha de pesquisa intitulada *Texto, significado e discurso*, na qual os estudos discursivos estão inseridos, a partir da atuação das professoras Maria da Conceição Fonseca-Silva e Edvania Gomes da Silva e, mais recentemente, a professora Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes, formada em AD pela UFPE.

Na UESC, temos, no Programa de Pós-Graduação em Letras - linguagens e representações - a linha de pesquisa *Língua/ Linguagens em Pesquisa Interdisciplinar*. Nela, os estudos sobre o discurso estão representados pelo trabalho desenvolvido pelos professores Eduardo Lopes Pires, Isabel Cristina Michelan de Azevedo e Maurício Beck. Estão vinculados ao Programa e contam

com a participação dos professores mencionados o Programa de Divulgação de Estudos sobre Discurso e Argumentação (ProEDA), o Grupo de Pesquisa Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso (ELAD) e a Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (EID&A).

► **Ceará**

Na UFC (Universidade Federal do Ceará), o Programa de Pós-graduação em Linguística, fundado em 1993, é composto pela linha de pesquisa *Práticas discursivas e estratégias de textualização*, cujo foco de questões é perpassado pelos estudos com enfoques “enunciativo, organizacional e sociointeracional, tratando, particularmente, da argumentatividade, dos processos de referenciação, das tipologias textuais e das práticas discursivas de feição institucional”. Seus professores trabalham com semiótica greimasiana, linguística textual e análise do discurso, com enfoque em Dominique Maingueneau, Mikhail Bakhtin e Norman Fairclough. As ofertas de disciplinas estão voltadas para Análise do Discurso e estratégias de textualização. Entre os pesquisadores que atuam nessa linha de pesquisa, na área de discurso, destacamos os professores Júlio César Rosa de Araújo, Maria Izabel Santos Magalhães, Sandra Maia Farias Vasconcelos, Maria Margarete Fernandes de Sousa (doutora em ADC pela UFPE) e Nelson Barros da Costa. Vinculados a essa linha de pesquisa e a esses docentes estão os grupos de pesquisa: Discurso, Cotidiano e Práticas Culturais (DISCUTA), liderado pelo professor Nelson Barros da Costa; o Grupo de Estudos de Discurso, Identidade e Prática Social (GEDIP), coordenado pela professora Maria Izabel Magalhães; o Grupo de Pesquisa em Linguística e Discurso Autobiográfico (GELDA), liderado pela professora Sandra Vasconcelos; o grupo de pesquisa Gêneros: estudos teóricos e metodológicos (GETEME), coordenado pela professora Maria Margarete Fernandes de Sousa, e o HIPERG, cujo foco são as pesquisas que se dedicam a relação

entre linguagem e tecnologia, liderado pelo professor Júlio César Rosa de Araújo.

Ainda, na UEC (Universidade Estadual do Ceará), temos, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, a linha de pesquisa *Estudos críticos da linguagem*, na qual são desenvolvidos trabalhos na perspectiva da Análise de Discurso Crítica. Encontramos, ligado a essa linha, o grupo de pesquisa em Análise de Discurso Crítica: representações, ideologias e letramentos, liderado pelo professor Lucineudo Machado Irineu.

► Maranhão

No Maranhão, temos um mestrado em Letras na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), aprovado em 2013, com uma linha de pesquisa intitulada *Discurso, literatura e memória*, na qual são desenvolvidos estudos na área dos estudos bakhtinianos e pecheuxianos. Tais informações foram obtidas a partir do edital de seleção do programa, já que não conseguimos acesso a outras informações⁶. Há também um mestrado em Teoria Literária, aprovado em 2015, na UEMA, cuja linha de pesquisa *Literatura, memória e cultura* abriga trabalhos na área de Análise do Discurso literário. A professora Fabíola de Jesus Soares Santana, doutora em ACD pela UFPE, é a responsável no programa por essa área.

► Paraíba

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), encontramos, atualmente, dois Programas de Pós-graduação na área de Letras - o PPGL e o PROLING - sendo este último criado em 2005, como desmembramento do primeiro. O PROLING passou a funcionar efetivamente em 2006, e conta sobretudo com docentes que eram

⁶ Agradecemos à prof^a Dr^a Maria Aldenora de Araújo Cabral, que nos ajudou a coletar essas informações sobre o estado do Maranhão, uma vez que não há páginas na internet dos referidos programas. Não conseguimos localizar informações sobre os Grupos de Pesquisa de discurso nesse estado para apresentar no presente texto.

vinculados à área de concentração *Linguística e Língua Portuguesa* do PPGL.

Após o desmembramento, o PPGL passa a se caracterizar como um programa de Letras, com duas áreas de concentração em Literatura, quais sejam: Literatura, teoria e crítica; Literatura, cultura e tradução. Nessa última área de concentração, há uma linha de pesquisa intitulada *Estudos Semióticos*. Antes de caracterizarmos o PROLING, é importante mencionar a atuação expoente no PPGL, na área da Análise do Discurso, sobretudo foucaultiano, da professora Ivone Tavares de Lucena, hoje aposentada, que coordenou, durante décadas, o Círculo de Estudos em Análise do Discurso da Paraíba (CEAD-PB), grupo que nasceu a partir do diálogo com o grupo de estudos de Análise do Discurso (GEADA), coordenado pela professora Maria do Rosário Gregolin, da UNESP.

No PROLING, na área de concentração “Linguística e práticas sociais”, temos a linha de pesquisa intitulada *Discurso e sociedade*, na qual encontramos trabalhos com as seguintes perspectivas discursivas: Análise do Discurso Foucaultiana, Análise Dialógica do Discurso e Semiótica Discursiva. Atuam nessa linha os seguintes docentes: Amanda Braga, Maria Ester Vieira de Sousa, Maria de Fátima Almeida, Maria Regina Baracuhy Leite, Oriana de Nadai Fulaneti e Pedro Farias Francelino. Cabe citar ainda os Grupos de pesquisa Linguagem, Interação e Enunciação (GPLEI), liderado pelos professores Pedro Farias Francelino e Maria de Fátima Almeida; o Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADi), sob a coordenação da professora Maria Regina Baracuhy Leite; Leitura e escrita: práticas e representações, liderado pela professora Maria Ester Vieira de Souza; e Observatório do Discurso, coordenado pela professora Amanda Braga.

Em Campina Grande, na UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), temos o programa de Pós-Graduação Linguagem

e Ensino (PosLE), no qual a inserção da Análise do Discurso se dá na linha de pesquisa *Práticas sociais, históricas e culturais de linguagem*. Trata-se de uma linha mista do ponto de vista teórico, já que, além dos estudos do discurso, apoia-se também nos estudos da tradução e da cultura. Os professores Marco Antônio Costa e Washington Farias são os responsáveis pela discussão que se empreende na linha sobre as relações entre linguagem e discurso. Encontramos, vinculado a essa linha de pesquisa, o Laboratório de Estudos de Letras e Linguagens na Contemporaneidade, liderado pelo professor Marco Antônio Costa.

► Pernambuco

Em Pernambuco, contamos com o programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE), um dos primeiros do Norte e Nordeste do País, fundado em 1976, e com o programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), criado em 2002. Em ambos os programas, há linhas de pesquisa com inserção dos estudos discursivos. O PPGL é um programa com tradição nos estudos do texto e do discurso, no qual atuou um dos mais expoentes linguistas brasileiros, Luiz Antônio Marcuschi, falecido em 2016. Marcuschi introduziu no programa a área de Linguística Textual, contribuindo sobretudo para a pesquisa em torno dos gêneros textuais, mas também inaugurou e orientou as primeiras teses de doutorado no programa em Análise do Discurso Crítica. O PPGL tem ainda uma tradição nos estudos bakhtinianos, com o trabalho desenvolvido pelas professoras Dóris de Arruda Carneiro da Cunha e Maria Cristina Hennes Sampaio e, mais recentemente, pela professora Siane Góis Cavalcanti Rodrigues. É preciso destacar, ainda, o trabalho realizado no PPGL pela professora Maria Virgínia Leal, que tem orientado pesquisas na área do discurso, com ênfase nas discussões vinculadas aos autores Charaudeau e Maingueneau. A professora Maria Virgínia Leal tam-

bém orientou trabalhos na área da Análise do Discurso Crítica. Na perspectiva de Charaudeau e Maingueneau, podemos mencionar também a professora Nelly Carvalho, conforme nos mostra, mais à frente, o levantamento feito das teses defendidas no PPGL nos últimos vinte anos. Por fim, cabe mencionar que também ocupa espaço de relevância no Programa a Análise do Discurso Crítica, vertente teórica representada pelos trabalhos desenvolvidos pelas professoras Judith Chambliss Hoffnagel e Karina Falcone.

Atualmente, o programa conta com uma linha de pesquisa intitulada *Análises do Discurso*, que contempla diferentes perspectivas teóricas: Análise Dialógica, Análise Crítica e Análise do Discurso de linha francesa. A perspectiva da Análise do Discurso pecheuxtiana é inserida no PPGL com a chegada, em 2009, das professoras Evandra Grigoletto e Fabiele Stockmans De Nardi. Essas pesquisadoras lideram o Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV), grupo de pesquisa, de caráter multidisciplinar, que congrega pesquisadores de AD de diferentes IES brasileiras, entre elas a UFAL. Também, desde 2015, organizam, na UFPE, o Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), evento nacional que reúne os principais pesquisadores da AD pecheuxtiana no Brasil. Essas e outras ações estão consolidando, a cada dia, essa perspectiva teórica no âmbito do PPGL-UFPE.

A professora Dóris da Cunha atua, hoje, no programa de Pós-Graduação da UNICAP, levando para lá também a tradição dos estudos bakhtinianos. O programa de Ciência da Linguagem da UNICAP possui duas linhas de pesquisa: *Aquisição e desenvolvimento da linguagem em suas diversas manifestações* e *Processos de organização linguística e identidade social*. Em ambas as linhas, há a disciplina “Elementos de Análise do Discurso”, sendo que, para a segunda, há também a previsão de oferta da disciplina “Tópicos avançados de estudos em Análise do Discurso”. Atuando

com Análise do Discurso pecheuxtiana, temos, no programa da UNICAP, a professora Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo.

► Piauí

No Piauí, visitamos a Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde encontramos o Programa de Pós-graduação em Letras (PGEL)⁷. Nesse programa, a linha de pesquisa *Texto, discurso e gêneros como práticas sociais*, inclui trabalhos com discurso, texto e gêneros. A linha oferece as disciplinas “Análise de Discurso” e “Tópicos em Análise de Discurso”, cujos autores mais trabalhados são Amossy, Bakhtin, Brandão, Charaudeau, Pêcheux, Maingueneau e Orlandi. Trabalhando nas diferentes teorias - da Análise do Discurso francesa, da corrente anglo-saxônica e da corrente americana - os professores atuam com estudos de análise do discurso juntamente com a retórica. Existe o Núcleo de Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD), integrado pelos pesquisadores João Benvindo de Moura, Maraisa Lopes e José Ribamar Lopes Batista Júnior.

► Rio Grande do Norte

Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), encontramos o Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), com três áreas do conhecimento: Literatura Comparada, Linguística Aplicada e Linguística Teórica e Descritiva. É nessas duas últimas áreas que vamos encontrar estudiosos que tematizam o discurso, em duas linhas de pesquisa: *Estudos de práticas discursivas* e *Discurso, cognição e interação*. Atuam, nessas linhas, com ADD, as professoras Maria Bernardete Fernandes de Oliveira, Maria Penha Casado Alves de Oliveira e Maria das Graças Soares Rodrigues (doutora pela UFPE). Entre os grupos de pesquisa, destacamos o “Práticas discursivas na contempora-

7 Agradecemos à prof^a Dr^a Maraisa Lopes, que nos ajudou a coletar essas informações sobre o estado do Piauí.

neidade”, liderado pela professora Maria Penha, e “Análise textual do discurso”, liderado pela professora Maria das Graças. Ainda, na UFRN, é preciso citar o Grupo de Pesquisa “Práticas linguísticas diferenciadas”, com atividades no Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), no qual há linhas de pesquisa envolvidas com a investigação em Análise do Discurso.

Na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, há o Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UERN, com a linha de pesquisa *Discurso, memória e identidade*, que se filia à área de concentração “Estudos do discurso e do texto”, e trabalha com autores como Michel Pêcheux, Michel Foucault e Dominique Maingueneau. Os professores Maria Eliza Freitas do Nascimento, Francisco Paulo da Silva, Francisco Vieira da Silva e Ivaldo Oliveira dos Santos conduzem as disciplinas “Discurso e argumentação”, “Discurso, história e memória” e “Discursos midiáticos”. Há, ainda, na UERN/CAMEAM, o Grupo de Estudos do Discurso da UERN, o GRED, que tem sido responsável pela organização de importantes eventos, tais como, diferentes edições do Colóquio Nacional em Análise do Discurso (CNAD). No campus central, o Grupo de Estudos do Discurso - GEDUERN, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL e a Faculdade de Letras e Artes (FALA), é responsável, por exemplo, pela realização do Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso (CONLID)⁸.

► Sergipe

Nas pesquisas estabelecidas no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a Análise do Discurso aparece na linha *Linguagem: identida-*

⁸ Agradecemos ao professor Antonio Genário Pinheiro dos Santos, professor da UFRN, que nos forneceu informações fundamentais, bem como nos auxiliou na escrita desse histórico do trabalho com a Análise do Discurso no Estado do Rio Grande do Norte.

de e práticas sociais, com destaque para a perspectiva de Michel Pêcheux e Michel Foucault e a Análise Crítica do Discurso. Atuam nessa linha de pesquisa os professores Isabel Cristina Michelin de Azevedo, Fábio Tfouni, Maria Leônia Garcia Costa Carvalho (doutora pela UFAL), Cleide Emília Faye Pedrosa, Maria Emília de Rodat Aguiar Barreto Barros e Wilton James Bernardo dos Santos. Vinculado a essa linha de pesquisa, encontramos o grupo de pesquisa Linguagem, Enunciação e Discurso para o ensino da língua portuguesa (LED). Destacamos, ainda, que o professor Fábio Tfouni também participa, como pesquisador, do NEPLEV, da UFPE, liderado pelas professoras Evandra Grigoletto e Fabiele Stockmans De Nardi.

A partir desse passeio pelas diferentes universidades dos nove Estados que compõem a região Nordeste, pudemos fazer um mapeamento, ainda que lacunar, dos principais pesquisadores na área do discurso nessa região, bem como das perspectivas teóricas e autores mobilizados. A partir da observação das linhas de pesquisa e dos grupos de pesquisas a elas ligados, constata-se que os estudos discursivos se fazem presentes nos nove Estados da região Nordeste do Brasil; em alguns estados, em diálogo com a área de Literatura, como é o caso do Maranhão e do PPGL da UFPB, na Paraíba. No Piauí, por exemplo, os estudos discursivos aparecem ainda de forma tímida, assim como no Maranhão. Por sua vez, os programas de maior tradição em estudos discursivos são o da UFPE, UFAL e UFPB, ainda que em perspectivas teóricas variadas. Também chama a atenção a inserção do discurso nas Universidades Estaduais do interior da Bahia, e do interior do Rio Grande do Norte. Podemos, ainda, dizer que os programas da UFPE, da UFAL e da UFPB trouxeram uma grande contribuição na formação de um quadro de pesquisadores, na área do discurso, que atuam em diferentes IEs brasileiras, sobretudo na própria região Nordeste e no Norte do Brasil.

3. Principais vertentes teórico-analíticas e temáticas de estudos da AD no Nordeste

O mapeamento da forma de inserção da AD em diferentes Programas de Pós-Graduação do Nordeste já nos apontou as principais vertentes teóricas dos estudos discursivos no Nordeste, quais sejam: Análise do Discurso francesa, em suas diferentes vertentes ligadas à Michel Pêcheux, Michel Foucault, Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau; Análise Dialógica do Discurso e Análise Crítica do Discurso. Mas entendemos que, para além desse mapeamento, seria fundamental, neste trabalho, trazer uma amostragem das teses defendidas na área do discurso nos últimos 20 anos, o que nos possibilitaria uma análise das principais temáticas estudadas, bem como dos profissionais formados nessa área e que atuam, hoje, em diferentes instituições do país. Na impossibilidade de trazer os dados de todos os Programas de Pós-graduação do Nordeste, fazemos aqui um recorte, que considera as teses defendidas nos últimos 20 anos nos Programas de Letras da UFPE, UFAL e UFPB (Anexo 1)⁹, os primeiros a formar pesquisadores que, no Nordeste, trabalham no campo do discurso.

Metodologicamente, para fazer esse mapeamento, fizemos a pesquisa, considerando o recorte temporal (1998 a 2018), no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, fazendo a busca, primeiro, pelos Programas mapeados e, em seguida, pelos orientadores. Com base nos dados levantados, observamos os títulos das teses e também os respectivos resumos, a fim de identificar

⁹ Para o levantamento dos dados, utilizamos o Banco de Teses da Capes. A busca foi feita por orientador, a partir da observação dos professores que, nos Programas mencionados, vinculam-se às diferentes Análises do Discurso. A partir do levantamento por orientador, foram filtrados os trabalhos a partir da abordagem teórica escolhida.

a perspectiva teórica principal adotada, os autores e temas abordados. Por fim, para identificar o vínculo institucional, fomos ao *lattes* de cada doutor formado por esses programas.

O levantamento que fizemos nos mostra que, nesses últimos 20 anos, foram formados por essas instituições um total de 130 doutores, cujas teses estão vinculadas às diferentes vertentes dos estudos do discurso já aqui mencionadas. Muitos desses pesquisadores são, hoje, professores de Universidades do Nordeste e atuam em seus Programas de Pós-Graduação.

Entre os doutores formados pela UFPE, cerca de 32 atuam em Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, especialmente na região Nordeste do país. Entre os analistas de discurso egressos da UFPE, cerca de 05 atuam em cursos de Mestrado Profissional, com ênfase para os ProfLetras da UFPE, UFRPE e UPE. Pelo menos 08 desses doutores estão vinculados a Programa de Pós-graduação no estado do Nordeste e integram Grupos de Pesquisa, como o Círculo de discussões em Análise do Discurso (CIDADI) e o Grupo de pesquisas em Linguagem, Enunciação e Interação (GPLEI), da UFPB; o Letramento e práticas discursivas (LePraDis) da UPE; o Grupo de pesquisa em Análise do Discurso, da UESB; o Práticas discursivas, linguagem e ensino (PRADILE), da UERN; o Núcleo de pesquisa em discurso e ensino (NUPEDE), da Universidade Federal Rural de Pernambuco, unidade de Garanhuns (UFRPE-UAG), entre outros.

Dos doutores formados pela UFAL, 24 atuam em IES públicas e privadas, tanto no estado de Alagoas, como em outros estados da região Nordeste, como o Piauí, Sergipe e a Bahia. Desses professores, pelo menos 6 atuam também em Programas de Pós-Graduação e integram grupos de pesquisa como o Grupo de Estudos em Discurso e Ontologia Marxiana (GEDOM); o Grupo

de Estudo em Análise do Discurso (GrAD);o Políticas públicas: história e discurso, entre outros.

A UFPB, no período de 2004 a 2018, formou 59 doutores. A maciça maioria dos egressos tem sua inserção profissional no próprio Estado da Paraíba, seja nas suas próprias universidades públicas (UFPB e UEPB e seus *campi* espalhados pelo estado) e privadas, seja no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e seus *campi* ou, ainda, na rede pública estadual e municipal de ensino desse estado. Entretanto, também há procura por pessoas de estados vizinhos ou até mesmo de outras unidades da federação em busca de uma formação de excelência. Salientamos, ainda, que muitos desses doutores já eram professores de universidades públicas quando do ingresso no curso e, nesse sentido, esses PPG's em Letras e Linguística cumprem seu papel de relevância social e acadêmica ao promoverem a formação de profissionais capacitados aptos a atuarem no ensino, na pesquisa e na extensão. Por fim, é preciso ainda destacar que grande parte desses egressos já atua em PPG's de suas instituições, liderando grupos de pesquisa, estabelecendo parcerias acadêmicas com outras instituições e desenvolvendo outras ações pertinentes a sua atuação laboral.

Diante desses dados é preciso destacar que vários doutores formados tanto pela UFAL como pela UFPE e UFPB estão, hoje, atuando na educação básica em escolas públicas e privadas da região Nordeste. Também é importante ressaltar que encontramos muitos profissionais formados por essas instituições vinculados a diferentes Institutos Federais de Ensino, Ciência e Tecnologia do Nordeste, onde, além de atuarem na educação básica, trabalham como formadores também em cursos de nível superior.

Ao olharmos para esse mapeamento, podemos notar, ainda que, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, temos certo equilíbrio entre diferentes correntes da Análise do Discurso no que se refere à fundamentação teórica das teses defendidas. Do total de trabalhos, 22 dividem-se entre as vertentes da Análise Dialógica do Discurso e da Análise Crítica do Discurso, as primeiras a serem introduzidas no Programa; 08 teses estão fundamentadas predominantemente nos trabalhos de Maingueneau e Charaudeau; 04 em Análise do Discurso Pecheuxtiana e 05 trabalhos propõem um diálogo entre diferentes autores, como Bakhtin, Pêcheux e Foucault, entre outros.

Já, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAL, temos uma predominância de trabalhos que se orientam pela perspectiva Pecheuxtiana, vertente teórica que aparece como predominante na fundamentação teórica da quase totalidade dos trabalhos defendidos no programa, onde se articulam diálogos com outros autores de perspectiva materialista dialética, especialmente com Marx, Engels, Lukács, Mészáros, Althusser e Bakhtin/Volóchinov.

O Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB, por sua vez, em sua Linha de Pesquisa *Discurso e Sociedade*, abriga investigações que se desenvolvem a partir de três perspectivas teórico-metodológicas predominantes: Análise do Discurso (pecheuxtiana e foucaultiana); a Análise Dialógica do Discurso, depreendida dos escritos de Bakhtin Volóchinov e Medviédev; e a Semiótica Discursiva, de inspiração greimasiana. Há, contudo, em muitos dos trabalhos defendidos, um diálogo com autores provenientes tanto do campo dos estudos enunciativo-discursivos, como Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine, Authier-Revuz, Émile Benveniste, Dominique Maingueneau, Norman Fairclough etc., como de outros domínios teóricos das Ciências Humanas,

tais como Stuart Hall, Zygmund Bauman, Michel de Certeau, Roger Chartier, entre outros.

Avançando em nossa reflexão, é preciso destacar que a diversidade de temas abordados também mostra o alcance das reflexões no campo do discurso e a importante contribuição que vem sendo dada por esses estudos para o alargamento da compreensão do que seja o trabalho com a língua no espaço da produção científica e da reflexão sócio-política-cultural.

Entre as teses defendidas na UFPE, 11 trabalham, pelo viés do discurso, questões relacionadas à educação. Seja ao pensar o discurso como objeto de ensino, seja ao tematizar os discursos sobre o ensino, o professor e as línguas, estes trabalhos mobilizam o aparato teórico das diferentes análises do discurso para olhar para a educação, para os sujeitos que dela fazem parte e para a prática pedagógica e seus objetos. Também merece destaque a contribuição dada pelo conjunto de teses do PPGL para a reflexão sobre o discurso da/na mídia, ora analisando o funcionamento mesmo dos espaços midiáticos e de seus meios de (des)regulação, ora observando como os discursos midiáticos produzem saberes-dizeres sobre o imaginário em torno de diferentes questões pulsantes na vida social, desde a determinação do que chamamos de masculinidade ou o feminino, até as formas de dizer a loucura, a política, as práticas sociais. Pode-se mencionar, ainda, a partir desse levantamento, o trabalho que tem sido feito, pelos analistas do discurso, sobre o espaço virtual. Questões como a ciberviolência, a divulgação científica e a autoria na internet têm sido tematizadas nas teses, trazendo importantes reflexões sobre o modo de os sujeitos se situar e produzir discursos nesse espaço.

Algumas teses defendidas no Programa da UFPE foram publicadas, em formato de livro, por editoras nacionais, a exem-

plo dos trabalhos de Virgínia Colares, Siane Góis, Karina Falcone e Herimatéia Pontes; e muitos são os artigos e capítulos de livros resultantes dos trabalhos defendidos no PPGL-UFPE. Nos últimos anos, duas teses defendidas no Programa foram premiadas no Concurso de Dissertações e Teses da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED). Em 2017, a tese de Rafaela Queiroz Ferreira Cordeiro, orientada pela professora Dóris de Arruda Carneiro da Cunha, ficou em segundo lugar na primeira fase do concurso que se deu no âmbito do Brasil. Em 2015, a tese de Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes, orientada pela professora Evandra Grigoletto, foi classificada em primeiro lugar na fase brasileira do concurso, tendo sido contemplada com a segunda colocação na etapa latino-americana.

Também nos trabalhos defendidos na UFAL, as questões relativas à educação ganham destaque. Do total de teses, 11 tematizam as políticas educacionais, o ensino e a docência, bem como os discursos sobre essas esferas, colocando em causa tanto o atravessamento ideológico presente em práticas na sala de aula, quanto a força de diferentes discursos (como o da “competência”) sobre o fazer educativo e a relação dos professores com seus objetos de ensino e com o seu próprio reconhecimento como trabalhadores da educação.

Olhar para os discursos e sua força sobre os sujeitos e sua forma de estar-pertencer ao espaço social é um movimento recorrente, também, nas teses da UFAL observadas em nosso levantamento. A força do discurso do mercado capitalista é colocada em causa para se pensar questões como o discurso do/ sobre o trabalho, a educação, a qualidade, o sucesso, a velhice, a morte, a política, a agricultura, a justiça, a relação público e privado, a mídia, as relações de gênero e, sobretudo, as lutas de classes. Os trabalhos seguem analisando as relações de poder que perpassam os fazeres da imprensa e da publicidade, da música

e da literatura, os jogos com a palavra na produção de sentidos em pesquisas que tratam o sujeito do discurso na relação língua e história, ideologia e inconsciente na sociedade capitalista. Vale ressaltar ainda que, das 37 teses defendidas na UFAL, 19 já foram publicadas por editoras universitárias, como exemplo, podemos citar os trabalhos de M^a Virgínia Amaral, M^a do Socorro Cavalcante, Helson F. da Silva Sobrinho, Sóstenes Ericson, Lídia Ramires e Mércia Pimentel, fazendo, com isso, circular o conhecimento produzido sobre o discurso enquanto práxis social.

As teses defendidas na UFPB, em linhas gerais, abordam temáticas muito relacionadas tanto à perspectiva teórico-metodológica seguida pelo(a)s pesquisadores e pesquisadoras como aos objetos de estudo a que estes se dedicam em suas linhas de investigação. Nesse sentido, os trabalhos produzidos sob a vertente da Análise de Discurso Foucaultiana têm priorizado o discurso midiático e, particularmente, problematizado a temática da discursivização do corpo a partir de conceitos foucaultianos predominantemente oriundos daquilo que se tem chamado de fase genealógica (genealogia da ética, por exemplo), tais como biopoder, biopolítica, governamentalidade, dentre outros. Com isso, uma variedade de pesquisas sobre o corpo negro, o corpo gordo, o corpo deficiente, o corpo tatuado etc. tem sido recorrente nos estudos que adotam esse enfoque.

Em relação às pesquisas em Análise Dialógica do Discurso, ainda na UFPB, verificamos uma tendência à investigação de uma variedade de temas e de discursos, embora seja perceptível uma predominância de estudos de enunciados vinculados às seguintes esferas discursivas: pedagógica, científica, literária, religiosa e jurídica. Dessa forma, a partir de um conjunto muito diversificado de dados, os trabalhos produzidos nessa perspectiva teórica têm promovido uma reflexão acerca de diferentes gêneros discursivos que circulam socialmente, com mobilização dos

principais conceitos que alicerçam essa abordagem, tais como relações dialógicas, gênero discursivo, polifonia, heterodiscursividade, discurso de outrem, carnavalização, cronotopo, dentre outros que constituem essa arquitetura.

Outra perspectiva de trabalho presente em algumas teses da UFPB é a que promove o diálogo entre vertentes teóricas diversas. Nesse caso, verificamos a presença de teses cuja proposta é a reflexão acerca de determinado objeto de estudo a partir da relação entre a Análise Dialógica do Discurso e a História Cultural, principalmente com Michel de Certeau e Roger Chartier. Em sua maior parte, essas teses têm discutido temas relacionados a discursos sobre a leitura e a escrita como práticas sociais e históricas.

De modo geral, ao olhar para as teses produzidas nessas três universidades (UFAL, UFPE e UFPB), podemos, ainda, traçar um esboço acerca das noções teóricas que têm sido trabalhadas, produzindo avanços não apenas para a discussão dos temas já mencionados, mas também para a teoria e sua prática científica e política. Em muitos trabalhos podem ser observadas contribuições significativas, do ponto de vista teórico, para a renovação das noções-chave das diferentes análises de/do discurso, bem como para o desdobramento e atualização de conceitos já consolidados nesses quadros teóricos.

4. Debate e agenda político-científica para os estudos discursivos no Nordeste

A partir desse levantamento que fizemos - tanto da inserção das diferentes vertentes da Análises do Discurso nos Programas de Pós-graduação acadêmicos dos nove Estados que compõem a região Nordeste do país, quanto da amostragem da produção

na área temática dos estudos discursivos, dentro da grande área da Linguística, através do mapeamento das teses defendidas nos últimos 20 anos nos Programas de Pós-graduação em Letras da UFPE, da UFAL e da UFPB, podemos apontar alguns avanços, mas sobretudo os desafios que a área da Análise do Discurso no Nordeste nos impõem para os próximos anos, chamando-nos, enquanto pesquisadores da área, para a responsabilidade de fazer ciência, mas também fazer política no trato com esse objeto complexo que é o discurso, no qual se articulam língua, sujeito e história.

Considerando o intervalo de tempo (1998-2018), bem como os produtos (teses de três importantes programas de Pós-Graduação em Letras) que recortamos para a amostragem da produção científica da área na região Nordeste, passamos a elencar o que entendemos que sejam os principais avanços e desafios que nos competem nessa agenda político-científica, enquanto analistas de discurso.

Falemos primeiro dos avanços. Mesmo considerando só as teses defendidas nos últimos vinte anos nos programas de Pós-graduação da UFPE, da UFAL e da UFPB, já podemos vislumbrar a potência dos estudos discursivos, cujas linhas de pesquisa sempre têm uma demanda significativa de candidatos nas seleções de mestrado e doutorado. A análise que fizemos das principais temáticas e noções mobilizadas nessas teses nos aponta para a produtividade do campo, bem como para a heterogeneidade de materialidades que podem ser mobilizadas pelo viés dos estudos discursivos, indo de epítáfios e obituários ao discurso literário, passando pelas inúmeras materialidades que dizem respeito tanto ao campo do ensino quanto da mídia. Certamente, um passeio pelas dissertações e teses defendidas nesse período em outros programas da região Nordeste, confirmaria esses dois aspectos. Ademais, cabe destacar a contribuição dos programas

da UFPE, da UFAL e da UFPB para formação de um quadro de pesquisadores que atuam em muitas outras instituições públicas, mas também privadas, da região Nordeste, inclusive com inserção em outros programas de Pós-Graduação, em diferentes Estados da região, e nos próprios programas em que mapeamos as teses, já que há, nesses três programas, doutores formados pelos programas da IES onde atuam.

No tocante aos desafios, o primeiro que esse mapeamento nos mostra é uma maior inserção da área no GELNE¹⁰, considerando a complexidade e amplitude dos estudos discursivos que pudemos vislumbrar nos diferentes Programas de Pós-Graduação da região. A partir de uma amostragem que fizemos dos artigos publicados na Revista do GELNE¹¹, é possível afirmar que, se comparada à potência da área nos programas de Pós-Graduação, a inserção do discurso ainda é tímida.

Outro desafio que entendemos ser necessário enfrentar é um maior diálogo entre os diferentes programas de Pós-Graduação da região, de modo a unificar uma agenda político-científica dos estudos discursivos a ser enfrentada nos próximos 10 anos, como a organização de eventos em conjunto, de publicações, de projetos de pesquisa, etc.

Por fim, e não menos importante que os outros desafios, entendemos que, enquanto analistas de discursos, precisamos trabalhar produzindo sempre resistências, analisando as contradições que são inerentes à nossa formação social, já que o

10 Nesse sentido, gostaríamos de registrar nosso agradecimento à atual direção do GELNE que, colocando-nos diante do desafio de produzir esse texto, já sinaliza uma abertura para essa maior inserção dos estudos discursivos no grupo. A própria iniciativa desse grupo de professores da UFRPE de organizar essa obra de referência já é um primeiro caminho para esse desafio que nos foi colocado com a escrita desse texto.

11 O levantamento dos artigos publicados na Revista do Gelne não pôde ser incluído neste texto por questões de espaço e também pela definição da linha editorial da obra.

nosso fazer científico não está apartado do político-ideológico. A *prática científica* está determinada pela *prática política*, ensinamos Pêcheux (1975), ao afirmar que “a história da produção dos conhecimentos não está *acima* ou *separada* da história da luta de classes, como o ‘bom lado’ da história se oporia ‘ao mau lado’; essa história está inscrita, com sua especificidade, na história da luta de classes.” (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 190, grifos do autor). Por isso, afirmamos que se trata de uma agenda político-científica. Então, abracemos essa agenda, acatando as lições de Pêcheux sobre a luta de classes, mas também sobre a resistência: é preciso “ousar se revoltar” e “ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX [1984], 2013, p. 22).

ANEXO 1

Teses defendidas nos Programas de Pós-graduação em
Letras da UFPE, UFAL e UFPB

Teses defendidas na UFPE - (PPGL)

Autor	Título	Ano obtenção	Orientador(a)	Vertente teórica	Vínculo Institucional atual
ARAÚJO, Karla Daniele de Souza.	A atividade de orientação acadêmica: espaço para o encontro, a mudança e a abertura do ser	2018	Maria Cristina Hennes Sampaio	ADD	Professora do IFPE
SANTOS, Elaine Pereira dos.	O gênero comentário online: Um enfoque axiológico-dialógico do estilo	2018	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	ADD	Professora da UFMA
VIEIRA, Rita Alves.	Leitura, ensino de leitura e construção do Ethos: análise do discurso do professor de língua portuguesa	2018	Maria Virgínia Leal	Maingueneau	Professora da UEPI
SILVA, Heber de Oliveira Costa e.	A tradução na perspectiva dialógica: a re-enunciação da teoria de Austin em português	2018	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	ADD	Atua na área de redação, revisão e tradução profissional

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

PEREIRA, Sonia Virgínia Martins	O objeto discurso no ensino de Língua Portuguesa: noções teóricas e suas reconfigurações na constituição de um objeto ensinável	2017	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	ADD	Professora da UFRPE
MELO, Lilian Noemia Torres de.	Relação entre contexto e compreensão textual em livros didáticos de Língua Portuguesa	2017	Karina de Azevedo Falcone	ACD	Professora da UFRPE
CORDEIRO, Rafaela Queiroz Ferreira.	Nominações, vozes e pontos de vista sobre a loucura na e pela mídia: da reforma psiquiátrica ao boom das doenças mentais	2017	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	ADD	
ARAUJO, Maria Aldenora Cabral de.	Inscrever-se(rs) entre línguas: o estranho e o familiar em produções escritas por aprendizes de Inglês/ LE. Transferências, historicidades e equívocos	2016	Evandra Grigoletto	AD pecheuxtiana	Professora da rede pública de ensino do Maranhão
COSTA, Ivandilson.	Análise do discurso da mídia: a reestruturação promocional do texto jornalístico	2016	Maria Virgínia Leal	ACD	Professor da UERN, atua no PROFLETRAS da mesma instituição
JAEGER, Dirce.	Discurso de valorização do professor: efeitos da interpelação no âmbito da formação discursiva do Aparelho Ideológico Escolar	2016	Evandra Grigoletto	AD pecheuxtiana	Professora da UPE/ Garanhuns, onde atua no PROFLETRAS
PAULINO, Suzana Ferreira.	Análise crítica do discurso econômico-moral de publicidades bancárias	2015	Maria Virgínia Leal	ACD	Professora de faculdades privadas do Recife

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

CORTES, Gerenice Ribeiro de Oliveira.	Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do su- jeito no discurso em blogs de divulgação científica	2015	Evandra Grigoletto	AD Pecheuxtiana	Professora da UESB, atua no Programa de Pós- Graduação em memória, linguagem e sociedade
PIRES, Carolina Leal de Lacerda.	Fronteiras do (não)- plágio publicitário: um estudo discursivo de casos julgados no/ pelo CONAR	2015	Evandra Grigoletto	AD Pecheuxtiana	Professora de faculdades privadas do Recife
SILVA, Morgana Soares da.	Ciberviolência, ethos e gêneros de discursivo em comunidades virtuais: o professor como alvo	2014	Maria Virgínia Leal	ADF: Charadeau; Maingueneau	Professora da UFRPE, onde atua no PROFLETRAS
COUTINHO, Adriana Nadja Lelis.	A construção da militância editorial: disputas por hege- monia em discursos de editoriais da mídia impressa nas eleições presidenciais de 2010	2013	Maria Virgínia Leal	ADF: Charadeau; Maingueneau	Professora do IFPI
SILVA, Irenilda Francisca de Oliveira e.	O lugar discursivo do discente em produ- ções textuais acadê- micas: uma questão de autoria?	2013	Maria Virgínia Leal	ADF: -Charadeau; Maingueneau	Atua na rede pública de ensino de Pernambuco, e em faculda- des privadas do Recife.
GOMES, Jaciera Josefa.	Tudo junto e mistura- do: violência, sexua- lidade e muito mais nos significados do funk pernambucano "É nós do Recife para o mundo".	2013	Maria Virgínia Leal	ACD	Professora da UPE/ Garanhuns, onde atua no PROFLETRAS

ROSA, Aliete Gomes Carneiro.	Aula virtual escrita (e lida) de educação a distância: a constituição de um gênero.	2013	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	ADD	Professora da UFRPE
ALVES, Shirlei Marly.	A ativid@de de tutores na educação a distância: uma análise baktiniana do prescrito e do vivido nos ambientes virtuais de aprendizagem	2013	Cristina Hennes	ADD	Professora da UESPI
FILHO, Ismar Inácio dos Santos.	A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística Queer	2012	Judith Chambliss Hoffnagel	Linguística Queer; Linguística Aplicada; Foucault.	Professor da UFAL
NOVA, Júlio César Fernandes Vila.	O frevo no discurso literomusical brasileiro: Ethos discursivo e posicionamento	2012	Nelly de Medeiros Carvalho	ADF: Charaudeau; Maingueneau	Professor da UFRPE
SANTANA, Fabíola de Jesus Soares.	A retórica fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memórias virtuais	2011	Judith Chambliss Hoffnagel	ACD, Gêneros Textuais	Professora da UEMA, onde atua no Mestrado em Letras
LEITÃO, André Alexandre Padilha.	Formas e funções da autoria na internet: uma prática discursiva	2011	Maria Virgínia Leal	Maingueneau; Foucault; Bakhtin	Professor do IFPE e colaborador do PROFLETRAS, da UPE de Garanhuns
PONTES, Heri Ramos de Oliveira.	Discurso, corrupção e a construção de identidades sociais na política brasileira: um estudo de caso	2010	Judith Chambliss Hoffnagel	ACD	Professora da UFPE, onde atua no PROFLETRAS
VALE, Alfredina Rosa Oliveira do.	Na construção do sujeito mulher a piada é coisa séria	2010	Maria Virgínia Leal	Maingueneau	Professora da UEPB

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

OLIVEIRA, Francisco Nilton Gomes de.	Da fragmentação ao resgate da linguagem: um estudo de caso das práticas discursi- vas no afásico	2010	Judith Chambliss Hoffnagel	Bakhtin; Pêcheux; Fairclough; Maingueneau	Professor de Terapia Ocupacional na UFSM
RAMOS, Fátima Maria Elias.	Abordagem dialógica do discurso de profes- soras da educação de jovens e adultos	2009	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	ADD	Professora da UFCG
DIAS, Terezinha de Jesus de Oliveira.	A construção do masculino em dis- cursos midiáticos: as identidades no espaço discursivo das revistas masculinas	2009	Maria Virgínia Leal	Maingueneau	Professora da rede pública de Pernambuco e de faculda- des privadas.
FILHO, Ivo de Andrade Lima.	Produção discursiva nas psicoses	2009	Maria Virgínia Leal	Bakhtin; Foucault; Lacan	Professor da UFPE
RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti.	Questões de dialo- gismo: o discurso científico, o eu e os outros.	2008	Gilda Maria Lins de Araújo	ADD	Professora da UFPE, atua no PPGL.
AZEVEDO, Karina Falcone de.	(Des)legitimação: ações discursivo-cog- nitivas para o proces- so de categorização social.	2008	Judith Chambliss Hoffnagel	ACD	Professora da UFPE, atua no PPGL.
ARGERICH, Miguel Espar.	Dialogismo em discurs- os do Partidos dos Trabalhadores (PT)	2007	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	ADD	Professor aposentado da UFPE.
LEOTTI, Maria José.	A imagem da mu- lher ou a mulher da imagem: um estudo discursivo sobre o imaginário feminino na publicidade	2007	Maria Virgínia Leal	Bakhtin; Charaudeau; Maingueneau; Pêcheux	Professora na UCB

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

FRANCELINO, Pedro Farias.	A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa	2007	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	ADD	Professor da UFPB, atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling)
ALFARO, Alex Antonio Peña.	Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal	2006	Nelly de Medeiros Carvalho	ACD	Professor da UNICAP
RODRIGUES, Maria das Graças Soares.	A organização do relatório de prática de ensino de Língua Portuguesa - um perfil textual do concluinte de Letras	2002	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	Bakhtin, Linguística Textual	Professora da UFRN, atua no Programa de Estudos da Linguagem
RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho.	Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em interações orais dialogadas.	2003	Dóris de Arruda Carneiro da Cunha	Bakhtin, Pêcheux, Linguística Textual, Enunciação	Professora da UFPB, onde atuou no Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling)
GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello.	A divulgação científica em Ciência Hoje: característica discursivo-textuais.	2000	Luiz Antônio Marcuschi	ADD	Professora do curso de Comunicação da UFPE, atua no PPGCom.
ALVES, Virgínia Colares Soares Figueiredo	Inquirição na justiça: estratégias linguístico-discursivas	1999	Luiz Antônio Marcuschi	ACD	Professora do Curso de Direito da UNICAP, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Direito

Teses Defendidas na UFAL - (PPGLL)

Autor	Título	Ano de obtenção	Orientador(a)	Vertente teórica	Vínculo Institucional atual
MACHADO, Fabiano Duarte.	Processos de (re)significação do signo ensino profissional: ecos da escravidão na Educação Profissional Tecnológica no Brasil	2018	Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	AD pecheuxiana	Professor do IFAL
MACEDO, Amanda Cavalcante de.	O discurso sobre o trabalho da enfermeira no Brasil: dizeres, silêncios e efeitos de sentido face à formação social capitalista (1932-1987)	2018	Belmira Magalhães	AD pecheuxiana	Professora da UNCISAL e do Cesmac
AMARAL, Antonio Castro do.	Os (des)caminhos de sentidos do público e privado na lei das parcerias público-privadas	2018	Maria Virginia Borges Amaral	AD pecheuxiana	Professor do Centro Universitário de Maceió (Cesmac)
ARAÚJO, Luciano Luiz.	Da "inocência" à "malícia" no discurso publicitário a serviço do capital	2017	Helson Flávio da Silva Sobrinho	AD pecheuxiana	Técnico em Assuntos educacionais da UFAL
MILITO, Ana Lucia Guerra.	O (des)concerto da ironia: a máscara da democratização brasileira, o poder e o espetáculo político nos artigos opinativos de Roberto Pompeu de Toledo	2017	Helson Flávio da Silva Sobrinho	AD	Professora da UFAL

FIREMAN, Ana Luiza Azevedo.	A ideologia por trás do martelo: uma análise discursiva de decisões judiciais	2017	Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	AD pecheuxiana	Atua em cursos de graduação e pós-graduação de instituições privadas de Alagoas
GERONIMO, Sidiney Menezes.	Discurso, música e ideologia: uma análise discursiva dos efeitos de sentido hedonistas materializados em letras de música carnavalesca baiana.	2016	Helson Flávio da Silva Sobrinho	AD pecheuxiana	
PIMENTA, Rosangela Oliveira Cruz.	Direita, esquerda, volver: protestos de junho de 2013 na mídia brasileira e seus efeitos de sentido no funcionamento discursivo	2016	Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	AD pecheuxiana	Professora da UFAL
PIMENTEL, Mercia Sylvianne Rodrigues.	Morte-mercadoria na sociedade contemporânea: análise dos discursos de negatização e positização da morte do capitalismo	2015	Helson Flávio da Silva Sobrinho	AD pecheuxiana	Professora da UFAL
MANZONI, Ahiranie Sales dos Santos.	Silêncio e sentidos no discurso radiofônico: individualidade, liberdade e música de qualidade	2015	Belmira Rita da Costa Magalhães	AD pecheuxiana	
COSTA, Valmir Nunes.	Embates discursivo-ideológicos em produções textuais escolares: alunos versus discursos institucionais	2014	Helson Flávio da Silva Sobrinho	AD pecheuxiana	Professora da UEPI

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

ROSA, Daniela Botti da.	O rei está nu: o discurso da literatura infantil durante a ditadura militar no Brasil	2014	Maria Virgínia Borges Amaral	AD pecheuxiana	Professora do CESMAC
SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da.	Agronegócio e agricultura familiar: a desfaçatez do Estado e a insustentabilidade do discurso do capital	2014	Maria Virgínia Borges Amaral	AD pecheuxiana	Professor do curso de Enfermagem da UFAL e do PPGLL
SILVA, Denson André Pereira da.	Os sentidos de competência no ideário educacional brasileiro: a hipersubjetivação do indivíduo como forma de submetê-lo aos ordenamentos do capital	2017	Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	AD pecheuxiana	Professor da Educação Básica
CRUZ, Simone Makiyama Ferreira da.	Um olhar discursivo sobre o ensino de Língua Inglesa na rede pública: ensinar “o básico do básico”?	2013	Helson Flávio da Silva Sobrinho	AD pecheuxiana	Professora da UFAL
RAMIRES, Lúcia Maria Marinho da Pureza.	“Eles conseguiram”: os sentidos de “sucesso” no jornalismo de televisão	2012	Maria Virgínia Borges Amaral	AD pecheuxiana	Professora da UFAL
SILVA, Carla Letuza Moreira e.	Criança, infância e trabalho em discurso: os efeitos de igualdade e responsabilidade social entre dizeres e silenciamentos	2012	Maria Virgínia Borges Amaral	AD pecheuxiana	Professora da Educação Básica no Estado do Rio Grande do Sul
FLORÊNCIO, Tatiana Magalhães.	Os sentidos de público na política educacional do Governo Lula: um estudo discursivo	2012	Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	AD pecheuxiana	Professora da Faculdade Seune

VASCONCELOS, Rita Magna de Almeida Reis Lôbo de.	Brasil alfabetizado! A educação mudando o Brasil: uma abordagem discursiva	2012	Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	AD pecheuxiana	Autônoma no Instituto Batista de Educação Superior de Alagoas
LIMA, Nádia Regina Loureiro de Barros.	O silenciamento discursivo de gênero no currículo oculto do ensino da matemática	2011	Maria Virgínia Borges Amaral	AD pecheuxiana	Professora da UFAL
SILVA, Ivete Aparecida da.	A revista Veja e os mecanismos de construção de sentidos	2011	Belmira Rita da Costa Magalhães	AD pecheuxiana	Professora do IFPE-Sertão - Petrolina
VASCONCELOS, Edite Luzia de Almeida.	Aa vozes de Deus e o trabalho de missões: efeitos de sentidos no discurso das missionárias batistas	2010	Maria Virgínia Borges Amaral	AD pecheuxiana	Professora no IFBA
MELO, Kátia Maria Silva de.	A (re)significação da docência: efeitos de sentido do discurso oficial	2010	Maria Virgínia Borges Amaral	AD pecheuxiana	Professora da UFAL
MOREIRA, Luciano Accioly Lemos	A (in)sustentabilidade do discurso do desenvolvimento sustentável	2010	Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	AD pecheuxiana	Professora da UFAL
CARVALHO, Maria Leônia Garcia Costa.	A construção de uma discursividade feminista: a revista Renovação na década de 1930	2009	Belmira Rita da Costa Magalhães	AD pecheuxiana	Professora da UFS, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Letras.
RANGEL, Héder Cleber de Castro.	Nossos comerciais, por favor! Uma análise discursiva sobre a linguagem publicitária	2009	Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante	AD pecheuxiana	Professor da UFAL

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

ARAÚJO, Anne Francialy da Costa.	De sujeito(s) ao diretório: uma contribuição discursiva ao estudo da língua e <u>identidade nacional</u>	2006	Belmira Rita da Costa Magalhães	AD pecheu-xtiana	Professora do IFAL, Campus Maragogi
LAMEIRAS, Maria Stela Torres Barros.	Entre os contos de uma posse e o poder da palavra: "ligações perigosas" entre a mídia, a palavra e o poder <u>político</u>	2006	Maria Virgínia Borges Amaral	AD pecheu-xtiana	Professora da UFAL.
SOBRINHO, Helson Flávio da Silva.	Discurso, velhice e classes sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando filiações de sentidos na processualidade <u>histórica</u>	2006	Belmira Rita da Costa Magalhães	AD pecheu-xtiana	Professor da UFAL, onde atua no PPGLL
GAIA, Rossana Viana.	O discurso na imprensa alagoana nas eleições de 2002: entre o governo e o <u>patrão</u>	2005	Belmira Rita da Costa Magalhães	AD pecheu-xtiana	Professora do IFAL, Campus Maceió.
FLORÊNCIO, Ana Maria Gama.	A voz do poder no jogo dos sentidos: um estudo sobre a <u>escola</u>	2005	Belmira Rita da Costa Magalhães	AD pecheu-xtiana	Professora da UFAL
ALBUQUERQUE, Márcia Rosetti de Oliveira.	A presença de palavras da Língua Inglesa no português do <u>Brasil</u>	2003	Rita Maria Diniz Zozzoli	AD pecheu-xtiana	Professora aposentada da UFAL
CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira.	Ensino de qualidade e cidadania nos parâmetros curriculares nacionais: o simulacro de um discurso modernizador	2002	Rita Maria Diniz Zozzoli	AD pecheu-xtiana	Professora da UFAL, onde atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Letras e Linguística

FRANÇA, José Nascimento de.	A democracia do discurso dos trabalhadores rurais sem-terraelementos linguístico-ideológicos	2000	Maria Francisca de Oliveira Santos	AD	Professor Aposentado da UFAL
MACHADO, Rosa Helena Blanco.	Instituições caras nas vozes e silêncios de meninos e meninas de rua	2009	João Wanderley Geraldi	AD	Professora da UNEB
MAGALHÃES, Belmira Rita da Costa.	A representação metafórica dos caminhos do campeonato na década de 30: os desejos de Sinha Vitória e a construção autoral de Graciliano Ramos em "Vidas secas"	1999	Vicente Ataíde	AD pecheuxiana	Professora da UFAL, onde atua no PPGLL
AMARAL, Maria Virgínia Borges.	A (des)razão do mercado: efeitos de mudança no discurso da qualidade total	1999	Irandé Costa Antunes/ MónicaZoppi-Fontana	AD pecheuxiana	Professora da UFAL, atua nos Programas de Serviço Social e em Letras e Linguística

Teses defendidas na UFPB - (PPGL e Proling)

Autor	Título	Ano de obtenção	Orientador(a)	Vertente teórica	Vínculo institucional atual
XAVIER, Manassés Morais.	Discurso, mídia e ensino: leituras dialógicas do jornalismo político	2018	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professor da UFCG

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

BEZERRA, Symone Nayara Calixto.	Abordagem do gênero discursivo e a formação continuada do professor: peças fundamentais no ensino-aprendizagem da produção do texto na escola	2018	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professora substituta da UEPB
ROSAS, Patrícia Silva.	Análise dialógica de réplicas no gênero comentário on-line: a compreensão responsiva ativa sobre o segundo casamento cristão-católico	2017	Pedro Farias Francelino	ADD	Professora Substituta na UFCG
EDMUNDSON, Maria Verônica Andrade da Silveira.	Relações dialógicas no processo de resignificação do discurso científico em enunciados de notícias da popularização da ciência	2017	Pedro Farias Francelino	ADD	Professora do IFPB – João Pessoa
SILVA, Francisco Vieira da.	A constituição do sujeito celebridade no site EGO: (re) configurações da intimidade em tempo de hiperexposição midiática	2016	Maria Regina Baracuhy Leite	AD foucaultiana	Universidade da UFERSA, Campus de Caraúbas

RAMOS, Rosilândia Flávia Lima.	Educação para a cidadania: o papel de leitura na formação da competência linguístico-discursiva dos educadores do campo	2016	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professora de Língua Portuguesa da rede pública estadual da Paraíba
COSTA, Júlia Cristina de Lima.	Exegese bíblica do Novo Testamento sob o viés da Teoria da Enunciação de Bakhtin e o Círculo: uma proposta de análise discursivo-enunciativa	2016	Pedro Farias Francelino	ADD	Pós-doutorado no Proling/ UFPB
NÓBREGA, Fabiola	A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva: um enfoque enunciativo do verbo intransitivo em reportagens impressas	2015	Pedro Farias Francelino	ADD	Professora de Língua Portuguesa da Faculdade UNINASSAU
VASCONCELO, Gregório Pereira de.	Arquitetônica enunciativa e posicionamento estilístico do professor autor no gênero discursivo da educação a distância: uma perspectiva dialógica	2015	Pedro Farias Francelino	ADD	Revisor na UFPB

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

INÔ, Danielly Vieira.	Biblioteca Pública Municipal de Campina Grande-PB: histórias, leitores e leituras	2015	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professora da UEPB – Campus VI
FRANCA, José Marcos de.	Os (inter)discursos na formação do sujeito-aluno concludente em letras: o sujeito-professor que se pretende formar e o sujeito-professor que se forma na UFS	2015	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professor da URCA
MATIAS, Thiago Trindade.	Cultura escrita e instrução pública primária no Pernambuco Imperial (1837-1889)	2015	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professor da UFAL – Campus do Sertão
GODOI, Edileide de Souza.	Produção de identidade e modos de objetivação/subjetivação do sujeito tatuado na revista Inked	2015	Maria Regina Baracuhy Leite	AD foucaultiana	Professora substituta em IFES na PB e em faculdades privadas
NASCIMENTO, Marcela Regina Vasconcelos da Silva.	A construção do sentido em dissertações argumentativas	2015	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professora da UFPE
FREITAS, Mauriene Silva de.	Constituição da brasilidade linguística em cartas pessoais: a concepção de língua de Mário de Andrade e Manuel Bandeira	2015	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADF, ADD	Professora da UEPB

SILVA, Helcia Macedo de Carvalho Diniz e.	Ética e dialogismo: marcas de hetero- geneidade constitu- tiva no texto “Para uma filosofia do ato responsável”	2015	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD	Professora do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ
GOMES, Emília Maria Ferreira.	A construção do co- nhecimento científico em curso profissio- nalizante: ensinar e aprender a produzir gêneros acadêmicos	2014	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professora da UEPB
SILVA, José Josemir Domingos da.	Do armário ao altar: a constituição do su- jeito homoafetivo nos jogos de verdade do discurso midiático	2014	Maria Regina Baracuhy Leite	AD foucaultiana	Professor da EPB
MONTEIRO, Maria Emmanuele Rodrigues.	Governantabilidade, biopolítica e biopo- der: a produção iden- titária para o ‘corpo velho’ nos discursos da mídia brasileira contemporânea	2014	Maria Regina Baracuhy Leite	AD foucaultiana	Professora de Língua Portuguesa da rede básica de ensino na PB
SANTOS, Eliete Correia dos.	Uma proposta axio- lógica de ensino de gêneros acadêmicos: nas fronteiras do “pu- blique ou pereça!?”	2014	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professora da UEPB
OSIAS, Juliene Paiva de Araújo.	Um estudo discursivo em manchetes necro- lógicas no jornal	2014	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD e outras abordagens	Professora da UFPB – Campus IV

LUCENA, Isabella Cristina Amorim de.	Narrativas Atenção!!! Vende-se saúde: análise em anúncios sobre medicamentos nos jornais paraibanos do século XIX	2013	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD e outras abordagens	Tutora no curso de Letras a distância da Universidade Federal da Paraíba – UFPB Virtual. Secretária executiva na UFPB
CORDEIRO, Danúbia Barros.	Traços de permanência e vestígios de mudança no gênero horóscopo: uma análise imagético-discursiva	2013	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD, ADC	Professora do IFPB
NASCIMENTO, Maria Eliza Freitas do.	A pedagogia do sorriso na ordem do discurso da inclusão da revista Sentidos: poder e subjetivação na genealogia do corpo com deficiência	2013	Maria Regina Baracuhy Leite	AD foucaultiana	Professora da UERN
PEREIRA, Tânia Maria Augusto.	O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático: o corpo em cena nas capas da revista Veja	2013	Maria Regina Baracuhy Leite	AD foucaultiana	Professora da UEPB
SANTOS, Ronilson Ferrerados	O dialogismo na canção do sujeito social Cazuza: no entrecruzamento das vozes, a construção do sentido	2012	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professor da rede pública e privada de ensino de João Pessoa e da UNINASSAU

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

MARQUES, Ivanilda.	No discurso literário: um olhar na sexualidade masculina e feminina	2012	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Informação não localizada
TAVARES, Lúcia Helena Medeiros Cunha.	Mulher, trabalho e família: jogos discursivos e redes de memória na mídia	2012	Maria Regina Baracuhy Leite	AD Foucaultiana	Professora da UERN, atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e no PROFLETRAS
COSTA, Cristiane Marinho da.	Tipologias de interação nos fóruns do ambiente virtual de aprendizagem - Moodle: o discurso dos interlocutores	2011	Maria de Fátima Almeida	ADD	Coordenadora de Tutoria na EaD/UFPB. Professora de seminários teológicos em João Pessoa
CORDEIRO, Jackeline Maria de A. Aragão.	Fóruns educacionais: estratégias de interação em uma disciplina do curso de letras da UFPB Virtual	2011	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professora do IFPB
SILVA, Telma Cristina Gomes da.	A interação nas salas virtuais de Língua Portuguesa	2011	Maria de Fátima Almeida	ADD	Docente na Área da Deficiência Visual ofertado pelo DHP/CE / UFPB.

OLIVEIRA, Mônica Maria Montenegro de.	Tradições discursivas em anúncios de e sobre moda nos jornais paraibanos do século XIX	2011	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD e outras abordagens	Professora do IFPB, onde exerce a função de Assessora de Relações Institucionais e Internacionais
BONIFÁCIO, Carla Alecsandra.	A tradição discursiva e a gramática do design visual no anúncio publicitário	2011	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD, ADC	Professora da UFPB, atua no PROFLETRAS.
SILVA, Cristiano Cezar Gomes da Silva.	Espelhos da história na escritura de Graciliano Ramos: os múltiplos sentidos do discurso na cena político-literária	2011	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professor da UNEAL, atua no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura da UNEAL
GONÇALVES, Iracilda Cavalcante de Freitas.	Na discursivização de nosso lar: as verdades do espiritismo	2011	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora da rede estadual de ensino da Paraíba
CRUZ, Adriano Charles da Silva.	A charge como prática discursiva de resistência e política econômica no Governo Lula	2011	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professor da UFRN. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

AGUIAR, Mirian Ribeiro de.	O discurso do branco e para o branco: uma análise discursiva de rótulos e propagandas	2011	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora daUNEB
ASSIS, Edjane Gomes de.	Veja, Istoé, Época: recontando a história no universo midiático	2010	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora da UFPB
MAIOR, Robéria Cesar Souto.	Tecnologias de Subjetivação na Gestão de Pessoas: relações de poder e produção de verdades	2010	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora daUFPB
CAVALCANTI, Marineuma de Oliveira Costa.	Universidade e escola: dos discursos sobre a teoria e a prática no contexto do Curso de Letras	2010	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professora da UFPB, atua no PROFLETRAS
FARIAS, Washington Silva de.	Sentidos da língua e do sujeito a ensinar-aprender no Brasil: o discurso da coleção Novo Manual de Língua Portuguesa F.T.D (1909-1943)	2010	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professor da UFCG
CARNEIRO, Ana Paula Sarmiento.	Jogos imaginários e movimentos das posições-sujeito: unidade/dispersão no discurso de formação docente	2010	Maria Ester Vieira de Sousa	ADF	Professora da UFCG

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

SILVA, Rivaldete Maria Oliveira da.	O discurso jurídico no caso Margarida Alves: interação e linguagem	2010	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professora o Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ
LEITE, Francisco Freitas.	Contribuições da filosofia bakhtiniana da linguagem ao trabalho com a língua latina: uma aborda- gem dialógica das inscrições em latim dos monumentos do cariri cearense	2010	Maria de Fátima Almeida	ADD	Professor da URCA, atua no Programa de Pós- Graduação em Letras da mesma IES.
CAVALHEIRO, Juciane dos Santos.	A alteridade e seus efeitos na constitui- ção da subjetividade: uma análise enuncia- tiva dos protagonis- tas kafkianos	2009	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD e outras abordagens	Professora daUEA
FERNANDES, José David C.	Processo linguis- tico no cartaz de guerra: Semiótica e Gramática do Design Visual	2009	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	Semiótica, ADC e outras abordagens	Professor da UFPB, atua no Programa de Pós- Graduação em Jornalismo
SALES, Laurênia Souto.	Da(s) história(s) de leitura às práticas de leitores: o discurso de alunos concluintes do Curso de Letras	2009	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professora da UFPB, atua no PROFLETRAS

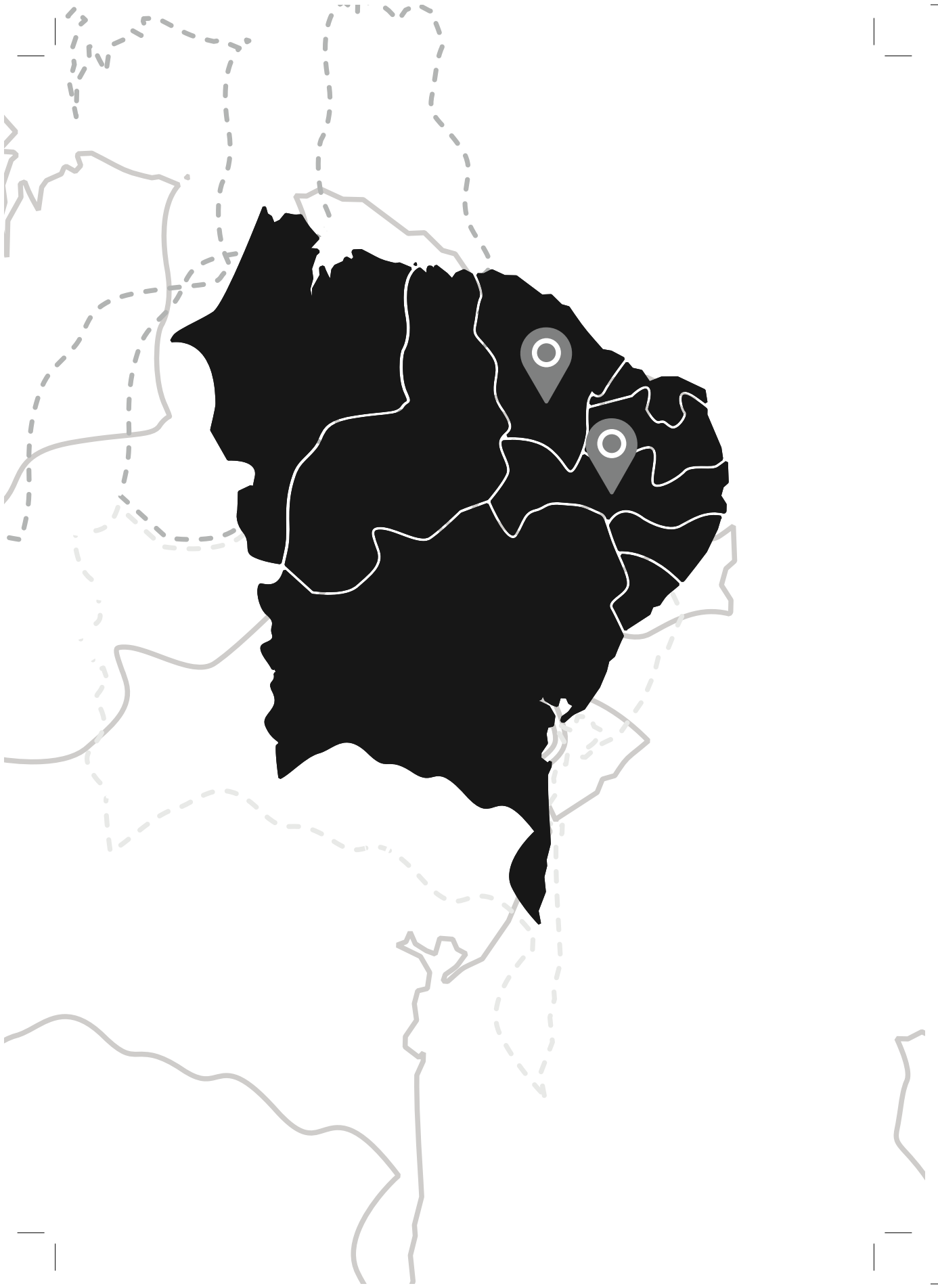
ALBUQUERQUE, Maria das Dores Oliveira de.	As interfaces do dizer: um processo de (re)construção de sentido das paráfrases nas cartas pessoais de José Américo	2008	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD e outras abordagens	Professora aposentada da UFPB
NICOLAU, Roseane Batista Feitosa	Forma e sentido: arquitetônica dos anúncios da imprensa paraibana do século XIX e XX	2008	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD	Professora da UFPB, atua noPRO-FLETRAS e no Programa de Mestrado Profissional em Linguística e Ensino da UFPB
BARBOSA, Rosemary Evaristo.	Da memória social à memória discursiva: marcas identitárias na revista A Turma da Mônica	2008	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora substituta na UEPB
LEANDRO, Maria de Lourdes da Silva.	Discurso e construção da subjetividade: os movimentos discursivos do aluno e do professor	2008	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professora daUEPB – Campus I
SILVA, Moisés de Araújo.	Sob a ótica do Jornal Nacional e Jornal da Record: a engrenagem discursivo do sujeito-jornalista	2007	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professor daUEPB

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de.	A gagueira na perspectiva lingüístico-discursiva: um olhar sobre a terapia	2006	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora da UNICAP, atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem
BARROS, Adriana Sales de.	Modalização autonímica: reflexividade enunciativa e meta enunciativa em charges	2006	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADD e outras abordagens	Professora da Universidade Potiguar
OLIVEIRA, Verônica Maria Kamel de.	Discurso sobre o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa: um estudo a partir de textos produzidos por acadêmicos do Curso de Letras	2006	Maria Ester Vieira de Sousa	ADD e outras abordagens	Professora da UFAC- Universidade Federal do Acre
CASTRO, Onireves Monteiro de.	Uma análise das construções de sentido nas interações assimétricas em sala de aula	2005	Ana Cristina de Sousa Aldrigue	ADF, ADD	Professor da UFCG
LIMA, Marli Morais de.	Discurso da pedagogia da leitura parafrástica: uma estabilização dos sentidos	2005	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora da UFPB

CARTOGRAFIA GELNE: 20 ANOS DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
VOLUME I

OLIVEIRA, Maria Angélica de.	Na imortalidade da Fábula: o mesmo e o outro como “jogos de verdade”	2005	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora da UFCG
MACIEIRA, Maria do Socorro Beltrão.	Na “Ordem dos Discursos”: um sujeito-autor	2004	Ivone Tavares de Lucena	AD Francesa	Professora da UNIR



O CAMINHO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL NO NORDESTE

Mônica Magalhães Cavalcante (UFC)
Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB)
Suzana Leite Cortez (UFPE)

1. Introdução

Este capítulo é um tributo ao precioso legado que Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Grunfeld Villaça Koch deixaram a todos nós, estudiosos da Linguística Textual, que aceitamos a responsabilidade de prosseguir nas pesquisas sobre texto e de intervir no ensino de compreensão e produção textual. A síntese dessa responsabilidade toma corpo neste capítulo por meio da descrição e de uma breve análise que apresentamos do caminho que a Linguística Textual (LT) estabeleceu no Nordeste.

Ainda que a proposta do livro delimite como referência para o trajeto os últimos 20 anos de pesquisa em LT no Nordeste, o nosso trabalho extrapola, em parte, este recorte espaço-temporal, por duas razões. Em primeiro lugar, não se pode esquecer que a contribuição de Ingedore Villaça Koch e Luiz Antônio Marcuschi para a nossa área de estudo iniciou-se já nos anos 1980, e aqui tomamos como marcos inaugurais as publicações: *Linguística de texto: o que é e como se faz?* (Recife, Editora da

UFPE, 1983), de Marcuschi, e o clássico *A Coesão textual* (São Paulo, Ed. Contexto, 1989), de Ingedore Koch.

Nesta fase da LT, Marcuschi ([1983] 2012) lançava as bases para o estabelecimento do estudo da textualidade no Brasil ao tomar como pressuposto que “as regras do texto não são exatamente as mesmas do sistema da língua” (p.36) e que “um texto pode ultrapassar e até mesmo violar regras da gramática da frase” (p.16). Estas publicações tiveram enorme influência para delimitar temas e orientar problemas de pesquisa em LT não apenas no Nordeste, mas em todo o Brasil. Sobre a importância dos estudos referenciais nesta fase, Cavalcante (2015, p.371) comenta:

Ninguém se dedicou tanto aos mecanismos coesivos de referência, e a suas aplicações ao ensino de compreensão e produção textual, quanto Ingedore Koch aqui no Brasil. Argumentando contra a fragilidade da classificação de Halliday e Hasan, assim como o fizeram outros autores, tais como Brown e Yule, que igualmente criticavam a sobreposição dos critérios definidores dos processos de *referência*, *substituição*, *elipse* e *coesão lexical*, a autora agrupou esses quatro tipos coesivos classificados por Halliday e Hasan em um só mecanismo guarda-chuva, a que chamou de “coesão referencial”.

O alcance e a repercussão da obra destes grandes mestres no cenário nacional colocaram em interlocução pesquisadores de diferentes universidades brasileiras, preocupados em investigar as questões da textualidade. Essa é a segunda razão que nos leva a ir um pouco além do Nordeste, quando se trata de abordar o caminho da LT nesta região. Grupos de pesquisa que

representam a LT no Brasil como o NELFE, na UFPE, e o Protexto, na UFC, embora sediados no Nordeste, não se encerram nesta região, porque disseminaram estudos para as demais regiões.

Marcuschi, em Pernambuco, na UFPE, e Ingedore Koch, em São Paulo, na PUC-SP e posteriormente na Unicamp, estabeleceram parceria acadêmica e de amizade, não apenas participando de colóquios, mesas-redondas, bancas de mestrado e doutorado, obras de referência para a linguística brasileira, a exemplo da *Gramática do Português Falado*, mas também partilhando das mesmas preocupações teóricas, como, por exemplo, no estudo da referenciação, dos gêneros, da coerência, do tópico, do hipertexto, da compreensão e da produção de textos no ensino. Esse intercâmbio fez com que a história da LT no Nordeste fosse feita primeiramente em uma espécie de zona de fronteira, orquestrada pelo carisma de Ingedore Koch. No Nordeste, Koch juntamente com Marcuschi fincaram a âncora da LT, marcando sua história. Evidentemente não caminharam sozinhos, pois a eles se juntaram pesquisadores de dentro e de fora do Nordeste, que, ao longo dos anos, contribuíram para consolidar e renovar o caminho da LT na região.

Para apresentar o caminho da LT no Nordeste, este capítulo se desenvolve em quatro seções: 2. Bases do estudo da textualidade no Nordeste, 3. Marco da pesquisa em Linguística Textual no Nordeste, 4. Grupos de pesquisas em Linguística Textual e 5. As pesquisas no Protexto. Para a discussão, usamos uma metodologia descritivo-analítica que nos possibilitou partir do legado da obra de Koch e Marcuschi – sem desconsiderar fontes que, no cenário internacional, lhes serviram de base, tais como Charolles (1978), Beaugrande e Dressler (1981), Berrendoner (1986) e Teun van Dijk – a fim de discutir na segunda seção o estabelecimento do estudo da textualidade no Nordeste. Em seguida, apresentamos um marco importante na LT, o Núcleo de

Estudos Linguísticos da Fala e da Escrita, fundado por Marcuschi no início dos anos 90, que contou com a participação de Koch e de pesquisadores da região. Traçamos nesta parte o perfil das pesquisas do NELFE através das publicações e dos cinco projetos e seus subprojetos que foram desenvolvidos com a presença de Marcuschi, até 2006. A partir da seção quatro, apresentamos grupos de pesquisa em LT no Nordeste com especial atenção, na seção cinco, aos trabalhos de pós-graduação (dissertações e teses) e publicações do grupo Prottexto, de modo a traçar um perfil da evolução teórica do grupo e dos redirecionamentos dados pelos autores, cuja atuação tem sido uma das mais relevantes para a renovação de conceitos e temas de pesquisa no campo da LT.

2. Bases do estudo da textualidade no Nordeste

A corrente teórica da Linguística Textual, embora tenha se iniciado na década de 60, na Europa, sobretudo na Alemanha, só prosperou no Brasil nos anos 1980, sob forte influência dos estudos pragmáticos. Não é à toa que o livro *A linguística do texto – o que é e como se faz*, de Luiz Antônio Marcuschi, inaugurando esses estudos no Brasil, começa por definir o texto como “um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas” (MARCUSCHI, [1983] 2012, p.33). Atente-se para a ênfase dada às expressões “comunicação” e “ações humanas”, e não para uma unidade formal definida por regras preestabelecidas.

A despeito de valorizar aspectos contextuais, as primeiras pesquisas em Linguística Textual nesta época ainda dedicaram muito fôlego a um tratamento estritamente linguístico da coesão, mesmo que considerando os níveis de sentido e as intenções a que se atribuía a reconstrução da coerência do texto. Dava-se um tratamento mais linguístico, voltado para o emprego adequa-

do de elos coesivos, ao mesmo tempo que se consideravam os níveis de sentido microestruturais, de coerências locais, e macroestruturais, de coerência global.

Sob os efeitos produzidos pela obra de Beaugrande e Dressler (1981), linguistas do texto, como Luiz Antonio Marcuschi, Ingedore Koch, Luiz Carlos Travaglia, Leonor Fávero, Maria da Graça Costa Val e Irandé Antunes, apropriaram-se da ideia de que a textualidade seria construída por um conjunto de processos semânticos em que “uma mensagem”, construída a partir de experiências e conhecimentos compartilhados, era comunicada a interlocutores.

Pela motivação para o ensino, as abordagens em Linguística Textual se debruçaram sobre propostas de avaliação da textualidade por meio de padrões necessários para que um texto tivesse eficácia comunicativa. Uma grande influência sobre isso nas pesquisas brasileiras veio de Charolles (1978), que, numa preocupação voltada principalmente para uma escrita adequada, propôs que um texto, para ser coerente, deveria satisfazer a quatro metarregras: a repetição, a progressão, a não-contradição e a relação. Tais metarregras passaram à proposta de Costa Val (1989) para a avaliação da coerência, em redações de vestibular, com o nome de *continuidade, progressão, não contradição e articulação*.

Permanece até hoje, nos estudos da área, a concepção de Charolles de que um texto pode ser incoerente para determinadas situações comunicativas e pode não ser para outras. Assim, o texto pode se tornar parcialmente incoerente se for inadequado na relação entre sua organização semântico-linguística e uma série de fatores de ordem pragmática, considerando-se o papel dos interlocutores no contexto interacional. Por isso, os sentidos

de um texto só podem ser analisados tendo em vista o contexto em que foram produzidos. Conforme explica Sá (2018, p.29-30):

Charolles postulava que todo falante possuiria uma competência textual – à semelhança da competência linguística, que o capacitaria a distinguir um texto bem formado de um amontoado de frases. Essa competência textual básica seria constituída de três tipos de capacidades: a) formativa, em que os usuários da língua são capazes de produzir e compreender um número de textos potencialmente ilimitado, avaliando sua boa ou má formação e sendo capazes de dizer se uma sequência linguística dada é ou não um texto, dentro da língua em uso; b) transformativa, em que os usuários da língua são capazes de modificar de diferentes maneiras (reformular, parafrasear, resumir, etc.) e com diferentes fins um texto, assim como são capazes de julgar se o produto dessas modificações é adequado ao texto sobre o qual a modificação foi feita; e c) qualificativa, em que os usuários da língua são capazes de dizer a que tipo de texto pertence um dado texto, naturalmente segundo uma determinada tipologia. Por exemplo, dizer se é um romance, uma anedota, uma reportagem.

Além de eleger a *textualidade* como objeto fundamental de análise do texto - como uma relação de envolvimento entre o cotexto e os interlocutores em uma situação comunicativa imediata, agenciada por elementos de diferentes níveis textuais -, a Linguística Textual assumiu um pressuposto de cognição situada.

Sem dúvida, os trabalhos de Ingedore Koch, principalmente os consagrados à referenciação, teceram bem a relação entre processos referenciais na progressão temática da coerência e os modelos de contexto postulados por van Dijk, como uma espécie de respaldo sociocognitivo e discursivo para as explicações dos fenômenos referenciais.

É dessa base que nascem muitas das observações em Linguística Textual sobre os esquemas mentais que autorizam certas inferências na reconstrução de sentidos de um texto. Na proposta de van Dijk, como afirma Beltramin (2009), a discursividade, construída sobre esquemas básicos ou *frames*, funciona como um verdadeiro instrumento para validar situações de poder, ou para denunciar a desigualdade ou a injustiça, pois os grupos sociais se reúnem sob os mesmos esquemas ideológicos.

Koch aceitou com entusiasmo a concepção de van Dijk de que as estruturas sociais e as estruturas do discurso exigem a mediação da cognição. São aspectos centrais para a linha dos Estudos Críticos do Discurso, segundo van Dijk (2016, p.3), “as relações entre macro e microestruturas sociais, a dominação como abuso de poder, o modo como os grupos dominantes controlam o texto e o contexto e, em consequência, a mente”. Um pressuposto, caro ainda hoje ao posicionamento teórico de van Dijk (2016, p.5), são os “tipos de cognição individual e social (memória individual, conhecimentos e opiniões pessoais, assim como memórias compartilhadas com o grupo ou com a cultura em sua totalidade)”.

Mas os pontos de convergência com as análises críticas do discurso começam e terminam nesse pressuposto, porque nunca competiu à Linguística Textual, como abordagem teórico-metodológica, intervir nas lutas hegemônicas, nem analisar

os mecanismos de persuasão e manipulação como formas de controle social.

Importavam mais aos estudos de Koch e Marcuschi (assim como dos inúmeros orientandos advindos do Nordeste) verificar, por exemplo, a complexidade dos fenômenos de retomada informacional, demonstrando como as anáforas se mostravam linguisticamente pelo cotexto, num jogo de implicitudes bem calculado. Com apoio em Berrendonner (1986), dizia-se que muitos conteúdos poderiam ser inferidos por conhecimentos linguísticos, por pré-requisitos enciclopédicos e culturais e por lugares-comuns de uma dada sociedade.

No Nordeste, a articulação entre a referenciação e cognição reverberou, dentre outros, nos estudos de Maria Luiza Cunha Lima, que lidou com a investigação do processamento cognitivo, analisando os usos do indefinido anafórico, em 2005, na Unicamp; de Maria Helenice Araújo Costa (UECE) em 2007, que explicou como a acessibilidade referencial se dava em diferentes graus, pela conjunção de inúmeros fatores contextuais; e de Silvana Maria Calixto de Lima (UESPI) em 2009, que redefiniu a noção de recategorização como um processo sociocognitivo na evolução de referentes no texto. Em Campinas, sobressaiu-se o centro de neurociências fundado por Edwiges Morato na Unicamp, que até hoje investiga a construção referencial por pacientes idosos.

As reflexões de Marcuschi sobre linguagem e cognição sempre estabeleceram diálogos interdisciplinares, conforme o comprovam os trabalhos: “A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização”¹, “Coerência e cognição contingenciada”², *Do código para a cognição: o proces-*

1 Publicado em *Linguística e Cognição*, organizado por Neusa Miranda e Maria Cristina Name, Editora da UFJF, 2005.

2 Publicado em *Produção textual: Interação, processamento, variação*, organizado por Kazue Barros, Editora da UFRN, 1999.

so referencial como atividade criativa”³, “Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido”⁴, “O léxico: lista, rede ou cognição social?”⁵. Para Marcuschi, a linguagem era fruto de nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossas inserções sociocognitivas nele, pois usamos nossa criatividade em atividades de integração conceitual. Um dos orientandos que voltaram seus interesses para demonstrações de análise linguístico-textuais em interface com a cognição foi Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB).

3. Marco da pesquisa em Linguística Textual no Nordeste

Um marco importante para o início das pesquisas em Linguística Textual no Brasil foi, sem dúvida, a fundação do NELFE (Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e da Escrita⁶) por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, sob a coordenação do Prof. Luiz Antônio Marcuschi, em 1991. Impulsionaram essas pesquisas, por mais de dez anos, além de Ingedore Koch, os seguintes pesquisadores estabelecidos em Pernambuco⁷: Judith Chambliss Hoffnagel, Kazuê Saito Monteiro de Barros, Dóris de Arruda Carneiro da Cunha, Marília Vianna, Angela Paiva Dionísio, Antônio Carlos Xavier e Marianne Cavalcante. O núcleo consagrou-se por investigar questões ligadas à fala e à escrita, dando ênfase a aspectos linguísticos na perspectiva textual-interativa.

3 Revista Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 6, n.1, 2002.

4 Publicado em *Produção de Sentido: Estudos transdisciplinares*, organizado por Heloisa Feltes, Editoras Annablume/Nova Prova/Educs, 2003.

5 Publicado em *Sentido e Significação* - Em torno da obra de Rodolfo Ilari, organizado por Lígia Negri, Maria José Foltran e Roberta Pires de Oliveira, Ed. Contexto, 2004.

6 Agradecemos especialmente a Angela Dionisio as informações cedidas a respeito do NELFE.

7 Embora atuasse no PPG Letras da UFPE, Kazuê Barros foi professora efetiva da UFRN de 1995 a 2002.

A perspectiva macro do programa de estudos do NELFE esteve sempre voltada ao trabalho com as práticas sociais, ou seja, ao uso da língua e não apenas a uma análise intrínseca do código em suas estruturas. Até 2006, período em que Marcuschi liderou o grupo, o NELFE produziu mais de 200 trabalhos apresentados em eventos nacionais, internacionais e em livros, revistas científicas, anais de congresso e em outros meios de divulgação.

Várias das posições defendidas pelo NELFE resultaram em base teórica para teses de doutorado e dissertações de mestrado não apenas na UFPE, mas em outros programas de pós-graduação no país. Entre esses postulados, estão: a) a relação fala-escrita não é dicotômica, mas sim, distribuída num *continuum* de gêneros falados e escritos; b) nesta relação entre os gêneros falados e escritos, intervêm registros formais e informais; c) as relações fala-escrita são complexas, formando uma “mescla de modalidades”. Estas teses deram origem a pesquisas sobre os “gêneros textuais”, com o propósito de distinguir entre esse nível de análise e o nível dos aspectos composicionais dos “tipos textuais”.

O NELFE desenvolveu seus trabalhos em cinco linhas de pesquisa: 1. *Análise de Gêneros Textuais*: estudos dos gêneros textuais orais e escritos como textos que se apresentam num formato específico e com funções e propriedades características, sendo históricos e de natureza social; 2. *Língua Falada e Língua Escrita*: análise das relações entre língua falada e língua escrita na hipótese do contínuo linguístico fundado na relação entre as modalidades e os gêneros textuais; 3. *Organização Textual-Interativa*: análise da organização textual dos textos orais e escritos na perspectiva textual-interativa e com particular atenção às atividades discursivas. A progressão referencial, a progressão tópica, as variações estruturais, bem como a organização tipológica e a distribuição dos fenômenos linguísticos orientada

pelos gêneros são temáticas centrais; 4. *Produção Textual em Ambiente Digital*: análise dos textos em ambientes digitais sob a ótica dos gêneros, a relação com a oralidade, a organização interna e suas funções e 5. *Multimodalidade Discursiva na Fala e na Escrita*: análise dos processos comunicativos que se combinam em diversos modos de representação na construção de sentido e dos modos de representação no processamento textual numa perspectiva sócio-histórica.

Os projetos do NELFE em desenvolvimento no período de 1992 a 2003/2004 agruparam-se sob a denominação geral *Projeto Integrado*. O projeto integrado teve cinco versões⁸, foi coordenado por Luiz Antônio Marcuschi e envolveu diferentes pesquisadores do país, além de orientandos de iniciação científica, mestrado e doutorado. A partir de 1995, o projeto integrado *Fala e Escrita: Características e Usos* inscreveu e consolidou as pesquisas do NELFE no estudo da fala e da escrita. Nos dois anos do “Fala e Escrita: Características e Usos I” (1995 a 1997), embora o projeto de Marcuschi se dedicasse ao estudo da “Fala e Escrita: características num *continuum* tipológico”, os trabalhos do grupo eram mais dedicados à análise de textos orais, como atestam os seguintes projetos individuais da época: “Modalização epistêmica: usos e funções na fala”, de Judith Hoffnagel; “Discurso reportado e argumentação na língua falada”, de Dóris Cunha; e “A interrupção na interação em sala de aula”, de Kazuê Barros. De 1997 a 1999, o “Projeto Integrado: Fala e Escrita: Características e Usos II” passou a investigar alguns temas⁹ que atualmente são

8 O “Projeto Integrado: Continuidade e Descontinuidade na Fala na Interação Face a Face: o caso da Hesitação” (1992-1995) envolveu os seguintes projetos: i) “Formas e posições da hesitação como descontinuidadora da fala na interação verbal”, de Luiz Antônio Marcuschi, ii) “Padrões entonacionais nos processos de continuidade e descontinuidade na fala”, de Marígia Viana e “Continuidade/descontinuidade da fala na interação verbal entre homens e mulheres”, de Judith Hoffnagel.

9 Outro tema estudado foram as *modalidades*, como mostra o projeto de Hoffnagel nesta fase: “Modalidades epistêmicas e deônticas na fala e escrita como expressão de comprometimento ou distanciamento”.

representativos da Linguística Textual: referência, heterogeneidade e tópico. Nesta fase, destacamos os projetos individuais: “Atribuição de referentes nas atividades de formulação textual na fala e na escrita”, de Marcuschi; “Heterogeneidade e gêneros textuais na fala e escrita”, de Dóris Cunha; e “Organização tópica e gêneros textuais na relação entre fala e escrita”, de Kazuê Barros.

Um dos veios de análise mais profícuos, nos anos 1990, cujos produtos se notabilizaram nos volumes da *Gramática do Português Falado*, foi a da perspectiva textual-interativa. Com o Projeto da Gramática do Português Falado (PGPF), idealizado por Ataliba Castilho, a língua portuguesa se tornou a primeira língua românica amplamente investigada e descrita na sua modalidade falada culta. Louve-se, nesse projeto, o espaço reservado aos estudos textuais, pela descrição dos processos acionados na língua falada, no plano do texto, e pela formulação de uma base teórica própria, desenvolvida pelo grupo de organização textual-interativa. A perspectiva textual-interativa (PTI) pode ser considerada uma proposta teórica inovadora nessa fase dos estudos do texto. Nascida no contexto dos estudos linguísticos brasileiros, o desenho inicial da PTI foi formulado por um grupo grande de colaboradores. Mas é preciso reconhecer o importante papel de Clélia Jubran (UNESP) na formulação teórica desse viés investigativo, que deu ao público acadêmico a elevação do tópico discursivo a uma categoria analítica da Linguística Textual. Dentre os orientandos que deram prosseguimento à descrição do tópico e dos mecanismos coesivos de articulação tópica, cite-se Clemílton Lopes Pinheiro (UFRN).

No biênio seguinte (1999-2001), o “Projeto Integrado: Fala e Escrita: Características e Usos III (referenciação, identidade, metaenunciação, e interatividade na atividade discursiva)” dire-

cionou as pesquisas¹⁰ do NELFE. Pautando-se pela análise da fala e da escrita, estas pesquisas contribuíram para fortalecer o estudo da interação, do texto, do discurso e da enunciação no Nordeste, assim como de temas atuais no campo da LT: a referência e a coerência. Ganha relevo, nesse momento, o projeto individual de Marcuschi: “Referenciação e coerência da atividade discursiva falada e escrita”.

A última versão do projeto integrado - “Fala e Escrita: Características e Usos IV (produção textual, processos interativos e gêneros na atividade discursiva)” (2001 a 2003/2004) – revitalizou os trabalhos em andamento no NELFE sobre as questões em torno da fala e da escrita. Destacam-se nessa fase os projetos: “Referenciação e atividade inferencial no processamento textual”, de Marcuschi; “O comportamento das formas nominais definidas, demonstrativas e indefinidas na introdução, preservação e recategorização argumentativa de referentes textuais”, de Koch; “Princípios e critérios para a construção de um ‘Corpus de Uso’ para a análise Linguística da Fala e da Escrita”, de Hoffnagel; “Interação entre discursos na atividade falada e escrita”, de Dóris Cunha; “Produção textual e interação no ensino pelo Internet”, de Kazuê Barros; “Gramática e Interação na Cultura do Argumento” e “Gêneros Textuais e Letramento: uma abordagem linguística”, de Angela Dionisio; e “A gênese da referência – a dêixis espacial e pessoal na aquisição da linguagem”, de Marianne Cavalcante.

As pesquisas desenvolvidas pelo NELFE, sobretudo até a primeira década dos anos 2000, exerceram grande influência sobre os estudos do texto no Brasil. Vale destacar que as pesquisas realizadas nos projetos individuais, além dos projetos in-

10 Os projetos individuais A emergência de identidades na atividade discursiva falada e escrita” (J. Hoffnagel), “A metaenunciação na atividade discursiva falada e escrita” (D. Cunha) e “Estratégias discursivas na atividade discursiva falada e escrita” (K. Barros) integraram as pesquisas do NELFE neste período.

tegrados, mantiveram o foco do trabalho nos usos linguísticos, tendo em vista a distribuição em gêneros textuais, envolvendo as problemáticas da interação e os diferentes fatores que intervêm na organização textual-discursiva. Os seguintes projetos dos professores do PPG Letras UFPE assim o comprovam: “Multimodalidade Discursiva: orquestrando palavras e imagens”, de Dionisio (2004-2006); “Do dialogismo mostrado ao constitutivo - um estudo da representação do discurso”, de D. Cunha (2003-2005); “Enunciação – um estudo da recepção das heterogeneidades”, de D. Cunha (2005-2007); “Aulas pela Internet - um estudo da organização global da interação”, de K. Barros (2003-2006); “Gêneros textuais do domínio científico: um estudo comparativo”(2006-2009); “O Aspecto Lexical no Processo de Textualização”, de Marcuschi (2004-2007); “Gêneros discursivos e a Universidade: um estudo etnográfico, de J. Hoffnagel (2004-2007).

Dentre as publicações de livros, traduções e coletâneas organizadas por pesquisadores do NELFE, com forte impacto no campo da LT, destacam-se as seguintes:

- 1997. Koch, Ingedore Villaça; Barros, Kazuê Saito Monteiro, orgs. *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal: EDURN. - 2001. Marcuschi, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez. - 2002. Dionisio, Angela Paiva; Machado Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora, orgs. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. - 2004. Koch, Ingedore G. Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fonte¹¹. - 2004. Marcuschi, Luiz Antônio; Xavier, Antônio Carlos, orgs. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna. - 2005. Marcuschi, Luiz Antônio; Dionisio, Angela Paiva, orgs. *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica. - 2005. Dionisio, Angela Paiva; Hoffnagel, Judith

11 A partir de 2011 a obra passou a ser publicada pela editora Contexto.

Chambliss, orgs. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação* de Charles Bazerman. São Paulo: Cortez. - 2006. Hoffnagel, Judith Chambliss; Dioniso, Angela Paiva, orgs. *Gênero, Agência e Escrita* de Charles Bazerman. São Paulo: Cortez. - 2007. Marcuschi, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna. - 2008. Marcuschi, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola. - 2009. Marcuschi, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* Recife: Ed. Universitária da UFPE¹².

Além destas publicações, dezenas de dissertações e teses foram orientadas pelos professores integrantes do NELFE, no PPG Letras da UFPE ao longo de três décadas. Dentre estes trabalhos, destacamos no campo da LT, as seguintes teses de:

- Mônica Magalhães Cavalcante (UFC) - “Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos” (2000), - Benedito Gomes Bezerra (UPE/UNICAP) - “Gêneros introdutórios em livros acadêmicos” (2006), ambas sob orientação de Marcuschi, - Antônio Carlos Xavier (UFPE) - “O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital” (2002), - Francisco Alves Filho (UFPI) - “A autoria nas colunas de opinião assinadas da Folha de S. Paulo” (2005) e - Suzana Leite Cortez (UFPE) - “A construção textual-discursiva do ponto de vista: vozes, referenciação e formas nominais” (2011), orientadas por Ingedore Koch, na Unicamp.

3.1 Ensino de compreensão e produção de texto

A descrição e análise da textualidade realizada pelos pesquisadores do NELFE jamais deixou de incorporar problemáticas

12 Em 2009, o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE homenageia Marcuschi por ocasião de sua aposentadoria e publica o livro na “Coleção Luiz Antônio Marcuschi”, Editora da UFPE.

do ensino de língua, especialmente quanto ao trabalho com a leitura e a produção de textos. Nesse âmbito, destaca-se o legado de Ingedore Koch e Luiz Antônio Marcuschi, que não apenas orientaram diversos trabalhos nesse âmbito, como também estiveram à frente das pesquisas desenvolvidas na área, como mostram suas produções.

Já na conhecida obra de 1983, antes mesmo de a LT influenciar a elaboração de currículos, de documentos curriculares e de manuais didáticos, Marcuschi (2012) assinalava que: “Devido ao fato de o texto ativar estratégias, expectativas e conhecimentos linguísticos e não linguísticos, a LT assume importância decisiva no ensino de língua e na montagem de manuais que buscam estudar textos” (p.33). Pesquisando a obra de Marcuschi, observamos que as questões teóricas que sustentaram seu trabalho no NELFE jamais deixaram de lado a preocupação com o ensino, tal como ilustram muitos de seus trabalhos: “O Livro Didático de Língua Portuguesa em Questão: O Caso da Compreensão de Texto”¹³ (1997), “A Língua Falada e o Ensino de Português”¹⁴ (1998), “O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula”¹⁵ (2000), “O Papel da Linguística no Ensino de Línguas”¹⁶ (2001), “Atividades de Referenciação no Processo de Produção Textual e o Ensino de Língua”¹⁷ (2003), dentre muitos outros.

O investimento na abordagem da multimodalidade na fala e na escrita, decorrente das pesquisas no NELFE, em ambientes

13 Publicado no *Caderno do I Colóquio de Leitura do Centro-Oeste*. Goiânia: Editora da UFGO, 1996.

14 Publicado em *Língua Portuguesa. História, Perspectiva, Ensino*, organizado por Neusa Bastos, EDUC -PUC/SP, 1998.

15 Publicado em *Língua Portuguesa em debate. Conhecimento e Ensino*, organizado por José Carlos Azeredo Editora Vozes, 2000.

16 Revista *Investigações*, Recife, v. 13/14, 2001.

17 Publicado em *Estudos de Linguagem – Inter-relações e Perspectivas*, organizado por Denize Elena Garcia da Silva, Glaucia Muniz Proença e Maria Adélia Menegazzo, Editora UFMS, 2003.

não virtuais, em mídias da internet, redundou na maior contribuição para o ensino de compreensão e produção de texto no Brasil, pelas várias obras de Koch, dentre as quais ressaltamos uma trilogia em coautoria com Vanda Maria Elias (Unifesp), editada pela Contexto e de ampla divulgação nacional. A coletânea teve início com o lançamento, em 2006, do livro *Ler e compreender*, e teve forte impacto na formação de professores dos três níveis de ensino, porque se aplica a todos os interessados em questões de produção de texto, ensino e funcionamento da linguagem. Em 2009, as autoras lançaram o segundo livro, *Ler e escrever*, contendo sobeja exemplificação e atividades de continuidade e de progressão temática, além de outros parâmetros textuais que necessitam ser trabalhados na escola para o desenvolvimento de uma escrita adequada aos diversificados contextos de interação.

O terceiro livro da trilogia, *Escrever e argumentar*, só veio a público em 2016, pelas mãos de Vanda Elias, e foi a última obra assinada por Ingedore Koch, cuja saúde já estava bastante debilitada. *Escrever e argumentar* apresenta, em estilo fluido e didático, as principais estratégias argumentativas de que se valem os produtores de texto em diversos modos de interação. Particular atenção o livro dá a técnicas argumentativas que podem ser utilizadas para introduzir, desenvolver e concluir um texto de sequência argumentativa dominante, nos moldes das redações exigidas em concursos.

3.2 Perspectiva do texto e aspectos antropológicos das práticas discursivas

Na Unicamp, sob a orientação de Ingedore Koch, Anna Bentes realizou trabalhos que relacionaram a perspectiva do texto a aspectos antropológicos das práticas discursivas. Em 2008, Bentes traduziu e organizou, em parceria com Renato Rezende e

Marco Antônio Machado, cinco ensaios do linguista-antropólogo norte-americano William Hanks, que foram compilados na obra publicada pela Editora Cortez - *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. As ideias de Hanks vêm influenciando as pesquisas atuais em Linguística Textual, especialmente pela releitura que faz das noções bourdieusianas de *emergência* e *incorporação*, próprias de todo texto, e pela redefinição da noção de *campo dêitico*, contemplando uma imbricada relação entre situação comunicativa e contexto sociocultural. Estudos recentes de Mônica Cavalcante (UFC), Mayara Martins (UFC) e Alena Ciulla (UFRGS) vêm redirecionando as análises da dêixis para um olhar sobre a construção emergente dos campos dêíticos, incorporados socialmente ao uso de processos de referenciação: “Um estudo sobre classificações de tipos dêíticos” de Ciulla e Martins (2017)¹⁸ e “A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais” (2019), dissertação de Mayara Martins orientada por Cavalcante.

4. Grupos de pesquisa em Linguística Textual

As orientações realizadas por pesquisadores do NELFE¹⁹ tiveram impacto na formação de pesquisadores no campo da Linguística Textual em diferentes programas de pós-graduação, especialmente no Nordeste, o que contribuiu para a criação de vários grupos de pesquisa em Linguística Textual fora da UFPE.

No Rio Grande do Norte, na UFRN, o grupo de Pesquisa “Análise Textual dos Discursos”, sob a liderança de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes Neto e Luis Passeggi; e

18 Artigo publicado na *Revista de Letras*, UFC, n.36, v.2.

19 Vale destacar que o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE é o pioneiro no Norte/Nordeste, tendo sido criado o mestrado em 1976 e o doutorado em linguística em 1990.

o grupo conduzido, na PUC/SP, por Sueli Marquesi e Ana Lúcia Tinoco Cabral desenvolvem estudos sobre a descrição composicional dos textos, com fundamentação nas ideias de Jean-Michel Adam sobre as sequências textuais e os planos de texto. A Análise Textual dos Discursos, de Adam, também repercutiu nos estudos de Eduarda Giering, na Unisinos; de Evandro Catelão, na UFPR; e nos trabalhos orientados por Maria Margarete Fernandes de Sousa, na UFC. A heterogeneidade composicional das sequências narrativa, descritiva, explicativa, dialogal e argumentativa difundiu-se amplamente nas aulas de língua portuguesa e de redação do ensino fundamental e médio, além de ser utilizada como critério de avaliação de textos normativamente bem formados. O Grupo da UFRN coordenou e realizou a tradução de importantes obras na área, dentre as quais destacamos o livro “A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos”, de Jean-Michel Adam (Ed. Cortez, 2010). Maria das Graças Rodrigues liderou, por duas gestões, o GT ANPOLL de Linguística Textual e Análise da Conversação, ocasião em que organizou diversos eventos nessa área especializada.

No Maranhão, destaca-se o trabalho de Maria da Graça dos Santos Faria, professora do programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras da UFMA e líder do grupo de Pesquisa “Estratégias e procedimentos de organização textual”. Nos últimos anos, o estudo sobre a intertextualidade vem ganhando relevância com os trabalhos de Faria no campo da Linguística textual. Destacam-se dois trabalhos sobre o tema: “Sobre intertextualidades estritas e amplas²⁰” (em coautoria com Mônica Cavalcante e Ana Paula Lima de Carvalho) e “Intertextualidades e textos multimodais: uma relação estreita²¹” (em coautoria com Mariza Brito). Em junho de 2019, a professora Graça Faria coor-

20 Revista de Letras (Fortaleza), v. 2, 2017.

21 Intersecções (Jundiaí), v. 1, 2016.

denou, na UFMA, um importante evento na área: a I *Jornada em Linguística Textual* (JOLINT), que contou com a participação de diversos pesquisadores, especialmente do Nordeste. Nos Programas Especiais, como o PROEB – dos cursos de Letras no Maranhão, têm se evidenciado muitos trabalhos que são desenvolvidos com base na Linguística Textual, principalmente nos textos produzidos por alunos da educação básica.

Os trabalhos no campo da LT em Maceió são identificados, especialmente na UFAL, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, nas pesquisas do grupo interdisciplinar Grupo de Estudos do Texto e da Leitura - Perspectivas Interdisciplinares (GETEL). Criado em 2010, o grupo é liderado por Maria Inez Matoso Silveira e Maria Francisca Oliveira Santos, com a participação de Fabiana Pincho de Oliveira e Luiz Fernando Gomes. Dentre as linhas de pesquisa do GETEL, quatro se dedicam a questões do texto: “Teoria e Análise de Gêneros Textuais”, “Teoria e Prática da Produção Escrita - Ensino e pesquisa”, “Teoria Retórica - Contribuições para os Estudos Textuais e Discursivos”, “Teorias de Texto: Perspectivas Interdisciplinares”.

As contribuições da Linguística Textual, no PPGLL da UFAL, estão centradas na divulgação dos postulados teórico-metodológicos que norteiam o estudo do texto, envolvendo desde os conceitos referentes a sua gênese, a exemplo dos critérios de textualidade, passando por outros, como aquele que envolve a aplicação desses critérios, indo aos processos referenciais que constituem um dos grandes contributos dessa área do conhecimento. Além disso, o PPGLL da UFAL tem ofertado à sociedade uma quantidade considerável de professores mestres e doutores que atuam, com desempenho, nas diversas modalidades da educação.

No Piauí, destacam-se os trabalhos de Francisco Alves Filho²², líder do Núcleo de Pesquisa em Texto, Gênero e Discurso (Cataphora - UFPI), e dos professores Silvana Maria Calixto de Lima (UESPI) e Franklin Oliveira Silva (UESPI), líder e vice-líder do grupo de pesquisa Getexto, respectivamente. Além da criação dos grupos de pesquisa em LT no Piauí, estes pesquisadores contribuíram com a organização de eventos temáticos que divulgaram e ampliaram o interesse de pesquisadores na área, como por exemplo: o COGITE – Colóquio sobre Gêneros e textos, fundado em 2011 pelo grupo Cataphora, e os Colóquios Linguísticos realizados pelo grupo Getexto, além de publicações em revistas e livros, projetos de pesquisa, e mais de 80 trabalhos de pós-graduação orientados por esses professores.

As pesquisas no Piauí estabeleceram uma interface bastante produtiva com a linguística cognitiva, como revelam os trabalhos da Profa. Silvana Calixto na UESPI: “A recategorização de referentes numa perspectiva cognitivo-discursiva²³”, “Referenciação e multimodalidade: revisitando os processos de recategorização e encapsulamento²⁴”, “A construção de referentes em textos verbo-visuais: uma abordagem sociocognitiva²⁵”, “A (re)construção de referentes em perfil fake do facebook: uma análise cognitivo-discursiva²⁶” e “Revisitando os parâmetros do processo de recategorização²⁷ (em coautoria com Mônica Cavalcante). Além de coordenar o GETEXTO, Silvana Calixto desenvolve atualmente o projeto “Texto em cena: múltiplas faces da referenciação”.

22 Alves Filho foi vice coordenador do GT da ANPOLL de Linguística de Texto e Análise da Conversação entre 2010 e 2012. Atualmente é membro efetivo do GT/ANPOLL Gêneros Textuais e Discursivos e tem orientado trabalhos nesta área.

23 Estudos linguísticos e literários, v. 57, 2017.

24 Revista de Letras (Fortaleza), v. 2, 2017.

25 Intersecções (Jundiaí), v. 1, 2016.

26 Signótica (UFG), v. 27 n.2, 2015.

27 Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 13, 2015.

Neste caminho da LT no Nordeste, evidencia-se o trabalho da professora Maria Irandé Antunes, que atuou em diferentes universidades: UFRN (1988), UFPE (1983-1995), UFAL (1995-1999) e atualmente é professora/pesquisadora na UECE. No conjunto da obra da professora Irandé, tem relevância o estudo do texto voltado ao ensino da língua, como assinalam as obras: “Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas” (Ed. Parábola, 2017), “Análise de Textos - Fundamentos e Práticas” (Ed. Parábola, 2010), “Língua, Texto e Ensino: outra escola possível” (Ed. Parábola, 2009) e “Lutar com palavras - coesão e coerência” (Ed. Parábola, 2005).

Dentre os grupos de pesquisa que mais diretamente se constituíram a partir dos pressupostos de Koch e Marcuschi, merece referência o Prottexto, grupo liderado por Mônica Magalhães Cavalcante (UFC) e Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB). Em 2001, um ano após a defesa da tese “Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos”, de Mônica Cavalcante, orientada por Marcuschi, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, foi criado o grupo Prottexto. A fundação do Prottexto contou com o apoio fundamental de Bernardete Biasi Rodrigues e Maria Elias Soares, na UFC, e de Maria Helenice Araújo Costa, na UECE, bem como com o incentivo e o acompanhamento constantes de Ingedore Koch.

Estudos sobre tópico, aspectos multimodais e polidez tiveram grande impulso com o grupo liderado por Penha Lins, na UFES, no qual também figura Rivaldo Capistrano Júnior, hoje vice-coordenador do GT de Linguística Textual e Análise da Conversação. Atualmente, o GT da área é coordenado por Ana Lúcia Tinoco Cabral.

5. As pesquisas no Grupo de Pesquisa em Linguística - Protexto

Através das pesquisas conduzidas pelo Protexto, a Linguística Textual vem tomando espaço e se solidificando como disciplina teórica de base para numerosos estudos do país. É com esse mesmo espírito de inovação e de disposição que o Protexto continua sendo hoje, após duas décadas, liderado por Mônica Cavalcante, em parceria com Mariza Brito, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Os estudiosos do grupo vêm construindo um programa investigativo com características peculiares dentro da Linguística Textual, entre as quais se encontram o investimento numa abordagem interdisciplinar focada, com ênfase na perspectiva interacional e discursiva e na preocupação com o diálogo entre teoria e práticas de ensino-aprendizagem.

Dois veios de investigação instigaram o início das pesquisas do Protexto: o de *referenciação*, norteados pela concepção de objetos de discurso, de Lorenza Mondada; e o de *gêneros*, fundados principalmente na proposta metodológica de John Swales e de Bhatia. Mais tarde, esses pressupostos fundamentariam as análises do grupo Geteme, até hoje coordenado por Margarete Sousa, na UFC. Os trabalhos ainda se concentravam na análise das expressões referenciais e do papel que elas desempenham na argumentação dos textos pertencentes a alguns grupos de gêneros, assim como na análise dos gêneros acadêmicos, jurídicos, publicitários, jornalísticos, epistolares e literários.

Fenômenos linguísticos pontuais envolvendo o pressuposto antropológico do referente foram examinados também por outros pesquisadores, como Apothéloz, Charolles, Schnedecker, Reichler-Béguelin, Berrendonner e outros, todos influenciadores

das pesquisas em referenciação. No Prottexto, a primeira defesa de dissertação sob a orientação de Mônica Cavalcante foi a de Ciulla (2003). A autora apresenta uma revisão crítica das definições existentes de processos referenciais e discute os critérios caracterizadores de elementos anafóricos e dêiticos.

Em 2003, merece destaque a primeira publicação do Prottexto²⁸, o livro *Referenciação*, uma coletânea de artigos traduzidos por membros do grupo e organizada por Cavalcante, Biasi-Rodrigues e Ciulla.

Firmava-se a ideia de que a ação de referir envolvia a construção de entidades no texto e pelo texto, de acordo com saberes e valores compartilhados pelos participantes da comunicação e com fatores contextuais.

5.1 Trabalhos desenvolvidos na pós-graduação

Estimulado pela publicação da obra *Referenciação*, o grupo de pesquisa Prottexto lançou uma coletânea em 4 volumes intitulada *CD de Teses e Dissertações*, com a finalidade de dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos da pós-graduação, particularmente aos que atuavam em Linguística Textual. A motivação para essas coletâneas, que concentram um registro precioso do percurso do Prottexto, pode ser lida na apresentação do primeiro CD, em 2005:

28 Integrantes do Prottexto em 2003: Profa. Dra. Mônica Magalhaes Cavalcante (líder do grupo/UFC), Profa. Dra. Bernadete Biasi-Rodrigues (vice-líder do grupo/UFC), Profa. Dra. Ingedore Villaça Koch (Unicamp), Prof. Dr. Adair Bonini (Unisul), Profa. Margarete Fernandes de Sousa, Prof. Benedito Gomes Bezerra, Profa. Maria Helenice Araújo Costa, Profa. Vicência Maria Freitas Jaguaribe, Profa. Silvana Maria Calixto Lima, Prof. Franklin Oliveira Silva, Prof. Antonio Lailton Duarte e Profa. Mariza Angélica Paiva Brito.

Uma dissertação ou uma tese não é apenas um requisito burocrático: são trabalhos que demandam investigação, pesquisa, reflexão, crítica, construção de conhecimento. Há em cada um desses trabalhos, necessariamente, um potencial de mudança com consequências para a área de conhecimento em questão. Esse é o resultado esperado, o resultado que esconde suor, às vezes lágrimas, mas também revela cooperação e, sobretudo, interação com os professores, os colegas, os examinadores, e muita parceria entre os participantes de um grupo de pesquisa.

Esse **volume I**, organizado por Mônica Cavalcante, Mariza Brito e Thatiane Paiva de Miranda, reuniu quatro teses e treze dissertações que guardavam em comum o tratamento de questões relacionadas ao estudo do texto, na perspectiva da análise de gêneros, dos aspectos composicionais das sequências textuais, no debate sobre os processos referenciais e na aplicação de todas essas questões ao ensino. Desse modo, sob a abordagem da referenciação, além da tese de Cavalcante, foram publicizadas as seguintes dissertações:

- *A referenciação anafórica e dêitica - com atenção especial para os dêiticos discursivos* (2002), de Alena Ciulla;

- *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos* (2003), de Silvana Maria Calixto de Lima;

- *A Construção da Argumentação na crônica de rádio 'Doa a quem doer'* (2004), de João Carlos Rodrigues da Silva;

- *As marcas de subjetividade na retextualização de Termos de Depoimento oriundos de audiências de instrução penal* (2004), de Antonio Lailton Moraes Duarte;

- *Reflexões sobre a (in)coerência na fala do esquizofrênico*, de Mariza Angélica Paiva Brito;

- *A Construção Argumentativa em Artigos de Opinião*, de Maria Ilesse dos Santos

- *De quadrinhos a narrativas: A recontextualização do discurso na escrita infantil*, de Maria Helenice Araújo Costa.

Dentre os estudos vinculados à temática de gêneros discursivos, o CD disponibilizava ao público-leitor a tese de Biasi-Rodrigues, “Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações” (UFSC, 1998), e seis dissertações, três das quais orientadas pela docente. É o caso dos trabalhos de:

- Benedito Gomes Bezerra, *A distribuição das informações em resenhas acadêmicas* (2001);

- Antônio Duarte Fernandes Távora, *Forma, função e propósito na constituição do gênero textual mala direta* (2003);

- Socorro Cláudia Tavares de Sousa, *Estudo da organização textual argumentativa em editoriais de jornais* (2004).

- Júlio César Rosa de Araújo (2003), *Chat na web: um estudo de gênero hipertextual*;

- Bárbara Olímpia Ramos de Melo (2003), *A apropriação dos gêneros textuais: concepções, diretrizes e expectativas na alfabetização de jovens e adultos*,

- Elisabeth Linhares Catunda (2004), *Um estudo do gênero jurídico acórdão*.

Os volumes subsequentes seguiram a mesma esteira. Ressaltaremos apenas alguns desses trabalhos de maneira a tra-

çar um perfil da evolução teórica do Protexto e dos redirecionamentos dados pelos autores, dando atenção particular à seção das pesquisas em referenciação.

Do **segundo volume** (2006), fazemos menção à dissertação de Valdinar Custódio Filho, intitulada “Expressões referenciais em textos escolares: a questão da (in)adequação” (2006), que, retomando uma perspectiva de norma textual para textos considerados bem formulados no ensino fundamental e médio, discute alguns empregos de expressões referenciais avaliados como errados. Com enfoque no uso e nas funções de expressões referenciais, surgiram a dissertação de Janaica Gomes Matos, que pondera sobre “As funções discursivas das recategorizações” (2005), e mais três teses da Unicamp:

- “O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião”, de Maria Angélica Freire de Carvalho (2005);

- “Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência”, de Maria Luiza Cunha Lima (2005)

- “Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações”, de Graziela Zamponi (2003)

Também na seção reservada à análise de gêneros de orientação sociorretórica, valem menção, neste segundo volume do CD de Teses e Dissertações, a tese “Processos de organização textual-discursivos nos anúncios de turismo no Ceará” (2005), da Profa. Maria Margarete Fernandes de Sousa, cujas pesquisas vêm trazendo à área constatações relevantes sobre a caracterização dos gêneros. Sob a orientação de Marcuschi, na UFPE, nasceu ainda a já citada tese “Gêneros introdutórios em livros acadêmicos” (2006), de Benedito Gomes Bezerra, hoje uma das maiores autoridades do país em análise de gêneros. Sob a orientação de Biasi-Rodrigues, na UFC, cabe destacar a tese de Júlio César Rosa de Araújo, “Os chats: uma constelação de gêneros

na Internet” (2005), cujos trabalhos se dedicaram bastante à prática de gêneros na mídia internet; e mais três dissertações, fundamentadas no aparato teórico-metodológico de John Swales: “Depoimento dos alcoólicos anônimos: um estudo do gênero textual” (2000), de Cibele Gadelha Bernardino; “A organização retórico-argumentativa da sessão de justificativa no gênero textual projeto de dissertação” (2003), de Damião Carlos Nobre Jucá e “A abordagem teórico-metodológica dos gêneros textuais em livros didáticos de ensino médio” (2005), de Shirlei Marly Alves.

Em 2007, o Prottexto lançou o **terceiro volume do CD de Teses e Dissertações**, um empreendimento, a essa altura, já nacionalmente tão prestigiado que recebeu o seguinte reconhecimento de Angela Kleiman, na Apresentação da obra:

Atualmente, as novas tecnologias da informação facilitam a divulgação dos trabalhos acadêmicos produzidos no âmbito de um curso de pós-graduação, mas também favorecem a dispersão e o despercebimento, o que torna a conclusão tão válida hoje como então: continuam sendo necessários os esforços sistemáticos de socialização da produção acadêmica. Daí a importância de um volume como este, que tem por meta agrupar, em texto eletrônico, as dissertações e teses produzidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Prottexto. A divulgação de trabalhos acadêmicos para outros grupos – mesmo que sejam os pares dos pesquisadores, outros alunos e professores de pós-graduação – é particularmente necessária nas áreas das Ciências Humanas, nas quais, diferentemente do que acontece nas Ciências Exatas ou Biológicas, não há indústrias, laboratórios ou institutos de pesquisa interessados na

produção de conhecimentos. Porém toda tentativa de divulgação da pesquisa exige, além da intenção, tempo, dedicação e esforço. Eles valem a pena e são amplamente compensados, como fica comprovado por publicações como esta, que dão visibilidade aos temas e objetos trabalhados pelo grupo, que permitem confrontar resultados, que facilitam o diagnóstico, a crítica e o avanço da pesquisa, reforçando as decisões tomadas quanto à investigação de determinado objeto ou tema, ou mostrando a existência de lacunas na abordagem do tema, ou, ainda, apontando para a necessidade de abertura de novas temáticas de investigação. Uma perspectiva crítica sobre o próprio fazer é difícil de ser atingida; daí também a relevância de um instrumento como este volume eletrônico que ora apresento, que favorece essa perspectiva crítica e, ao mesmo tempo, divulga as contribuições do Grupo para a pesquisa e para o ensino do texto e do discurso.

Neste terceiro volume, aparecem vinte pesquisas. Destacamos as que privilegiam os aspectos textuais da análise, dentre as quais citamos a dissertação sobre as funções discursivas das anáforas encapsuladoras realizadas por meio de sintagmas nominais, de Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá, intitulada “As funções cognitivo-discursivas das anáforas encapsuladoras” (2007); a análise de sequências narrativas no gênero notícia, na dissertação “O estudo da realização da sequência narrativa no gênero notícia”, de Aurenívia Ferreira da Silva (2007); o estudo das expressões referenciais que instauram uma avaliação em textos do gênero notícia, realizado por Franklin Oliveira Silva, na dissertação “Processos de referenciação no gênero notícia” (2004); e a análise de aspectos metadiscursivos interpessoais

de textos exemplares do artigo acadêmico, na tese de Cibele Gadelha Bernardino, intitulada “O metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos” (2007). Relacionado a esse conjunto, porém focalizando elementos discursivos e psicanalíticos, encontramos a dissertação de caracterização das heterogeneidades enunciativas, “Escavando o discurso e encontrando o sujeito: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas” (2007), elaborada por Carlos Magno Viana Fonseca.

Quando examinamos quais são os aspectos do gênero privilegiados nas análises, percebemos que as sequências textuais narrativa e argumentativa constituem uma constante na análise de crônicas, romances, relatórios, artigos de opinião que formam os *corpora*. O último conjunto de trabalhos que destacamos também contribui para a caracterização e descrição da sequência argumentativa e dos gêneros que as comportam. Nele se inserem a dissertação “As relações argumentativas entre topoi e lei de inferência” (2007), de Lívia de Lima Mesquita, que discute relações argumentativas e sua manifestação em sequências argumentativas prototípicas; a dissertação “O encadeamento argumentativo na Teoria da Argumentação na Língua” (2006), de autoria de Waltersar José de Mesquita Carneiro, que examina os pressupostos teóricos da noção de encadeamento argumentativo; e a tese de Eudênio Bezerra, intitulada “ ‘Gente, por favor, fala um de cada vez.’: etnografia, análise conversacional e inter-relações entre linguagem, cognição e cultura, na comunidade dos Tipis” (2006). Esta última estabeleceu reflexões interdisciplinares proporcionadas pelo trabalho de pensadores de campos diversos como a Biologia, a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia e a Linguística. Eudênio Bezerra analisa os textos produzidos em reuniões de associações de bairro que ele observou ao fazer uma etnografia da comunidade sertaneja em que as reuniões acontecem.

Em 2009, no **quarto volume** do livro eletrônico *Teses e Dissertações* do Grupo Protexto, sob a organização de Mônica Cavalcante, Mariza Brito e Ricardo Leite, o interesse comum nas dissertações é primariamente o *estudo das facetas diversas dos gêneros textuais*, seja ao introduzir subclassificações de estratégias de organização textual, ao analisar o comportamento, a interincompreensão, e a presença de sujeitos e vozes nos discursos em gêneros determinados, seja ao associar, avaliar e propor atividades que apliquem as particularidades dos gêneros textuais ao ensino. Quanto às teses, mais tendentes a focalizar aspectos caros ao estudo da referenciação, elas se revezam entre estudos teóricos dos processos referenciais, estudos com análise de *corpus*, e pesquisas relativas à retextualização e à construção do *ethos* no discurso.

Na esteira das dissertações que mantinham relações entre as noções de gênero, texto e discurso, começamos por citar o estudo “Uma colônia de gêneros anúncios” (2008), de Ana Keyla Carmo Lopes, que investiga, mediante a análise das categorias propósitos comunicativos, suportes e estilos, uma colônia de gêneros anúncios, propondo um alargamento dessa colônia.

Mais quatro dissertações se ocuparam dos gêneros, mas, desta vez, utilizando-se da análise do comportamento dos processos referenciais na organização textual-discursiva. O trabalho “Processo de construção referencial nas crônicas de temas políticos escritas por Carlos Heitor Cony” (2008), de Lívia Maria Turra Bassetto, analisa os recursos linguísticos empregados por Carlos Heitor Cony na construção de referentes em suas crônicas de temas políticos publicadas entre 2004 e 2005. Por fim, a dissertação de Thatiane Paiva de Miranda, com o título “A dança dos referentes no espaço virtual da linguagem: uma análise dos processos referenciais nas comunidades do Orkut” (2007), observa tanto a organização tópica quanto alguns processos de

referenciação na construção dos sentidos dos recados veiculados no antigo Orkut.

Outras pesquisas publicadas nesse volume reafirmam o caráter interdisciplinar da LT, que guia o permanente diálogo do Prottexto com pesquisas de outras áreas da linguística. A dissertação “A polidez linguística em sala de bate-papo na internet” (2008), de Geórgia Maria Feitosa e Paiva, analisou a forma e a finalidade com que os participantes de uma sala de bate-papo empregam as estratégias e as regras pragmáticas de polidez linguística em suas interações. Ainda com um olhar para aspectos polifônicos da linguagem, mas dentro da visão teórica da Análise do Discurso de orientação francesa, a dissertação de Otávia Marques de Farias, denominada “Refutação em perspectiva discursiva: a polêmica como interincompreensão em artigos de opinião acerca do estatuto da igualdade racial” (2008), propôs que a refutação, do ponto de vista discursivo, se dá a partir de traduções e elaborações de simulacros do outro que são evocados e negados.

O Grupo Prottexto sempre se manteve de portas abertas a todos os novos pesquisadores que, incentivados por nossas questões de investigação, desejassem divulgar e discutir seus trabalhos, estimulando, assim, ainda mais, o salutar diálogo entre os diversos campos da linguística e de áreas afins.

5.2 Renovação das abordagens e consolidação dos temas de pesquisa: destaque para publicações

Chamamos a atenção para um novo olhar sobre os processos referenciais que, aos poucos, vai se definindo e que toma corpo, definitivamente, no *livro Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*, de Mônica Cavalcante, publicado apenas em 2011,

pelas Edições UFC. A partir desta obra, os objetos de discurso começam, no Protexto, a ser observados, de fato, como entidades negociadas na interação contextualmente situada, e não pelo modo como se manifestam nas expressões referenciais, apenas. Além disso, passamos a examinar, mais apuradamente, as funções organizacionais e argumentativas dos processos referenciais em diferentes gêneros.

Um exemplo disso, já no quarto volume do *CD de Teses e Dissertações*, é a tese “Os processos de referência e suas funções discursivas - o universo literário dos contos” (2008), de Alena Ciulla, que tem como objetivo definir critérios que permitam uma visão ampliada dos processos referenciais que não apenas revelasse funções, mas também levasse em conta a mutabilidade característica do processo de construção referencial e, portanto, suportasse constantes acréscimos e ajustes, conforme a observação das diversas situações de uso.

Por um viés cognitivo, a tese “Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão” (2007), de Maria Helenice Araújo Costa, discutiu seis propostas de abordagem dos fenômenos referenciais, para, ao final, eleger a Teoria da Acessibilidade, de Ariel (1996, 2001), como aquela que mais conseguia agregar os elementos pragmáticos aos aspectos puramente linguísticos. Ainda por uma perspectiva de ordem sociodiscursiva e cultural, a tese “O rei do cangaço, o governador do sertão; o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre lampião” (2008), de Geralda de Oliveira Santos Lima, sob a orientação de Anna Bentes, rediscutiu certos conceitos de processos referenciais, notadamente o de encapsulamento, reivindicando para a construção dos sentidos da anáfora encapsuladora a consideração da reconstrução da memória discursiva (e social), usando como exemplo o que a cultura e a história falam sobre Lampião, personagem da história

do nordeste brasileiro. O grupo coordenado por Geralda Lima, na Universidade Federal de Sergipe, já organizou diversos eventos que focalizaram a Linguística Textual, e tem dado bastante incentivo a novos pesquisadores, no estado.

Com o intuito de fomentar as pesquisas, aprofundando as reflexões em desenvolvimento, o Prottexto sempre investiu em traduções de estudos relevantes para nossas discussões teóricas. Evidentemente, essas traduções vêm beneficiando muitos outros pesquisadores de diferentes linhas, em todo o país, e têm sido importantes para o incremento das pesquisas em Linguística Textual.

Após as traduções na obra *Referenciação*, em 2003, lançamos o livro *Gêneros e sequências textuais*, publicado pela editora da Universidade de Pernambuco (EDUPE), em Garanhuns, que se compunha de nove textos traduzidos sobre questões teóricas e metodológicas importantes para a compreensão da formação dos gêneros e das sequências textuais.

A coletânea, organizada por Mônica Cavalcante, Benedito Bezerra e Bernardete Biasi-Rodrigues, em 2009, contempla pelo menos três campos disciplinares: a Linguística Textual de orientação discursiva e interacional, que já começava a se definir dentro do grupo e que permanece até hoje; a sociossemiótica e a sociorretórica, para as quais convergiam as principais constatações que embasavam as análises de gêneros; e a análise textual dos discursos, pela descrição de sequências textuais narrativas, descritivas, explicativas, argumentativas e dialogais.

Em 2007, Koch, Bentes e Cavalcante, por iniciativa da primeira, publicaram, pela editora Cortez, o livro *Intertextualidade - diálogos possíveis*, iniciando, assim, a exploração da temática das relações intertextuais, que muitas contribuições levou ao ensino superior.

Conforme observa Koch, nesta obra, a Linguística Textual incorporou o postulado dialógico de Bakhtin, de que um texto não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogo com outros textos. Assim, todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Este livro tem como principal objetivo analisar, com o auxílio de muitos exemplos, essa necessária presença do outro naquilo que dizemos (escrevemos) ou ouvimos (lemos), procurando dar conta desse fenômeno.

O livro abriu caminho para a definitiva consolidação da intertextualidade como um dos parâmetros de análise da Linguística Textual e influenciou a produção de uma dissertação e três teses sobre critérios analíticos para os processos intertextuais por copresença e por derivação nos mais variados textos, além de variados artigos e capítulos de livros do grupo, dentre eles:

- FORTE, Jamille Saínne Malveiras. *Funções textual-discursivas de processos intertextuais*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

- NOBRE, K. C. *Critérios classificatórios para processos intertextuais*. 2014. 128f. Tese (doutorado em linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

- FARIA, Maria da Graça dos Santos. *Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais*. 2014. 118 f. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

- CARVALHO, Ana Paula Lima de. *Intertextualidades escritas e amplas*. 2018. 131 f. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018.

No mesmo ano de 2007, o grupo publicou, pela editora Lucerna, a obra em dois volumes denominada *Texto e discurso sob múltiplos olhares*. O volume 1 teve como subtítulo *Gêneros e sequências textuais*, organizado por Mônica Cavalcante, Helenice Costa, Vicência Jaguaribe e Valdinar Custódio Filho. De um lado, o volume apresenta questionamentos sobre a relação gênero-suporte e estilo, sobre a organização retórica dos gêneros e suas instabilidades; de outro, os capítulos ponderam sobre a organização prototípica das sequências narrativa e argumentativa.

O volume 2, com o subtítulo de *Referenciação e outros domínios discursivos*, reúne dez capítulos sobre diferentes níveis de caracterização formal e funcional dos processos referenciais. Sete desses capítulos tratam teoricamente das funções anafóricas e dêiticas dentro de determinados gêneros e também da aplicação desses processos a práticas escolares de ensino de língua portuguesa.

Em 2012, Mônica Cavalcante, com a colaboração de membros do Prottexto, publica *Os sentidos do texto*, pela editora Contexto, uma obra completamente direcionada ao ensino de graduação e à formação de professores do ensino médio e superior. O livro apresenta uma abordagem bastante didática para as complexas questões que envolvem a compreensão e a produção de textos e já sugere um perfil dos parâmetros analíticos com os quais lida a Linguística Textual pesquisada pelo Prottexto. Além de definir e discutir os temas abordados, a obra oferece diversos exemplos de análise de texto a partir de anúncios, charges, piadas e outros gêneros das práticas discursivas do público leitor. A partir desse tipo de material escrito, o livro também oferece atividades que possam orientar o professor em aula.

Numa perspectiva mais teórica, Mônica Cavalcante e Silvana Lima publicam, em 2013, pela editora Cortez, o livro

Referenciação: teoria e prática. Como dissemos na apresentação do livro, elegemos temas que convergiam para aspectos da referenciação, tais como a noção de ponto de vista; a construção argumentativa a partir de processos referenciais; a abordagem sociocognitiva e discursiva das recategorizações; a consideração dos processos de referenciação em interpretações psicanalíticas, dentre outras. Definiram-se, para isso, categorias analíticas consonantes com as perspectivas teóricas adotadas e se procedeu a análises em diversas práticas sociais, tendo em conta tanto o processo de construção dos objetos do discurso e a própria constituição do texto em diferentes gêneros, quanto questões relacionadas à leitura e à escrita e suas repercussões para o ensino de língua portuguesa.

Mas a principal contribuição para o ensino de referenciação adveio do livro *Coerência, referenciação e ensino*, da autoria de Mônica Cavalcante, Valdinar Custódio Filho e Mariza Brito. Numa publicação pela editora Cortez, em 2014, a obra apresenta um aporte teórico consistente e atualizado sobre os postulados centrais da referenciação, permitindo ao leitor compreender como se realizam estratégias textuais para (re)construir referentes e relacioná-los em redes durante a interpretação das trilhas de sentido de um texto.

A (re)construção dos referentes é um processo determinante para a produção e compreensão dos sentidos, como bem analisa a obra. Por isso, nela defendemos que o desenvolvimento da competência textual do aprendiz depende do domínio de estratégias textuais, em última análise argumentativas, dentre as quais emerge como fundamental a utilização bem-sucedida dos processos de referenciação.

Nos últimos empreendimentos, o Prottexto investiu em duas traduções de fundamental relevância para os pressupostos dos

estudos do texto. Em 2017, lançou, pela editora Contexto, o livro *Apologia da polêmica*, de Ruth Amossy, cuja tradução, coordenada por Mônica Cavalcante, foi elaborada por Mariza Angélica Brito, Ana Lúcia Tinoco Cabral, Valney Veras, Valdinar Custódio, Antenor Teixeira de Almeida Júnior, Evandro Catelão, Rosalice Pinto, Vanda Maria Elias e Clemilton Lopes Pinheiro.

Por meio das reflexões provocadas por essa obra, o Protexto decidiu adotar a concepção de Amossy sobre argumentação como negociação de recursos retóricos para uma tentativa de influência sobre o outro. A articulação entre a análise da argumentação nos discursos, de Amossy, e a Linguística Textual, foi estabelecida com muita pertinência na tese de Patrícia Macedo “Análise da Argumentação no Discurso: Uma Perspectiva Textual” (2018). Temos demonstrado como categorias de ordem textual, tais como intertextualidade, plano de texto, sequências textuais, referenciação, dentre outros, podem ampliar as possibilidades de desvelamento da argumentatividade em situações concretas de uso da linguagem.

Por fim, já em 2019, o grupo Protexto publicou, também pela editora Contexto, o livro *Texto – tipos e protótipos*, uma tradução da quarta edição da obra de Jean-Michel Adam, um dos nomes mais célebres da Linguística Textual no mundo, autor da proposta seminal de sequências textuais. A tradução, coordenada por Mônica Cavalcante, contou com a participação de Anaximandro Amorim, Mariza Angélica Brito, Alena Ciulla, Ana Lúcia Tinoco Cabral, Valney Veras, Valdinar Custódio Filho, Antenor de Almeida Júnior, Evandro Catelão, Georgiana Miranda, Suzana Cortez, Rosalice Pinto e Aurea Zavam. Como dissemos no livro, com base em numerosos exemplos, Adam analisa de forma aprofundada as características de cinco protótipos de sequências: descritiva, narrativa, argumentativa, explicativa e dialógica, assim como discute, de maneira magistral, as relações en-

tre linguagem, discurso, gênero e texto, que embasa toda a sua proposta.

6. Considerações finais

Finalizando esta breve análise do caminho da Linguística Textual no Nordeste, não temos dúvidas de que o estudo da textualização em nossa região teve suas bases estabelecidas pela preciosa contribuição de Ingedore Koch e Luiz Antônio Marcuschi. O trabalho singular desses pesquisadores, comprometidos com o texto, em desvendar os diferentes aspectos de seu processamento, da compreensão e produção textual, contribuiu para instaurar na região um ambiente extremamente frutífero para o desenvolvimento das pesquisas em LT. Esse fortalecimento da Linguística Textual se deu pelo trabalho de diversos pesquisadores já aqui mencionados, que, fazendo escola direta ou indiretamente com Marcuschi e Ingedore, hoje são professores de diferentes universidades e programas de pós-graduação dentro e fora do Nordeste, e continuam tomando o texto como objeto central de preocupação.

Inevitavelmente, esse lugar que o texto ocupa nas pesquisas em Linguística Textual foi se reconfigurando pelo modo de a LT encarar os fenômenos da textualização. No Nordeste, o passo inicial foi dado pelo NELFE nos anos 90, ao inaugurar o estudo pelo viés da relação fala e escrita, com ênfase em aspectos linguísticos na perspectiva textual-interativa. Essa perspectiva se ampliou no grupo Prottexto nos anos 2000, pela abordagem interdisciplinar com ênfase na perspectiva interacional e discursiva, assim como pela preocupação mais ostensiva com o diálogo entre teoria e práticas de ensino-aprendizagem. As pesquisas no Prottexto iniciaram-se levando à frente dois caminhos de investi-

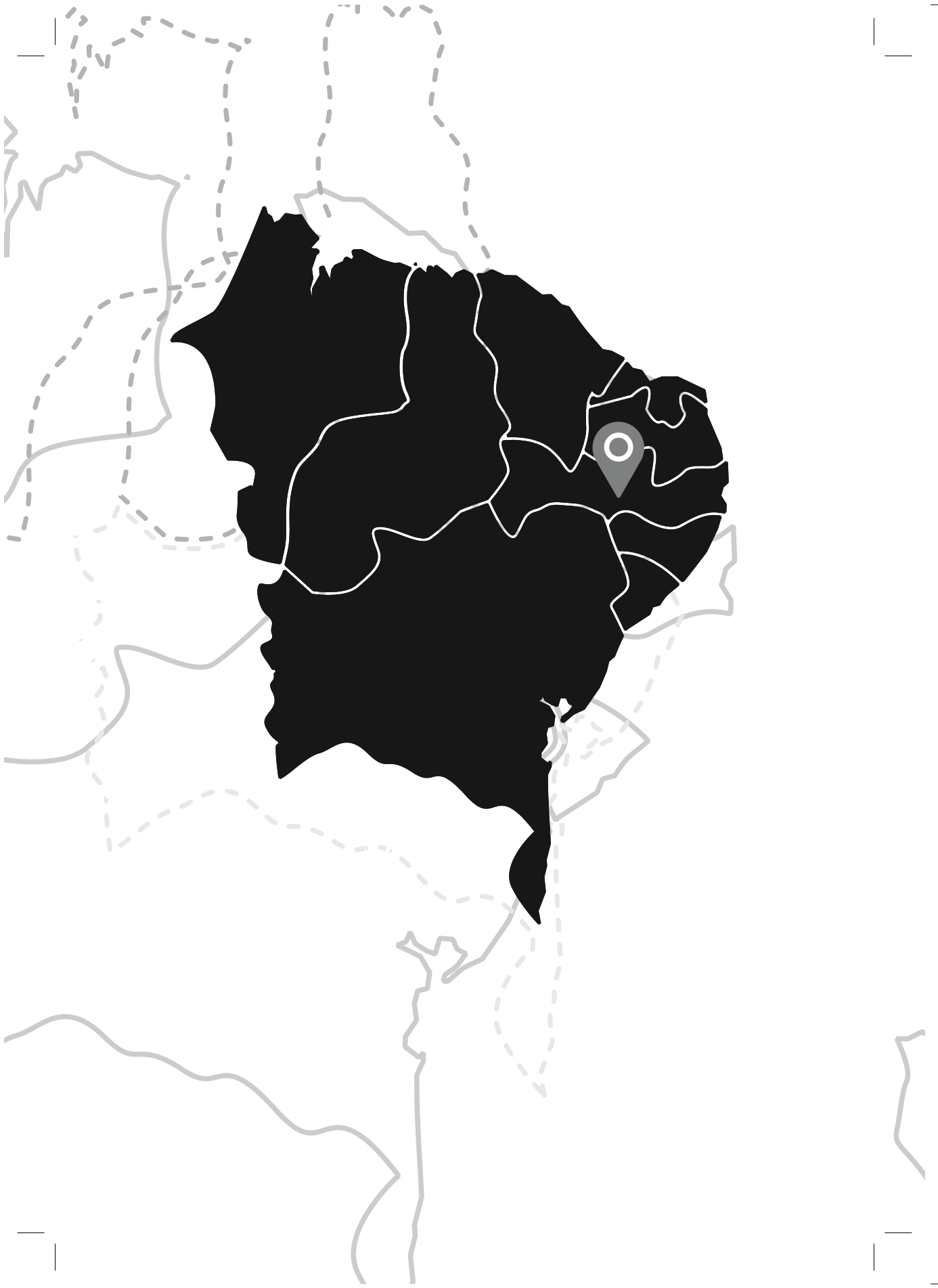
gação: o de referenciação e o de gêneros, que foram sendo revis-
tos e ampliados com o desenvolvimento dos trabalhos.

A revisão crítica às definições de processos referenciais foi construindo a ideia de que a ação de referir envolvia a construção de entidades no texto e pelo texto, de acordo com saberes e valores compartilhados pelos participantes da comunicação e com fatores contextuais. Mais à frente, um novo olhar sobre os processos referenciais toma definitivamente corpo a partir das postulações de Cavalcante (2011), quando os referentes passam a ser vistos como entidades contextualmente negociadas e situadas na interação, e não apenas pelo modo como se manifestam em expressões referenciais no cotexto. Este pressuposto, caro ao estudo da referenciação, e ao próprio entendimento da concepção de texto nos dias atuais, vem impulsionando o tratamento dos processos referenciais em interface com outros parâmetros da textualidade como a intertextualidade, os pontos de vistas, as marcas de heterogeneidade enunciativa representada e as manifestações da visualidade, como mostram trabalhos que aqui foram descritos.

Por meio da redefinição que o trabalho em LT foi conquistando ao longo dos anos no Nordeste, as pesquisas passaram a examinar, de maneira mais detida, as funções organizacionais e argumentativas dos processos referenciais em diferentes gêneros. Do mesmo modo, o estudo do texto, na perspectiva da análise de gêneros, foi ampliando a discussão sobre os aspectos composicionais das sequências textuais, das estratégias de organização textual, ao analisar o comportamento, a interincompreensão, e a presença de sujeitos e vozes nos discursos em gêneros determinados sem jamais perder de vista a aplicação dessas questões ao ensino.

Afora isso, considerando que todo texto tem uma dimensão argumentativa, a Linguística Textual de orientação discursiva e interacional que hoje fazemos no Nordeste também tem se voltado para a análise do fazer argumentativo dos textos, incorporando a concepção de Amossy sobre argumentação como negociação de recursos retóricos para uma tentativa de influência sobre o outro.

Ao percorrer esse caminho, temos a certeza de que a consolidação das pesquisas em Linguística Textual no Nordeste não apenas levou à renovação do campo, mas também requisita nos dias atuais a reorientação de conceitos fundamentais à área, tais como: texto, interação, enunciação, sujeito, projeto de dizer, argumentação, gênero, hipertextualidade, coerência-coesão, sequência textual, continuidade e progressão tópica. Este trabalho está em pleno debate e vem sendo intensificado por todos os que assumiram o desafio de prosseguir com as pesquisas sobre texto.



ESTUDOS DE PRAGMÁTICA NO NORDESTE: diálogos com áreas afins para além do seu uso na Linguística

Antonio Carlos Xavier (UFPE)

Patrícia Fernandes (UFPE)

1. Introdução

O desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia no Brasil se faz notório, principalmente, nas últimas cinco décadas. Cresceu exponencialmente a quantidade de Programas de Pós-graduação em todas áreas do conhecimento. Conseqüentemente, esse crescimento provocou o aumento no número de pesquisas e dos seus relatos em forma de dissertações e teses que, posteriormente, são retextualizados para artigos científicos ou livros específicos direcionados a estudiosos da área.

Apesar da distribuição desigual do investimento em Ciência e Tecnologia pelos gestores, em sua maioria, originários do eixo Sul-Sudeste, que, historicamente, têm se “esquecido” das regiões Norte e Nordeste do Brasil, estas regiões têm crescido cientificamente. As dificuldades financeiras e infraestruturais não têm imobilizado os pesquisadores nelas sediados. Eles, criativa e corajosamente, têm desenvolvido Ciência e Tecnologia de qualidade, como se tivessem acesso aos mesmos recursos financeiros.

ros disponibilizados às regiões Sul-Sudeste, que, considerando o que recebem de incentivo, teriam, provavelmente, produzido muito mais.

O Porto Digital é apenas um exemplo de ilha de excelência localizada em Pernambuco, cujo sucesso é inegável no Brasil e no mundo, fruto da iniciativa empreendedora de pesquisadores recifenses. Esse modelo de economia criativa já está sendo replicado por outros Estados da federação como Santa Catarina e Paraná, tal é a sua eficácia e produtividade tanto para a Ciência quanto para a sociedade de modo geral.

Juntamente com o crescimento dos cursos de pós-graduação, também cresceu a oferta de disciplinas em nível avançado. Mais disciplinas ofertadas significa, em tese, mais acesso a novas teorias, diferentes metodologias e surpreendentes resultados de pesquisa. Isto aconteceu em, praticamente, todas as áreas do conhecimento, inclusive na Linguística.

Os equipamentos científicos, que dão suporte às atividades acadêmicas de um Programa de Pós-Graduação, como revistas e eventos científicos, foram sendo criados e reiterados, cumprindo bem seu papel de divulgar os resultados das investigações e de devolver à sociedade o investimento que ela tem feito na academia. Um destes equipamentos de sustentação e ampliação do funcionamento e fomento às pesquisas efetuadas, no interior dos programas de pós-graduação, vem sendo, sem dúvida, os encontros científicos promovidos pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Norte e Nordeste.

O GELNE, inspirado pelo desejo de valorização e desenvolvimento democrático de todas as áreas da Linguística, em todas as instituições de ensino superior e seus respectivos Programas

de Pós-Graduações, dentro do raio de alcance de sua circunscrição, vem realizando herculeamente encontros menores e congressos enormes, muitos dos quais ganharam caráter nacional, em face do interesse despertado em pesquisadores fora do seu eixo regional de atuação.

Na esteira dos seus 20 anos de existência, o corpo diretivo do GELNE (ora em seu biênio 2017-2018) deliberou realizar uma publicação em formato de livro, na qual se construa uma sinopse dos temas, problemas e necessidade mais urgentes de investigação científica. Pesquisadores convidados integrantes de diferentes subáreas da linguística foram comissionados a executar essa missão.

No que tange aos estudos da construção do sentido na linguagem, orientados pelo aporte teórico-metodológico da Pragmática, coube-nos o privilégio de levar a termo esse desafio. Informar, atualizar e ofertar à comunidade de pesquisadores da linguagem e da literatura no que concerne à trajetória dos estudos nestes campos de conhecimento em nossos dias, alguns pesquisadores receberam o desafio de apresentar um panorama da área de sua especialidade que contivesse o que se tem pesquisado, como se tem pesquisado e as contribuições que essas pesquisas têm legado para o desenvolvimento da respectiva área.

2. Metodologia – o *modus operandi* utilizado para acessar os dados

Para melhor operacionalizar metodologicamente a coleta das informações que viabilizariam a realização deste trabalho, efetuamos a captação dos dados da seguinte forma:

- a) Mapeamos quantos e quais Programas de Pós-Graduação (PPG) vinculados à grande área “Letras e Linguística” existiam no Nordeste;
- b) Identificamos quais destes PPG apresentavam em sua Matriz Curricular a disciplina “Pragmática” como componente do programa do curso vigente, seja como obrigatória ou eletiva;
- c) Averiguamos, no Banco de Teses e Dissertações da Capes, quais dos trabalhos defendidos em todos os PPG de Letras e Linguística do Nordeste traziam em seus títulos e resumos as palavras-chave: “Pragmática”, “dêixis”, “pressuposição”, “atos de fala”, “princípio cooperativo”, “implicaturas conversacionais” e “Teoria da Relevância”. De posse de tais informações, desejávamos verificar quais dos temas ou fenômenos linguísticos próprios da área foram e têm sido mais estudados pelos pesquisadores. Também interessávamos saber se estaria emergindo uma tendência a priorizar novas teorias vinculadas à Pragmática com possibilidade de predominância no futuro.

Aplicando esta metodologia, selecionamos as informações que julgamos necessárias, embora não suficientes, para verificar a quantas andam o emprego da abordagem teórico-metodológica da Pragmática nos PPG de Letras e Linguística no Nordeste. O cruzamento desses dados ajudou a elucidar a contribuição da Pragmática para a compreensão do funcionamento geral da linguagem em contextos reais de uso.

3. Análise dos dados

Para cumprir este desafio, partimos da hipótese de que a Pragmática, enquanto nível de análise da linguagem ao lado da Semântica, Sintaxe, Morfologia e Fonologia, tem sido pouco utilizada como pressuposto teórico nos projetos de pesquisa dos mestrandos e doutorandos matriculados nos PPG do Nordeste em comparação com outras subáreas da linguística como Análise do Discurso. Todavia, fenômenos da linguagem reconhecidamente pertencentes ao domínio da Pragmática como os já citados (“dêixis”, “pressuposição”, “atos de fala”) povoam fortemente as dissertações e teses cujas análises dos *corpora* exigem a recorrência ao contexto de uso imediato e são com frequência utilizados como categorias analíticas sem menção explícita à Pragmática como fundamentação teórica, tanto em outras subáreas da linguística (Linguística de Texto, Semântica Enunciativa, Estudos da Enunciação, Análise de Gêneros Textuais), quanto em outras Ciências Humanas como Direito, Administração, Filosofia etc.

Para realizarmos o mapeamento do quantitativo de Programas de Pós-Graduação vinculados à grande área de “Letras, Linguística” da Capes localizados na região Nordeste, consultamos o “Relatório de Avaliação Quadrienal – Linguística e Literatura”, publicado em 2017. Dos 139 PPG avaliados naquele quadriênio, 10 se encontravam no Nordeste. Ficaram de fora os PPG de “Letras”, que só continham estudos literários e os PPG multidisciplinares. Deste total, sete apresentavam, em sua Matriz Curricular pelo menos uma disciplina intitulada explicitamente “Pragmática”.

A nosso ver, o percentual de 70% dos PPG de estudos de linguagem contemplarem a Pragmática entre suas disciplinas revela um aparente interesse pelo poder analítico que uma

das mais novas subáreas da linguística pode agregar à compreensão do funcionamento da língua. Contudo, sabemos que somente um levantamento mais detalhado poderia garantir a informação sobre esse interesse e sobre se há oferta desta disciplina e sua frequência aos estudantes matriculados em tais programas. Constatamos que a Pragmática está razoavelmente representada nos currículos e programas dos PPG nordestinos estudados.

Isso porque, ao nos debruçarmos sobre o Banco de Teses e Dissertações da Capes, para descobrir quais trabalhos realizados nos PPG de Letras e Linguística do Nordeste continuam, em seus títulos e resumos, as palavras-chave: “Pragmática”, “dêixis”, “pressuposição”, “atos de fala”, “princípio cooperativo”, “máximas conversacionais” e “implicaturas conversacionais”, chegamos ao seguinte resultado:

EM PROGRAMAS DE LETRAS/LINGUÍSTICA

QUANTIDADE	PALAVRA CHAVE	PPG
5	Pragmática	UFPE, UECE (2x), UFPB (2x)
5	Dêixis	UNICAP, UECE, UFC (2x), UFPB
1	Pressuposição	UFPB
10	Atos de fala	UFPB, UFPE, UECE (8x)
0	Princípio cooperativo	-
6	Máximas conversacionais	UFPB, UFC (2x), UFPE, UFAL, UNICAP
5	Implicaturas conversacionais	UFRN (4x), UFPB
9	Inferências	UFPB (2x), UFBA, UFCG, UECE (3x), UFPE, UFRN
2	Teoria da Relevância	UFC (2x)

Este levantamento foi realizado através do *Catálogo de teses e dissertações da CAPES*, utilizando-se os filtros de busca TIPO DE TRABALHO (tese e dissertação), GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO (Letras e Linguística) e INSTITUIÇÃO DE ENSINO (instituições nordestinas).

Fonte: Banco de Dissertações e Teses da Capes

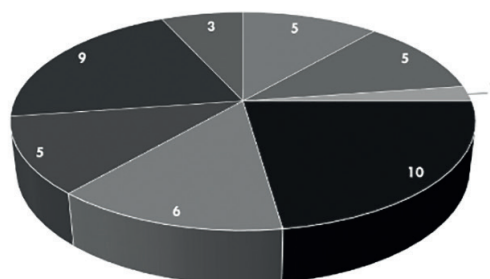
Como podemos constatar, entre os conceitos da Pragmática mais utilizados para elucidar problemas de pesquisa nas dissertações e teses em linguagem natural pelos pesquisadores dos PPG do Nordeste está o de “Atos de Fala”. Em seguida aparece o conceito de “inferência”. Caberia verificar se o uso deste conceito nas pesquisas consultadas estaria mesmo vinculado à Pragmática e não à lógica ou à matemática.

O conceito de “máximas conversacionais”, que é genuinamente da área aparece na terceira opção. Já os termos “implicaturas conversacionais”, “dêixis” e “pragmática” aparecem empatados na quarta colocação. Curiosamente o conceito de “pressuposição” não foi muito utilizado nas dissertações e teses pesquisadas. Por ser o termo central, poderia haver mais ocorrências dele nos títulos e resumos pesquisados. Surgindo bem determinada geograficamente está a “Teoria da Relevância” com dois trabalhos científicos realizados no mesmo PPG, o da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

Os gráficos a seguir demonstram uma clara cartografia do volume de produção por tema/fenômeno da Pragmática (43), por universidade, ou seja, PPG, e por Estado do Nordeste.

VOLUME DE PRODUÇÃO POR TEMA

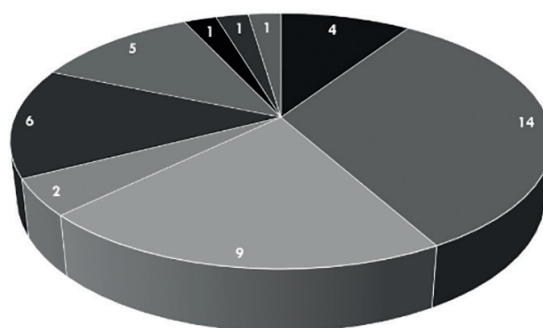
(TOTAL – 43 trabalhos produzidos)



- PRAGMÁTICA
- ATOS DE FALA
- IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS
- DÉIXIS
- PRINCÍPIO COOPERATIVO
- INFERÊNCIAS
- PRESSUPOSIÇÃO
- MÁXIMAS CONVERSACIONAIS
- TEORIA DA RELEVÂNCIA

VOLUME DE PRODUÇÃO POR UNIVERSIDADE

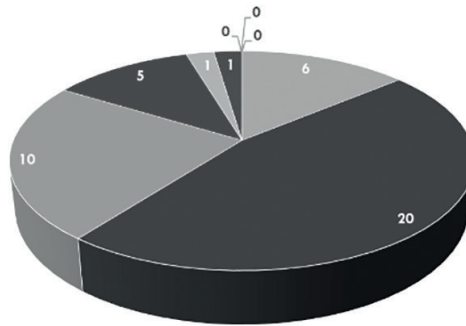
(TOTAL – 43 trabalhos produzidos)



- UFPE
- UECE
- UFPB
- UNICAP
- UFC
- UFRN
- UFAL
- UFBA
- UFGG

VOLUME DE PRODUÇÃO POR ESTADO

(TOTAL – 43 trabalhos produzidos)



■ PERNAMBUCO ■ CEARÁ ■ PARAÍBA ■ RIO GRANDE DO NORTE ■ ALAGOAS ■ BAHIA ■ SERGIPE ■ MARANHÃO ■ PIAUÍ

Todo conhecimento é movido por curiosidade. O homem é um ser curioso por natureza. Para satisfazer esta necessidade, aproveitamos o ensejo de estarmos diante do Banco de Teses e Dissertações para saber se algum dos PPG de áreas afins como outras ciências humanas e das ciências sociais aplicadas demonstrariam interesse pela Pragmática e seus fenômenos revelado nas pesquisas de mestrado ou doutorado desenvolvidas.

Esperávamos que houvesse a utilização de conceitos próprios da Pragmática nas pesquisas realizadas por outros cientistas humanos e sociais. Porém, a quantidade nos surpreendeu, porque o volume de trabalhos encontrados ficou tecnicamente muito próximo ao constatado nas áreas de Letras/Linguística.

Então, no que tange ao levantamento realizado no *Catálogo de teses e dissertações da CAPES*, utilizando-se os filtros de busca TIPO DE TRABALHO (tese e dissertação), GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO (Letras e Linguística, Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas) e INSTITUIÇÃO DE ENSINO (instituições nordestinas), verificamos que

EM PROGRAMAS DE ÁREAS AFINS

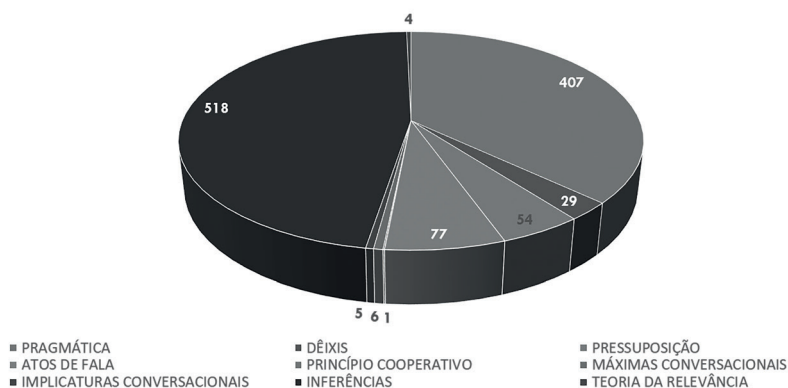
QUANTIDADE	PALAVRA CHAVE	PPG
424	Pragmática	UFSE (16), UFPI (6), UNICAP (6), UNIFOR (2), UEBA (3), UFRN (2), UEFS (1), UECE (52), UESB (1), UFBA (42), UFPB (50), UFAL (14), UFCG (10), UFPE (154), UFC (42), UFMA (2), UFRPE (3), UNIVERSIDADE SALVADOR (1)
37	Dêixis	UFSE (1), UNICAP (1), UEBA (3), UECE (4), UESB (4), UFPB (5), UFAL (1), UFPE (2), UFC (8)
54	Pressuposição	UFSE (2), UFPI (1), UEPB (1), UECE (2), UESB (1), UFBA (3), UFPB (8), UFAL (2), UFCG (1), UFPE (10), UFC (13), UFMA (2), UFRN (6), UFRPE (2)
77	Atos de fala	UFSE (4), UFPI (1), UNICAP (3), UECE (14), UESB (1), UFBA (9), UFPB (14), UFAL (2), UFPE (16), UFC (5), UFMA (1), UFRN (7)
1	Princípio cooperativo	UFRN (1)
6	Máximas conversacionais	UNICAP (1), UFPB (1), UFAL (1), UFPE (1), UFC (2)
5	Implicaturas conversacionais	UFPB (1), UFRN (4)
528	Inferências	UPE (3), UFSE (10), UFPI (14), UNICAP (5), UEBA (3), UEPB (1), UEFS (21), UECE (9), UESB (12), UFBA (42), UFPB (30), UFAL (11), UFCG (22), UFPE (135), UFC (65), UFMA (23), UFRN (69), UFRPE (43)
4	Teoria da Relevância	UFBA (1), UFPB (1), UFC (2)

Fonte: Banco de Dissertações e Teses da Capes

Também os gráficos a seguir demonstram um grande volume de produção por tema/fenômeno da Pragmática, universidade, ou seja, PPG, e por Estado do Nordeste.

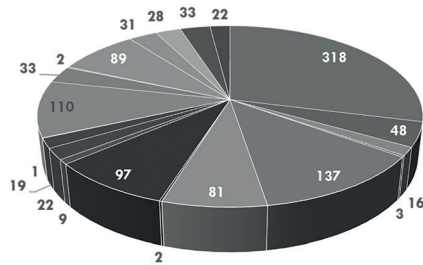
VOLUME DE PRODUÇÃO POR TEMA

(TOTAL – 1.101 trabalhos produzidos)



VOLUME DE PRODUÇÃO POR UNIVERSIDADE

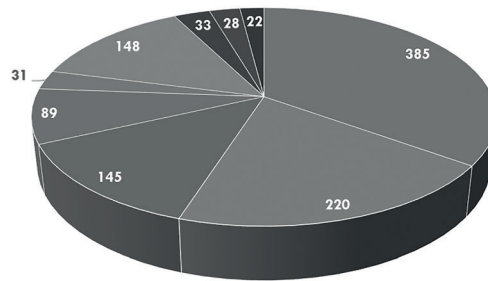
(TOTAL – 1.136 trabalhos produzidos)



- UFPE
- UFRPE
- UNICAP
- UPE
- UFC
- UECE
- UNIFOR
- UFBA
- UEBA
- UEFS
- UESB
- UNIVERSIDADE SALVADOR

VOLUME DE PRODUÇÃO POR ESTADO

(TOTAL – 1.101 trabalhos produzidos)



- PERNAMBUCO
- CEARÁ
- PARAÍBA
- RIO GRANDE DO NORTE
- ALAGOAS
- BAHIA
- SERGIPE
- MARANHÃO
- PIAUI

Como os gráficos apontam, o poder analítico-interpretativo da Pragmática, enquanto pressuposto teórico, cede conceitos e definições aplicáveis à elucidação de *corpora* coletados em contexto natural de uso. Tal fato aponta para o emprego interdisci-

plinar do legado teórico da Pragmática, que já nasceu interdisciplinar com a chamada Teoria Analítica da Linguagem Formal, fomentados por concepções da filosofia, da lógica, da matemática e da epistemologia, que posteriormente desliza para o senso comum, para a linguagem ordinária consolidada em expressões-formulaicas que têm muito mais valor operativo-acional que sonoro-verbal.

4. Considerações finais

A Pragmática não tem sido uma das teorias mais procuradas para embasar estudos de linguagem no Nordeste. Não, nos últimos 20 anos de existência do GELNE. Por quê? Poderíamos especular algumas razões. Todavia, uma parece bem evidente e incontestável: a falta de fomento por parte das diversas diretorias que assumiram este grupo de pesquisa. Como se sabe, quanto mais se promovem discussões sobre um determinado tema por meio de conferências, mesas-redondas e minicursos, mais e esclarece e se põe em evidência tal tema ou área. Talvez esteja na hora de se distribuir mais democraticamente as atividades que constituem um evento científico como o GELNE pelas diversas áreas que formam a Linguística.

Por outro lado, a apropriação da Pragmática como constructo teórico por outras áreas fora da linguística prova sua potência teórico-metodológico operacional vis a vis outras teorias com escopo de abrangência meramente no âmbito da linguística. Seu caráter aplicado às questões emergentes da linguagem *in vivo* ratifica sua instrumentalidade científico-contemporânea.

Por fim, é preciso salientar que uma nova e instigante teoria começa a ocupar um lugar relevante nos estudos que bus-

cam conhecer os modos de se construir e interpretar sentidos. Trata-se da “Teoria da Relevância”, desenvolvida por Sperber e Wilson. O emprego desta teoria, que é uma deriva do conceito de “relevância” no âmbito dos Princípios Cooperativos e Máximas Conversacionais de Grice, aliada ao campo da cognição humana, tem muito a contribuir no constante processo de desvendar os segredos dos *corpora* das pesquisas desenvolvida no seio dos PPG de Letras/Linguística e nos de áreas afins (ciências humanas e sociais aplicadas).

Saber se a nova Teoria da Relevância ou os conceitos e definições mais conhecidos da Pragmática vão predominar, é ainda a grande incógnita.



PESQUISAS FUNCIONALISTAS NO NORDESTE: PANORAMA HISTÓRICO

Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN)

Edvaldo Balduino Bispo (UFRN)

José Romerito Silva (UFRN)

1. Introdução

Neste capítulo, apresentamos um breve panorama histórico das pesquisas funcionalistas desenvolvidas no Nordeste brasileiro. Para tanto, recuperamos a composição de grupos dedicados a essa área de investigação, destacando os temas de estudo, a produção acadêmica e a formação de recursos humanos. Nessa direção, serão contempladas aqui as principais correntes dos estudos linguísticos em perspectiva funcional, a saber, a Linguística Funcional norte-americana, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

Temos como objetivos, além de fornecer um quadro geral desse paradigma teórico e do trabalho realizado por pesquisadores funcionalistas dessa região do Brasil, ressaltar a importância e a contribuição do trabalho deles para a descrição do português bem como para o ensino e a aprendizagem da língua.

Em termos metodológicos, adotamos, aqui, o procedimento expositivo-descritivo de base bibliográfica. Isso se justifica na

medida em que buscamos, a partir de registros bibliográficos existentes, traçar um perfil – embora sucinto – bastante abrangente da presença do Funcionalismo Linguístico no Nordeste brasileiro, em suas distintas vertentes, e da produção acadêmica ancorada nessa perspectiva linguística.

O Funcionalismo Linguístico é um modelo teórico que se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos interacionais em que ela é usada. Os funcionalistas consideram a língua como um fenômeno social, um instrumento de comunicação, cuja gramática se adapta a pressões cognitivas, comunicativas e estruturais presentes na interação verbal. Desse modo, a gramática é vista como o resultado da cristalização ou regularização de estratégias discursivas recorrentes.

Os estudos funcionalistas no Brasil têm uma considerável tradição. Nesse sentido, vale mencionar o levantamento feito por Neves (1999) sobre o percurso desses estudos em âmbito nacional. A autora faz referência a trabalhos pioneiros nessa vertente teórica, como o de Ilari (1986) e os de Castilho (1966, 1968), e também elenca grupos de pesquisa e docentes a eles vinculados que trabalham com a teoria funcionalista, como é o caso do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), na UFRJ, e do Discurso & Gramática (D&G), na UFRJ, UFRN e UFF. Neves (1999) destaca que os estudos funcionalistas no Brasil tiveram significativo incremento nos anos 90 do século XX, contemplando modelos europeus, norte-americanos e de orientação cognitivista.

No que diz respeito à região Nordeste, o pioneirismo de pesquisas fundamentadas nesse enquadre teórico coube à seção do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, sediado na UFRN e criado em 1993. Na UFPB, o Grupo de Investigações Funcionalistas (GIF) atua desde 2013, seguindo o modelo norte-americano, e o grupo

Teorias Linguísticas de Base (TLB), registrado no CNPq em 2011, também se fundamenta na mesma perspectiva teórica. Na UESB, o Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo, registrado no CNPq em 2010, desenvolve pesquisas fundamentadas na interface funcionalismo e sociolinguística.

Há também outros grupos funcionalistas, que seguem as linhas discursivo-funcional e sistêmico-funcional. Na primeira dessas vertentes, pode-se citar o Grupo de Estudos em Funcionalismo (GEF), na UFC. Na outra perspectiva, temos o Grupo de Pesquisa em Semiótica Visual e Multimodalidade (GPSM), ligado à UFPB.

Este texto está organizado em seis seções além desta, introdutória. Na seção 2, explicitamos sucintamente princípios e conceitos básicos da Linguística Funcional bem como procedimentos metodológicos desse modelo teórico. Na terceira seção, fazemos um breve histórico das pesquisas funcionalistas no Nordeste, com destaque para os trabalhos sobre gramaticalização. Na seção 4, expomos as vertentes funcionalistas desenvolvidas nessa região. Na quinta seção, apresentamos algumas das principais produções científicas na área. Na última seção, resumizamos o capítulo e apontamos desafios futuros nessa linha de investigação.

2. Pressupostos teórico-metodológicos fundamentais da Linguística Funcional

As três vertentes funcionalistas aqui citadas compartilham o pressuposto básico de que a forma da língua resulta da função a que ela serve nas diversas situações de interação verbal. A relação forma-função é o fio condutor que norteia os trabalhos desenvolvidos sob essa perspectiva teórica. Dessa premissa fundamental advém a ideia de que a língua deve ser vista como um sistema adaptativo complexo utilizado para fins de comunicação.

Relacionada a essa premissa, está a noção de que discurso e gramática interagem e se influenciam mutuamente. Dado que fatores cognitivos, comunicativos e culturais atuam na emergência, convencionalização e mudança do sistema linguístico, a pesquisa funcionalista tem como ponto de partida dados empíricos de uso real da língua em textos falados e/ou escritos.

Em síntese, podemos dizer que os funcionalistas, de um modo geral, assumem os seguintes princípios:

[...] rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural [...] (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

Tendo como foco a abordagem funcionalista centrada no uso, destacamos os conceitos básicos que explicitamos a seguir: a gramática é vista como um conjunto de estratégias acionadas na produção e compreensão do discurso; discurso, por sua vez, é entendido como a construção e a troca intersubjetiva de sentidos numa dada situação comunicativa; gramaticalização compreende fenômenos de variação e mudança linguísticas que se dão tanto na dimensão sincrônica como na diacrônica associados ao plano da forma e do conteúdo.

Do ponto de vista metodológico, os trabalhos desenvolvidos sob esse referencial teórico adotam uma análise essencialmente qualitativa com suporte quantitativo, a fim de evidenciar tendências de uso. Com esse objetivo, mensuramos a frequência de

ocorrência do objeto de estudo em foco. Nessa direção, procuramos, em nossos trabalhos, identificar e interpretar fatores semântico-cognitivos e/ou discursivo-pragmáticos implicados nos fenômenos sob investigação. Interessados no exame de casos de variação e mudança linguísticas, seguimos a perspectiva de enfoque de natureza pancrônica, que abarca sincronia e diacronia, na tentativa de resgatar um determinado estado de língua bem como flagrar processos de mudança em curso.

A Linguística Discursivo-Funcional, por sua vez, tem suas raízes na Gramática Funcional de Simon Dik (1989). Apesar de ser uma teoria funcionalista, aproxima-se do formalismo no sentido de compreender o conhecimento subjacente à capacidade comunicativa do falante, de modo explícito e altamente formalizado. Diferencia-se do modelo de Dik em quatro aspectos básicos: (i) organiza seus níveis e camadas de maneira descendente (*top-down*), partindo das unidades superiores e terminando nas unidades inferiores, seguindo a direção: pragmática > semântica > morfossintaxe > fonologia; (ii) adota o Ato Discursivo como unidade básica de análise, ampliando o estudo da língua para além do escopo da oração; (iii) inclui as representações pragmáticas e semânticas, em conjunto com as representações morfossintáticas e fonológicas, como parte do modelo gramatical; e (iv) incorpora, no modelo de interação verbal, as intersecções do Componente Gramatical com os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

A GDF constitui uma *gramática estrutural-funcional* [...], termo que adequadamente descreve seu estatuto intermediário, uma vez que, ao mesmo tempo que aceita ser a gramática moldada pelo uso, A GDF sustenta que, em termos sincrônicos, a gramática de uma língua é de fato um sistema, que deve ser descrito e correlacionado com

funções no discurso (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008: 29). Por isso ocupa uma posição intermediária entre o funcionalismo radical e o formalismo radical (PEZATTI, 2014, p. 73).

A Linguística Sistêmico-Funcional apresenta três características principais: (1) existência de uma relação dialética entre a língua e o contexto em que é produzida, incluindo-se aí o contexto de cultura (gênero) e o de situação (registro); (2) organização da língua em três estratos: o grafofonológico, o lexicogramatical e o semântico-discursivo; (3) presença de três metafunções em qualquer ato de comunicação: ideacional, interpessoal e textual. A essas metafunções subjazem sistemas que realizam as ocorrências gramaticais da língua: o sistema de transitividade, relacionado à metafunção ideacional; o sistema de modalidade, vinculado à metafunção interpessoal; e o sistema de tema, ligado à metafunção textual (HALLIDAY, 1994). Para essa corrente teórica,

[...] a língua se organiza em torno de duas possibilidades alternativas: a cadeia (o sintagma) e a escolha (o paradigma); uma gramática sistêmica é, sobretudo, paradigmática, isto é, considera as unidades sintagmáticas apenas como realizações linguísticas e as relações paradigmáticas como o nível profundo e abstrato da linguagem. Vale ressaltar que o termo *sistêmica* refere-se às redes de sistemas da linguagem [...]. Já o termo *funcional* refere-se às funções da linguagem, que usamos para produzir significados [...] (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 24).

Essa breve exposição demonstra que, embora se diferenciem em alguns aspectos, os funcionalistas, independentemente da vertente, compartilham pressupostos teórico-metodológicos

fundamentais e interesses de pesquisa que têm como principal característica o fato de descrever e explicar a estrutura linguística com base nos usos que dela se fazem. Desse modo, integram fenômenos morfológicos/sintáticos e funções semânticas/ discursivas, buscando dar conta das pressões destas sobre aqueles.

3. Breve histórico das pesquisas funcionalistas no Nordeste

Recuperamos, aqui, a formação de grupos funcionalistas ainda em atividade na região Nordeste, entre os quais destacamos o Discurso & Gramática (D&G), o mais antigo em atuação. Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq em 1991, o D&G/UFRN vem discutindo questões teóricas e práticas relativas a essa área temática, com publicações que têm servido de referência para estudos funcionalistas na vertente norte-americana. Entre essas publicações, podemos citar *Linguística Funcional: teoria e prática* (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA, MARTELOTTA, [2003] 2015) e *Funcionalismo e ensino de gramática* (FURTADO DA CUNHA, TAVARES, [2007] 2016). Além destas, devem ser mencionados o *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998) e o Banco Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA, 2011), materiais empíricos que têm servido de base para a investigação de fenômenos linguísticos diversos.

Mais recentemente, o D&G tem incorporado em suas pesquisas contribuições teórico-metodológicas da Gramática de Construções, resultando em nova orientação denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Nesse sentido, os fenômenos investigados ultimamente têm recebido um tratamento que conjuga princípios e conceitos operacionais da vertente funcionalista clássica (na linha de Talmy Givón, Paul Hopper, Joan

Bybee, Elizabeth Traugott e outros) e da visão cognitivista da linguagem, em especial, a abordagem construcionista conforme desenvolvida por Adele Goldberg, William Croft, Graeme Trousdale, Martin Hilpert, entre outros.

O D&G/RN também tem contribuído significativamente para a formação de mestres e doutores funcionalistas e de alunos de graduação, neste caso por meio de programas de iniciação científica. Essa formação de recursos humanos tem-se desdobrado na criação de novos grupos de pesquisa de base funcionalista em outras instituições de ensino superior, a exemplo do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da UERN, sob a liderança da prof^a Rosângela Maria Bessa Vidal.

Nessa perspectiva de abordagem, cabe mencionar, ainda, trabalhos desenvolvidos na UFPB, inicialmente sob a orientação da prof^a Maria Elizabeth Affonso Christiano e, posteriormente, pelo prof. Camilo Rosa Silva, o qual lidera o Grupo (de) Investigações Funcionalistas (GIF). Criado em 2013, o GIF está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling) e desenvolve duas linhas de pesquisa: Abordagem sistêmico-funcional da língua e Gramática funcional: os usos da língua. Pesquisas desses professores e de seus orientandos concentram-se, particularmente, em fenômenos de mudança linguística sob a ótica da teoria da gramaticalização. Outro grupo de orientação funcionalista givoniana vinculado ao Proling é o Teorias Linguísticas de Base (TLB), liderado pelo professor Denílson Pereira de Matos.

Na linha discursivo-funcional, destaca-se o Grupo de Estudos em Funcionalismo (GEF), coordenado pela prof^a Márcia Teixeira Nogueira. Esse grupo integra pesquisas na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase na descrição e análise

da articulação de orações, em particular a aposição, e da modalização de enunciados. Vincula-se ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Outro grupo funcionalista ligado à UFC é o Grupo de Estudos em Modalidade Deôntica (GEMD), liderado pela prof^a Maria Fabíola Vasconcelos Lopes. Criado em 2009, atua em duas linhas: análise e descrição e linguística aplicada.

A vertente sistêmico-funcional é desenvolvida pela prof^a Maria Medianeira de Souza, na UFPE, que formou outros pesquisadores nesse modelo, os quais atuam principalmente na UERN. Ela integra o grupo de pesquisa Estudos da Língua em Uso, ligado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), liderado pelo prof. Cleber Alves de Ataíde. Outros pesquisadores que seguem essa vertente funcionalista estão vinculados à UFPB, a exemplo da prof^a Danielle Barbosa Lins de Almeida, que lidera o Grupo de Pesquisa em Semiótica Visual e Multimodalidade, ligado ao Proling. Esse grupo volta a atenção para a análise de estruturas multimodais (imagens, sons, música e dança) e as interpreta como estruturas híbridas, cujas partes, quando integradas, veiculam significados de valor semiótico, auxiliando na compreensão do texto como um todo.

Na Bahia, o Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo, liderado pela prof^a Valéria Viana Sousa, está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O grupo desenvolve estudos relacionados à variação e à mudança linguísticas, com a finalidade de explicar fenômenos da língua em uso, identificando, no tempo, no espaço e nas práticas sociais, a língua em seus diversos matizes.

4. Estudos funcionalistas sobre gramaticalização no Nordeste

O modelo clássico da Linguística Funcional aborda o fenômeno de mudança linguística sob o prisma da gramaticalização. Muito embora os linguistas tenham sempre se questionado a respeito da origem e do desenvolvimento das categorias gramaticais, a gramaticalização, tal como concebida aqui, é um paradigma retomado e desenvolvido no quadro da linguística funcional norte-americana.

Como muitos outros termos na linguística, “gramaticalização” se refere tanto a um paradigma explanatório como a um processo (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Como paradigma, a gramaticalização focaliza como as formas e expressões gramaticais surgem, são usadas e modelam a língua. Nesse sentido, o paradigma da gramaticalização diz respeito à interdependência entre estrutura e uso, buscando, então, descrever e explicar, concomitantemente, um tipo especial de variação/mudança linguística e o grau de manutenção/desgaste das formas que mudam. Como processo, o termo “gramaticalização” se refere ao fenômeno linguístico que o paradigma de gramaticalização procura entrever, ou seja, os processos pelos quais os itens se tornam mais gramaticais ao longo do tempo. Nesse caso, a gramaticalização é entendida como um processo diacrônico e um *continuum* sincrônico que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática e os padrões fluidos do uso da língua. Trata-se de um processo linguístico de (re)organização de categorias e de sua codificação que pode ser estudado através do tempo assim como em uma dada sincronia.

Com o avanço dessa linha de pesquisa, a gramaticalização não é mais vista simplesmente como a reanálise de material léxico em material gramatical (MEILLET, 1912), mas também como

a reanálise de padrões discursivos em padrões gramaticais e de funções no nível do discurso em funções semânticas no nível da sentença (GIVÓN, 1979; HOPPER, 1979).

No Brasil, a primeira publicação que apresenta resultados de pesquisas sob a perspectiva do paradigma de gramaticalização é *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*, organizado pelos pesquisadores do Grupo Discurso & Gramática Mário Martelotta, Sebastião Votre e Maura Cezário (1996), membros do D&G/UFRJ. Nessa obra, em que se estabelecem praticamente as bases da pesquisa funcionalista norte-americana no Brasil, os trabalhos se voltam, em especial, para processos de transformação de itens lexicais em elementos gramaticais e de formas já gramaticalizadas no domínio da sintaxe para o desempenho de funções mais abstratas no plano textual/discursivo.

Nos trabalhos produzidos pelo D&G/UFRN, o termo “gramaticalização” é tomado em dois sentidos relacionados: a gramaticalização *stricto sensu* se ocupa da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática (SILVA, 2000); a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular (OLIVEIRA, 1997; FURTADO DA CUNHA, 2000). O objetivo principal da dissertação de Oliveira (1997) foi verificar a trajetória pancrônica do elemento *onde*, seus diversos significados e usos. A autora defende a hipótese de que o *onde* estaria passando por um processo de gramaticalização, assumindo funções e significados diferentes dos já reconhecidos pela gramática normativa. A dissertação de Silva (2000) investigou a mudança de significado e, conseqüentemente, de função, ocorrida com o verbo *ir*, que, além de ser um verbo indicador de movimento espacial, passou a ser usado também, em contextos mais abstratos, como marcador de tempo futuro. Nesse sentido, a autora analisou o processo de gra-

gramaticalização de *ir*, descrevendo e interpretando os diversos estágios percorridos nesse processo de mudança.

Cabe pontuar a ampliação do entendimento da gramaticalização como fenômeno que afeta não apenas um item isolado, mas dentro de co(n)textos linguísticos específicos, conforme destacam Himmelmann (2004) e Brinton e Traugott (2005). Nessa perspectiva, gramaticalização é vista, ainda, como expansão, no sentido de que a mudança linguística ocorre em direção ao aumento da classe hospedeira de elementos com que um dado item/conjunto de itens pode se relacionar em um novo domínio funcional.

Posteriormente, em seus trabalhos, alguns pesquisadores – entre eles, Noël (2007), Traugott (2008a, 2008b, 2009), por exemplo – procuraram articular estudos em gramaticalização à perspectiva construcionista. Conhecida como *Gramática de Construções Diacrônica*, essa proposta de abordagem adotou uma definição bastante ampla de gramaticalização, concebendo-a como a emergência de construções em uma língua. Nesse viés de investigação, Traugott (2008a) reconhece a construção como um esquema abstrato que abre espaço para generalizações, realinhamentos e negociações na interação comunicativa, motivando, assim, a mudança.

A publicação de *Constructionalization and Constructional Changes*, por Traugott e Trousdale (2013), traz importantes contribuições para o tratamento sistemático de processos de mudança linguística. Nesse livro, os autores abordam três questões que constituem um avanço em relação a alguns dos pressupostos assumidos pela Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT e CRUSE, 2004; dentre outros) e pela gramaticalização de construções (NOËL, 2007; TRAUGOTT, 2008a; 2008b; 2009). São elas: a) a proposição de um modelo voltado

exclusivamente para o tratamento da mudança linguística fundamentado na assunção de que as construções que emergem na língua são organizadas em redes taxonômicas hierarquicamente constituídas; b) a proposição de um modelo que toma a mudança linguística em duas diferentes dimensões, mudança construcional e construcionalização; c) a proposição de um modelo que visa a explicar, de maneira sistemática, a mudança que ocorre tanto na gramática quanto no léxico.

Na concepção de Traugott e Trousdale (2013), a abordagem construcional possibilita investigar os fenômenos de mudança linguística, dando conta tanto da relação entre construções quanto da emergência de novas construções, examinando a natureza das mudanças que se dão nas construções. Os autores reconhecem dois tipos de mudança: (a) mudança construcional, que afeta propriedades semânticas, morfossintáticas e fonológicas de uma construção existente, mas não resulta em uma nova construção; (b) construcionalização, que é a criação de um novo pareamento forma-função. É essa orientação que, em geral, a LFCU vem atualmente adotando em suas pesquisas.

Na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, foram desenvolvidos alguns trabalhos que focalizam processos de gramaticalização, a exemplo do projeto *A gramaticalização de verbos no português brasileiro*, coordenado pela prof^a Márcia Teixeira Nogueira na UFC. Esse projeto investigou verbos que se gramaticalizaram e as novas funcionalidades por eles assumidas. Cabe registrar a defesa de teses de doutorado que têm como objeto de estudo a gramaticalização de verbos (PENA-FERREIRA, 2007; FIGUEIREDO-GOMES, 2008; JESUS, 2014), orientadas por essa pesquisadora.

Outras pesquisas empreendidas, no contexto nordestino, sobre mudança linguística via gramaticalização são listadas na seção seguinte.

5. Produção acadêmica e formação de recursos humanos para a pesquisa

Os estudos funcionalistas empreendidos no Nordeste brasileiro, desde o início dos anos 90 do século XX, têm resultado em significativo impacto científico, tanto em termos de produção bibliográfica e realização de eventos quanto em formação de recursos humanos para a pesquisa. Elencamos, aqui, alguns exemplares.

Quanto à produção acadêmica, destacamos, inicialmente, o *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Resultante de um projeto interinstitucional que abrangia diferentes IES, a exemplo da UFRN, UFRJ, UFF e UFJF, esse *corpus* consiste de um banco de dados de fala e escrita utilizado como fonte empírica para diversas pesquisas de orientação funcionalista como também para investigações sociolinguísticas.

Outra obra que merece destaque é o livro *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*, publicado em 2000. Organizado por Maria Angélica Furtado da Cunha, o livro traz resultados de trabalhos desenvolvidos, no âmbito do mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, sob a orientação dessa professora.

Em 2003, foi lançado *Linguística funcional: teoria e prática*, organizado em parceria por Angélica Furtado, Mariangela Rios de Oliveira e Mário Eduardo Martelotta. A obra, que contempla tanto os pressupostos teóricos básicos do funcionalismo linguístico

quanto questões de aplicação ao estudo de fatos da língua, tornou-se referência básica para os cursos de graduação em Letras em muitas IES em todo o país e para o processo seletivo de diversos programas de pós-graduação da área de Linguística e Literatura. Dado o alcance desse livro no meio acadêmico, uma nova edição foi publicada em 2015.

Envolvendo pesquisadores de diferentes universidades brasileiras, *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino* (ROSA; CHRISTIANO; HORA, 2004) é orientado pela perspectiva funcionalista de estudo da língua. Os trabalhos que o compõem abrangem vários dos aspectos que dizem respeito à teoria, à análise e à aplicação de conteúdos relacionados à gramática, sendo predominantes as reflexões que buscam jogar luz sobre manifestações do princípio da gramaticalização em dados do português brasileiro.

Organizado por Márcia Teixeira Nogueira, *Estudos Linguísticos de orientação funcionalista* (2007) reúne investigações empreendidas por integrantes do Grupo de Estudos em Funcionalismo (GEF), da Universidade Federal do Ceará. Na interface entre gramática, discurso e cognição, os estudos relatados na obra abordam o funcionamento dos processos de predicação, referenciação, junção, modalização, reformulação e gramaticalização na constituição dos enunciados.

Dignos de nota também são os livros *Transitividade e seus contextos de uso* ([2007] 2011), de autoria de Angélica Furtado e Maria Medianeira Souza, e *Funcionalismo e ensino de gramática* ([2007] 2016), organizado por Angélica Furtado e Maria Alice Tavares. O primeiro traz uma caracterização da transitividade sob a perspectiva de duas vertentes funcionalistas, a norte-americana e a sistêmico-funcional. O segundo faz uma reflexão sobre o funcionalismo e suas possíveis aplicações ao ensino de gramática.

Outro conjunto de dados de natureza regional é o *Banco Conversacional de Natal* (2011), também organizado por Angélica Furtado. Consiste em um *corpus* de fala estruturado com base em conversas espontâneas, as quais foram reunidas por temática.

A coletânea *Modo e modalidade: gramática, discurso e interação* (NOGUEIRA; LOPES, 2011) reúne trabalhos de pesquisadores do *Grupo de Estudos em Funcionalismo* (GEF/UFC), bem como de autores convidados, pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que investigam *Modalidade*. Os textos que compõem a obra enriquecem o debate sobre o tema e atualizam as discussões com áreas afins.

Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Eduardo Martelotta (2013), cuja organização coube à Maria Maura Cezario e à Angélica Furtado, introduz uma tendência recente nos estudos funcionalistas desenvolvidos no âmbito do grupo D&G. Essa tendência incorpora aportes advindos das ciências cognitivas, com destaque à Gramática de Construções, e ganha o rótulo de Linguística (Funcional) Centrada no Uso, cunhado por Mário Martelotta em seu último livro.

De autoria de José Romerito Silva, *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso* (2014) discute aspectos funcionais e formais do grau, sendo este tomado como um domínio funcional ao qual se associam diferentes formas de expressão. O livro contempla, entre outras questões, uma tipologia semântica para essa categoria, projeções metafóricas e/ou metonímicas em noções graduais e variados modos de codificação da noção gradual, os quais incluem os planos fonético, morfológico, lexical, sintático e textual.

O livro *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista* (TAVARES, 2014) aborda a variação entre os conectores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO na indicação da sequenciação retroativo-propulsora de informações. São

focalizadas: (i) as trajetórias de gramaticalização desses elementos de funções adverbiais a funções conectivas; e (ii) a alternância entre esses conectores na fala de Florianópolis e no romance *As vinhas da ira*.

Também lançado em 2014, *Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas* tem como organizadores Edvaldo Bispo e Mariangela Rios e apresenta, como o próprio título indica, abordagens distintas sobre o mesmo fenômeno. A obra promove o diálogo entre três paradigmas teóricos (funcional, variacionista e formal), os quais são mobilizados para o estudo das orações relativas no português do Brasil.

Seguindo a mesma tendência de reunir abordagens distintas para um mesmo fenômeno linguístico, *A gramática da oração: diferentes olhares* (FURTADO DA CUNHA, 2015) agrupa investigações que tomam por escopo a oração. Sobre essa controversa entidade são lançados diferentes olhares e empregados variados dispositivos teórico-metodológicos, quase todos de viés funcionalista.

Termos-chave da gramaticalização (FIGUEIREDO-GOMES; OLIVEIRA Jr., 2015) traz uma compilação, em português-inglês e inglês-português, de termos relativos à Gramaticalização. É resultado de um projeto de iniciação científica/CNPq, desenvolvido no âmbito do Departamento de Letras Vernáculas da UERN.

Organizado por Camilo Rosa e Denílson Matos, o livro *Usos linguísticos: formas e funções* (2016) reúne trabalhos fundamentados no Funcionalismo e na Sociolinguística. São contemplados diversos temas investigados no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB) e em outras instituições, a exemplo da UFRN e da UFF.

Também publicado em 2016, *Forma & conteúdo: estudos de sintaxe e semântica do português*, cuja organização coube a Camilo Rosa e a Dermeval da Hora, compõe-se de resultados de pesqui-

sas orientadas pela Prof^a Maria Elizabeth Affonso Christiano na UFPB. A temática da obra está centrada em aspectos da sintaxe e da semântica do português. Dentre os tópicos tratados, constam conteúdos relacionados a voz verbal, a comportamento dos verbos locativos, a gramaticalização de itens conjuncionais, a mudanças no quadro pronominal do português, a gramaticalização da reflexividade no português brasileiro e a ordem do sujeito gramatical.

Em relação aos eventos científicos realizados, pontuamos, inicialmente, as edições nacional e internacional do Seminário do Grupo Discurso & Gramática ocorridos na UFRN. Realizado anualmente, o Seminário do D&G teve 9 edições em Natal, sendo 4 delas com a presença de convidado internacional: Christian Lehmann (Universidade de Erfurt, Alemanha), em 2009; Dirk Noël (Universidade de Hong Kong), em 2012; Mirjam Fried (Charles University in Prague), em 2015; Martin Hilpert (University of Neuchâtel, Suíça), em 2018. Do Seminário participaram pesquisadores das três seções do D&G, além de convidados de outras IES brasileiras.

Destacamos, ainda no âmbito do D&G/UFRN, a organização do IV Simpósio Internacional de Linguística Funcional (IV SILF), ocorrido em 2017. O evento contou com três convidados internacionais e linguistas nacionais representativos de diferentes orientações funcionalistas: a norte-americana, a sistêmico-funcional e a gramática discursivo-funcional.

Cabe mencionar também o Encontro Regional de Estudos Funcionalistas (EREF), realizado bianualmente. Fundado por docentes da UERN vinculados ao Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF) e ao grupo Estudos Funcionalistas e Ensino de Línguas (EFEL), o EREF contou com três edições, das quais participaram estudiosos da área não apenas da região Nordeste, mas também do sudeste e do sul do país.

Vale registrar, ainda, o Encontro de Estudos em Funcionalismo Linguístico, promovido pelo Grupo de Estudos em Funcionalismo (GEF), na UFC. Do evento participaram pesquisadores das regiões Nordeste, Norte e Sudeste.

Na UESB, ocorreram duas edições do Seminário de Variação e Mudança Linguística, promovidas pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo. Nessas edições, houve participação de pesquisadores de vários estados do Nordeste, além de docentes de IES de Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e do Rio de Janeiro.

Esses eventos, de modo geral, trouxeram ganhos para a pesquisa em Linguística Funcional, em particular, na região Nordeste. Oportunizaram o intercâmbio acadêmico, o diálogo entre diferentes grupos funcionalistas, a divulgação de resultados de investigações empreendidas por linguistas brasileiros e estrangeiros, o aprimoramento de pesquisas em desenvolvimento pelos pós-graduandos vinculados a esses grupos e o avanço de estudos linguísticos realizados no Brasil.

No que diz respeito à formação de recursos humanos, indicamos o quantitativo de mestres e doutores formados no âmbito de grupos funcionalistas e/ou IES do Nordeste e destacamos dissertações e teses que se voltaram à gramaticalização. No D&G/UFRN, foram formados 37 mestres e 10 doutores; no GPEF e EFEL, UERN, formaram-se 27 mestres; no GEF, UFC, 20 mestres e 20 doutores; na UFPB, 27 mestres e 14 doutores; na UFPE, 11 mestres e 3 doutores; na UESB, 15 mestres. Contabilizam-se, pelo menos, 141 mestres e 47 doutores.

Do universo de mestres e doutores formados, elencamos aqui algumas dissertações e teses que se ocuparam da gramaticalização de elementos da língua. Na UFRN, temos *A trajetória de gramaticalização do "onde": uma abordagem funcionalista* (OLIVEIRA,

1997), *O processo de gramaticalização do verbo "ir"* (SILVA, 2000), *Regência e transitividade verbal: gramaticalização dos verbos "assistir" e "visar"* (PAIVA, 2003) e *AÍ, LÁ, ALI e AQUI: gramaticalização de um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal* (CONFESSOR, 2013). Na UERN, encontramos *A multifuncionalidade do "onde" e sua trajetória de gramaticalização para a construção de sentidos de textos falados e escritos do português brasileiro* (SILVA, 2011) e *Os usos dos itens "antes, agora e depois" em gêneros acadêmicos* (BERTULEZA, 2013). Na UFC, temos *Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo panocrônico do verbo "chegar"* (PENA-FERREIRA, 2007), *O percurso de gramaticalização do "é que"* (FIGUEIREDO-GOMES, 2008), *Os processos de gramaticalização e de lexicalização dos advérbios em -mente no português dos séculos XIV, XVI e XX* (GONDIM, 2014) e *O uso do verbo "tomar" no português escrito dos séculos XIV, XVII e XX* (JESUS, 2014). Na UFPB, listamos *O item linguístico "mesmo": confrontando usos e funções no português do Brasil* (AMORIM, 2009), *O processo de gramaticalização de "e, aí, mas, assim e então" em falantes de distintos graus de instrução* (SILVA, 2013), *Conectores adversativos em textos jornalísticos sobre futebol: análise funcionalista em perspectiva histórica* (BRITO, 2016), *A gramaticalização dos itens "tipo" e "feito" em função do conector comparativo* (SANTOS, 2017), *O fenômeno da gramaticalização da perífrase conjuncional "já que" e sua configuração discursivo-pragmática em textos orais e escritos na cidade do Natal* (SANTOS, 2018), *A multifuncionalidade do item "agora" através dos séculos: uma análise na fala e na escrita* (OLIVEIRA, 2018) e *Diga-me com quem andas, então direi quem tu és: o processo de gramaticalização do "então"* (CAVALCANTE, 2018). Na UESB, elencamos: *De "meyo" a "meio que": usos e gramaticalização do item linguístico "meio" no vernáculo conquistense* (BARROS, 2016), *A gramaticalização do verbo "dar": de predicador a integrante de expressões cristalizadas* (COELHO, 2016), *Trajeto*

do mais-que-perfeito: contribuições para a história do português popular de Vitória da Conquista - BA (ROCHA, 2016), *Análise (socio)funcional da preposição “em” e da variante “ni”: um estudo da fala de Vitória da Conquista* (ARAÚJO, 2017), *O uso do futuro perifrástico com verbo “ir” no português oral e escrito de Vitória da Conquista* (ETINGER SILVA, 2016), *Gramaticalização do subjuntivo: um estudo do português popular* (AMORIM, 2015), *“Agora”: o funcionamento de um item linguístico* (LIMA, 2014). Na UEFS, temos a dissertação *Gramaticalização do item “ai” no português falado pela comunidade da Matinha, Feira de Santana-BA* (PEREIRA, 2012).

6. Considerações finais

A regularidade e o vigor da produção acadêmica no quadro da Linguística Funcional empreendida no Nordeste brasileiro são evidências da contribuição que esse ramo de pesquisa tem dado para os estudos linguísticos, especialmente no que se refere à descrição do português, tanto em âmbito regional como nacional. Essas evidências traduzem-se por meio dos trabalhos, defendidos e em elaboração, em nível de mestrado e de doutorado; dos projetos de pesquisa – com fomento à iniciação científica – concluídos e em andamento; dos eventos realizados, reunindo pesquisadores nacionais e internacionais, para discussão e intercâmbio dos temas de interesse comum; da divulgação dos resultados de pesquisas em diversas publicações, entre outros. Deve-se considerar, ainda, nesse contexto, a contribuição dos linguistas funcionais do Nordeste para o ensino de língua, resultante não apenas da produção acadêmica em si mas também da formação de professores que hoje atuam nos diferentes níveis de educação.

Por fim, cabe refletir sobre desafios e perspectivas que se apresentam para a pesquisa funcionalista no Nordeste. No que diz

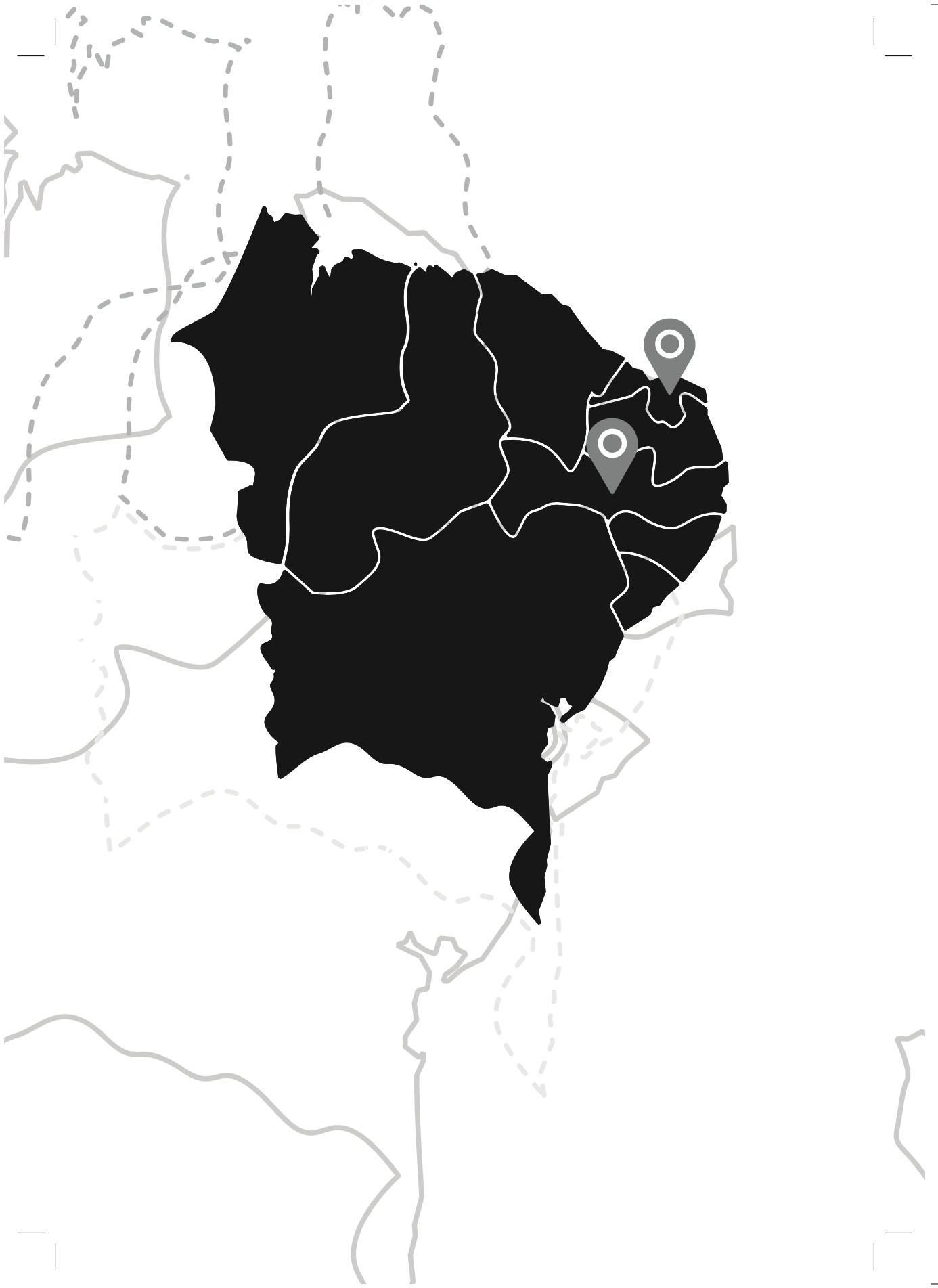
respeito à LFCU, um dos desafios que enfrentamos é o de buscar acomodações conceituais e analíticas para a investigação de fenômenos linguísticos, tendo em vista que essa vertente incorpora pressupostos teórico-metodológicos de outra área de estudos, a Gramática de Construções.

A articulação da tradição funcionalista norte-americana à proposta construcionista suscita uma cuidadosa reflexão sobre questões relativas a especificidades e fronteiras teórico-metodológicas de cada um desses paradigmas. Essa reflexão se justifica pelo intento de, por um lado, ratificar pontos de convergência e contribuições significativas; por outro, identificar possíveis restrições de diálogo, com vistas ao empreendimento de ajustes conceituais e analíticos bem como à manutenção de um perfil identitário.

A incorporação de conceitos de uma teoria linguística por outra exige uma postura crítico-reflexiva do pesquisador, de modo a estabelecer limites quanto ao que deve ou não ser utilizado na análise de fenômenos específicos. Sem essa atitude, ele corre o risco de adotar conceitos e/ou categorias de análise não plenamente compatíveis e, conseqüentemente, descaracterizar e comprometer a própria pesquisa. Nesse sentido, foram produzidos alguns textos que abordam essa problemática, como *O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais* (FURTADO DA CUNHA; SILVA; BISPO, 2016) e *Princípios clássicos funcionalistas e abordagem construcional da gramática* (FURTADO DA CUNHA; SILVA; BISPO, 2017). O primeiro deles discute questões referentes à relação forma-função, mais especificamente no tocante à tensão entre arbitrariedade e iconicidade e ao *status* desses dois componentes da construção. O segundo tem como foco de interesse a discussão de alguns princípios da Linguística Funcional norte-americana, em sua versão clássica, a fim de observar em que medida eles podem ser conjugados à abordagem construcional da gramática.

Outro desafio posto para as correntes funcionalistas, ao menos no âmbito do Nordeste, é não apenas promover encontros de divulgação e compartilhamento de pesquisas, como já vêm ocorrendo, mas realizar parcerias nas quais essas correntes, de fato, “conversem”. Isso significa(ria) o desenvolvimento de projetos e/ou a orientação de trabalhos aliando especificidades teórico-metodológicas das correntes envolvidas no exame de fenômenos linguísticos, o que, provavelmente, resultaria na ampliação e no refinamento da análise/explicação do objeto de investigação.

Finalmente, ainda outro desafio que se levanta como perspectiva futura é articular, de forma sistemática, os achados das pesquisas de base funcionalista a uma proposta consistente para o ensino de língua, com testagem de hipóteses para validá-la. Um empreendimento de tal envergadura poderia permitir, inclusive, tanto a produção de material didático para utilização em sala de aula como a abertura de novos horizontes nos rumos da investigação linguística nesse viés teórico-metodológico.



A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E SUAS INTERFACES: UMA CARTOGRAFIA INTRODUTÓRIA DO NORDESTE DO BRASIL¹

Medianeira Souza (UFPE)
Orlando Vian Jr. (UFRN/UNIFESP)
Wellington V. Mendes² (UERN)

1. Introdução

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), idealizada por Michael Halliday (1978, 1985a), nasceu na Inglaterra e posteriormente se expandiu para a Austrália. Foi disseminada mundo afora para Hong Kong, Espanha, Estados Unidos, México, Brasil e muitos outros países, tanto por ele próprio como por pesquisadores a ele associados. Em nosso país, está presente em praticamente todas as regiões, e no Nordeste, de modo bastante expressivo, como será demonstrado neste texto.

Essa teoria de base contextual e funcional tem seu mérito reconhecido (i) não somente por se configurar como um eficien-

1 A escrita deste texto foi uma das atividades do plano de estágio pós-doutoral realizado na UNIFESP/Campus Guarulhos-SP pela primeira autora, sob a supervisão do segundo autor. Registramos ainda os agradecimentos aos ex-bolsistas de IC-CNPq/UFPE, Danilo Silva e José Marcone Ferreira da Costa pelo auxílio na constituição do banco de dados, base para esta cartografia, bem como a coautoria de Wellington V. Mendes.

2 Os autores são integrantes do Grupo SAL-Brasil, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

te modelo analítico-descritivo para as línguas naturais, (ii) mas também pelo seu potencial metodológico, o qual subsidia outros modelos de investigação linguística, a exemplo da Gramática do Design Visual e da Análise Crítica do Discurso³, e ainda (iii) pelas interfaces que possibilita, a exemplo da Sociologia da Educação, da Linguística Aplicada, do Ensino de Línguas e da Linguística de *Corpus*.

Atuando dessa forma tripartite, a LSF constitui, pois, um empreendimento teórico cuja eficiência pode ser amplamente comprovada: em primeiro lugar, quando dela se faz uso para compreender e descrever um dado idioma; em segundo lugar, quando suas categorias de análise se prestam à realização de outras investigações linguísticas; e quando, em terceiro lugar, através de seus diálogos interteóricos também coproduz conhecimento científico no âmbito dos estudos da linguagem humana. Constitui-se, assim, um modelo funcional de fôlego, razão pela qual ocupa lugar de destaque na Linguística, de modo geral, e no Funcionalismo, de modo específico.

Nossa pesquisa, portanto, levou em consideração a complexidade teórico-analítica desse modelo e teve como objetivo precípuo realizar uma investigação de cunho documental que possibilitasse a construção de um mapeamento ou cartografia introdutória da LSF e suas interfaces no Nordeste brasileiro, cujos resultados pudessem constituir as bases para uma produção acadêmica como a que ora apresentamos, a qual intenta apresentar e comentar esse mapeamento, bem como constituir-se em eixos norteadores para o desenvolvimento futuro das pesquisas em LSF e interfaces, seja no Nordeste, seja no Brasil.

3 Temos consciência da discussão sobre o uso dos termos Análise Crítica do Discurso ou Análise de Discurso Crítica e os tomamos como sinônimos, arcando com as possíveis críticas a essa opção, uma vez que a coleta dos dados se deu com ambas as formas.

A concepção do que denominamos de cartografia/mapeamento ampara-se no pensamento de Pagano e Vasconcelos (2003), quando afirmam que:

um mapa não é o território mapeado; ou seja, trata-se de uma representação, de um quadro sinóptico, através do cotejamento de uma configuração – construída para fins do mapeamento – em outra configuração que se depreende do terreno a ser representado. Assim, o mapeamento irá, necessariamente, ser (i) influenciado pelo construto a partir do qual o mapeamento é feito e (ii) limitado pela cobertura não exaustiva do território. (2003, p. 2).

Essa representação, portanto, é influenciada/limitada pelos elementos que atuam em sua configuração, tais como tempo, produtos, embasamento teórico e território, razão que atribui a um mapeamento ou cartografia, como a aqui elaborada e apresentada, um caráter inerente e eminentemente não exaustivo.

A partir desse entendimento, buscamos a consecução desse intento e almejamos durante nosso percurso: (i) apresentar aos membros da comunidade científica um mapeamento que os deixe inteirados das investigações realizadas no Nordeste com o suporte teórico da LSF e suas interfaces, de modo que possam vir a ser vislumbradas não somente algumas novas áreas de pesquisa, mas também áreas cuja recorrência é maior em detrimento de áreas pouco exploradas; (ii) demonstrar, à comunidade acadêmica em geral, a fecundidade das pesquisas em LSF e interfaces no Nordeste do Brasil, deixando visível, por conseguinte, o vigor teórico-analítico dessa teoria, que teve em Michael Halliday seu criador e pesquisador incansável.

Os achados resultantes desse empreendimento investigativo de cunho documental e seus elementos de sustentação, tanto teóricos quanto metodológicos, constituem a matéria-prima deste artigo e se encontram contemplados, além desta introdução (1), nos seguintes tópicos: (2) breve panorama histórico dos estudos da temática em apreço no Nordeste brasileiro, composto dos marcos temporais, do grupo de pesquisadores, das instituições envolvidas, dentre outros aspectos; (3) bases teóricas do empreendimento investigativo em seus conceitos básicos, com ênfase nos postulados gerais da teoria; seguidos de (4) apresentação das vertentes teóricas e analíticas da LSF, aqui se ressaltando não apenas seu potencial para estudos interteóricos, como afirmado anteriormente, mas também as áreas que concretizam essa interlocução nas pesquisas do Nordeste brasileiro; e de (5) amostragem das produções em LSF e interfaces no Nordeste, incluindo nessa seção a descrição das etapas metodológicas, seguidas da discussão dos resultados. Finalizada a trajetória com a qual esperamos ter demonstrado ao leitor o alcance de nossas metas, chegamos à (6) conclusão do trabalho, apontando ênfases e lacunas, bem como ratificando a robustez da LSF, seja no campo teórico, seja no campo analítico, seja em ambos os aspectos.

2. Histórico da área temática nas pesquisas no Nordeste

Discorrendo brevemente sobre a introdução da LSF no Brasil, a exemplo do que já havia sido feito por Meurer e Balocco (2009), Vian Jr. e Souza (2017, p. 185-203) situam temporalmente esse acontecimento na década de 1980, e geograficamente apontam seus primeiros centros de pesquisa, a saber: Universidade Federal da Santa Catarina (UFSC), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Federal de Minas

Gerais (UFMG). Segundo os autores, essas universidades, com a inserção da LSF em seus programas de pós-graduação, passaram a formar pesquisadores hoje atuantes nas cinco regiões do país e ampliando os estudos na área⁴. Desse modo, a LSF:

passou a ser presença constante nos diferentes eventos da área de Linguística e Linguística Aplicada no Brasil, bem como de Educação. E, por sua característica eminentemente interdisciplinar, de diálogo com outras teorias para explicação de fenômenos linguísticos, a LSF dialoga com áreas como Análise de Discurso Crítica, Gramática do Design Visual, Multimodalidade, Sociologia, Antropologia, Letramentos, Estudos de tradução, Linguística de corpus, Formação de professores, Audiodescrição, Educação/Pedagogia, dentre outras. (VIAN JR.; SOUZA, 2017, p. 186).

Com um caráter notadamente interdisciplinar, essa corrente teórica aporta no Nordeste brasileiro 20 anos depois, com a formação de alguns pesquisadores em LSF, no Sul e no Sudeste do país, cujo exercício da docência já se realizava, ou passa a se realizar no Nordeste brasileiro, dando origem à implementação das pesquisas com base na sistêmico-funcional, seja da teoria em si, seja em seus muitos diálogos.

Desse modo, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade do Estado do Rio Grande do

4 É mister destacar o trabalho da Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves, que atuando intensamente nas pesquisas funcionalistas, como docente, conferencista, pesquisadora e orientadora da UNESP/Araraquara-SP e da Universidade Mackenzie/SP também se constitui um expoente na teoria hallidayana e uma grande divulgadora da LSF no Brasil, tendo consequentemente colaborado com a formação de outros pesquisadores do Nordeste, porém como a pesquisa não se efetivou por autores, e sim, por tipo de produção, acreditamos que esses devem estar inseridos nos dados.

Norte (UERN), a Universidade do Estado do Ceará (UECE), a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade de Pernambuco (UPE) e ainda o Instituto Federal do Ceará (IFCE) tornam-se também, tal como a PUC-SP, UFSC, UFMG, e posteriormente, UFSM, centros de estudos e divulgação dessa teoria, formando desde bolsistas de Iniciação Científica a mestres e doutores, que por sua vez, tornam-se pesquisadores nessas e em outras regiões, como o Norte, por exemplo.

O caminho para o estabelecimento da LSF no Nordeste, cujo nascedouro é a descendência teórica desse grupo de professores, passa também pelo apoio de pesquisadores experientes na área, como Leila Barbara (PUC-SP) e José Luiz Meurer (UFSC) à constituição de um grupo de trabalho unindo toda essa descendência. O IV Congresso da Associação de Linguística Sistêmico-Funcional da América Latina (ALSFAL), acontecido na UFSC, em Florianópolis, em 2008, e o 17º Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (InPLa), na PUC, em São Paulo em 2009, foram os berços da criação do Grupo de Systemicistas do Nordeste (GSN).

Esse grupo⁵, congregando pesquisadores de quatro estados – Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte –, atuava pela conexão através de mídias digitais e pela participação em bancas examinadoras, coautorias em publicação, dentre outros. Como forma de integração mais direta entre seus participantes, organizou dois seminários, denominados de Seminário de Estudos Sistêmico-Funcionais do Nordeste (SESFUNNE), o

5 Inicialmente formado por: Anderson Alves de Souza, Carla Reichman, Danielle Almeida, Roberto Carlos de Assis (UFPB); Antonia Dilamar Araújo, Pedro Henrique Lima Praxedes Filho (UECE), Maria do Rosário S.A. Barbosa (UPE), Medianeira Souza (UERN, atualmente UFPE); Orlando Vian Jr. (UFRN) e Vilmar Ferreira de Souza (IFCE), aos quais se agregaram posteriormente: Wellington Vieira Mendes e João Bosco Figueiredo Gomes (UERN).

primeiro ocorrido em 2011, na UFPB em João Pessoa; o segundo, em 2013, na UERN de Assú, cujo propósito foi a socialização das pesquisas dos componentes do GSN e de seus orientandos. Uma outra ação, digna de nota, foi a realização do VI Congresso da ALSFAL, em 2010, em Fortaleza, com a organização geral do evento a cargo do professor Pedro Henrique Lima Praxedes Filho. Esse evento contou com a participação de pesquisadores de atuação nacional e internacional da LSF, em conferências, mesas-redondas, sessões de comunicações e minicursos.

Por razões diversas, o GSN se desfez, mas a atuação de seus componentes continua forte em seus locais de trabalho e rendeu e ainda rende outros frutos, tais como: (i) eventos regionais com realização regular, tais como: Sintaxe em foco – seminário de caráter itinerante (com a primeira edição na UFPE/Recife, em 2011, tendo sido realizadas três edições); Encontro Regional de Estudos Funcionalistas (EREF), na UERN/Assú, o primeiro em 2011, e três edições posteriores; e os Seminários Interdisciplinares das Ciências da Linguagem/SIC – também itinerante, a primeira edição no Crato/CE, em 2012, com cinco edições posteriores; (ii) pesquisas e apresentações no Projeto SAL Brasil; (iii) publicações individuais ou em coautorias; (iv) colaboração em bancas examinadoras; (v) comissão científica de periódicos e de eventos; (vi) coordenação de grupos de pesquisa. Essa atuação se complementa ainda com a constante formação de ICs, mestres e doutores nas IES às quais se filiam, de modo que já podemos falar de uma segunda geração de systemicistas nordestinos, conforme demonstram os Gráficos 1 e 2 das produções de dissertações e teses (cf. seção 5.5.1), em especial, nesta última década. Esta geração, em suas respectivas instituições de trabalho, certamente dará sequência às pesquisas, bem como à formação de novos pesquisadores.

São essas atividades que, efetivadas no interior da própria LSF e/ou em suas interfaces, tais como Multimodalidade, Ensino de línguas, Formação de professores, Gêneros textuais/discursivos, Tradução, Análise Crítica do Discurso e Linguística de *Corpus*, constituem o material que investigamos e apresentamos neste texto, como resultados da presença da LSF no Nordeste, nessas duas últimas décadas. Eles revelam quão produtiva vem sendo essa teoria, apesar de ainda permanecer atuante apenas em quatro estados dessa região, cenário que certamente poderá mudar em curto espaço de tempo com a contínua e crescente formação de mestres e doutores, como mencionamos no parágrafo anterior.

3. Principais conceitos

Dado ao escopo deste texto, não abordaremos em pormenores a teoria sistêmico-funcional. Serão apresentados aspectos essenciais para que o leitor compreenda tanto o escopo do arcabouço teórico elaborado por Halliday quanto o modo como sua epistemologia e metodologia embasam o mapeamento aqui apresentado⁶.

Inserida em uma perspectiva mais ampla, de uma LSF, em sua arquitetura, a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) foi concebida por Halliday como uma teoria sociosemiótica, visando explicar como a linguagem é utilizada por seus usuários em suas interações, cujo objetivo fulcral é construir sentidos. Dessas formulações, e como resumido em Eggins (2004, p. 3), tem-se o por-

⁶ Para detalhamento sobre a teoria, remetemos o leitor às obras em que esta é definida, principalmente Halliday (1978, 1985a), Halliday e Hasan (1989), Halliday e Matthiessen (1999, 2014) e Matthiessen e Halliday (2009). Em língua portuguesa, o trabalho de Gouveia (2009) e o capítulo 1 da obra de Fuzer e Cabral (2014) detalham os principais conceitos teóricos para embasar a condução de estudos sistêmico-funcionais.

quê de uma abordagem sociossemiótica, uma vez “que o uso da língua é funcional; que sua função é produzir sentidos; que esses sentidos são influenciados pelo contexto social e cultural em que são negociados; que o processo de usar a língua é um processo *semiótico*, um processo de criar sentidos por escolhas”⁷. Fica patente, a partir desses aspectos, o porquê de uma abordagem sociossemiótica, bem como a relação entre a língua, os textos e os contextos em que são produzidos.

Halliday e Hasan (1989) sinalizam para o aspecto de que a língua é um sistema composto por vários tipos de sentidos relacionados às experiências dos usuários que as vivenciam, tanto suas experiências externas, no cotidiano das atividades, quanto as experiências internas, vivenciadas por cada usuário. Ou seja, trata-se de uma teoria em que a língua é concebida como um instrumento para representar o conhecimento construído e trocado nas interações, sendo, portanto, uma ferramenta para representar o conhecimento e, em última análise, para a construção de sentidos⁸ (MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009).

Com base nesses pressupostos, podemos elencar três elementos básicos ou aspectos-chave da abordagem do modelo de língua da LSF, conforme o Quadro 1. Esses elementos servem tanto para balizar os trabalhos aqui mapeados, dando ao leitor uma perspectiva de quais aspectos são mais abordados pelos pesquisadores sistemicistas no Nordeste brasileiro, quanto para

7 No original: that language use is functional; that its function is to make meanings; that these meanings are influenced by the social and cultural context in which they are exchanged; that the process of using language is a *semiotic* process, a process of making meanings by choosing.

8 Trata-se de uma teoria que vem sendo desenvolvida desde os anos 1960, primeiramente a partir do que ficou conhecida como Gramática de Escalas e Categorias. Foi consolidada em Halliday (1985) e posteriormente revisada em Halliday e Mathiessen (2014), tendo passado por reformulações e ampliações pelo próprio Halliday e por colaboradores.

determinar os direcionamentos teóricos, no âmbito da teoria, adotado pelos pesquisadores.

Quadro 1 – Elementos chave na LSF

Elemento	Princípio	Função
Língua	A língua é um sistema de escolhas.	As escolhas feitas pelos usuários visam a construção de sentidos em suas interações. Os usuários, assim, elegem os recursos linguísticos mais adequadas aos seus propósitos.
Texto	O texto é a unidade básica de sentido.	Independentemente de sua extensão, a comunicação entre os usuários da língua se efetiva por meio de textos e, desse modo, o estudo da língua parte dos textos e não de palavras ou orações isoladas.
Contexto	A língua é usada em um contexto social.	Há uma relação dialética entre texto e contexto. Marcas dos contextos estão presentes nos textos, assim como é possível deduzir o contexto pelas escolhas linguísticas nos textos,

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Halliday (1978), Halliday e Hasan (1989), Matthiessen e Halliday (2009) e Halliday e Matthiessen (2014)

Entre os três elementos listados no Quadro 1, estabelece-se uma inter-relação de produção de sentidos, já que a língua é utilizada por seus usuários em determinados contextos para produção de textos e, conseqüentemente, de sentidos para suas interações.

Um dos traços distintivos da LSF é que se trata de uma teoria que vem sendo desenvolvida em resposta a questões sobre língua e sua relação com os diversos contextos em que ocorrem: educacionais, computacionais, sociológicos, literários, dentre uma gran-

de quantidade de possibilidades, a depender do foco das distintas pesquisas. Os estudos mapeados neste trabalho evidenciam essas possibilidades e revelam, ao mesmo tempo, as necessidades locais em cada universo de pesquisa e o papel que a língua exerce em cada um deles e como pode ser aplicada à solução de questionamentos diversos.

Por se tratar de uma teoria de base funcional, a LSF apresenta especificidades em relação às demais correntes funcionalistas, como aquelas mencionadas na introdução e as que serão apresentadas na Seção 4, itens (i) a (vi). Três distinções, no entanto, caracterizam a LSF:

1. A língua em uso em práticas sociais serve a três funções: representar as experiências de seus usuários (ideacional); estabelecer e manter interações entre os usuários, ao utilizarem a língua (interpessoal); e criar um texto coeso e coerente (textual).
2. A LSF descreve a língua em termos de conjuntos de escolhas para a construção de sentidos, denominados “sistemas”. Daí o aspecto sistêmico na teoria. Se pensarmos nas possibilidades de opções utilizadas para a língua em seu uso, por mais infindas que possam parecer, todas são passíveis de sistematização. Temos, assim, a língua organizada em sistemas para as diferentes escolhas possíveis, em opções como singular/plural, tempos presentes, passados e futuros, polaridade negativa/positiva, modalidade, transitividade, tema/rema, e demais possibilidades.
3. O objeto de estudo da língua devem ser textos que emergem das práticas sociais, nos contextos em que ocorrem.

Desses três traços distintivos emergem os princípios para a GSF, esboçada por Halliday (1978, 1985a) e posteriormente desenvolvida e ampliada tanto por ele mesmo, no decorrer dos anos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2014; MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009), quanto por seguidores, bem como adaptada para atender a descrições de outras línguas, como é possível vislumbrar a partir dos estudos aqui mapeados.

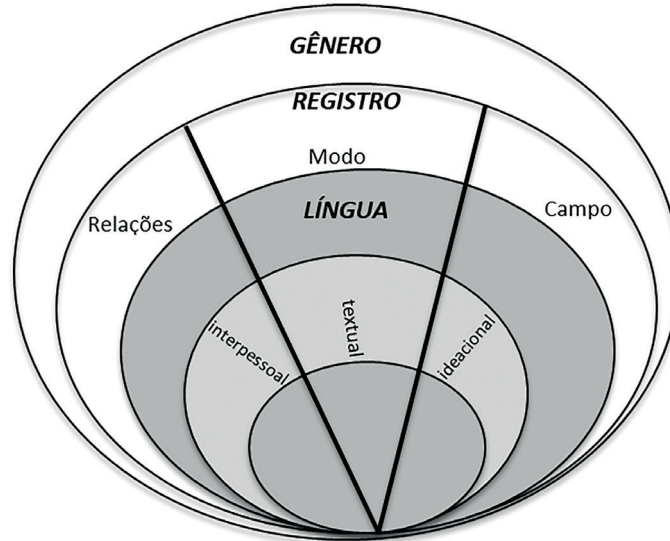
Do primeiro traço distintivo da LSF derivam-se as três metafunções da língua: ao produzir os sentidos construídos como expressão de nossos pensamentos, ideias, emoções desejos e demais experiências, expressamos essas possibilidades da interação com nossos interlocutores e, ao expressarmos toda essa gama de possibilidades, organizamos os textos que produzimos, o que equivale a dizer que, em toda e qualquer instância de língua em uso, os três sentidos básicos são construídos: ideacional, interpessoal e textual.

Em relação ao segundo traço, temos que, no estrato lexicogramatical, esses sentidos serão realizados por meio de sistemas, subjacentes a cada metafunção. Temos, assim, o sistema de transitividade (ideacional), de modo/modalidade (interpessoal) e de tema/rema (textual).

No que diz respeito ao terceiro traço, o texto poderá ser estudado em função do gênero a que pertence, bem como em função de suas variáveis contextuais e, do ponto de vista de sua realização linguística, a depender das perguntas de pesquisa, pode ser estudado a partir de diferentes perspectivas, seja no nível do complexo oracional, da oração, dos grupos ou das palavras.

Apresentamos, a seguir, a Figura 1, que representa as relações entre língua, texto e contexto, a partir do exposto.

Figura 1 – As relações entre gênero, registro e língua



Fonte: Traduzida e adaptada de Martin (2012, p. 234)

Os textos, produzidos de modo oral ou escrito, são realizados por meio de fraseados que os constituem e formam um todo coeso e coerente que, por seu turno, criam sentidos. Temos, assim, três estratos da língua: a grafo-fonologia, que compreende os sons e letras, a lexicogramática, que compreende os fraseados da língua e a semântica-discursiva, compreendendo os sentidos criados pelos sons/letras em fraseados.

As pesquisas aqui mapeadas, desse modo, podem ser consideradas a partir dos contextos de cultura e, conseqüentemente, dos gêneros discursivos estudados, das variáveis situacionais (registro) e dos sentidos construídos pelas metafunções, bem como do fenômeno linguístico sob estudo nos textos em que ocorrem.

4. Vertentes teóricas e analíticas da área temática

Como já advertimos na seção anterior, pelas próprias restrições do espaço deste texto, não trataremos, em todos os detalhes, da LSF. A exposição que se segue tenta, de modo breve, apresentar essa perspectiva teórica em suas construções epistemológicas e em suas possibilidades de uso enquanto conjunto metodológico. Por isso, é também essencial lembrar que uma teoria de base semiótica se configura a partir de estratos interconexos que se realizam simultaneamente para construir sentidos, por força de diferentes condições contextuais. Essas condições se materializam na língua pela fonologia/grafologia em relação inseparável da função que a linguagem exerce, conforme demonstramos na Figura 1, ilustrando as relações entre gênero, registro e língua.

Assim, retomamos o fundamento de que a linguagem, sob o viés aqui explicitado, corresponde a um sistema de produção de significados, que se apoia em escolhas do eixo paradigmático e do eixo sintagmático, e que equivale a compreender os mecanismos envolvidos na seleção, em um dado conjunto de possibilidades, em determinada condição/situação, de certas unidades linguísticas (com função específica) em detrimento de outras que, teoricamente, teriam um valor significativo aproximado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 22). Ou seja, os fatores envolvidos nas possibilidades de escolhas e, conseqüentemente, de significação: por que se disse X, de tal forma, e não Y, de modo tal?

Desse mecanismo de escolhas, numa situação real de uso da língua, resulta um processo que está a serviço das necessidades socioculturais, ocasionando a produção de textos que, na compreensão de Halliday e Hasan (1985), decorrem das escolhas operadas naquilo que chamam de Contexto de Cultura (opera no nível dos gêneros) e Contexto de Situação (relacionado às variá-

veis de registro Campo, Relações e Modo), que se configura nos sistemas de ideação e de interação, plenamente realizados no texto. Nisso temos a compreensão de que o texto é produto de interação e, conseqüentemente, podemos afirmar que tanto o texto quanto o contexto constituem “modos de significado” (HALLIDAY; HASAN, 1985, p. 10-11), já que os sujeitos, em razão de seus contextos, podem fazer inferências sobre os sentidos pretendidos por este ou por aquele participante.

Uma teoria de base sociosemiótica comporta bem a proposição epistemológica da descrição e, especialmente, das possibilidades de aplicação⁹. Evidentemente, a elaboração sumária de uma teoria, em si mesma, prefigura-se também como texto e, nesse sentido, o modelo sistêmico é metafuncional, sendo possível a (re)flexão e a interpretação, tanto de seu próprio paradigma, na qualidade de lugar de chegada, quanto de sua aplicação em outros textos, na dimensão de lugar de partida. Posto isso, a LSF, na sua condição espectral de descrição, ou seja, em suas propriedades associadas ao nível do registro, funciona como conjunto coeso capaz de fazer perceber as circunstâncias que mobilizam as escolhas e os usos que os sujeitos operam no mundo físico ou no mundo interior. Portanto, é uma teoria de descrição translingüística, já que seu potencial e conjunto categorial emergem das relações sociais.

Além de ser um paradigma de descrição, a LSF tem ainda se mostrado produtiva na ciência da linguagem e na educação. É desse caráter multidimensional que outros modelos teóricos ou áreas temáticas derivam. Assim, em consonância com os achados deste estudo, podemos citar:

9 Dada a concepção mais geral que orienta os estudos que temos desenvolvido recentemente (MENDES, 2018), o termo aplicação não está sendo tomado em sua acepção mais apriorística. A noção que tentamos imprimir aqui é de aplicação enquanto uso.

- i. a **Análise Crítica do Discurso (ACD)**, proposta por Fairclough (1992), que, além da teoria linguística, comporta a base da teoria social, examinando a ideologia e as relações de poder envolvidas no discurso; para tal, faz uma releitura das metafunções (FAIRCLOUGH, 2003) e seus sistemas para as análises, porém, a interpretação dos usos linguísticos em práticas sociais tem suporte nos aspectos lexicogramaticais da LSF, como o sistema de transitividade, por exemplo.
- ii. a **Gramática do Design Visual (GDV)**, desenvolvida por Kress e van Leeuwen (2006), cujas orientações teóricas mais gerais associam conceitos da psicologia e da linguística, para indicar que o conjunto indissociável de elementos visuais carregam significados ideologicamente construídos, de modo a representar fatos da realidade (sentidos representacionais), elaborados no contato social (sentidos interativos), através de valores de informação (sentidos composicionais);
- iii. os **Estudos de Gêneros discursivos/textuais**, com base no modelo da Estrutura Potencial do Gênero (EPG) desenvolvido por Hasan (1989), para quem as configurações contextuais condicionam as expressões verbais que dependem de determinados valores associados ao Campo (ideação), Relações (interação) e Modo (texto), podendo a EPG dar conta “de estruturas esquemáticas específicas potencialmente disponíveis aos textos de um mesmo gênero, de tal forma que as propriedades cruciais de um gênero possam ser abstraídas e qualquer exemplar desse gênero possa ser representado” (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 19). Além da proposta de Hasan, é corrente na área a expressão “Escola de Sydney” para os estudos de gêneros discursivos, calcado primordialmente no trabalho de Martin e Rose (2008). Esses aportes funcionam ainda como base para uma pedagogia de gêneros de base sistêmico-funcional, contida em Rose e

Martin (2012). O trabalho de Silva e Espíndola (2013) debate a questão das abordagens teóricas de gêneros discursivos no âmbito da LSF;

- iv. a **Linguística de Corpus** (LC), que no Brasil tem os trabalhos de Berber Sardinha (2004) como fonte principal. A LC é definida como uma área de estudos que trata da “Coleta e da exploração de *corpora*, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística” (p. 3). Embora a Linguística de *Corpus* não seja um paradigma diretamente derivado da LSF, sua construção conceptual e seus aparelhos metodológicos se entrecruzam diretamente, já que as possibilidades de tratamento e de interpretação de dados reais de uso da língua são inúmeras e podem variar de acordo com os interesses do pesquisador (desde a menor unidade linguística até os contextos macro, no campo extralinguístico);
- v. O arcabouço teórico-metodológico da LSF é recorrentemente empregado também nas atividades dos **Estudos da Tradução**, a partir de uma perspectiva que focaliza padrões de escolhas operadas na lexicogramática (PAGANO; VASCONCELOS, 2003; VASCONCELOS; PAGANO, 2005; VASCONCELOS, 2009), podendo contar com auxílio de ferramentas eletrônicas de leitura de corpora (por exemplo, o pacote computacional *WordSmith Tools* ou o *AntConc*);
- vi. Mais do que isso, o **ensino de línguas** e (vii) a **formação de professores** têm sido interesse de muitos trabalhos de pesquisa desenvolvidos recentemente nas universidades brasileiras. Esses estudos, como bem registra Vian Jr. (2014), podem partir tanto dos contextos maiores para as realizações lexicogramaticais menores, como podem partir

destas para a percepção dos contextos extralinguísticos/das condições de realização.

O modo como cada uma dessas áreas ou orientações teóricas (diretamente decorrentes da LSF ou por ela influenciadas) configura ou indica o *locus* envolvido na investigação pode ser representado na relação nos círculos cotangenciais propostos por Halliday e Matthiessen (2014) no seu modelo de organização estratificado (cf. Figura 1). Embora a descrição, por exemplo, possa se concentrar no estrato lexicogramatical, é impossível desconectá-la da porção semântico-discursiva; assim como, embora para a ACD os contextos tenham relevo, qualquer interpretação deverá tomar em conta a lexicogramática e seus sentidos no estrato semântico.

Portanto, a configuração entre os sistemas, suas possibilidades de instanciação, metafunção e realização (e os modos de análise/interpretação/descrição a partir de diferentes modelos teóricos de descrição) tornam o modelo sistêmico-funcional suficientemente produtivo, tanto do ponto de vista epistemológico quanto do seu caráter aplicado, uma vez que as condições da experiência humana com a linguagem somente podem ser compreendidas a partir de um paradigma que se abriga na noção de complexidade e na concepção de rede.

Essa produtividade foi mais uma vez comprovada através desta pesquisa, centrada no Nordeste brasileiro, e se encontra refletida nos resultados que mostramos a seguir.

5. As produções da área temática no Nordeste

Conforme explicitado na seção 2, a LSF vem sendo introduzida no Nordeste desde as décadas de 2000 e 2010 e atualmente está inserida em quatro Estados, compreendendo sete universi-

dades e um Instituto Federal. As produções dos pesquisadores, e daqueles por eles formados, nessa área e suas interfaces realizadas nessas instituições, ou em outras IES nordestinas, em virtude das IES de origem desses egressos, foram o foco da investigação realizada, a qual culmina neste texto cartográfico.

A construção desta cartografia alicerça-se na execução dos procedimentos metodológicos adotados e descritos a seguir, acompanhado das devidas explicitações.

5.1. Ferramentas de busca

A investigação das produções na temática, foco deste trabalho, isto é, as pesquisas produzidas em LSF e interfaces, no Nordeste e também no Brasil, foi efetivada tendo como ponto de partida a área de conhecimento, pela utilização de ferramenta de busca constituída por palavras-chave compostas: (i) pelo próprio nome da teoria, ou seja, (1) Linguística Sistêmico-Funcional e (ii) pelo nome da teoria, acrescido de uma área de reconhecido diálogo com essa teoria; reconhecimento atestado pelo intercâmbio com os colegas pesquisadores nordestinos, quais sejam: (2) Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso; (3) Linguística Sistêmico-Funcional e Gêneros textuais; (4) Linguística Sistêmico-Funcional e Ensino de Línguas; (5) Linguística Sistêmico-Funcional e Formação de Professores; (6) Linguística Sistêmico-Funcional e Multimodalidade; (7) Linguística Sistêmico-Funcional e Tradução; (8) Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de *Corpus*.

Faz-se necessário ressaltar que uma primeira busca foi realizada com a palavra-chave “Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística Aplicada”, mas como os casos encontrados foram específicos do diálogo entre LSF e formação de professores, ou

LSF e ensino, além do fato de que a Linguística Aplicada, em sua constituição hodierna, é uma teoria que abarca muitas outras especificações, refizemos as buscas com “Linguística Sistêmico-Funcional” e esses dois campos, conforme consta em (4) e (5), no parágrafo que introduz esta subseção.

É fundamental também informar que, com base em informações da conferência *Por uma Linguística do Consumidor*, de Vian Jr. (2017), UFRN, por ocasião do IV Simpósio Internacional de Linguística Funcionalista/SILF, investigamos ainda as palavras-chave: “Linguística Sistêmico-Funcional e Sociologia”, “Linguística Sistêmico-Funcional e Antropologia”, “Linguística Sistêmico-Funcional e Audiodescrição”. Essas interfaces, todavia, apresentaram ou ocorrências muito pouco significativas ou não foram registradas, como o primeiro par dos três citados, razões pelas quais não foram consideradas neste trabalho.

Esses dois fatos implicaram, portanto, a primeira configuração deste mapeamento: um conjunto de oito áreas de pesquisa: a teoria em si, e mais sete interfaces. A partir desse *marco* prosseguimos na caminhada com vistas aos próximos ancoradouros.

5.2. O universo da pesquisa: os gêneros objeto de análise e a delimitação temporal do *corpus*

Os estudos em letramento acadêmico (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010) registram em seu conjunto de gêneros produzidos no âmbito acadêmico, os gêneros artigo, ensaio, dissertação, projeto, resenha, relatório, tese, entre outros. Por sua vez, o aumento dos cursos de pós-graduação em Letras no Brasil, atrelados aos quais a criação de vários periódicos específicos, bem como a realização de diversos congressos de divulgação científica são fatores que atestam a alta produtividade de artigos, dissertações e

teses, em relação à publicação de resenhas, ensaios e livros, nas mais diversas abordagens que compõem a área de Linguística, dentre elas, a LSF.

Assim nos foram revelados os primeiros resultados obtidos com as palavras-chave definidas como ferramentas de busca neste trabalho. Esses elementos circunscreveram, pois, o tipo de produção a ser averiguada. Embora tenhamos encontrado o registro de alguns ensaios e livros, centramos nossa investigação nos três gêneros mais produzidos: artigo, dissertação e tese. Para esses últimos, os ambientes digitais consultados foram os bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal/ CAPES e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, órgãos governamentais responsáveis em âmbito federal pela pós-graduação; já a busca dos artigos efetuou-se no site *Google Acadêmico* e Plataforma *Scielo*. A coleta dos dados para composição do *corpus* ocorreu no período de setembro de 2017 a fevereiro de 2018.

Estabelecido um primeiro ponto de ancoragem e tomando como base os dados históricos da presença da LSF no Nordeste, tratamos de circunscrever os marcos temporais e obviamente o período que compreende os últimos vinte anos – 1997 a 2017, encapsuladas nos dados pelo referente décadas – foi o fator catalisador. Registramos, todavia, em gráficos gerais algumas produções anteriores a esse período, visto que fizemos uma busca que compreendeu todo o território brasileiro, em especial o Sul e o Sudeste, não somente por serem essas duas regiões as primeiras a divulgar a LSF, mas também por serem locais de formação de muitos pesquisadores, dentre eles, os primeiros participantes do GSN.

Sinalizamos, por fim, que o cruzamento dos resultados ocasionados pela busca das áreas temáticas e dos tipos de produção

compõem o material para aplicação da busca da última ancoragem, qual seja, a filiação institucional, comentada na subseção a seguir.

5.3. As produções em LSF: filiação institucional

Em consonância com os tipos de produção, as áreas afins encontradas e com os fatos descritos na seção que trata do histórico da LSF no Nordeste, verificamos a filiação de cada artigo, dissertação (mestrado acadêmico ou profissional) e tese. Para os artigos, verificamos a filiação institucional do autor e não a sede do periódico ou anais, quando publicação de congresso; para as dissertações e teses, observamos a sede da pós-graduação.

Embora os dados históricos, de certo modo, já sinalizassem que universidades iríamos encontrar, consideramos relevante fazer essa verificação, uma vez que ela não apenas revelaria aquelas que produzem conhecimento em LSF e interfaces, como também demonstraria o quantitativo dos gêneros investigados por cada uma delas, e ainda poderia revelar outra(s) IES, em virtude dos mestres e/ou doutores já formados no Nordeste.

Para essa averiguação, os dados foram agrupados em duas categorias: artigos, independentemente da origem da publicação, periódico ou anais, a primeira; trabalhos de pós-graduação, dissertações e teses, a segunda.

5.4. Amarras imprescindíveis ou ressalvas necessárias

Todos os dados foram dispostos inicialmente em tabelas, elaboradas por área e gênero acadêmico, acompanhados do autor, ano de produção, da IES e das respectivas palavras-chave que,

juntamente com o resumo, ou *abstract*, foram fundamentais para categorização da área de estudo, compreendendo que, ainda que alguns títulos apresentassem uma *transparência temática*, validar a informação com esses elementos traria mais credibilidade à categorização. Ainda assim, reconhecemos que contestações podem acontecer dada a fluidez temática e categorial inerente aos fatos, coisas, pessoas etc.

Dessa forma, foram elaboradas oito tabelas para cada gênero, sendo que a das dissertações contam com o acréscimo de um item: o tipo de mestrado, acadêmico ou profissional. Essas tabelas subsidiaram a construção dos gráficos - produzidos a partir do tipo de produção (artigo, dissertação, tese), das áreas temáticas, dos elementos temporais e vínculos institucionais - com os quais construímos essa cartografia introdutória das pesquisas em LSF e interfaces no Nordeste, a qual apresentamos e discutimos na seção 5.5.

Antes, porém, duas observações se fazem pertinentes. A primeira delas refere-se aos *trabalhos inspiradores*, por assim dizer, para o desenvolvimento deste mapeamento, quais sejam: Pagano e Vasconcelos (2003), Mota-Roth e Heberle (2015), Mwinlaaru e Xuan (2016), Motta-Roth; Selbach e Florêncio (2016), Vian Jr. (2017), Almeida e Vian Jr. (2018) A segunda diz respeito ao fato de que sempre é possível a ocorrência de falhas, seja tecnológica, por falta de registro digital de algum dado, seja humana, quer pela inobservância de algo, quer pelas limitações que nos constituem. Antes queremos acreditar que, a despeito delas, o que aqui damos ciência aos pares constitui-se num painel bastante representativo do que se tem registrado das pesquisas em LSF e interfaces nessa região quente da qual somos parte, seja como pesquisadores, seja como nela nascidos, seja por ambas as razões.

5.5. Uma cartografia introdutória da LSF e suas interfaces no Nordeste

Se “o valor de uma teoria reside no uso que se pode fazer dela”¹⁰ (HALLIDAY, 1985b, p. 7), a LSF se autoafirma como um modelo bastante profícuo, portanto, com alto teor valorativo, quer seja no plano teórico-descritivo, quer seja no plano analítico-explicativo; no primeiro caso, referimo-nos às pesquisas com tal modelo como suporte teórico; no segundo, às pesquisas cujo suporte se constitui da LSF em diálogos interdisciplinares, como aqueles de que tratamos neste texto. Tal fenômeno – de produtividade/interdisciplinaridade – parece encontrar ressonância na seguinte asseveração de Eggins (2004, p. 20-21): “a Linguística sistêmica é descrita como uma abordagem semântico-funcional da linguagem a qual explora, duplamente, como as pessoas usam a linguagem em diferentes contextos e como a linguagem é estruturada para uso como um sistema semiótico”¹¹, e se ratifica nos achados documentais encontrados nesta investigação, dos quais passamos a tratar na subseção a seguir.

5.5.1. As produções acadêmicas

O modo como as pessoas usam a língua (...) e como a língua se estrutura para ser usada como um sistema semiótico (EGGINS, 2004) são noções que guiam as tarefas das quais vêm se ocupando diversos pesquisadores sistemicistas no Nordeste, seja para contribuir com as descrições linguísticas do português, seja para buscar explicar fenômenos linguísticos no ensino, na aprendizagem, nos

10 No original: “The value of a theory lies in the use that can be made of it [...]”.

11 No original: “... systemic linguistics has been described as a functional-semantic approach to language which explores both how people use language in different contexts, and how language is structured for use as a semiotic system.”

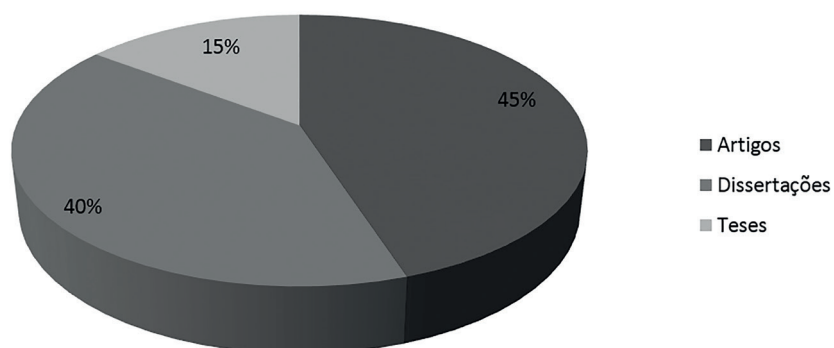
diversos usos da linguagem como potencial semiótico. Noções que, invariavelmente, conduzem ao trabalho com os elementos básicos da teoria, tal como exposto no Quadro 1, e nessa perspectiva: *língua como sistema de escolhas*, *texto como unidade básica de sentido* e *contexto como o locus social* que dialeticamente constitui e se constitui pela língua perpassam essas pesquisas, dos artigos, às dissertações e teses, *corpus* deste mapeamento.

Este mapeamento, distribuído pelos gêneros ou tipo de produção, pelas áreas investigadas, pelo período de produção e pelas IES, compõem os gráficos que discutimos a seguir.

(i) Gêneros ou tipo de produção: artigos, dissertações e teses

O Gráfico 1 registra os percentuais alusivos aos três gêneros objetos de investigação desta pesquisa. Esses percentuais em total de produção são equivalentes a 129 artigos, dissertações e teses.

Gráfico 1 – Total das produções em LSF no Nordeste



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do *corpus*

Entre os gêneros que compõem a escrita acadêmica, cuja aprendizagem se inicia na graduação, temos o artigo científico,

textos escritos para publicação em anais de congressos ou periódicos, com os quais se dá mostras à comunidade científica de uma dada área, resultados, observações e apreciações de um dado tema de pesquisa. Como participantes ativos desse ambiente, os pesquisadores em LSF/interfaces em seus diferentes níveis – do bolsista de IC ao professor-pesquisador – inserem-se nessa rotina de publicações e nela atuam através da submissão de artigos a anais de eventos e/ou a periódicos especializados.

Parece haver uma correlação entre essa produção nos três níveis de formação de um pesquisador e a produção de artigos refletida no percentual de 45%, conforme disposto no Gráfico 1, cujos números absolutos equivalem a 129 produções. Esse valor corresponde a 58 artigos que retratam o total produzido desse gênero nas oito áreas investigadas: LSF, LSF/Ensino de línguas, LSF/ADC, LSF/Gêneros, LSF/Multimodalidade e LSF/Formação de professores, LSF/LC e LSF/Tradução.

Também inscritas em temas dessas oito áreas encontram-se as dissertações produzidas por mestrados em universidades da região Nordeste. Embora seja um trabalho acadêmico com um marco formador, digamos assim, com outros níveis de exigência – é um dos requisitos para a obtenção do grau de mestre de Letras – e de profundidade teórica, pois é o resultado de uma pesquisa de maior amplitude. As dissertações correspondem a 40% das produções, isto é, foram 52 trabalhos defendidos em mestrados. Desses, 44 são oriundos de mestrados acadêmicos e 8 de mestrados profissionais, orientados, ou no mínimo coorientados, por esse grupo de sistemicistas que introduziu e hoje dissemina a LSF nessa região.

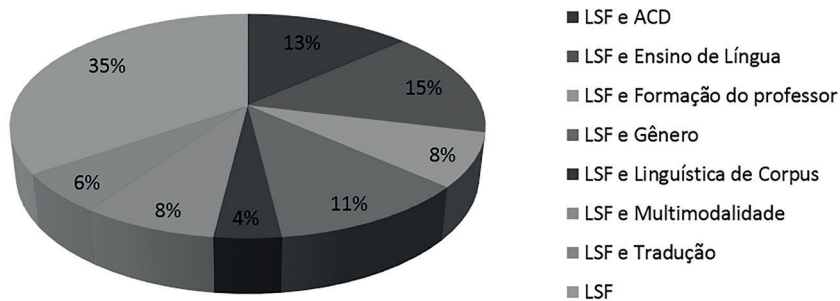
Levando em consideração os fatores como o tempo de escrita – quatro anos – e profundidade de pesquisa – ineditismo, originalidade, densidade – é natural que as teses apresentem me-

nor produtividade em relação a artigos e dissertações. Equivalem a 15% das produções, o que corresponde a 19 trabalhos desse gênero, resultando na formação de igual número de doutores em LSF ou em LSF e algumas das interfaces averiguadas, cujas pesquisas não só demonstram o potencial teórico/analítico dessa(s) teoria(s), como certamente reverberarão em futuras pesquisas, com a conseqüente formação de novos pesquisadores, para o Nordeste, para o Brasil.

(ii) LSF e interfaces: áreas em diálogo

O Gráfico 2 apresenta os números percentuais das produções em LSF e em LSF/interfaces, abrangendo, evidentemente, as oito áreas que constituem este mapeamento e os três tipos de produção: artigo, dissertações e teses.

Gráfico 2 – Produções em LSF e interfaces no Nordeste



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do *corpus*

A caminhada digital com as ferramentas de busca para detectar as pesquisas das áreas afins da LSF no Nordeste resultando na configuração das oito áreas de atuação, já sinalizadas anteriormente e expostas no Gráfico 2, coadunam-se, como não poderia deixar de ser, com a formação do grupo introdutor e disseminador

da LSF entre nós. O manuseio dos dados nos mostrava autorias, coautorias, orientações, coorientações, enfim fazia saltar aos nossos olhos as contribuições de cada um, de acordo com sua própria formação e de acordo com seus interesses investigativos, como também a de seus egressos, de modo que o mapa que se desenhou para este estudo sintetiza a produção de um grupo e de seus discentes, esboça um perfil investigativo capaz não somente de fazer ver os percursos trilhados, mas sobretudo de apontar para outros trajetos, que podem sequenciar rotas ou propiciar novas.

Esses percursos foram permitidos pela aplicação do arcabouço da linguística sistemicista, seja pelo uso de sistemas específicos como os de transitividade (metafunção ideacional) e de avaliatividade (metafunção interpessoal), para descrever o português ou explicitar funcionamentos textuais, como as pesquisas sob a égide da LSF, ou em diálogos com esse arcabouço dele se utilizando de seus princípios e categorias de análise, seja situando-se no Contexto de Cultura com um enfoque discursivo, como por exemplo LSF/Gêneros, ou ainda, seja a partir da reapropriação e reelaboração de categorias de análise, a exemplo das interfaces, LSF/ADC, LSF/Multimodalidade, só para ilustrar alguns desses diálogos.

O fato é que todas essas múltiplas possibilidades de conexões são formas de produzir uma explicação para os mais diversificados fenômenos de significação criados pela linguagem ou pela conjunção de várias linguagens.

É fato também que as pesquisas em LSF e LSF/Interfaces são repercussões das pesquisas desenvolvidas no Brasil, bem como dos lugares onde também são desenvolvidos estudos sob esse(s) construto(s) teórico(s), não contemplando ainda, obviamente, toda a gama de possibilidades. Entretanto, os dados do Gráfico 4 nos fazem acreditar que já ocupamos um espaço considerável

na reflexão sobre os usos linguísticos dos quais nos valem para expressarmos pensamentos, ideias, emoções, desejos e demais experiências; para interagirmos com nossos interlocutores e para organizamos tudo isso em textos coesos e coerentes que, em um contexto de situação e um contexto de cultura, num caminho de influência mútua, construímos nossas práticas sociais e nos constituímos como sujeitos.

Com base nesse preâmbulo, passemos aos percentuais de pesquisas nas áreas investigadas, pois foram eles que subsidiaram, no plano conteudístico, a elaboração desta cartografia introdutória. Por esse prisma, salienta-se a prevalência da LSF – 35% – nas investigações realizadas, tendo como segunda e terceira colocadas LSF/Ensino de línguas, LSF/ACD, respectivamente; esta, com um percentual de 13% dos estudos, aquela com 15%. LSF/Gêneros vêm em seguida com 11%; já com o mesmo índice, ambas com 8%, figuram LSF/Multimodalidade e LSF/Formação de professores. Com um número menor de pesquisas, aparecem LSF/Tradução (6%) e LSF/Linguística de Corpus (4%). Pela nossa compreensão, esses dados são reflexos de nossa formação, sobretudo do número de pesquisadores, acrescido o fato de que nem todos se envolveram imediatamente com a pós-graduação e a pesquisa.

Por um prisma interteórico, compreendemos os resultados como ratificação dos diálogos e do entendimento de que o modelo sistêmico-funcional é suficientemente produtivo, tanto do ponto de vista epistemológico quanto do seu caráter aplicado, como aventado na seção 4. Esses diálogos tornam-se salientes na observação das tabelas que possibilitaram a construção dos gráficos deste estudo, em especial deste referente às áreas temáticas, ora comentado.

Em relação à ACD, demonstram, pelos sistemas lexicogramaticais, a visualização das relações de poder estabelecidas, via linguagem, conforme proposta investigativa dessa abordagem; no que diz respeito à Multimodalidade, demonstram, pela conjugação das metafunções da LSF e seus sistemas adaptados para a linguagem imagética, como se constroem ideologicamente os sentidos, numa denominada sintaxe visual que representa fatos da realidade (sentidos representacionais), elaborados no contato social (sentidos interativos), através de valores de informação (sentidos composicionais).

Em relação aos estudos em LSF/Gêneros, os dados dão a perceber como esses trabalhos, operando com configurações contextuais condicionadoras das expressões verbais, que, por sua vez, dependem de determinados valores associados ao Campo (ideação), Relações (interação) e Modo (texto), reforçam a viabilidade dos estudos dessas práticas sociais constituídas dinamicamente pela linguagem em uso nos mais variados contextos sociais em que participamos cotidianamente; já os estudos sobre LSF/Ensino de línguas e LSF/Formação de professores contam com amplo interesse de pesquisa em várias universidades brasileiras, quando tomam os pressupostos da LSF: ora tomam como ponto de partida contextos mais amplos para chegar às realizações lexicogramaticais mais específicas, ora podem partir destas para a percepção dos contextos extralinguísticos/das condições de realização. Em ambos os casos, com foco na aplicação, visam a compreender fenômenos do ensino ou da formação e dessa maneira contribuir com o aperfeiçoamento desses.

No que se refere à LSF/Linguística de *Corpus*, presentifica-se o entrecruzamento entre as construções conceituais e seus aparelhos metodológicos e por elas se realizam possibilidades diversas de tratamento e de interpretação de dados reais de uso

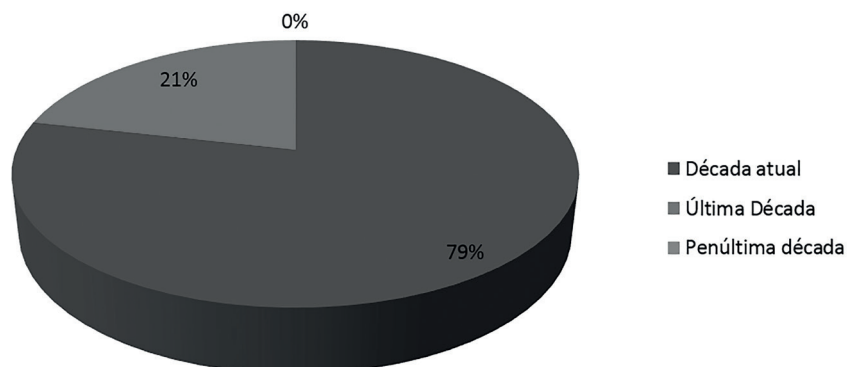
da língua, desde aqueles que focam nas menores unidades linguísticas até aqueles que focam em contextos mais amplos. Em se tratando da LSF/Tradução, materializa-se o casamento com o aparato teórico da LSF via recorrência do princípio das escolhas, em especial as operadas na lexicogramática, cujos padrões revelam significações as mais variadas.

Por último, relativamente aos estudos em LSF em si, a maioria dos trabalhos, um total de 32 produções nessa área específica, o conjunto dos achados evidenciam as investigações pautadas sejam do texto para a oração, sejam da oração para o texto – ou nas palavras de Gouveia (2009), a partir do que expõe Halliday, do texto como espécime ou do texto como artefato – evidentemente todas em práticas de usos efetivas. São análises situadas em uma dada metafunção (ideacional, interpessoal e textual) e seus respectivos sistemas, com destaque para os estudos na ideacional, via sistema de transitividade, porém, há registros das outras duas, com foco no sistema de avaliatividade, no estrato semântico-discursivo e relacionado à metafunção interpessoal, e sistema de tema e rema, caso da metafunção textual. São pesquisas cujos propósitos residem em descrever a língua portuguesa pela abordagem sistêmico-funcional e compreender os significados construídos via escolhas lexicogramaticais.

(iii) Marco temporal da produção de LSF e interfaces no Nordeste

A delimitação temporal na qual ocorreu o levantamento de dados é o conteúdo do Gráfico 3. Este nos revela percentualmente a quantidade de trabalhos produzidos nos últimos 20 anos – 1997 a 2017 – período da chegada e do crescimento das pesquisas na área investigada.

Gráfico 3 - Período do total das produções



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do *corpus*

Os percentuais do Gráfico 3 notoriamente demonstram uma maior produtividade das investigações em LSF e interfaces na década atual. Foram 27 trabalhos escritos na primeira década de presença da LSF no Nordeste e 102 nos últimos 10 anos, números que viabilizam a interpretação desse crescimento como evidência da maturidade dos seus pesquisadores e da solidez de suas pesquisas. Refletem também a ampliação dos estudos em LSF e interfaces, motivados talvez pelas pesquisas e consequente divulgação do que foi produzido e publicado na década anterior, momento da formação do GSN, da implantação dessa teoria no Nordeste.

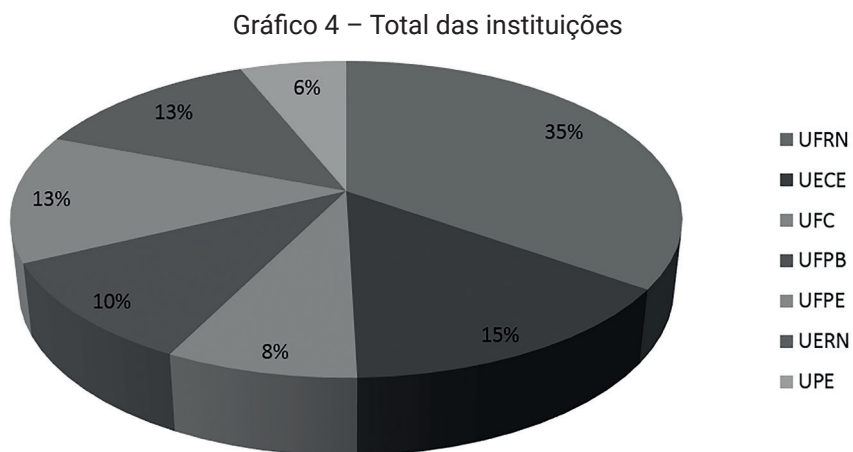
Mais de uma centena de artigos, dissertações e teses produzidos em dez anos ratificam a robustez teórico-analítica da LSF e consolidam a presença dessa abordagem em nossas instituições, bem como representam uma contribuição considerável às pesquisas em Linguística, numa perspectiva mais ampla e às pesquisas de cunho funcionalista, seja “funcionalista” compreendida como abordagens que privilegiam a língua em uso, e não suas formas ou estruturas, seja o Funcionalismo mais especificamente concebido entendendo que as formas estão a serviço da função, portanto, dos usos e dos usuários.

Em conformidade com o histórico da área no Nordeste e no Brasil, não há registros de trabalhos na penúltima década, pois esse período equivale ao da formação de boa parte dos pesquisadores que aqui iriam atuar e coordenar pesquisas. Estas são responsáveis pela geração dos estudos constitutivos do banco de dados para análise nesta cartografia e aqui apresentados em dados quantitativos.

Por fim, poderíamos afirmar que, no conjunto dos Funcionalismos, a LSF no Nordeste nos parece estar à frente do Funcionalismo norte-americano/Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e do Funcionalismo discursivo-funcional holandês, pelo menos em número de IES envolvidas, dado esse apresentado no Gráfico 4.

(iv) Filiação institucional das produções em LSF e interfaces no Nordeste

As instituições em que se localizam os estudos sistêmico-funcionais e suas interfaces são os dados registrados no Gráfico 4, último desta cartografia. Através deste se revela um perfil de produtividade por IES.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do *corpus*

As instituições, berço da LSF no Nordeste, realmente se confirmam nos resultados. Com 35% do total de produções, a UFRN assume o papel de grande líder das pesquisas em LSF e interfaces quando observamos o percentual de 15% da segunda colocada, a UECE. Na terceira posição, com 13% estão UFPE e UERN, seguidas da UFPB, com 10%, UFC com 8% e UPE com 6%.

Sobre essa última, vale destacar, com base no cruzamento desses dados com gráficos específicos para as categorias estabelecidas, a presença da UPE como principal fonte de dissertações produzidas no mestrado profissional em Letras, o denominado *PROFLETRAS*. São trabalhos recentes, escritos por professores do ensino fundamental e médio, o que pode representar um novo campo de incursão da LSF, o espaço da sala de aula nesses níveis de ensino.

Retornamos aos dados para tratar da produção pela sede geográfica dessas IES. Agrupamos os resultados de cada universidade e obtivemos os percentuais por estado, uma vez que, exceto a Paraíba, com pesquisas presentes apenas na sua unidade federal, os demais contabilizam trabalhos em ambos os níveis, federal e estadual. Por esse ângulo, a soma das produções da UFRN e UERN (48%) faz do Rio Grande do Norte o maior centro de produção em linguística sistêmica e seus diálogos, seguido do Ceará (UECE e UFC), com 23%; de Pernambuco (UFPE e UPE), com 19%, e da Paraíba (UFPB) com 10%. Esse cenário, no entanto, caminha para mudanças iminentes, já que temos notícias de vários pesquisadores oriundos de instituições do interior desses Estados já em processo de formação e futuras defesas de dissertações e teses produzidas.

Se há uma proeminência potiguar, entretanto, a pesquisa está presente, de modo mais ou menos equivalente, nos demais Estados ora em foco, de modo que podemos afirmar, a partir dos

resultados que compõem nossa cartografia introdutória, que o trabalho com a LSF e LSF/interfaces está consolidado e deve continuar sua trajetória. Se de crescimento, estabilidade ou diminuição, só outros futuros mapeamentos poderão confirmar, mas a perspectiva é de franca expansão.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que houve IES que figuraram nos dados com apenas um ou dois casos, como a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), e por essa razão não integram o Gráfico 4, mas revelam um espraiamento da teoria. Certamente são textos, no caso artigos, de autores com alguma experiência acadêmica nas IES base da LSF no Nordeste. Ainda se faz pertinente anotar a possibilidade de algum trabalho não ter sido registrado devido a alguma falha de pesquisa, com já ressaltamos em outro momento, motivo que nos faz afirmar que as lacunas que ficam estimulam o aperfeiçoamento deste mapeamento, quiçá a elaboração de outras cartografias. A pesquisa não para e isso por si só já é motivador de uma continuidade.

5.5.2. O perfil sistêmico-funcional do Nordeste

Com o Quadro 2, apresentado na sequência, agrupamos nossos dados cartográficos e pretendemos, dessa forma, compor um perfil das pesquisas dessa teoria e suas interfaces no Nordeste brasileiro. Antes, ressaltamos que esse perfil construiu-se (i) centrado na produção de três gêneros; (ii) em um momento do tempo; (iii) a partir de buscas não exaustivas. Por essa razão pode haver alguns dados não incluídos, como por exemplo de pesquisas que estavam em andamento, quando da constituição deste *corpus*, entretanto, para nós, longe de se con-

figurar como um problema, esse fato só reforça as limitações de um empreendimento desse porte, a dinamicidade das ciências da linguagem, a dinamicidade das coisas

Quadro 2 – Perfil da LSF no Nordeste

20 ANOS DE LSF NO NORDESTE		
INTERFACES	PRODUÇÕES	IES
Ensino de línguas		UFRN
Análise Crítica de Discurso		UECE
Gêneros discursivos	58 artigos	UERN
Multimodalidade	52 dissertações	UFPE
Formação de professores	19 teses	UFPB
Tradução		UFC
Linguística de <i>corpus</i>		UPE

Fonte: Elaborado pelos autores com base no *corpus*

Posta a dinamicidade da ciência e da vida, enfim, o perfil sintetizado no Quadro 2 está aberto para o acréscimo de novos traços, de novos olhares que o expandam, que o complementem.

6. Conclusão

Ao chegar a este momento do texto, aquele em que se retorna para a trajetória de pesquisa, para apresentar retomadas, apreciações, fechamentos, nos volta à mente a ideia de mapeamento como representação, como quadro sinóptico (PAGANO; VASCONCELOS, 2003), visto que, nos passos iniciais, os delimi-

tadores da meta a ser alcançada portavam-se como pano de fundo dessa ideia. A meta era a construção de um mapeamento ou cartografia introdutória da LSF e suas interfaces no Nordeste, um quadro sinóptico, como o Quadro 2, para rastrear pesquisas nessa teoria e suas interconexões – rotas dadas –, bem como servir de base para a continuidade das investigações na área – rotas novas. Parece essa a razão de ser dos mapas, sejam os geográficos, sejam linguísticos, como este que demonstramos pelos gráficos e suas respectivas interpretações. Por acreditarmos que construímos esta cartografia, podemos, assim, afirmar que nossos objetivos foram alcançados.

O que esta cartografia da LSF nos permite enxergar são reverberações dos entendimentos que já temos (e seus princípios teórico-metodológicos proporcionam tal compreensão) como pesquisadores na área, quais sejam: a eficiência desse modelo analítico-descritivo para as línguas naturais, dado o número de pesquisas com esse propósito; o amplo potencial metodológico que subsidia outros modelos teóricos – Gramática do Design Visual/Multimodalidade, Análise Crítica de Discurso, Gêneros discursivos/textuais; as interfaces que possibilitam um diálogo extremamente profícuo, a exemplo dos Estudos de tradução, Ensino de línguas, Formação de professores e a Linguística de *Corpus*.

Todos os casos mencionados estão mapeados neste estudo, são os caminhos existentes. Demonstram o que já se fez no espectro de investigação, dos caminhos mais percorridos, como a aplicação da LSF em si, aos menos trilhados, como os diálogos com os Estudos de Tradução e com a Linguística de *corpus*.

O mapeamento em pauta revela não apenas uma LSF atuando de maneira predominantemente descritiva, mas com forte

caráter metodológico, indicando o “modo como os aspectos teóricos e práticos da LSF têm sido ampliados por pesquisas posteriores, não somente estudando aspectos do português brasileiro e aspectos tipológicos da língua” (VIAN JR.; SOUZA, 2017, p. 199) e, portanto, adentrando em várias outras questões. Em nossa compreensão, a LSF “oferece ferramental poderoso para compreender como o significado é construído pela linguagem nas mais distintas práticas sociais” (VIAN JR.; SOUZA 2017, p. 198-199), fato que nos parece ressaltado pelo perfil mapeado. Todavia, esse modelo teórico-analítico, comprovadamente eficiente e dialógico, tem um potencial – ainda inexplorado em nossa região – para outras interfaces, outros diálogos, outras rotas, a exemplo da Sociologia e da Antropologia, que poderão acrescentar novas linhas a essa geografia cartográfica da LSF no Nordeste, além de outras possíveis diálogos em construção, tais como os estudos sobre exclusão, letramentos e multiletramentos, a teoria *queer*, os estudos sobre surdez, dentre outros.

As vias de cada um desses caminhos são, por sua vez, reveladoras de muitas perspectivas: se há muitos estudos com o sistema de transitividade e de tema/rema, no âmbito da lexicogramática/oração, sente-se a quase inexistente presença de estudos no âmbito do grupo nominal/morfologia e da fonologia, por exemplo, e/ou de outros sistemas, como os discursivos de Conjunção, Identidade e Periodicidade. As interfaces, por sua vez, têm ainda bastante a desbravar, desde aquelas voltadas para o ensino-aprendizagem até aquelas voltadas para os gêneros e imagens, como para o texto literário, entre outras.

Quanto mais sistemas forem explorados buscando uma compreensão o mais completa possível da gama de possibilidades de que dispomos para semiotizar nossa existência em sociedade, mais amplas se tornam as oportunidades de interlocução, seja entre todos os sistemas conceptualizados no seio da

LSF, seja entre eles e áreas de interesse comum pelas questões da significação. Quanto maior o crescimento das pesquisas, maiores, mais abrangentes e mais robustas serão as cartografias futuras...



A GRAMÁTICA GERATIVA NO NORDESTE

Adeilson Pinheiro Sedrins (UFRPE)
Dorothy Bezerra Silva de Brito (UFRPE)
Danniel da Silva Carvalho (UFBA)

1. A Gramática Gerativa

Considera-se como o marco inicial da Gramática Gerativa (GG) os primeiros estudos publicados por Noam Chomsky, na década de 1950. Porém, de acordo com o próprio Chomsky, os fundamentos da GG já são encontrados em Panini, cujos estudos remontam ao século V a.C. No século XX, a GG torna-se o programa de investigação que mais influenciou os estudos em teoria da gramática¹. O primeiro texto a tornar mais conhecidas as ideias de Chomsky foi o livro *Syntactic Structures*, publicado em 1957, apesar de não ser a primeira produção do autor nessa perspectiva². Rapidamente, no espaço de uma década, após os primeiros textos de Chomsky circularem, a GG se torna “dominante na linguística norte-americana” (BORGES-NETO, 2004, p. 110).

No Brasil, as primeiras notícias que se tem sobre a GG, de acordo com Kato e Ramos (1999), são os artigos de Lemle e Mattoso

1 Tomamos essa afirmação de um texto de Lyons (1970 [1973]) que, apesar de ter sido feita num texto com mais de 40 anos, continua atual. Compartilhamos com Guimarães (2017, p. 18) a ideia de que o paradigma chomskyano “é, de longe, e com uma ampla vantagem sobre os concorrentes, a melhor concepção de gramática de que dispomos até hoje”.

2 O primeiro texto de Chomsky reconhecido pelo próprio autor (CHOMSKY, 1997) como um texto em GG, é a sua dissertação de mestrado *Morphophonemics in Modern Hebrew* de 1951.

Câmara, publicados no ano de 1967 na Revista Tempo Brasileiro. Ainda de acordo com as autoras, as primeiras teses de doutorado em GG, no Brasil, aparecem no início da década de 1970, com os estudos de Eunice Pontes, Leila Bárbara e Mary Kato.

Neste capítulo, apresentamos uma breve história sobre o surgimento e desdobramentos da consolidação de estudos gerativistas no Nordeste brasileiro, apontando os centros de pesquisa que foram (e são) reconhecidamente locus de desenvolvimento de pesquisas nessa área do conhecimento. O mapeamento dos estudos gerativistas no Nordeste está organizado em três blocos, a saber, Bahia, Alagoas e demais centros. O destaque dado a Bahia e Alagoas se deve ao fato de terem sido, no Nordeste, os Estados pioneiros no desenvolvimento e divulgação do gerativismo. Antes da discussão sobre como a teoria ganhou espaço nos centros nortdestinos de pesquisa, pontuamos, a seguir, um marco para a história da Linguística brasileira, sobretudo do Nordeste, que foi a vinda de Noam Chomsky, precursor do gerativismo, para Maceió, em 1996.

2. Chomsky no Nordeste brasileiro

Em 1996, Denilda Moura, enquanto presidente da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN (biênio 1996/1997), proporcionou a ida de Noam Chomsky a Maceió, cidade que, na época, foi sede da ABRALIN. Chomsky veio ao Brasil em 1996 para participar de um circuito de conferências, realizado em diferentes cidades brasileiras: Rio de Janeiro (nos dias 11 e 12 de novembro), São Paulo (21 e 22 de novembro), Brasília (29 e 30 de novembro) e, por fim, Maceió, em 3 de dezembro. Na ocasião, Noam Chomsky concedeu uma entrevista que está documentada em número especial da Revista DELTA, em 1997. Em maio de 2019, também como parte da programação de um congresso da ABRALIN realizado no Nordeste, em Maceió – Alagoas, Chomsky proferiu a conferência *Operações*

fundamentais da linguagem: reflexões sobre o design ideal, por meio de uma vídeo-conferência.

3. A gramática gerativa no Nordeste – a Bahia

Em seu discurso como paraninfa dos formandos do curso de Letras da Universidade Federal da Bahia no ano de 1984, registrado no terceiro volume da revista Estudos Linguísticos e Literários, publicado em 1985, do então jovem Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, ainda com o singelo nome de Mestrado em Letras e Linguística, a saudosa professora Susana Alice Marcelino Cardoso ressaltava a importância da criação de cursos de Letras na região Nordeste e, em especial, no estado da Bahia (CARDOSO, 1985, p. 107).

Essa importância pode e deve ser estendida aos programas de pós-graduação na área, em particular aos cursos *stricto sensu*. Isso porque, desde os primeiros cursos de Letras implementados no Brasil (dentre eles o da Universidade Federal da Bahia, fundado em 1941), os das regiões Sudeste e Sul do país sempre receberam maior visibilidade, seja pelo maior número de pesquisas financiadas, seja pelos principais veículos de divulgação da pesquisa científica na área estarem localizados na região, juntamente com as editoras de alcance nacional, na época. Esses fatos implicaram numa opacidade da produção intelectual na área nas demais regiões da nação. Esse apagamento institucionalizado, agressivo, aparece em textos que se propõem a traçar a história dos cursos de Letras no Brasil, tais como Fiorin (2006), Lajolo (s.d.), Silva Fialho e Fideles (2008), apenas para citar alguns. Nesse contexto, está situado o surgimento dos estudos gerativistas na região Nordeste.

Como mencionado por Kato e Ramos (1999, p. 106), até meados da década de 1970 a pesquisa gerativista dependia de professores estrangeiros, que também desenvolviam o papel de orientadores nos programas de pós-graduação nas regiões Sul e Sudeste

do país. Nomes como John Martin, Mercedes Roldan, Carl Harrison, Marianne Esztergar, Frank Brandon, Quentin Pizzini, Anthony Naro, Christian Rohrer, desenvolveram atividades de ensino, pesquisa e orientação em instituições como PUC-São Paulo, PUC-Campinas, UNICAMP e PUC-Paraná. Nessa mesma década, alguns pesquisadores brasileiros desenvolveram suas pesquisas de doutorado em instituições estrangeiras. Tem início nesse período, segundo as autoras, o desenvolvimento de “quatro pólos principais de estudos gerativistas: UFRJ, PUC-SP, UNICAMP e UFMG” (KATO; RAMOS, 1999, p. 106).

Entretanto, é deixado de lado pelas autoras supramencionadas o desenvolvimento da pesquisa gerativista, ainda na década anterior, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em consonância com o que ocorrera no sudeste do Brasil, a pesquisa gerativista na Bahia tem início por iniciativa de mulheres dedicadas à consolidação dos estudos linguísticos gerativistas, diferentemente do que acontecia no resto do mundo³. A história dos estudos gerativistas na Bahia confunde-se com o surgimento dos estudos linguísticos na Universidade Federal da Bahia. Na década de 1960, algumas professoras da UFBA foram enviadas ao exterior (Estados Unidos e França) para desenvolver pesquisas formalistas. Destaca-se, na década de 1960, a pesquisa de mestrado da professora Claiz Passos, intitulada *Historical Considerations of the Stridents: Galician, Portuguese, Spanish*, desenvolvida na Universidade do Texas em Austin, entre os anos de 1968 e 1970. A professora Joselice Macêdo de Barreiros, mesmo desenvolvendo uma tese⁴ sob orientação de André Martinet em um viés estruturalista no início dos anos 1960 na *Université Paris*

3 Kato e Ramos (1999, p. 105) afirmam que um dos primeiros trabalhos gerativistas publicados no Brasil foi o artigo *O novo estruturalismo em linguística: Chomsky*, publicado na revista *Tempo Brasileiro*, em 1967, e as primeiras teses de doutorado feitas a partir da teoria gerativa foram as de Eunice Pontes (1973), de Leila Barbara (1975) e de Mary Kato (1972/1974).

4 *Etablissement d'une méthode pour l'étude de fréquence des monèmes de la langue parlée, appliquée dans un coupus de deux centres urbains* (Salvador - Rio). Obtenção do título de doutora em 1963.

1 *Panthéon-Sorbonne*, dedica-se, após seu retorno à Bahia, à implementação e desenvolvimento da pesquisa gerativista na UFBA.

De acordo com Barros (1978), a pesquisa em Linguística na Bahia tem início no extinto Mestrado em Educação da instituição, na linha de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, que existiu entre os anos de 1964 a 1975. Segundo a autora, esse período, chamado por ela de primeira fase dos estudos linguísticos na instituição, caracterizou-se pela aplicação de modelos gerativistas de análise (Teoria Padrão) a línguas como o português, o francês e o inglês, com vistas à elaboração de materiais didáticos para o ensino das referidas línguas, método em voga no momento (ALMEIDA FILHO, 1991). Nesse período, destaca-se a dissertação de mestrado da professora Celina Araújo Scheinowitz, orientada pela professora Claiz Passos e intitulada *Análise contrastiva dos sistemas lexicais das línguas francesa e portuguesa*. A formação em fonologia gerativa da professora Claiz Passos, juntamente com a pesquisa de cunho lexical da professora Joselice Macêdo de Barreiros, possibilitou a oferta das disciplinas *Fonologia Gerativa* e *Noções de gramática gerativo-transformacional*, inicialmente no Mestrado em Educação e, posteriormente, no Mestrado em Letras, inaugurado em 1976.

Destacamos, ainda, o plano de ação desenvolvido pelo Programa de Linguística Aplicada do Mestrado em Educação, cujo objetivo foi treinar professores de línguas no interior do estado da Bahia, o que fomentou a publicação de inúmeros trabalhos de base gerativista, incluído teses de concurso para provimento de cargo de carreira de docente na UFBA (BARROS, 1978, p. 22). Entre essas teses, destacamos as das professoras Joselice Macêdo de Barreiros, intitulada *Um modelo gerativo transformacional de análise e linguística aplicada* (1970), Maria Emiliania Passos, intitulado *O problema da frase nominal sujeito a partir de uma análise da sentença da língua inglesa* (1971) e Claiz Passos, intitulada *Uma interpretação da sínclise pronominal do português da Bahia* (1973).

A criação da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia, em 1976, quando da fundação do Curso de Mestrado em Letras, inaugura três áreas de concentração: Língua Portuguesa, Linguística e Teoria da Literatura, sendo as duas primeiras herdadas do Mestrado em Educação.

Segundo Barros (1978, p. 14), a preocupação com os estudos dos universais da linguagem assinala o início da segunda fase da evolução dos estudos linguísticos na UFBA. A autora afirma que, dentro da linha de Linguística do Mestrado em Letras, desenvolvem-se três grupos de projetos:

1. Estudos de aquisição e desenvolvimento da linguagem;
2. Estudos Fonológicos; e
3. Estudos Semânticos.

O grupo 1 reunia projetos que se dedicavam a uma aplicação da linguística gerativo-transformacional, muito em voga nos anos 1960 e 1970; O grupo 2 reunia projetos que procuravam um melhor entendimento da componente fonológica da gramática; O grupo 3 reunia pesquisas sob o viés de uma semântica gerativa, área dos estudos gerativistas muito produtivo na década de 1970 e que resultou em mudanças profundas no modelo que viria a ser proposto na década seguinte.

Chamamos a atenção para as pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa em fonologia: a pesquisa de doutorado da professora Claiz Passos, intitulada *As marcas sintáticas em nível fonológico: implicações teóricas* e os trabalhos também sobre a interface fonologia-sintaxe desenvolvidos pelo professor Jean-Pierre Angenot, um dos colaboradores estrangeiros na fundação do Mestrado em Letras da UFBA.

Ainda faziam parte da primeira turma desse grupo os projetos de mestrado de Denise Chaves de Menezes Scheyerl, sob a orientação da professora Claiz Passos, Maria Vitória Alves de Oliveira, Maria Theresa Borges Silva, Maria Cardozo Pires da Silva, Maria

Antonieta Ferreira Gomes e Suzana Helena Longo Sampaio, sob a orientação do professor Angenot.

No grupo 3, destacaram-se os projetos orientados pela professora Joselice Macêdo de Barreiros desenvolvidos por Tânia Pedrosa Barretto, Sônia Moura Costa e Costa e Maria Lúcia Ferreira Rodriges.

Assim, a implementação do curso de mestrado em sua linha de pesquisa em Linguística na UFBA confunde-se com o surgimento das discussões sobre o modelo gerativista de gramática, ainda em seu modelo transformacional. Os professores envolvidos nessa linha de pesquisa deram início às suas orientações com base na Gramática Transformacional (CHOMSKY, 1956), contribuição trazida por alguns professores que foram aos Estados Unidos para desenvolver trabalhos de mestrado.

Nos anos 1970, a gramática gerativo-transformacional estava de tal forma disseminada no Mestrado em Letras da UFBA que até professores de outras áreas contribuíram em sua divulgação. Foi o caso do *Glossário de termos relativos à gramática transformacional*, publicado pelo professor Nilton Vasco da Gama, da linha de Filologia Românica. O glossário compõe a tradução da obra *Princípios de gramática gerativa*, de Joseph Nivette, que, além do glossário, inclui uma bibliografia adicional à obra original do francês.

Com as conclusões dos trabalhos de suas primeiras turmas, o Mestrado em Letras, que passa a se chamar Mestrado em Letras e Linguística em 1983, decide que é o momento de fundar uma revista que pudesse divulgar os trabalhos produzidos por seu corpo docente e por pesquisadores nacionais e estrangeiros que pudessem contribuir com a formação linguística e literária na Bahia e no Brasil.

A revista Estudos Linguísticos e Literários surgiu em 1984, tendo sido a sua primeira edição lançada em maio daquele ano. Era, a princípio, um instrumento de publicação das pesquisas dos professores do então Mestrado em Letras e Linguística. Em seu

terceiro número, a revista Estudos Linguísticos e Literários, em sua seção final, traz a relação de dissertações de mestrado defendidas até aquele ano em seu Mestrado em Letras e Linguística. Nota-se que, das dezenove dissertações defendidas entre 1979 e 1984, dez foram desenvolvidas a partir da perspectiva gerativista de análise.

O Mestrado em Letras e Linguística continuou na formação de gerativistas no estado da Bahia no nível do mestrado durante a década de 1980, em que destacamos as pesquisas desenvolvidas pelas professoras Serafina Maria de Souza Pondé (1984) e Ilza Maria Ribeiro (1988), orientadas pelas professoras Joselice Macêdo de Barreiros e Claiz Passos, respectivamente. As professoras Serafina Pondé e Ilza Ribeiro foram fundamentais na continuidade dos estudos gerativistas no programa de pós-graduação a partir dos anos 1990.

Até então, os mestres formados pelo programa de pós-graduação da UFBA precisavam dar continuidade em sua pesquisa no nível de doutorado em outras instituições. Entretanto, em 1996, esse quadro muda com a aprovação do curso de doutorado, e o Mestrado em Letras e Linguística passa a se chamar Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL). O PPGLL passa a ser constituído de três áreas de concentração, a saber: Linguística Histórica, Teoria e Análise Linguística, que acolhe as pesquisas de cunho gerativista, e Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura. Com isso, o PPGLL passa a receber candidatos ao doutorado que antes precisavam se deslocar para outras regiões do Brasil, principalmente para a região Sudeste.

Com o doutorado em funcionamento e com a aposentadoria de boa parte de seus fundadores, o PPGLL recebe a contribuição de alguns professores visitantes para ministrar disciplinas que acompanhassem os desenvolvimentos encontrados no modelo gerativista até então. É assim que os alunos do programa têm contato com cursos ministrados por professores como Ian Roberts, que leciona-

va então na Universidade de Gales em Banghor, e o professor Leo Wetzels⁵, da Universidade Livre de Amsterdam.

Com a atuação consistente das professoras Serafina Pondé e Ilza Ribeiro, o PPGLL continua sua formação de gerativistas durante os anos 1990 e a primeira década dos anos 2000. No período entre 1998 e 2009, as professoras, únicas orientadoras de trabalhos em teoria gerativa a partir do final dos anos 1990, orientaram vinte dissertações de mestrado e seis teses de doutorado nesta área.

Com o ingresso da professora Ilza Ribeiro no PPGLL, teve início uma parceria frutífera até os dias atuais entre a Linguística Histórica, em especial o Programa para a História da Língua Portuguesa – PROHPOR⁶, e a Teoria Gerativa. Dessa parceria, diversas teses e dissertações foram orientadas em parceria com a professora Ilza Ribeiro ora como orientadora ora como coorientadora. São exemplos da parceria a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Edivalda Alves Araújo e a dissertação de mestrado de Carlos Felipe da Conceição Pinto, hoje professores do Instituto de Letras da UFBA.

Em 2009, ingressam no Instituto de Letras da UFBA mais dois professores doutores com formação gerativista, Danniell da Silva Carvalho e Edivalda Araújo, essa última orientada pela professora Ilza Ribeiro, que, imediatamente, passam a fazer parte do corpo docente do PPGLL para colaborar na oferta de disciplinas e na orientação de alunos interessados na pesquisa gerativista.

Em 2010, o PPGLL passa por uma reestruturação e dá origem a dois programas distintos, a saber: Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura e Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura - PPGLinC e PPGLitCult, respectivamente. O novo programa funde em uma única linha de pesquisa, os estudos em Dialetologia, em Sociolinguística e em Gramática Gerativa. Com isso, tem-se

5 O professor Leo Wetzels já havia atuado como professor visitante no Instituto de Letras da UFBA em 1984.

6 <https://www.prohpor.org/>

início uma colaboração entre essas áreas, resultando em uma série de trabalhos de interface, em especial entre a Sociolinguística Variacionista e a Teoria Gerativa.⁷ São frutos dessa parceria, por exemplo, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva, atualmente professora do Instituto de Letras da UFBA.

A partir de 2009, graças às vagas abertas pelo Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, foi possível contratar novos professores para compor o corpo docente do Instituto de Letras, que dobrara de tamanho com o REUNI, dentre eles vários com formação gerativista. O novo grupo de professores reforçou subáreas dentro da empreitada gerativista ainda não contempladas, tais como a morfologia, a semântica, a fonologia e, após a aposentadoria da professora Ilza Ribeiro, a sintaxe diacrônica.

Esses professores possibilitaram a formação gerativista de um número cada vez maior de estudantes do curso de Letras, uma vez que um número maior de disciplinas na área pôde ser ofertado na graduação e na pós-graduação, além de proporcionar a diversificação dos projetos e grupos de pesquisa na área.

Destacam-se os grupos de pesquisa dedicados aos estudos gerativistas na UFBA *A Sintaxe-Phi das Línguas Naturais - PHINA*,⁸ liderado pelo professor Danniel da Silva Carvalho, *Estudos Linguísticos Hispânicos*, liderado pelo professor Carlos Felipe da Conceição Pinto, e *Interfaces Linguísticas*⁹, liderado pela professora Juliana Escalier Gayer. Esses grupos reúnem projetos em sintaxe, morfologia, semântica, fonologia e aquisição da linguagem, sejam trabalhos baseados em corpora ou estudos de cunho teórico, todos a partir de uma perspectiva gerativista.

7 Essa parceria já existia antes da fusão das áreas de investigação na pós-graduação da UFBA. A professora Ilza Ribeiro coorientou a tese de doutorado de Dante Lucchesi na Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientada pelo professor Anthony Naro e defendida em 2000.

8 <http://grupophina.com/>

9 <https://grupointerfaces.wordpress.com/>

A essa altura, é importante destacar que o Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA era o único do estado da Bahia até meados dos anos 2000. O Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens/PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia, foi implantado em 2006, que conta atualmente com pesquisas sob o viés gerativista desenvolvidas pelas professoras Cristiane Namiuti e Elisângela Gonçalves da Silva e seus orientandos; o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) surge em 2008; e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS) foi criado em 2010. Dessa forma, o PPGLL da UFBA foi, durante três décadas, a única alternativa para o estudo no nível de pós-graduação em Letras do estado da Bahia. Vale a pena ressaltar que não há em nenhum desses programas uma linha de pesquisa em linguística gerativa, mantendo-se ainda a UFBA o centro de desenvolvimento de pesquisa na área. O PPGLinC recebe com certa frequência alunos dessas instituições que concluem seus trabalhos de mestrado em áreas afins à GG para desenvolverem pesquisas de doutorado gerativistas.

A partir da breve contextualização feita até aqui sobre a história da pesquisa gerativista feita no estado da Bahia, pode-se verificar sua importância na formação e no desenvolvimento da área no Brasil. Vale ressaltar que o Instituto de Letras da UFBA possui, hoje, nove professores com formação gerativista, dos quais oito compõem a linha de pesquisa em Teoria da Gramática do PPGLinC. Os professores com formação gerativista na UFBA são: Carlos Felipe da Conceição Pinto, Danniel da Silva Carvalho, Eivalda Alves Araújo, Juliana Escalier Gayer, João Paulo Lazzarini-Cyrino, Lílian Teixeira de Sousa, Maria Cristina Vieira Figueiredo Silva, Rerisson Cavalcante de Araújo e Samara Almeida Ruas.

Recentemente, os professores Danniel da Silva Carvalho e Lílian Teixeira de Sousa coordenaram o grupo de trabalho de Teoria da Gramática da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Anpoll, o que demonstra o reconhecimento da pes-

quisa no campo da linguística gerativa feita na UFBA. Os professores organizaram um dossiê temático da Revista da Anpoll, dedicado aos 30 anos do Grupo de Trabalho em Teoria da Gramática (GTTG) da Associação, publicado em seu número 46, em 2018. Na apresentação do dossiê, os organizadores contam a história do grupo de trabalho, na qual podemos verificar a crescente importância que os pesquisadores que atuam na Bahia recebem, com a coordenação do grupo tendo sido compartilhada por pesquisadores do estado em diversas ocasiões a partir dos anos 1990 (cf. CARVALHO; SOUSA, 2018a). Os professores ainda organizaram um volume intitulado *Gramática Gerativa em Perspectiva* (2018), reunindo o momento atual da pesquisa gerativista na UFBA.

Em suma, a importância da pesquisa gerativista remonta ao surgimento da pesquisa linguística na UFBA, podendo ser considerada como uma de suas fundadoras no Brasil. Como bem apontam Carvalho e Sousa (2018b, p. 19-20),

[d]esde os anos de 1960, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) tem contribuído com o desenvolvimento dos estudos em Gramática Gerativa no Brasil, contando com a colaboração de pesquisadores dedicados a investir em uma discussão mais formalista dos estudos da linguagem. Entre os anos de 1960 e 1990 [...], um grupo de mulheres dedicadas aos estudos formalistas da linguagem deu ignição aos estudos formais, já em uma perspectiva gerativista, inicialmente transformacional e, em seguida, sob o viés do modelo de Princípios e Parâmetros. Dentre elas, citamos as professoras Joselice Macêdo de Barreiro, Lícia Regina Moreira de Souza da Fonseca, Maria Emiliana Passos, Claiz Passos, Raquel Solek Fiad Blanco, Suzana Helena Longo Sampaio, Sumaia Sahad Araújo, Ivone Afonso de Almeida Novis, Serafina Maria Simas

Pereira de Souza Pondé e Ilza Maria Ribeiro, que contribuíram diretamente para o início da formação de pesquisadores gerativistas no Estado da Bahia. A UFBA, nesse período, ainda contou com a participação de professores visitantes que contribuíram para o fortalecimento da pesquisa formalista e, em especial, gerativista, tais como Jean-Pierre Angenot (Universidade Federal de Rondônia), Leo Wetzels (Vrije Universiteit), Ian Roberts (University of Cambridge), João Costa (Universidade Nova de Lisboa), Francisco Ordóñez (Stony Brook University), David Adger (Queen Mary, University of London), Ioanna Sitaridou (University of Cambridge) entre outros. A professora Ilza Ribeiro, cuja contribuição aos estudos gerativistas no Brasil é indiscutível, dá início à formação de um consistente grupo de gerativistas no estado da Bahia entre as décadas de 2000 e 2010.

Entre os anos de 2010 e 2019, a formação de recursos humanos multiplicou no PPGLinC. Foram defendidas no Programa nesse período 27 dissertações de mestrado e 5 teses de doutorado. O Programa ainda tem, até o ano de 2020, 13 dissertações de mestrado e 23 teses de doutorado em andamento. Inclua-se a esses números dezenas de trabalhos de iniciação científica orientados pelos professores da casa sob perspectiva gerativista.

4. As pesquisas gerativistas em Alagoas

A responsável pela disseminação dos estudos gerativistas no estado de Alagoas, mais especificamente na Universidade Federal de Alagoas, foi a pesquisadora Denilda Moura, que realizou seu doutorado na *Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis*, defen-

dendo a tese *Les constructions impersonnelles en portugais* (As construções impessoais no português), em 1980, desenvolvida sob a abordagem da GG. Denilda Moura foi a responsável direta pela implementação da então denominada, à época, Pós-Graduação em Letras (PGL) da UFAL, em 1989, o que permitiu o desenvolvimento de pesquisas de mestrado e doutorado na linha de teoria e análise linguística no Estado.

A PGL da UFAL foi implantada com duas áreas de concentração: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Em seu início, contou com um convênio firmado entre a UFAL e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), coordenado pelo Prof. João Wanderley Geraldi, na Unicamp, e aprovado pela CAPES, a fim de que houvesse apoio à recém-criada Pós-Graduação em Letras. O convênio permitiu uma cooperação entre as duas Instituições, com a vinda de docentes do IEL/Unicamp para a promoção de atividades didático-científicas (MOURA, 2009).

Na PGL-UFAL, hoje denominada Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), Denilda Moura foi pioneira na orientação de teses de doutorado e dissertações de mestrado na perspectiva da GG, bem como no desenvolvimento dos primeiros projetos de pesquisa nessa área, e pela implementação do Grupo de Pesquisa PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), que tem formado, ao longo dos seus vinte e oito anos de existência (1992 - atual), pesquisadores nos níveis de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Em 1987, criou-se, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), por iniciativa de Charlotte Galves, o já citado Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática (GTTG) da Anpoll. O GTTG tem entre seus objetivos, a promoção do desenvolvimento do estudo da gramática das línguas naturais com base em abordagens formais da linguística teórica; o incentivo à cooperação e ao diálogo especializado entre os membros do GT (professores e pesquisadores de todo o país, vinculados a programas de pós-graduação) e o

compartilhamento da produção científica da área da GG (MOURA, 2013). Desde sua criação, em 1987, até o ano de 2010, os encontros do GTTG ocorreram nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. No biênio de 2011 – 2012, pela primeira vez, o GTTG é sediado no Nordeste, em Maceió, tendo Denilda Moura (UFAL) como coordenadora e Danniell da Silva Carvalho (UFBA), como vice-coordenador. Os resultados das discussões e pesquisas apresentadas durante o encontro ocorrido em Maceió, em 2012, estão publicados em Moura e Sibaldo (2013).

Entre os estudos desenvolvidos no PPGLL da UFAL, sob a perspectiva da teoria gerativa chomskyana, podemos destacar a tese de doutorado de Conceição de Maria de Araújo Ramos, intitulada *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular*, defendida em 1999, um estudo comparativo, desenvolvido sob a perspectiva da versão minimalista da GG (CHOMSKY, 1995), buscando observar o comportamento do dativo *lhe* nas duas línguas em questão. Destacam-se ainda a dissertação de mestrado de Jair Gomes de Farias, defendida no ano de 2003, sobre o estatuto sintático de preposições *a*, *para* e *em* no português brasileiro, um estudo desenvolvido sob a perspectiva da teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986), que mais tarde, em 2005, levou à sua tese de doutorado, sobre a mesma temática, agora numa interface léxico-sintaxe.

Outra tese de doutorado defendida do PPGLL da UFAL foi a de Claudia Roberta Tavares Silva, em 2005, que apresentou um estudo sobre a ordem verbo-sujeito no português brasileiro e no português europeu, lançando mão tanto do arcabouço teórico da teoria de Princípios e Parâmetros, quanto da Morfologia Distribuída, com vistas a explicar a concordância morfológica não-visível entre o DP (do inglês *Determiner Phrase*, ou sintagma determinante) pós-verbal para construções inacusativas e a flexão verbal.

No que tange ao fenômeno da concordância no português brasileiro, é válido destacar dois trabalhos: a dissertação de mes-

trado de Thaíse dos Santos Tenório, em 2008, que apresenta um estudo sobre a concordância de número e gênero entre o DP pronominal *a gente* e o predicativo em sentenças copulares, e a tese de doutorado de Mirian Santos de Cerqueira, defendida em 2009, sobre a concordância sujeito-verbo em construções partitivas no português brasileiro e no português europeu.

Sobre o comportamento sintático de categorias do português brasileiro (PB), convém destacar a tese de doutorado de Danniell da Silva Carvalho, defendida em 2008, sobre a sintaxe dos pronomes no PB, mais especificamente sobre as formas de primeira pessoa do singular, com vistas a investigar os traços que entram na composição das formas pronominais do PB e como essa composição se reflete sintaticamente. Ainda, em 2009, Dorothy Bezerra Silva de Brito defende sua tese de doutorado intitulada *O “se” reflexivo no português brasileiro*, apresentando uma análise sobre a identidade e a concordância estabelecidas entre o *se* e seu antecedente em sentenças do PB. Some-se ainda, no que tange aos estudos sobre categorias do PB, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Rafael Bezerra de Lima (LIMA, 2006; 2010) sobre advérbios focalizadores no PB e advérbios terminados em *-mente* também nessa língua, respectivamente.

Destaca-se ainda a tese de doutorado de Marcelo Amorim Sibaldo (SIBALDO, 2009) sobre as construções com sentenças copulares no PB, mais especificamente as *small clauses* livres, desenvolvida sob a perspectiva teórica do Programa Minimalista. Ainda, também merece menção a tese de doutorado de Adeilson Pinheiro Sedrins (SEDRINS, 2009), que apresenta um estudo sobre as restrições de extração de argumentos e adjuntos de nome no PB.

Os estudos até aqui mencionados, fruto de pesquisas desenvolvidas no PPGLL da UFAL, foram os primeiros realizados sob o arcabouço da GG, todos orientados por Denilda Moura. Atualmente, os estudos na área da GG estão sendo desenvolvidos na UFAL pelos seguintes docentes: Jair Gomes de Farias (na graduação, com

projetos de iniciação científica e participação no Grupo de Pesquisa PRELIN-UFAL, já citado), Telma Moreira Vianna Magalhães, professora colaboradora do PPGLL da UFAL, orientadora de iniciação científica, mestrado e doutorado e líder do PRELIN, e Adeilson Pinheiro Sedrins, orientador de mestrado e doutorado, professor colaborador do PPGLL da UFAL.

Sob a orientação da professora Telma Magalhães, foram defendidas as seguintes dissertações de mestrado na área: *O comportamento sintático do clítico ME no processo de aquisição do português brasileiro*, de Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima (LIMA, 2010); *Aquisição do número gramatical na concordância nominal interna ao DP no português brasileiro*, de Jomson Teixeira da Silva Filho (SILVA FILHO, 2011); *A Realização dos Clíticos no Processo de Aprendizagem do Espanhol/LE por Falantes Nativos do Português Brasileiro*, de Elaine dos Santos (SANTOS, 2012); *O pronome clítico de terceira pessoa: adquirido ou aprendido?*, de Mary Hellen Batista dos Santos (SANTOS, 2012); *Uma interpretação aspectual em sentenças do português*, de Cibele Eugênia da Silva (SILVA, 2013); *A concordância verbal na fala de moradores da comunidade quilombola Muquém*, de Dariana Nunes dos Santos (SANTOS, 2013); *Nós e a gente na fala de uma criança: um estudo de caso*, de Thaysa Oliveira Barbosa (BARBOSA, 2013); e *A Interpretação da Sentença com Verbos Simples (Plain Verbs): A ambiguidade em construções com os verbos conversar /abraçar em Libras*, Ide Charridy Max Fontes Pinto (PINTO, 2017).

5. Demais centros de pesquisa gerativista no Nordeste

Denilda Moura (UFAL) foi responsável pelo incentivo e formação de novos pesquisadores na área da GG no Nordeste, tendo muitos de seus orientandos tornado-se professores de universidades nordestinas onde hoje desenvolvem seus projetos de pesquisa e orientam outros novos pesquisadores, fomentando a continuidade

e a expansão das pesquisas gerativistas nesta região, a exemplo de Jair Gomes de Farias, professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), orientador de iniciação científica, mestrado e doutorado, e Danniell da Silva Carvalho, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), orientador de iniciação científica, mestrado e doutorado, cuja atuação atual já foi citada na seção dedicada aos desenvolvimentos da GG na Bahia.

A Profa. Claudia Roberta Tavares Silva, orientada pela Profa. Denilda na UFAL, é atualmente orientadora de iniciação científica, mestrado e doutorado, atuando em nível de graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em Recife. Na pós-graduação, é docente do recém-criado Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da UFRPE, e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPE.

Dorothy Bezerra Silva de Brito, docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST), atua na orientação de iniciação científica e como coorientadora de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Atualmente, é docente do recém-criado Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRPE.

Rafael Bezerra de Lima, docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), é orientador de iniciação científica e mestrado, docente do Mestrado Profissional em Letras da UFRPE.

Por fim, temos Marcelo Amorim Sibaldo, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), orientador de iniciação científica, mestrado e doutorado, e Adeilson Pinheiro Sedrins, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), orientador de iniciação científica e mestrado, e professor colaborador do PPGL da UFAL. Os professores Sibaldo e Sedrins iniciaram as atividades docentes no nível superior no ano de 2010, na Universidade Federal Rural de

Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST). Neste mesmo ano, registraram no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, como líder e vice-líder, respectivamente, o Grupo de Estudos em Teoria da Gramática (GETEGRA).

O GETEGRA conta também como integrantes, dentre outros, com os professores Danniell Carvalho (UFBA), Claudia Tavares (UFRPE), Dorothy Brito (UFRPE/UAST) e Rafael Lima (UFRPE/UAG), já citados aqui, e merece menção neste capítulo por ter intensificado a produção científica na área da GG no estado de Pernambuco, assim como por projetar a UFRPE e a UFPE nos cenários nacional e internacional da pesquisa gerativista, através da promoção bienal do GIW – GETEGRA *International Workshop*.

O primeiro GIW, intitulado *AGREEMENT*, ocorreu em fevereiro de 2014, em Recife-Pernambuco, em homenagem à Profa. Denilda Moura, e explorou a temática do fenômeno da concordância nas línguas naturais, contando com a participação de pesquisadores expoentes da área, de diversas Instituições de Ensino Superior do Brasil e do exterior, tais como os Professores João Costa (Universidade Nova de Lisboa), Ian Roberts (*University of Cambridge*) e Marcel den Dikken (à época professor do *The Graduate Center, CUNY*).

Na segunda edição, intitulada *NOMINALS*, ocorrida em março de 2016, também em Recife-Pernambuco, foi eleito como tema de discussão fenômenos morfossintáticos e semânticos concernentes às estruturas nominais das línguas naturais, tema que tem se apresentado bastante produtivo na agenda das pesquisas gerativistas. Essa edição contou também com a presença de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, tais como Ana Paula Quadros Gomes (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Ángel L. Jimenez-Fernández (*University of Seville*), Artemis Alexiadou (*Humboldt-Universität zu Berlin*), Charlotte Marie C. Galves (Universidade Estadual de Campinas), Filomena Sandalo (Universidade Estadual de Campinas), Francisco Ordóñez (*Stony Brook University*), Giuseppe Longobardi (*University of York*), Marcel den Dikken (*Hungarian*

Academy of Sciences), Maria José Foltran (Universidade Federal do Paraná), Patrícia Rodrigues (Universidade Federal do Paraná), Sonia Cyrino (Universidade Estadual de Campinas), dentre outros.

A terceira edição do GIW, intitulada *ADJUNCTS*, teve como tema os adjuntos e as estruturas de adjunção, e ocorreu em Recife, na UFPE, em março de 2018. O III GIW também contou com participantes dos panoramas nacional e internacional da GG, dentre os quais Artemis Alexiadou (*Humboldt-Universität zu Berlin*), Marcel den Dikken (*Hungarian Academy of Sciences*), Maria José Foltran (Universidade Federal do Paraná) e Jairo Nunes (Universidade de São Paulo), Maximiliano Guimarães (Universidade Federal do Paraná), Violeta Demonte (*Universidad Autónoma de Madrid*) e Hedde Zeijlstra (*Georg-August-Universität Göttingen*).

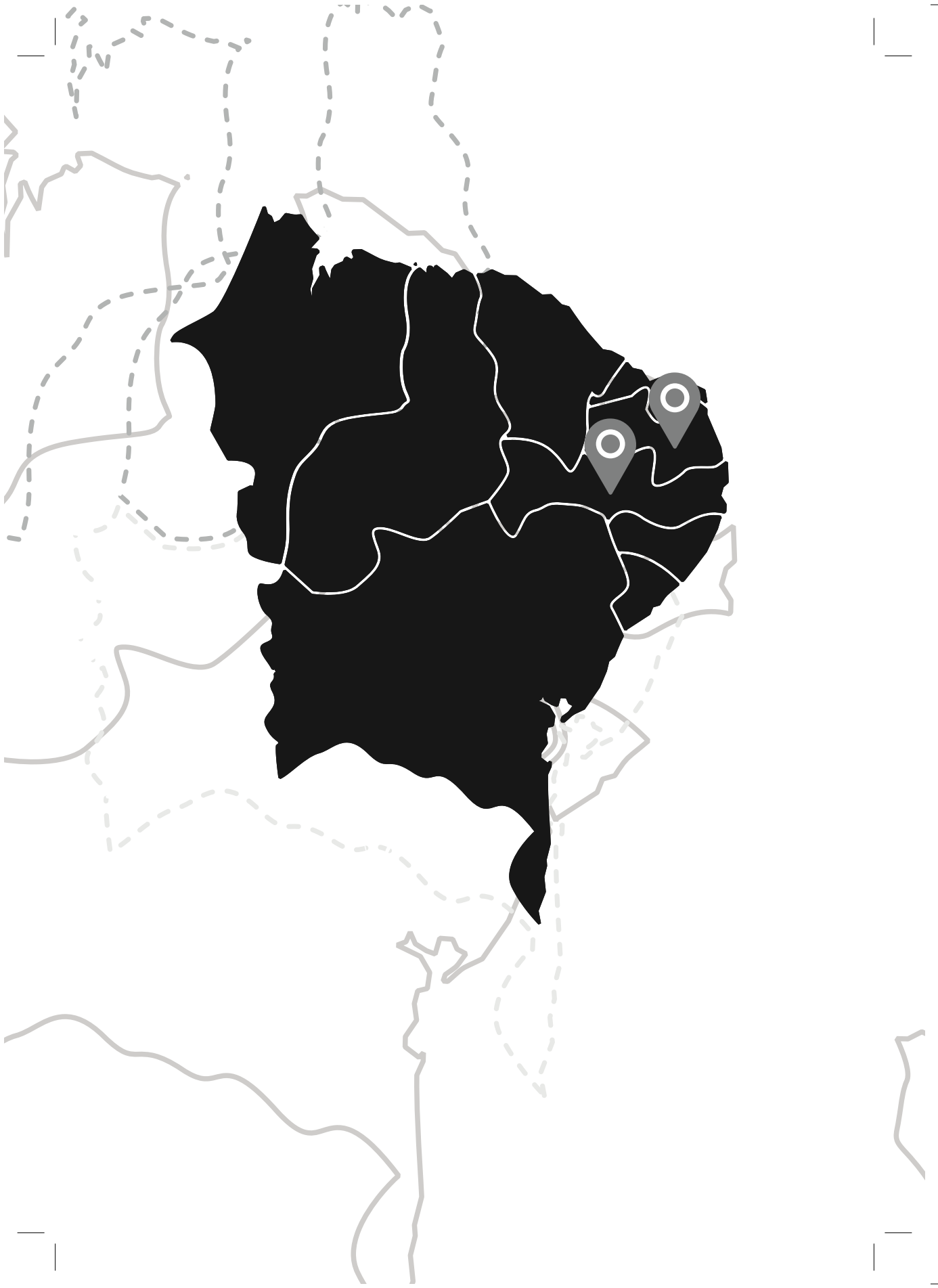
Na UFPE, além do Prof. Marcelo Amorim Sibaldo, temos também a Profa. Maria Luisa de Andrade Freitas desenvolvendo pesquisa no âmbito da GG. Em relação aos demais estados do Nordeste, temos os professores Márcio Martins Leitão, José Ferrari Neto e Rosana Costa Oliveira, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenvolvendo pesquisas na interface entre Psicolinguística e Sintaxe Gerativa; a Profa. Elisângela Nogueira Teixeira, na Universidade Federal do Ceará, também trabalhando na perspectiva da interface Psicolinguística/Sintaxe Gerativa; e o Prof. Ronald Taveira da Cruz, na Universidade Federal do Piauí (UFPI)¹⁰.

Em síntese, a pesquisa gerativista no Nordeste teve como berço a Bahia e, em um estágio posterior, Alagoas. Atualmente, a maior concentração de pesquisadores da GG na região está nas universidades baianas, alagoanas e pernambucanas, mas nota-se uma intensa parceria entre esses pesquisadores no desenvolvimento de projetos não só no âmbito regional, como também nos âmbitos nacional e internacional, através da formação de novos

10 Os autores pedem desculpas pelo possível desconhecimento sobre pesquisas gerativistas desenvolvidas em outras universidades da região por pesquisadores que não foram citados no presente capítulo.

pesquisadores na área, publicação de artigos e apresentação de trabalhos em periódicos e eventos nacionais e internacionais, o que contribui para a divulgação e para a projeção da produção científica em Gramática Gerativa no Nordeste do Brasil.

Gostaríamos de dedicar esse capítulo à memória da professora Denilda Moura, que nos deixa nesse ano de 2020 e cuja contribuição para a linguística gerativa no Nordeste e no Brasil foi essencial, como visto durante todo o texto. Para além da pesquisadora, Denilda foi uma entusiasta dos estudos gerativista, incentivando como podia e com toda a paixão a continuidade e a expansão da área.



PANORAMA DAS PESQUISAS EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO NORDESTE BRASILEIRO

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB/CNPq)
Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)

1. Área da Aquisição da Linguagem: considerações iniciais

Este capítulo propõe apresentar um panorama das pesquisas desenvolvidas nos estados brasileiros do Nordeste em relação à área de Aquisição da linguagem, nos últimos vinte anos, a partir do levantamento entre o período de 1999 a 2018 das produções científicas de pesquisadores vinculados à Programas de Pós-Graduação nessa região. Para isso, mapeamos as tendências dos estudos nessa área, ou seja, a modalidade da língua/linguagem contemplada nas pesquisas dos estados nordestinos: oralidade, gesto-vocal, Libras, segunda língua ou língua estrangeira, escrita em contextos típicos ou desviantes, bem como identificamos as perspectivas teóricas norteadoras desse campo de estudo na região e os principais avanços dos Programas de Pós-Graduação do Nordeste em relação à área de aquisição de linguagem.

A aquisição da linguagem é um campo de estudo heterogêneo e híbrido, marcado por diferentes vertentes teóricas da linguística ou da psicologia, que influenciam a concepção da linguagem e de

sujeito. Apesar de diferentes perspectivas teóricas para estudar a aquisição da linguagem, as pesquisas partem de uma problemática convergente: de que forma o sujeito adquire/desenvolve/aprende a língua/linguagem? A partir dessa problemática comum, diferentes subáreas podem emergir no campo da aquisição da linguagem, das quais consideramos: aquisição da língua materna, que pode ser estudada a partir da modalidade oral-auditiva, da visuoespacial e da mescla dessas duas modalidades, ao conceber a matriz multimodal (gesto-vocal) da linguagem; aquisição de segunda língua, bem como aquisição de escrita.

A área de aquisição da linguagem começa no Nordeste, no final da década de 1980, iniciada pelas pesquisas na Universidade Federal da Bahia – UFBA, que foram introduzidas por Elizabeth Reis Teixeira (1980; 1985), mestre e doutora pela Universidade de London, orientada por Evelyn Abberton. Suas pesquisas junto às de três outras pesquisadoras, a saber: Cláudia Lemos (1987 [1975]), com doutorado na Universidade de Edinburg, orientada por Lyons, da UNICAMP; Leonor Scliar-Cabral (1977a, b, c), com doutorado na USP, orientada por Geraldina Witter, pesquisadora da UFSC e Eleonora Albano (1975, então Motta Maia), mestre pela UFRJ, orientada por Heye e, posteriormente, doutora pela Universidade de Brown, também pela UNICAMP. Inauguram, assim, os estudos da área de aquisição da linguagem no Brasil (SCLIAR- CABRAL, 2008).

Posteriormente, sob influência da vinda do casal Yavas à PUCRS – atuando na Pós-graduação – em 1988, e orientadores de doutorado das pesquisadoras Regina Lamprecht e Carmen Matzeneauer (Hernandorena) são fomentadas pesquisas na área que culminam com o surgimento do I ENAL – Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem e a estruturação do Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem (CEAAL), como destaca Scliar-Cabral (2008). A partir daí, estruturam-se os principais núcleos de estudos e pesquisas em aquisição da

linguagem no Brasil. E toda uma segunda geração de pesquisadores é fomentada e impulsionada pelo pioneirismo das pesquisadoras nas décadas de 1970 e 1980.

Na Unicamp, na década de 1980, liderado por Cláudia Lemos, institui-se o Projeto Aquisição da Linguagem com o envolvimento de pesquisadoras como: Ester Scarpa (Gebara), Maria Fausta de Castro, Cecília Perroni e Rosa Figueira, com o intuito de construir um grande banco de dados sobre a fala da criança no Brasil.

Além dele, outros grupos começam a se destacar com trabalhos sobre a aquisição da linguagem como o de processamento linguístico, liderado pela profa. Letícia Corrêa na UFRJ que se ramificou para PUCRJ e UFJF.

Hoje ecoam, no Brasil, diversos grupos, núcleos e laboratórios de pesquisa voltados exclusivamente para a aquisição da linguagem que vêm desenvolvendo trabalhos de referência e formando uma extensa geração de pesquisadores.

Especificamente no Nordeste, núcleos de pesquisa se consolidaram também na década de 1980 e 1990: na UFBA, no PPGLIN – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL)¹, sob a liderança de Elizabeth Teixeira - com ênfase na aquisição fonológica; na UFPE, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva sob a coordenação de Glória Carvalho – doutorado na UNICAMP, sob a orientação de Claudia Lemos e na UFAL, a partir do período de visitante da pesquisadora Cláudia Lemos da UNICAMP, na Pós-graduação em Letras, tendo à frente pesquisadoras como Núbia Faria e Marisa Bernardes Pereira, ambas ex-orientandas de Claudia Lemos.

1 Em 2009, a Comissão de avaliação trienal da CAPES sugeriu a reestruturação do PPGLL a partir de sua divisão em dois programas distintos. A Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa e o CONSEPE aprovaram a criação dos programas: "Língua e Cultura" e "Literatura e Cultura". Elizabeth Teixeira passou a fazer parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação Língua e Cultura (PPGLinC).

Esse movimento dialógico começa a ampliar sua área geográfica em 2002 com a criação, na UFPB - Campus I, do LAFE – Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita, vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e à Pós-graduação em Letras². O LAFE é coordenado pelas pesquisadoras Evangelina de Faria – doutora pela UFPE, sob a orientação de Dóris Cunha; e Marianne Cavalcante – doutora pela UNICAMP, sob a orientação de Ester Scarpa.

Vale salientar que, no período que antecede a criação do LAFE, foi determinante a participação da pesquisadora Marisa Bernardes Pereira da UFAL que se transfere para UFPB. Foi neste movimento de articulação que culminou no surgimento do LAFE.

Nesse mesmo movimento é criado o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, na UNICAP, em 2002, que, sob a liderança de Marígia Aguiar começa a fomentar pesquisas em aquisição da linguagem. Nesse período, Marianne Cavalcante da UFPB atuou como Colaboradora do Programa da UNICAP, nas orientações na área.

Com a proposta de fomentar trabalhos em aquisição da linguagem, em setembro de 2005 promoveu-se, numa articulação UNICAP, UFPB e UFPE, o ENEAL – Encontro Nordeste em Aquisição da Linguagem. Este encontro ocorreu na UNICAP, em Recife, e contou com a participação dos principais grupos de pesquisa do NE, bem como com a presença de pesquisadores da área de aquisição da linguagem do Sul/Sudeste como: Leonor Scliar-Cabral (UFSC), Regina Lamprecht (PUCRS), Maria Francisca Lier-de Vitto (PUC-SP), Ronice de Quadros (UFSC), Cristina Name (UFJF), dentre outros.

2 Em 2005, um grupo de professores com formação em Linguística e Língua Portuguesa da Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPB propõe a criação do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), que foi aprovado no mesmo ano.

O encontro foi fundamental para a inserção do Nordeste enquanto produtor de pesquisas em Aquisição da Linguagem no âmbito nacional e para promover um cenário convidativo para mais estudos na área.

Com mudança de perfil do ENAL – que se torna itinerante, a partir de 2011³, em 2010, e, aproveitando a presença de Ester Scarpa (UNICAMP) como pesquisadora visitante no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB, promoveu-se um encontro para homenagear a pesquisadora Regina Lamprecht, que possibilitou a vinda da própria Lamprecht e a presença das pesquisadoras: Carmen Matzenauer (UCPel⁴), Francisca Lier-de-Vitto (PUCSP), Glória Carvalho (UFPE/UNICAP), Alessandra Del Ré (UNESP); em 2013, o PROLING sedia o IX ENAL/III EIAL na UFPB, consolidando assim, o Nordeste como um polo de pesquisa na área.

A seguir, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados para a constituição do *corpus* referente ao mapeamento das pesquisas dos Programas de Pós-Graduação do Nordeste desenvolvidas no período de 1999 e 2018 na área de Aquisição da linguagem.

2. Procedimentos metodológicos

Para resgatar o percurso histórico dos estudos em aquisição da linguagem nos estados nordestinos de forma a identificar os avanços das produções científicas dos Programas de Pós-Graduação na área de aquisição de linguagem; realizamos uma análise qualitativa e quantitativa, pois os dados levantados, além de descritos, foram quantificados.

3 Em 2011, o ENAL ocorreu na UFJF, sob a coordenação de Cristina Name, após um período sem edições do evento, que tradicionalmente ocorria na PUCRS, sob a coordenação de Regina Lamprecht.

4 Atualmente a pesquisadora faz parte da UFPel – Universidade Federal de Pelotas.

O *corpus* deste capítulo foi constituído das produções científicas dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* dos estados do Nordeste brasileiro, que foram realizadas na área da aquisição da linguagem durante o período de 1999 a 2018.

Para a constituição e procedimentos de análise desse corpus, percorremos as seguintes etapas:

1ª Etapa: Pesquisa dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* na área de Letras/Linguística e afins da região Nordeste.

2ª Etapa: Leitura da matriz curricular, dos projetos de pesquisa do corpo docente, das áreas de concentração e das linhas de pesquisa de cada Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* na área de Letras/Linguística e afins da região Nordeste.

3ª Etapa: Seleção dos Programas de Pós-Graduação na área de Letras/Linguística e afins da região Nordeste que contemplam aquisição da linguagem, seja na matriz curricular, em projetos de pesquisa do corpo docente, nas áreas de concentração ou nas linhas de pesquisa dos Programas.

4ª Etapa: Levantamento das produções científicas entre o período de 1999 a 2018 de todos docentes, incluindo os professores/pesquisadores permanentes e os colaboradores dos Programas de Pós-Graduação na área de Letras/Linguística e afins da região Nordeste que trabalham aquisição da linguagem. O levantamento das produções científicas foi realizado a partir do currículo lattes de cada docente.

5ª Etapa: Análise qualitativa das produções científicas encontradas para identificação da modalidade da língua/linguagem privilegiada e das perspectivas teóricas norteadoras a partir do percurso histórico dos estudos sobre aquisição da linguagem por parte dos pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação.

6ª Etapa: Mapeamento das temáticas privilegiadas nas pesquisas na área de aquisição da linguagem no Nordeste a partir das produções científicas dos pesquisadores.

7ª Etapa: Levantamento quantitativo das orientações concluídas (no período de 1999 a 2018) na área de aquisição da linguagem de dissertações de mestrado e teses de doutorado por pesquisadores vinculados à Programas de Pós-Graduação na área de Letras/Linguística ou afins da região Nordeste. Esse levantamento foi realizado considerando as dissertações e teses defendidas a cada cinco anos dentro dos anos de 1999 a 2018. Essa análise quantitativa possibilitou verificar a incidência das dissertações e teses defendidas nessa área de estudo e na região do Nordeste de forma a apresentar os avanços científicos nos últimos vinte anos.

A partir da constituição do *corpus*, apresentamos um panorama dos estudos em aquisição da linguagem nos Programas de Pós-Graduação do Nordeste.

3. Pesquisas em aquisição de linguagem nos Programas de Pós-Graduação no Nordeste entre o período de 1999 a 2018

Dentre os nove estados nordestinos, cinco deles têm efetivas linhas de pesquisa com foco em aquisição da linguagem: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco. A seguir, apresentamos o perfil das linhas por estado, bem como seus pesquisadores e as produções científicas mais relevantes entre o período de 1999 a 2018.

Programa de Pós-Graduação em Alagoas

O Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLL) de Alagoas (UFAL) não tem em suas linhas de pesquisa a menção

explícita à área de Aquisição da Linguagem, mas quatro de seus pesquisadores têm desenvolvido pesquisas na área.

Os estudos de Núbia Rabelo Bakker Faria privilegiam a aquisição da linguagem oral e escrita, a qual é discutida e refletida a partir de diferentes perspectivas linguísticas, incluindo o Gerativismo, proposto por Chomsky, o Interacionismo a partir das ideias de Cláudia Lemos e a abordagem Estruturalista de Saussure.

Os objetos de estudo na área de aquisição da linguagem discutidos pela pesquisadora supracitada foram diversos. Algumas temáticas refletidas foram: input e aquisição da linguagem (FARIA, 1999; 2005; 2008a), ordem própria da língua (FARIA, 2002), interação, corpo e singularidade (FARIA, 2007), aquisição da escrita (2008b; 2014), bilinguismo e surdez (FARIA, 2013). Em trabalho recente, a pesquisadora propôs uma reflexão “sobre os problemas que a segmentação das cadeias da fala em unidades linguísticas levanta para a abordagem inatista e não inatista de aquisição da linguagem”, confrontando Harris e Chomsky (FARIA, 2017, p. 204).

Outra pesquisadora que vem se dedicando a estudar a aquisição da linguagem oral e escrita, contribuindo para a produção científica na área, é Telma Moreira Vianna Magalhães. Seus trabalhos focam na aquisição da gramática, incluindo aquisição de sujeitos, pronomes e objetos no Português Brasileiro e no Português Europeu (MAGALHÃES, 2001; 2007a, 2007b; 2008; COSTA; MAGALHÃES, 2010; SILVA; MAGALHÃES, 2010).

O pesquisador Eduardo Calil de Oliveira tem contribuindo às pesquisas sobre o processo de escrita do ponto de vista dos estudos acerca da rasura na escrita. Na área da aquisição da linguagem, os trabalhos de Calil e Nagamine (1999), Calil e Felipeto (2008) e Calil e Pereira (2018) investigaram a singularidade e a questão do “erro” ortográfico na aquisição da escrita. Na pesquisa de Felipeto e Calil (2015), a aquisição da escrita foi estudada a partir de Saussure.

Além disso, o pesquisador tem discutido relações entre sujeito, aquisição de linguagem e análise do discurso (CALIL; CRUZ, 2003). Recentemente publicou uma obra sobre a aprendizagem da ortografia (SANTOS; CALIL, 2018).

Sonia Cristina Simões Felipeto, professora colaboradora do PPLL da UFAL, tem se dedicado a investigar a singularidade emergente dos processos de escritura colaborativa, pesquisando sobre erro e rasura de alunos recém alfabetizados. Tem desenvolvido alguns estudos que contribuem à aquisição da linguagem, um deles em coautoria com Eduardo Calil, conforme já mencionado.

Programas de Pós-Graduação na Bahia

Em decorrência do pioneirismo de Elizabeth Teixeira nos estudos na área de aquisição da linguagem no Brasil, a Bahia destaca-se com três Programas de Pós-Graduação com linhas de pesquisa voltadas para a Aquisição da Linguagem, são eles: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual da Bahia (UESB).

O Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal da Bahia apresenta a linha “Aquisição e Ensino do Português”, que propõe a investigação sobre diferentes aspectos da aquisição e do ensino/aprendizagem do português como língua materna, focando principalmente o desenvolvimento do sistema de sons do português.

A UFBA também apresenta o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC), que foi resultante de um desmembramento do primeiro. O PPGLINC conta com a linha “Aquisição de línguas, Tradução Ensino e Acessibilidade”. Em relação à área de

aquisição de linguagem, ela contempla estudos sobre aquisição de línguas orais e sinalizadas, de L1, L2 ou LE, sobre as dificuldades e desvios que interferem na aquisição ou que repercutem na desagregação do sistema linguístico em relação à linguagem oral ou escrita.

Elizabeth Teixeira é a principal pesquisadora dos dois Programas de Pós-Graduação da UFBA (PPGLL e PPGLINC) que desenvolve pesquisas com foco em aquisição fonológica; aquisição do sistema ortográfico, distúrbios da linguagem e da fala que ocorrem no período aquisicional e, mais recentemente, em Libras. É coordenadora do projeto PROAEP – Projeto de Aquisição Fonológica do Português, da UFBA e está à frente do projeto *a adaptação e normatização dos Inventários Evolutivos Infantís MacArthur para o português*, tendo recebido a autorização formal da coordenação geral do projeto – através do Dr. Larry Fenson – para executar e em 2000 publica o trabalho intitulado “A adaptação dos Inventários MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo (CDI’s) para o português brasileiro” (TEXEIRA, 2000). Posteriormente, a partir do CDI’s, realizou um estudo com criança implantada, publicando o trabalho: *Using MacArthur Communicative Development Inventories (CDI’s) to assess the lexical development of cochlear implanted children* (PADOGANI; TEXEIRA, 2004).

Além dessas produções científicas relevantes, a pesquisadora publicou sobre aquisição dos sons do Português (TEXEIRA, 2001; 2003, 2005), organizou um livro sobre a aquisição e ensino-aprendizagem do português (BRITO; TEXEIRA, 2002), criou o Exame Fonético Fonológico Reis Teixeira: Manual – ERT (TEXEIRA, 2006), bem como realizou pesquisas sobre os processos de simplificação fonológica na aquisição do português em contextos típicos e atípicos (TEXEIRA, 2009, 2014, 2015).

Especificamente no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC), o pesquisador Felipe Flores Kupske também de-

envolveu pesquisas na área de aquisição da linguagem, com ênfase no bilinguismo, na língua estrangeira e sua relação com a língua materna (KUPSKE, 2010a; 2010b; 2012; 2017; KUPSKE; GUTIERRES, 2018). Ele tem interesse em estudar a aquisição e a perda da linguagem não patológica a partir de abordagens cognitivas, dinâmicas e/ou ecológicas.

O Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da UESB – em Vitória da Conquista- tem a linha “Aquisição e desenvolvimento da lingua(gem) típica e atípica” que abrange estudos na área da aquisição da linguagem em contextos típicos e atípicos, contemplando surdez, afasia, síndrome de Down, Transtorno do Espectro Autista, entre outros, a partir de diferentes pressupostos teórico-metodológicos da área da Aquisição da Linguagem, da Neurolinguística e da Psicolinguística. Nessa linha, estão vinculados sete docentes permanentes, mas seis pesquisam efetivamente sobre aquisição da linguagem a partir de diferentes objetos de estudo e de diferentes vertentes teóricas.

A pesquisadora Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira tem atuado principalmente na aquisição de interrogativas e de sentenças relativas em Português Brasileiro (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2007, 2009), como também na aquisição da escrita de libras (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012) e de língua portuguesa por surdos (SANDESDA-SILVA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2016). Além disso, organizou um livro relevante sobre aquisição de L1 e de L2 (LESSA-DE-OLIVEIRA; XAVIER, 2009). A partir de 2011, passou a desenvolver o projeto “Estudo dos processos de aquisição da oralidade e da escrita por surdos e não surdos”, que propõe investigar os processos de aquisição da fala e da escrita por surdos e não surdos a partir dos pressupostos inatistas de aquisição da linguagem. A perspectiva gerativista tem norteado os trabalhos dessa pesquisadora.

As pesquisas de Carla Salati Almeida Ghirello-Pires voltam-se aos estudos da aquisição da linguagem oral e da escrita de sujeitos

com Síndrome de Down (GHIRELLO-PIRES, 2011, 2012, 2014, 2016a, 2016b, 2017; GUIRELLO-PIRES; MORESCHI, 2016; GUIRELLO-PIRES; LABIGALINI, 2016; GUIRELLO-PIRES; BARROCO, 2018). No período de 2012, iniciou o projeto de pesquisa “Aquisição da linguagem em sujeitos com Síndrome de Down” com o objetivo de analisar a efetividade de procedimentos realizados para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral e escrita de sujeitos com Síndrome de Down de forma a propor condutas para promoção desse desenvolvimento e contribuir com a inclusão dessas crianças. Já a partir de 2014, propôs um novo projeto de pesquisa “Aquisição da escrita de sujeitos com Síndrome de Down: similaridades e especificidades neste processo e o papel do mediador” com a finalidade de analisar o processo de aquisição de escrita de crianças com síndrome de Down, suas dificuldades e transformações da dependência à autonomia e o papel do mediador. Os estudos da pesquisadora sobre aquisição da linguagem têm sido respaldados na neurolinguística discursiva e na Teoria Histórico-Cultural.

Também com foco na síndrome de Down, há o projeto de Marian Oliveira intitulado “Investigação de aspectos da aquisição e desenvolvimento da fala, da escrita e da leitura de sujeitos com Síndrome de Down”. Este projeto busca responder questões relacionadas à inclusão social de crianças, jovens e adultos com Síndrome de Down a partir da investigação de um dos seguintes aspectos: i) aquisição da linguagem e produção da fala: vocálica e consonantal, estrutura silábica, acento, ritmo e entonação; ii) aquisição/produção da escrita: consciência fonológica, processos fonológicos e ortografia; iii) processos de leitura: decodificação e compreensão. A partir dessa temática de estudo, a pesquisadora publicou alguns trabalhos (OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA; PACHECO, 2012a, 2012b, 2012c, 2013, 2015, 2016a, 2016b; OLIVEIRA; PACHECO; PEREIRA-SOUZA, 2017). A perspectiva norteadora desses seus trabalhos concentra-se na área da Fonologia. Além disso, lidera o Grupo de Pesquisas

e Estudos em Síndrome de Down-Saber Down (CNPq-UESB), que envolve pesquisas em aquisição de linguagem oral e da escrita e pesquisas para descrição do sistema fonológico na especificidade da síndrome de Down.

Os estudos de Maria de Fátima Baia privilegiam o desenvolvimento fonológico do português brasileiro (BAIA, 2008a, 2008b, 2008c, 2010, 2014a, 2014b, 2016a, 2016b, 2016c, 2017; BAIA; MATOS, 2018). A partir desse objeto de estudo, coordena os projetos de pesquisa: (i) “Padrões emergentes no desenvolvimento fonológico típico e atípico”, que foi proposto em 2014 com o objetivo de analisar dados de bebês baianos com desenvolvimento típico e com Síndrome de Down, de forma a verificar presença ou ausência de sistematização por meio da análise de padrões fonológicos emergentes a partir da perspectiva dinâmica de desenvolvimento (THELEN; SMITH, 1994) e a Whole-Word/Templatic Phonology (VIHMAN; CROFT, 2007); (ii) “Desenvolvimento fonológico típico de crianças gêmeas, não gêmeas e bilíngues”, que teve início em 2016 com o propósito de investigar aspectos prosódicos e segmentais do desenvolvimento fonológico de crianças gêmeas e não gêmeas em dois contextos: na aquisição do português como língua materna e na aquisição do português e de outras línguas como língua materna; (iii) “(Des)encontros entre os estudos de desenvolvimento fonológico e musical”, que teve início em 2018 com o objetivo de estabelecer um diálogo entre a Linguística e a Música a partir da análise conjunta da literatura de desenvolvimento típico do português brasileiro (PB) e de desenvolvimento musical.

O pesquisador Ronei Guaresi realiza trabalhos com ênfase na aquisição e no aprendizado inicial típico e atípico da leitura e da escrita em língua materna. Na interface entre as áreas de conhecimento da Aquisição da Linguagem e das Neurociências e com respaldo nos fundamentos teóricos da psicolinguística e na Teoria dos Sistemas Dinâmicos, suas produções científicas têm

contribuído para compreensão da aprendizagem e ensino da escrita (GUARESI, 2009, 2010a, 2010b, 2014; GUARESI; OLIVEIRA JÚNIOR; GUARESI, 2016) e do processo de leitura (MANGUEIRA, GUARESI, 2015; GARESI; SOUZA 2012; GUARESI; OLIVEIRA, 2017; GUARESI; SILVA; OLIVEIRA; ZAMILUTE, 2018), bem como para a relação da leitura e na escrita no processo de aquisição (GUARESI, 2011; 2017; SANTOS; GUARESI, 2016; GUARESI et al 2017) e para desenvolvimento, testagem, conversão ou validação de programas interventivos em caso de aprendizado atípico, conforme observado no trabalho de Guaresi; Almeida (2015) que propõe um protocolo aplicado em pré-escolares e escolares das séries iniciais em relação à dislexia.

Interessada em estudar a linguagem nas afasias e nas neurodegenerescências, a partir do arcabouço teórico-metodológico da Neurolinguística Discursiva, a pesquisadora Nirvana Ferraz Santos Sampaio tem contribuído para a compreensão dos processos linguísticos, pragmáticos e discursivos, relacionando linguagem, cérebro e cognição nos casos de afasia e de neurodegenerescências (SAMPAIO, 2007, 2008, 2010, 2011, 2012a, 2012b, 2016, 2017; SAMPAIO; NOVAIS, 2018).

Outra pesquisadora do PPGLIN da UESB que apresenta produções científicas sobre afasia é Ivone Panhoca, tais produções apresentam interlocuções com a Fonoaudiologia (PANHOCA; GONÇALVES, 2009; PANHOCA; RODRIGUES, 2009; PANHOCA, 2008, 2010, 2013; PANHOCA; RIBEIRO; BAGAROLLO, 2018). Além disso, a partir de uma perspectiva histórico-cultural, produziu trabalhos com outros pesquisadores sobre a linguagem em gêmeos monozigóticos (BARBETA; PANHOCA; 2003 BARBETA; PANHOCA; ZANOLLI, 2008a, 2008b), gestualidade no atraso de linguagem (ZIA; PANHOCA; ZANOLLI, 2005) e a linguagem no autismo (BAGAROLLO; RIBEIRO; PANHOCA, 2013). Além desses temas, desenvolveu outros trabalhos sobre Síndrome de Down (BARBETA; PANHOCA;

2016; MONTICELLI; ZANOLLI; PANHOCA, 2016), linguagem e envelhecimento (PANHOCA, 2006), construção da leitura e da escrita (PANHOCA, 2002), entre outros estudos com foco na terapia fonoaudiológica e em políticas públicas.

Constatamos uma linha robusta em número de pesquisadores no PPGLINC da UFBA e na diversidade dos projetos que abarcam, bem como dos objetos de estudo trabalhados, que contemplam o processo de aquisição da linguagem típico e aquele com algum tipo de desvio.

Programas de Pós-Graduação no Ceará

O estado do Ceará conta com dois Programas de Pós-Graduação que têm contribuído para os estudos na área da aquisição da linguagem, que são: o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC) e o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UEC).

O Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC) conta com a linha de pesquisa: “Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem” que visa estudar a aquisição, o desenvolvimento e o processamento da linguagem, bem como investigar os processos de compreensão e produção da fala e da escrita em seus aspectos linguísticos e cognitivos.

Dentre os pesquisadores dessa linha, destacam-se: Ana Célia Clementino Moura que tem desenvolvido pesquisas sobre a aprendizagem da língua escrita (MOURA, 2006) e apresentado interesse em investigar o desenvolvimento das construções de relativas em narrativas infantis; Maria Elias Soares que estudou sobre a aquisição da competência textual escrita (SOARES, 1999a; 1999b) e alfabetização e letramento (SOARES; MELO, 2008); Mônica de Souza

Serafim que também tem contribuído aos estudos sobre a aquisição da escrita infantil (SERAFIM, 2010; 2015); bem como tem investigado a questão da autoria da criança na produção do texto (SERAFIM; OLIVEIRA, 2010; 2016).

O Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará tem contribuído aos estudos aplicados da linguagem no Nordeste e voltam-se aos temas: multiletramentos, desenvolvimento e ensino de línguas, tradução audiovisual e estudos críticos da Linguagem.

Pedro Henrique Lima Praxedes Filho pesquisa principalmente sobre os temas: desenvolvimento/aprendizagem da língua inglesa como língua estrangeira ou segunda língua e demais línguas adicionais a partir da Linguística Sistêmico-funcional. Com base nesta perspectiva, discutiu o desenvolvimento de segunda língua (PRAXEDES FILHO, 2003) e de língua materna (PRAXEDES FILHO, 2011).

Especificamente na área de aquisição da linguagem, os estudos do pesquisador Wilson Júnior de Araújo Carvalho privilegiam a aquisição de língua materna ou adicionais em condições típicas ou desviantes e as características fonológicas presentes na aquisição dos sistemas sonoros em contextos naturais e formais de aprendizagem. Atualmente coordena um projeto de pesquisa que versa sobre a estrutura fonológica da língua e de que modo as inter-relações entre consciência fonológica e a aprendizagem dos sistemas alfabéticos de escrita acontecem nos anos iniciais de escolarização. Esse pesquisador tem participação em estudos sobre: aquisição fonológica, contemplando uma pesquisa relevante sobre aquisição dos róticos (CARVALHO; COSTA, 2008) e aquisição da escrita sob a perspectiva dos processos fonológicos (ALMEIDA; CARVALHO, 2018).

Programa de Pós-Graduação na Paraíba

O Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) através da linha Aquisição da Linguagem e Processamento Linguístico vem se destacado nas pesquisas acerca da Aquisição da Linguagem. Vinculado à linha, há o Laboratório de Aquisição de Fala e Escrita (LAFE) que congrega duas vertentes teóricas sob o eixo da interação. A primeira vertente, coordenada por Marianne Cavalcante, apoia-se em duas perspectivas básicas: a perspectiva dialógica, como norteadora para se discutir a fala da criança e as discussões, propostas por Ester Scarpa da UNICAMP, a respeito da prosódia enquanto guia de acesso da criança à sua língua materna. A segunda linha de pesquisa, coordenada por Evangelina de Faria, estrutura-se com base no dialogismo Bakhtiniano e nos estudos de Frédéric François da Université Paris V, acerca dos movimentos discursivos nas interações infantis.

O LAFE congrega trabalhos sob a ótica da aquisição na fala e na escrita, bem como a articulação entre aquisição e patologias da linguagem, tais como: síndrome de Down, afasias, autismo, etc. Além disso, o Laboratório tem como meta a construção de *corporas* de fala infantil da região Nordeste. A construção destes *corporas* tem possibilitado a permuta de dados entre pesquisadores das instituições parceiras (entre elas UNICAMP, UNICAP, UFJF, UNESP, UFPEL e UFPE), visando à ampliação das pesquisas neste campo. Participam destas pesquisas profissionais da área de Letras, Pedagogia, Psicologia e Fonoaudiologia, num diálogo transdisciplinar bastante frutífero. Também destaca-se a filiação do LAFE e

suas pesquisadoras à Rede de Pesquisa NaLÍNGUA⁵, coordenada por Alessandra Del Ré (UNESP/Araraquara).

A linha Aquisição da Linguagem e Processamento Linguístico apresenta duas vertentes: na perspectiva interacionista, interessa observar a aquisição e o desenvolvimento da fala, da escrita (letramento), e de línguas de sinais por surdos. Já na perspectiva inatista, tem como foco os aspectos aquisicionais da morfologia a qual incide sobre o reconhecimento da gramática da língua materna.

A pesquisadora Evangelina Maria Brito de Faria coordena o projeto “Cenas de aquisição de gêneros: um olhar sobre a entrada da criança nos gêneros orais e escritos” que propõe observar a entrada da criança nos gêneros orais e escritos, procurando compreender as estratégias que elas usam na construção dos textos e propor metodologias para um melhor desenvolvimento de suas habilidades orais e escritas. A pesquisadora tem contribuído aos estudos da aquisição da linguagem oral e da linguagem escrita a partir de uma perspectiva dialógica Bakhtiniana, com ênfase na temática argumentação infantil (FARIA, 2003, 2004a), aquisição de gêneros orais (FARIA, 2001; FARIA; MEDEIROS, 2015, 2016; FARIA; LINS, 2016) e aquisição de escrita (FARIA, 2011; FARIA; MENEZES, 2013). Além dessas produções científicas, destacam-se, na área da aquisição da linguagem, os seguintes trabalhos publicados ou co-organizados: Argumentação infantil (FARIA, 2004b); As pesquisas em aquisição da linguagem na Paraíba: uma brevíssima apresentação (FARIA; CAVALCANTE, 2006); A criança e as diversas linguagens na Educação Infantil (FARIA, 2009); Aquisição da Linguagem

5 O Na Língua é um projeto coletivo de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras e francesas, com abordagens teóricas diferentes e complementares, o que contribui para o intercâmbio interinstitucional e internacional, e promove a difusão do saber. Ele reúne linguistas, psicólogos, fonoaudiólogos e educadores que se propõem a analisar um mesmo conjunto de dados (corpus), com recortes específicos dos objetos de análise, visando apreender o processo de constituição da criança enquanto sujeito falante, desde as primeiras vocalizações, elementos prosódicos, gestos, até a entrada na escrita.

e Processamento Linguístico: perspectivas teóricas e aplicadas (CAVALCANTE; FARIA; LEITÃO, 2011); Cenas em Aquisição da Linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade (CAVALCANTE; FARIA, 2015); Aquisição de escrita por surdo: um olhar sobre adaptação curricular (FARIA; PIRES, 2015); Aquisição do sistema de escrita alfabética: iniciando (FARIA et al, 2017).

O pesquisador Giorvan Anderson Alves desenvolve o projeto “Aspectos da linguagem e da fala em diversos grupos populacionais com desenvolvimentos atípicos” que investiga as características da linguagem oral e desenvolvimento da fala e seus aspectos desviantes (desvios fonéticos, desvios fonológicos e apraxia de fala na infância) em diversos grupos, entre eles a Síndrome de Down. Em relação a esta condição genética, o pesquisador apresenta produções científicas sobre o desenvolvimento da escrita (ALVES; DELGADO; VASCONCELOS (2008), a fala (ALVES et al, 2016) e a intervenção fonoaudiológica (GOMES; PESSOA; ALVES; DELGADO, 2016; REGIS; LIMA; ALMEIDA; ALVES; DELGADO, 2018). Além da obra em coorganização: Contribuições da Fonoaudiologia na Síndrome de Down (DELGADO; ALVES; LIMA; ROSA, 2016), também realizou pesquisa sobre a escrita de criança surda usuária de Libras (ALVES; DELGADO, 2007), letramento multimodal na perspectiva da surdez (ALVES et al, 2014), escrita na deficiência visual (ALVES; VASCONCELOS; MIRANDA JÚNIOR, 2011), bem como alterações de fala em crianças com Síndrome de Moebius (ALVES et al 2015).

A pesquisadora Isabelle Cahino Delgado desenvolve o projeto “O desenvolvimento do Letramento em sujeitos com síndrome de Down” que tem o objetivo de analisar o desenvolvimento do Letramento em sujeitos com síndrome de Down. Partindo do pressuposto de que a estimulação da modalidade oral da linguagem frente às crianças em processo inicial de desenvolvimento da fala é crucial para a apropriação, em um segundo momento, do sistema de leitura e escrita. Compreende, também, que o processo

de Letramento pode se desenvolver desde os contatos iniciais da criança com os gêneros escritos e, assim, este indivíduo é capaz de desenvolver, em um segundo momento, as habilidades de leitura e escrita com o suporte educacional que lhe for necessário. Além de produções científicas que contemplam discussões sobre a linguagem oral ou escrita na Síndrome de Down (DELGADO; ALVES; VASCONCELOS, 2008; LIMA.; DELGADO; CAVALCANTE, 2016;ALVES.; LIMA; LIMA; DELGADO, 2016), predomina entre seus trabalhos publicados a temática aquisição da escrita na surdez (DELGADO; ALVES, 2007;DELGADO; CAVALCANTE, 2010, 2011). Além disso, participou da seguinte obra em co-organização: Contribuições da Fonoaudiologia na Síndrome de Down (DELGADO; ALVES; LIMA; ROSA, 2016).

O pesquisador José Ferrari Neto desenvolve o projeto “Processamento e aquisição das relações correferenciais: uma investigação sobre as relações entre linguagem e memória de trabalho” que tem como intuito caracterizar aspectos do processamento e da aquisição das relações de correferência por falantes adultos e por crianças em fase de desenvolvimento linguístico inicial do Português Brasileiro (PB). É vinculado ao LAPROL (Laboratório de Processamento Linguístico) da UFPB e suas pesquisas se vinculam a este Laboratório. As publicações do pesquisador na área situam-se no processamento do gênero em Aquisição da linguagem (FERRARI NETO, 2004; 2009; 2011; 2012), aquisição de morfologia derivacional (FERRARI NETO; BARBOSA, 2012; FERRARI NETO; BEZERRA; TAVARES, 2012) e aquisição dos princípios de ligação (FERRARI NETO; MARINHO, 2015).

A pesquisadora Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante coordena o projeto de pesquisa “Sincronia Gestuo-vocal: seu papel na aquisição da linguagem”, que busca aprofundar a caracterização da matriz multimodal da linguagem, inserindo a tipologia prosódico-vocal e sua correlação com o contínuo gestual, bem como lançar

um olhar acerca dos processos sincrônicos em que prosódia e gesto coincidem e seu papel no processo aquisicional. A pesquisadora instaura as pesquisas multimodais (gesto e fala) no âmbito da Aquisição da Linguagem. Dentre as publicações da pesquisadora destacamos: *A fala atribuída: as vozes que circulam na fala materna* (CAVALCANTE, 2001); *Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso* (CAVALCANTE, 2009); *Aquisição de linguagem em contextos de atenção conjunta: o envelope multimodal em foco* (NÓBREGA; CAVALCANTE, 2012); *Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil* (CAVALCANTE; BARROS; SOARES DA SILVA; ÁVILA NÓBREGA, 2016) e *Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem* (CAVALCANTE, 2018).

Além disso, publicou e coorganizou três obras de referência em Aquisição da linguagem: *Multimodalidade em Aquisição da Linguagem* (CAVALCANTE, 2010); *Aquisição da Linguagem e Processamento Linguístico: perspectivas teóricas e aplicadas* (CAVALCANTE; FARIA; LEITÃO, 2011); *Cenas em Aquisição da Linguagem* (CAVALCANTE; FARIA, 2015).

Os pesquisadores do PROLING foram responsáveis pela compilação e organização em três e-books dos trabalhos selecionados nos eventos ENAL/EIAL e EIPA ocorridos em 2013 na UFPB e que foram publicados em 2016, são eles:

- CAVALCANTE, M. C. B. (Org.); LEITÃO, M. M. (Org.); NOBREGA, P. V. A. (Org.); BEZERRA, G. B. (Org.); AURELIANO, T. M. L. (Org.); ALVES, G. A. S. (Org.). **Questões em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística: fonologia e prosódia, línguas de Sinais, sintaxe e processamento**. 1. ed. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2016. v. I. 850p.
- CAVALCANTE, M. C. B. (Org.); LEITÃO, M. M. (Org.); NOBREGA, P. V. A. (Org.); BEZERRA, G. B. (Org.); AURELIANO, T. M. L. (Org.); ALVES, G. A. S. (Org.). **Questões em aquisição da**

Linguagem e Psicolinguística: multimodalidade, interacionismo e patologias da linguagem. 1. ed. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2016. v. II. 685p.

- CAVALCANTE, M. C. B. (Org.); LEITÃO, M. M. (Org.); BEZERRA, G. B. (Org.); NOBREGA, P. V. A. (Org.); AURELIANO, T. M. L. (Org.); ALVES, G. A. S. (Org.) **Questões em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística:** Aquisição de gêneros textuais e leitura. 1. ed. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2016. v. III. 576p.

Programas de Pós-Graduação em Pernambuco

O estado de Pernambuco conta com dois programas de Pós-Graduação que congregam pesquisas na área de aquisição da linguagem, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE apresenta a linha de pesquisa “Comunicação Oral e Escrita”, com a perspectiva de incorporar estudos sobre os processos psicológicos, interpessoais e contextuais envolvidos na aquisição da linguagem, da leitura e da escrita. Nessa linha, destacam-se as pesquisas de Glória Maria Monteiro de Carvalho⁶, colaboradora do Programa e coordenadora do Grupo de Pesquisa “O método como questão na relação sujeito – linguagem”. Este grupo tem como objetivo investigar, à luz do dado empírico, questões implicadas no método de abordagem da ciência. Os desafios suscitados pela singularidade dos fenômenos são tratados num solo teórico-epistemológico, onde se ligam, de modo indissociável, os aportes teóricos da psicanálise e da linguística. Os temas enfocados - quer seja

⁶ A pesquisadora agora atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP.

a criança na aquisição da linguagem, quer aqueles suscitados por sujeitos expostos a diferentes experiências de violência - são discutidos, sistematicamente, os efeitos da relação investigador-dado, bem como vem sendo investigada a questão da patologia da linguagem, sob o enfoque dessa relação.

A pesquisadora Glória Carvalho elege diferentes objetos de estudo para reflexão, entre eles, os mais recorrentes são: singularidade da fala da criança (CARVALHO, 2004a, 2005a, 2005b, 2006a, 2006b, 2006c, 2008a, 2008b, 2009, 2016), “erro/equívoco” (CARVALHO, 2001a, 2006d, 2011, 2014a, 2014b; CARVALHO; AVELAR, 2001), posição/estatuto/subjetividade do investigador (CARVALHO, 2005c, 2005d, 2006c, 2007, 2011a, 2011b, 2013, 2017) e autismo (CARVALHO, 2001b, 2003, 2004b, 2011c, 2012; CARVALHO; AVELAR, 2002, CARVALHO; RÊGO, 2003; CARVALHO; GUERRA, 2012; CARVALHO; ARAÚJO, 2013; BARROS; VILAR DE MELO; CARVALHO, 2013; CARVALHO; VILAR DE MELO, 2018). Em coautoria com Maria Francisca Lier-DeVitto, a pesquisadora publicou um capítulo importante sobre a perspectiva teórica do Interacionismo de Cláudia Lemos (VITTO; CARVALHO, 2008). Além disso, em parceira com as pesquisadoras Aline Spinillo e Telma Avelar organizou o livro “Aquisição de linguagem: reflexões teóricas e resultados de pesquisa (SPINILLO; CARVALHO; AVELAR, 2002).

A pesquisadora Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra desenvolve pesquisas sobre o desenvolvimento da comunicação do bebê a partir da interação com o adulto. Coordena o Laboratório de Estudos do Desenvolvimento na Cultura: Comunicação e Práticas Sociais (LABCOM) com pesquisas que enfocam o processo de desenvolvimento da comunicação mãe-bebê, com bebês apresentando desenvolvimento típico e atípico (Síndrome de Down, déficit auditivo, crianças autistas). Dentre as contribuições teórico-metodológicas destaca-se a construção de um modelo (Modelo EEA) para analisar e compreender o processo de desenvolvimento da

comunicação e da emergência do “self” no início da vida. As suas pesquisas têm sido respaldadas pela perspectiva dos sistemas dinâmicos e pela perspectiva sociogenética, sócio-construtivista ou sóciocultural, que contempla a perspectiva dialógica. A pesquisadora tem realizado estudos sobre a aquisição da linguagem infantil, a partir da interação social desde a década de 1990 (LYRA, 1999, 2000, 2005, 2006, 2007a, 2007b, 2007c, 2008, 2009, 2010, 2012, 2016).

Outra pesquisadora que também transita na área de Aquisição da Linguagem é Selma Leitão, ela coordena o Núcleo de Pesquisa da Argumentação (NupArg): que se destaca como grupo de pesquisa pioneiro, no Brasil, no que diz respeito ao estudo das relações entre argumentação e cognição, com trabalhos voltados especialmente para as relações entre argumentação, aprendizagem e desenvolvimento do pensamento reflexivo. A pesquisadora tem realizado pesquisas sobre argumentação e linguagem infantil sob a perspectiva dialógica, trazendo contribuições acerca do desenvolvimento da argumentação e reflexões peculiares sobre esse desenvolvimento em crianças em aquisição da linguagem oral ou escrita (LEITÃO, 2000a, 2000b, 2002, 2003, 2006a, 2006b, 2007a, 2007b, 2008a, 2008b, VASCONCELOS; LEITÃO, 2016).

O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL) apresenta a linha “Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas diversas manifestações”, que tem como proposta estudar diferentes aspectos e elementos envolvidos no processo de aquisição da linguagem; singularidades; desvios e distúrbios da linguagem. Uma das pesquisadoras de referência desse PPG foi Marígia Ana de Moura Aguiar. Após sua aposentadoria na UFPE, a pesquisadora contribuiu para a criação do PPG em Ciências da Linguagem da UNICAP, orientando trabalhos em aquisição da linguagem.

A maioria de seus estudos voltou-se para a relação entre prosódia e aquisição de linguagem (AGUIAR; LEAL, 2004; LEAL; MADEIRO; AGUIAR, 2006; LIMA; ANDRADE; AGUIAR; MADEIRO, 2010a, 2010b). Em 2011, Aguiar publicou um capítulo importante, que resgata os estudos realizados na Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP, que contribuíram às pesquisas em aquisição de linguagem na região Nordeste, intitulado: A Pesquisa em Linguagem na Pós-graduação *stricto sensu* da UNICAP: contribuição para os estudos da aquisição da linguagem no Nordeste do Brasil (AGUIAR, 2011).

Na atualidade, outros pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem têm realizados estudos relevantes para a área da aquisição da linguagem, entre eles:

Glória Maria Monteiro de Carvalho, após a aposentadoria na UFPE, vincula-se ao PPGCL da UNICAP e, atualmente, desenvolve o projeto de pesquisa “Aquisição da Linguagem, música e autismo”, investigando a singularidade, a heterogeneidade de falas de crianças na tentativa de dialogar entre os campos da aquisição e da patologia de linguagem. A pesquisadora pretende, mais especificamente, investigar o lugar ocupado pela música nas produções verbais da criança que não apresenta obstáculos em sua trajetória linguística e nas manifestações verbais de adolescentes com diagnóstico de autismo. Assumindo, então, a proposta de abordar a música em sua dimensão constituinte do sujeito e não, como um instrumento facilitador ou expressivo da subjetividade.

Isabela Barbosa do Rêgo Barros realiza algumas pesquisas que discutem o processo de aquisição da linguagem a partir do estruturalismo saussureano e da teoria enunciativa de Benveniste e coordena o Grupo de Estudos e Atendimento ao Espectro Autista- GEAUT/UNICAP com a parceria de Renata da Fonte. “A proposta do grupo é promover a linguagem e a socia-

lização de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em um programa de intervenção em grupo” (BARROS; FONTE, 2016, p. 754). A pesquisadora tem contribuído ao estudo da linguagem na especificidade do autismo, estudando os seguintes temas: marcadores dêiticos (BARROS, 2012), ecolalia (BARROS; VILAR DE MELO; CARVALHO, 2013), a linguagem como lugar de enunciação do sujeito autista (BARROS, 2011, 2014), inversão pronominal (BARROS; FERREIRA JUNIOR, 2014), sistema Saussureano e eixos linguísticos (BARROS, 2015), valor linguístico (SILVA; BARROS; FERREIRA JUNIOR; RÊGO BARROS, 2016), estereotípias e linguagem (BARROS; FONTE, 2016). Publicou e coorganizou uma obra: “Aquisição, desvios e práticas de linguagem” (BARROS; EFKEN; ACIOLI; AZEVEDO; FONTE; CAIADO; CAVALCANTI, 2014), que contempla estudos em aquisição da linguagem.

A pesquisadora Maria de Fátima Vilar de Melo em seu projeto de pesquisa “Sujeito do inconsciente e funcionamento linguístico em situações de aquisição de linguagem e em obras literárias” investiga as relações entre sujeito do inconsciente e funcionamento linguístico em situações de aquisição de língua escrita e estrangeira e em obras literárias. De forma mais específica, sua pesquisa visa a investigar incidências da relação do sujeito do inconsciente e o funcionamento linguístico em produções textuais infantis; o laço específico com a língua materna na aquisição de uma língua estrangeira, levando em conta os conceitos de sujeito do inconsciente e de *lalíngua*; bem como propõe analisar o funcionamento linguístico em obras literárias, a partir dos processos metafórico e metonímico que concernem à ordem própria da língua. A discussão dos dados é respaldada por estudos desenvolvidos no campo psicanalítico, influenciados por Arrivé, Authier-Revuz e Milner. Em co-autoria com as pesquisadoras Nadia Azevedo e Renata da Fonte publicou um

capítulo sobre concepções em aquisição de linguagem a partir de diferentes perspectivas (MELO; AZEVEDO; FONTE, 2011).

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo desenvolve o projeto “Aquisição e distúrbios de Linguagem sob a ótica linguístico-discursiva” com o propósito de compreender o funcionamento da linguagem do sujeito idoso, de sujeitos com distúrbios variados de linguagem e de suas famílias e/ou cuidadores. Para a pesquisa, são adotados os aportes teórico-metodológicos da Aquisição de Linguagem e da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Além de ter publicado e coorganizado a obra “Aquisição, desvios e práticas de linguagem, em 2011, publicou e organizou com Renata da Fonte, outra obra em Aquisição da Linguagem intitulada: “Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas”. Coordena as atividades de extensão: Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira – Infantil, Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira - Adultos e Grupo de Convivência de afásicos. Este último com a parceria de Maria de Fátima Vilar de Melo. Cada um dos grupos configura-se como grupo de Extensão, ensino e Pesquisa, pois participam também alunos de graduações e pós-graduações com discussão de casos, estudos sistematizados, bem como atendimento à comunidade. A partir da perspectiva linguístico-discursiva, Nadia Azevedo tem realizado relevantes pesquisas sobre gagueira e afasia (AZEVEDO, 2000, 2002, 2007, 2015, 2018; AZEVEDO; FREIRE, 2001; AZEVEDO; CAVALCANTI, 2017; AZEVEDO; LUCENA, 2010; AZEVEDO; LUCENA; CAIADO, 2014; CAVALCANTI; AZEVEDO; PETRUSK, 2011; PETRUSK; AZEVEDO; FONTE; CAVALCANTI, 2011).

Renata Fonseca Lima da Fonte realiza pesquisas na área de aquisição da linguagem a partir da perspectiva multimodal. A pesquisadora se filia a essa perspectiva a partir dos trabalhos desenvolvidos em parceria com Marianne Cavalcante (UFPB).

Além de discutir a matriz multimodal da linguagem na trajetória linguística de crianças em condições típicas (FONTE et al 2014), destacamos seus estudos sobre: a aquisição da linguagem na especificidade da cegueira (FONTE, 2006, 2011, 2014, 2015; FONTE; CAVALCANTE, 2010), o funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega em aquisição da linguagem (DA FONTE. 2013; FONTE, 2013) e multimodalidade em narrativas de histórias de criança cega (NASCIMENTO; FONTE, 2016). Outras publicações relevantes sob a perspectiva multimodal contemplam desvios de linguagem: gagueira e afasia (FONTE; CAVALCANTE, 2016; FONTE; COSTA, 2017; COSTA; FONTE, 2016) e a linguagem gesto-vocal no Transtorno Espectro Autista (BARROS; FONTE, 2016; FONTE; CAVALCANTE, 2018). A pesquisadora publicou e coorganizou duas obras na área de aquisição da linguagem: Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas (2011) e Aquisição, desvios e práticas de linguagem (2014).

Wanilda Maria Alves Cavalcanti tem contribuindo aos estudos sobre a aquisição da linguagem na surdez e é uma referência nordestina nessa área, com ênfase nas questões que envolvem a inclusão. A pesquisadora realiza pesquisas sobre a aquisição da língua portuguesa por surdos usuários de Libras (CAVALCANTI, 2011, 2017;CAVALCANTI; VILAR DE MELO, 2011) e a linguagem na surdocegueira (CAVALCANTI; BEZERRA, 2009a; 2009b; RACHED; CAVALCANTI, 2018; RACHED; CAVALCANTI; MORAES, 2017). Além disso, também participou da organização da obra: Aquisição, desvios e práticas de linguagem (2014).

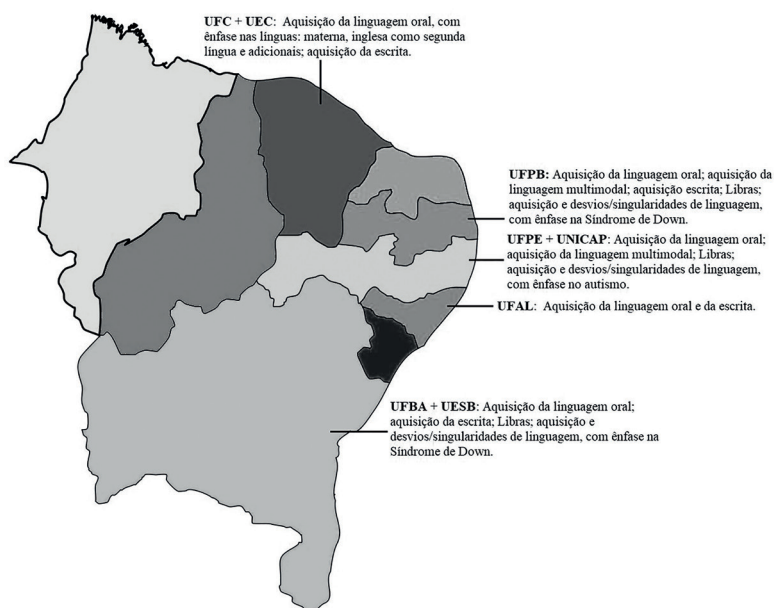
Como é possível observar, há uma intensa e produtiva rede de pesquisadores e pesquisadoras nordestinas na área de Aquisição da Linguagem, consolidando assim, o Nordeste como um importante polo catalisador de pesquisas nessa área.

3.1 Mapeamento dos objetos de estudo na área da aquisição da linguagem

A partir do mapeamento das pesquisas da área da aquisição de linguagem no Nordeste Brasileiro encontramos uma diversidade de objetos de estudo, conforme elencamos abaixo:

Temáticas:	Aquisição da linguagem oral
	Aquisição da linguagem Multimodal (gesto-vocal)
	Aquisição da Libras
	Aquisição de segunda língua ou língua estrangeira
	Aquisição de línguas adicionais
	Aquisição da escrita
	Aquisição da leitura
	Aquisição e Desvios/singularidades de linguagem

Com base no levantamento das temáticas privilegiadas nas pesquisas na área de aquisição da linguagem dos Programas de Pós-Graduação em Letras/Linguística e áreas afins dos estados de Alagoas, da Bahia, do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco, constatamos que a aquisição da linguagem oral de língua materna é trabalhada em todos os programas. Além dessa temática comum entre os programas, identificamos outras similaridades de temáticas privilegiadas entre alguns estados e singularidades nos programas, conforme podemos visualizar no mapa ilustrativo a seguir referente às regiões dos nordestes brasileiros mais representativos dos estudos sobre aquisição da linguagem.



Fonte: elaborada pelas autoras

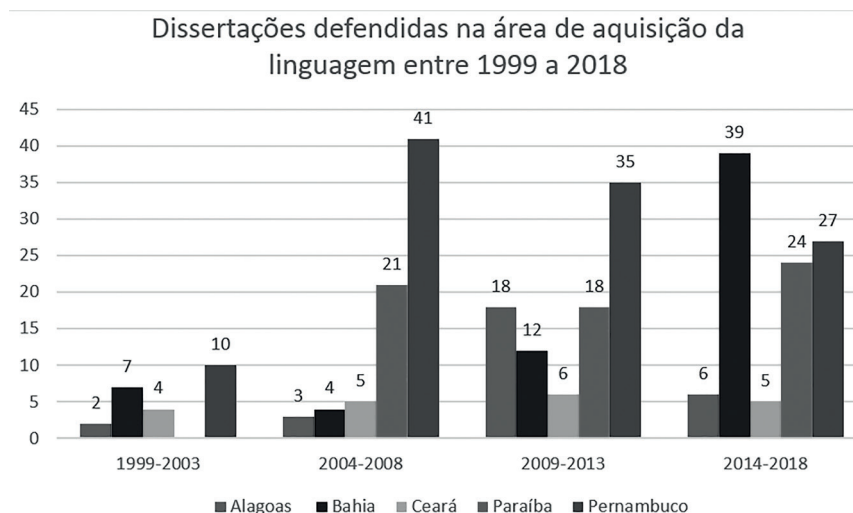
O mapa ilustrativo acima revela a tendência das temáticas na área de aquisição da linguagem dos Programas de Pós-Graduação do Nordeste. Conforme mencionamos, há predominância de estudos sobre a aquisição da linguagem oral com foco na língua materna. A aquisição oral com ênfase na fonologia tem sido priorizada nos programas de pós-graduação baianos. Já a aquisição da linguagem escrita tem sido eleita como objeto de estudo por Programas de Pós-Graduação de universidades dos estados de Alagoas, da Bahia, do Ceará e da Paraíba. A aquisição da linguagem em condições desviantes/singulares tem sido estudada pelas universidades dos estados da Bahia, da Paraíba e de Pernambuco, os dois primeiros estados têm priorizado a Síndrome de Down e a o último o autismo, mostrando avanços científicos em relação à compreensão da linguagem desviante/singular nessas duas especificidades. A aquisição multimodal da linguagem tem sido investigada por dois Programas de Pós-Graduação, o da UFPB e o da UNICAP nos estados da Paraíba e Pernambuco. Também são fortes as pesquisas

com a Língua de Sinais, a Libras, nos estados da Bahia, da Paraíba e de Pernambuco. Já a aquisição da língua inglesa como segunda língua e a de línguas adicionais têm sido temáticas privilegiadas apenas no Ceará, o que revela que no Nordeste ainda não há uma tendência representativa em pesquisar a aquisição de segunda língua, bem como a temática do Bilinguismo.

A seguir, apresentamos um levantamento quantitativo das produções científicas (dissertações e teses) defendidas nessas pós-graduações.

3.2 Levantamento quantitativo das dissertações e teses defendidas na área de aquisição de linguagem

O gráfico 1 demonstra o número de dissertações defendidas nos oito programas de referência em Aquisição da Linguagem em cinco estados nordestinos: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e Recife, ao longo de 20 anos.



Constatamos que o número de dissertações defendidas no período de 1999 a 2018 não foi linear, nem teve um crescimento

progressivo nos intervalos de cinco anos e proporcional ao longo do tempo. Por exemplo, em 2004-2008, Pernambuco teve o maior número de dissertações defendidas que correspondeu a 41, quando o estado passou a contar com a participação ativa de mais de um Programa de Pós-Graduação, o de Psicologia Cognitiva da UFPE e o de Ciências da Linguagem da UNICAP. Nesse período, ocorreram as primeiras defesas de mestrado desse último programa. Alagoas e Ceará tiveram a sua maior quantidade de dissertações defendidas entre 2009 e 2013, um total de 18 e 6, respectivamente. Os Programas de Pós-Graduação do estado do Ceará (UFC e UECE) não tiveram uma variação significativa do número de dissertações defendidas entre 1999 e 2018.

Os estados da Bahia e Paraíba tiveram um aumento bastante significativo entre 2014 e 2018, correspondendo a 39 e 24 dissertações defendidas. Esse crescimento do número de dissertações defendidas nos últimos cinco anos nos Programas de Pós-Graduação da UESB e da UFPB justifica-se pelo aumento de novos pesquisadores que foram vinculados ao Programas dessas universidades e que tiveram suas primeiras orientações concluídas de dissertações de mestrado no período de 2014 a 2018. Do total de 39 dissertações defendidas no estado da Bahia, 38 delas estavam vinculadas ao Programa de Pós-Graduação da UESB. Esse crescimento representativo contribuiu para o avanço nas pesquisas em aquisição de linguagem no Nordeste.

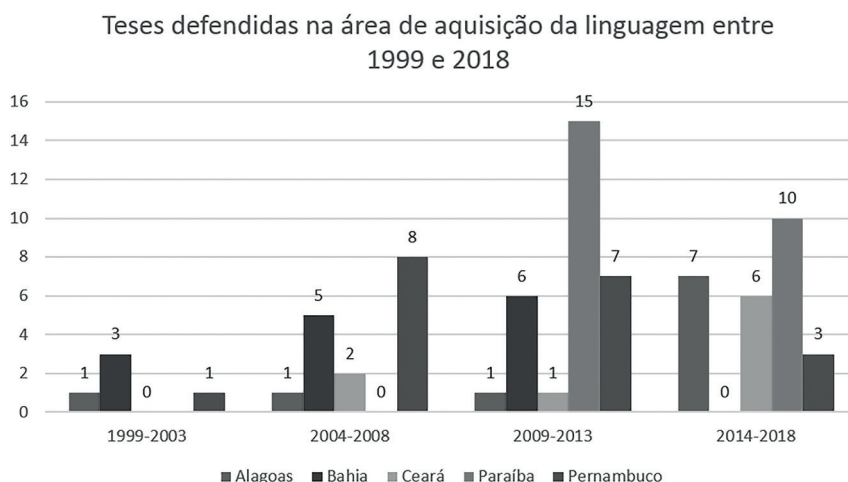
Em números absolutos de dissertações defendidas entre 1999 e 2018, encontramos Pernambuco com 113 dissertações, seguido da Paraíba⁷ com 63 dissertações, da Bahia⁸ com 62 disserta-

7 Aqui estão contabilizadas as dissertações tanto do PROLING quanto do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino, cujo mesmo corpo docente da aquisição atua nas duas pós-graduações, no caso as profas. Dras. Evangelina Faria e Marianne Cavalcante.

8 Aqui estão contabilizadas as dissertações tanto do PPGLIN quanto do ProfLetras UESB, cujo mesmo corpo docente da aquisição atua nas duas pós-graduações, no caso a profa. Dra. Marian Oliveira.

ções, Alagoas com 29 dissertações e Ceará com 20 dissertações, ao longo de vinte anos.

Em relação às teses de doutorado em Aquisição da Linguagem, o gráfico 2 mostra o quantitativo de teses defendidas entre o período de 1999 e 2018 na área de aquisição da linguagem e vinculadas à Programas de Pós-Graduação do Nordeste.



Observamos que o número de teses defendidas no período de 1999 a 2018 também não foi progressivo a cada cinco anos. Por exemplo, entre 2004 e 2008, Pernambuco⁹ teve seu maior número de dissertações defendidas que correspondeu a 8. No período de 2009 a 2013, a Paraíba se destacou entre os demais estados com 15 teses defendidas, o maior quantitativo ao longo de vinte anos. Nesse mesmo período, a Bahia¹⁰ também teve sua maior quantidade de teses defendidas, que foram 6. Enquanto que entre 2014

9 O número de teses defendidas entre o período de 1999 a 2018 em Pernambuco corresponde apenas ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, pois o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem iniciou o doutorado em 2015, tendo suas primeiras defesas de teses da área de aquisição de linguagem em 2019.

10 Vale salientar que a pesquisadora Elizabeth Teixeira foi a única do estado que concluiu orientações de teses de doutorado no período de 1999 a 2018.

e 2018, Alagoas e Ceará tiveram um aumento no número de teses defendidas, que correspondeu a 7 e 6, respectivamente.

No caso das teses defendidas na área de aquisição da linguagem, em números absolutos temos Paraíba com 25 teses, seguido de Pernambuco com 19 teses, Bahia com 14 teses, Alagoas com 10 teses e Ceará com 9 teses, ao longo de vinte anos.

É possível destacar a proeminência da Paraíba e de Pernambuco como dois estados que se destacam em número de dissertações e teses defendidas na área de aquisição de linguagem, constituindo-se como polos de referência nessa área. Saliendo-se que, na Paraíba, o Programa de Pós-Graduação, o PROLING da UFPB é o de maior destaque em termos individuais e em Pernambuco o Programa de Ciências da Linguagem da UNICAP é o de maior destaque. Destaca-se assim, a proeminência em termos individuais da UFPB que apresenta 63 dissertações defendidas entre 2004 e 2018 e 25 teses defendidas entre 2009 e 2018, totalizando 88 produtos; e UNICAP com 80 dissertações defendidas no período de 2004 a 2018 referente à área de aquisição da linguagem.

4. Considerações finais

Procuramos, neste capítulo, apresentar uma trajetória histórica de como a área de aquisição de linguagem se constituiu na região Nordeste, destacando seus pesquisadores e em que Programas de Pós-Graduação a área se torna mais evidente. Destacamos que não é um levantamento exaustivo, mas que buscamos mapear as tendências dos estudos na área e identificar perspectivas teóricas norteadoras.

Vimos, portanto, que a trajetória da Aquisição da Linguagem no Nordeste é multifacetada, com vertentes teóricas variadas, extremamente frutífera, constituindo-se como um lócus privilegiado para pesquisas nessa área.

Dentre os nove estados, constatamos que Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco vêm consolidando o campo e apresentando centros de pesquisas relevantes em Aquisição da Linguagem. As pesquisas nos outros estados do Nordeste¹¹, tais como, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe¹² no campo da Aquisição da Linguagem, apresentam trabalhos pontuais de alguns pesquisadores, sendo importante ações de fomento dessa área nas Pós-Graduações desses estados.

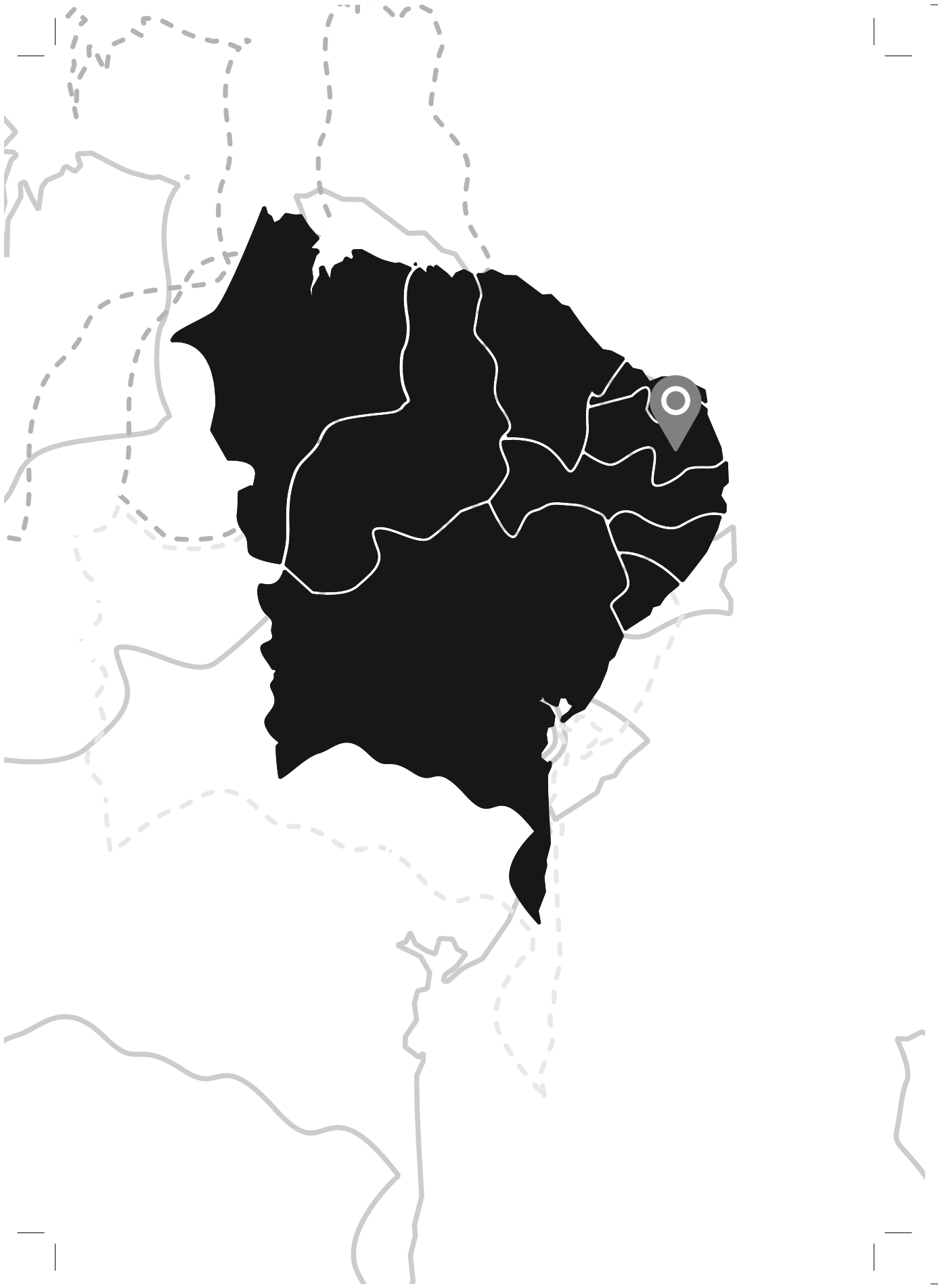
Em relação à tendência predominante de investigação na área, todos os Programas de Pós-Graduação dos cinco estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco contemplam a aquisição da linguagem oral da língua materna. Os estudos sobre desvios/singularidades de linguagem têm sido realizados pelos Programas de Pós-Graduação da Bahia, da Paraíba e de Pernambuco, com destaque para a Síndrome de Down e autismo, respectivamente.

Como se observa, a área de aquisição de linguagem está se consolidando e vem avançando cientificamente nos cinco estados do Nordeste a partir de pesquisas sob diferentes perspectivas. Apesar disso, o número de dissertações e teses defendidas na área em relação aos últimos vinte anos (1999-2018) não é progressivo ao longo do tempo, pois vem variando nos diferentes Programas de Pós-Graduação do Nordeste.

A partir de novos interesses de pesquisadores e dos avanços científicos, pesquisas sobre a aquisição da linguagem típica e atípica sob diferentes perspectivas poderão ganhar ainda mais espaço no cenário dos estudos no Nordeste.

11 Nesses estados não foram encontradas linhas de pesquisa voltadas para Aquisição da Linguagem.

12 Na Jornada Itinerante do Gelne 40 anos que ocorreu em Aracaju em 2017, não tivemos trabalhos voltados para a aquisição da linguagem de autoria de pesquisadores Sergipanos.



PANORAMA SOBRE OS ESTUDOS EM LINGUÍSTICA COGNITIVA NO NORDESTE BRASILEIRO

Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB)

1. Introdução

Nosso objetivo, neste capítulo, é apresentar um rascunho cartográfico do desenvolvimento de pesquisas e formação de pesquisadores que atuam na interface entre linguística e cognição em diferentes instituições da região Nordeste do Brasil. Entendemos esse empreendimento com um “rascunho” por duas razões. A primeira diz respeito a esse texto ser uma versão inicial do projeto de mapeamento dos trabalhos em Linguística Cognitiva (doravante LC) no território brasileiro. Uma especificação regional, como a que fazemos, leva em consideração apenas a produção de trabalhos e pesquisas em instituições sediadas no Nordeste, pouco atentando para o movimento migratório dessa produção, a exemplo de linguistas nordestinas¹ que fazem pesquisas em instituições de outras regiões, ou o treinamento externo de novas linguistas que pretendem voltar ao Nordeste e atuar em nossas Universidades. Por si só, essa

1 Exceto quando nos referirmos especificamente a autores do gênero masculino, utilizaremos a forma feminina para o plural genérico. Por uma tradição cultural, a Linguística no Brasil é predominantemente feita por mulheres, portanto, o fenômeno da generalização masculina não se aplica a uma língua em uso que seja culturalmente sensível.

razão já é suficiente para desconfiarmos que existem contornos não traçados nesse nosso mapa, que serão delineados em topografias futuras da área.

A outra razão de chamarmos esse panorama de um mero rasquinho é o fato de que nossa metodologia de extração de dados sobre pesquisas em LC conta com fontes, por vezes, insuficientes. Não obstante utilizarmos dados coletados sobre os programas de pós-graduação da CAPES ou os filtros da plataforma Lattes, bem como o Diretório de Grupos de Pesquisa, ambos vinculados ao CNPq, sabemos que nem todas as pesquisadoras da área estão agrupadas em linhas de pesquisa cuja denominação expresse o termo “lingüística cognitiva”, nem as buscas no Lattes reflitam a LC como área de vinculação primária dessas pesquisadoras. Sobre esta questão, pelo fato de a Linguística Cognitiva constituir uma área de conhecimento relativamente nova e compreender os fenômenos da linguagem sob um ponto de vista mental e funcional, é possível que alguns representantes da área se sobreponham, nos extratos institucionais, aos da Psicolinguística, da Aquisição da Linguagem, da Neurociência, das Teorias Funcionais, etc.

Feita essa ressalva, duas motivações para este trabalho precisam ser apresentadas: Por que é importante descrever pesquisas em linguística cognitiva? e por que é necessário delimitá-las a um contexto geográfico específico? Começemos por essa última. O Nordeste brasileiro tem sido o palco ideal para manifestações que promovam a ciência e o desenvolvimento em oposição à ignorância e o atraso. Isto ocorre não apenas como um efeito do aumento incontestado do número de universidades e outras instituições de ensino superior, do número de pesquisadoras e do volume das pesquisas na região², mas igualmente como uma resposta às falácias baseadas em estereótipos e preconceitos, oriundos de outras regi-

2 A comparação feita entre os Dados da Avaliação Quadrienal de 2013 e 2017, feita pela CAPES, embora temporalmente limitada, indica o incremento no número e na qualidade dos Programas de Pós-Graduação no Nordeste.

ões brasileiras, de que o Nordeste é “atrasado” e de que o povo nordestino é “ignorante”. É claro que esse tipo de argumento não é representativo do que pensam as cientistas brasileiras, mas seu uso se tornou prática comum nos contextos sociais e midiáticos (motivado, sobretudo, pelo uso de redes sociais da *internet*), tendo sido esposado, inclusive, por personalidades políticas e, mais recentemente e abertamente, por um chefe de estado. Assim, demonstrar o que tem sido feito no Nordeste em termos de pesquisa e progresso da ciência, ainda que em uma única área do conhecimento, é uma prática sociodiscursiva libertária e de resistência.

A motivação acadêmica, não menos progressista, de traçar os caminhos da Linguística Cognitiva na região decorre da necessidade de publicização de uma área de conhecimento ainda pouco conhecida entre muitas pesquisadoras das ciências da linguagem, especialmente daquelas que atuam em terrenos onde o fenômeno mental não é objeto de concentração, ou daquelas para quem que a cognição deve ser estudada exclusivamente pela psicologia, ou ainda das que assumem que o mentalismo já é de interesse central do gerativismo e, portanto, dispensa apresentações.

Por ser um programa de pesquisa novo (assume-se que a terminologia da LC passou a ser usada entre o final da década de 1970 e início da década de 1980), pode-se dizer que a instalação dessa área de conhecimento no Brasil é tardia e que sua consolidação ainda está em andamento (apenas por volta da década de 1990 foram publicados os primeiros trabalhos de LC em língua portuguesa, sobretudo por pesquisadoras recém chegadas de Universidades da Califórnia, a exemplo de M. Salomão no Sudeste e P. Lenz, no Nordeste). No entanto, já há um volume expressivo de pesquisas e produções científicas em LC que garantem não apenas uma promissora expansão da área, mas também um terreno fértil para a análise de fenômenos linguísticos que escapam do interesse de outras áreas irmãs (como a Psicolinguística, a Semântica, as Teorias

de Gramática, dentre outras). Neste trabalho, forneceremos um resumo desses fenômenos e das pesquisas realizadas para sua interpretação, destacando as alianças teóricas existentes e como os quadros explicativos da LC diferem dos de outras áreas.

Outra motivação para discutir a LC e seus interesses é o fato de que a cognição e a linguagem, por serem fenômenos naturais e produtos da evolução de nossa espécie, tornam o conhecimento científico obrigatoriamente interdisciplinar. Assim, como parte de um programa mais amplo de ciências cognitivas, a Linguística, especificamente a LC, não pode prescindir de uma abordagem multidisciplinar, multimodal e multimetodológica desses fenômenos. Suas técnicas metodológicas, geralmente, enfocam a necessidade de buscar evidências empíricas para as pressuposições teóricas formuladas intuitivamente. Procuraremos, neste trabalho, demonstrar o esforço de grupos e laboratórios de pesquisa em LC na investigação empírica e ecologicamente válida dos fenômenos da linguagem e da cognição.

Os dados apresentados neste capítulo, quando não especificados de modo contrário, foram coletados do banco de currículos de pesquisadoras da Plataforma Lattes, do Diretório de Grupos de Pesquisa, das informações disponíveis sobre os Programas de Pós-Graduação na área aprovados na CAPES, dos sítios de universidades da região e de seus programas de pós-graduação, e dos sistemas de busca acadêmica (*google scholar, research gate, academia.edu, etc.*). Esses dados, tabulados de forma descritiva, registram a atuação das investigadoras em LC, suas produções bibliográficas, sua formação acadêmica, e a formação de recursos humanos na área. Os exemplos das pesquisas fornecidos serão referenciados a partir das obras de onde foram extraídos.

Conquanto sucintos, os dados coletados visam à formação de uma memória da LC no Nordeste e devem ser complementados por qualquer pesquisadora ou pesquisador que os entenda equi-

vocados ou incompletos, no presente e no futuro. Este capítulo se organiza em cinco seções, incluindo esta introdução: na seção 2, serão apresentados os fundamentos teórico-metodológicos que motivam a investigação cognitiva da linguagem, empreendida pela LC; na seção 3, apresentaremos um quadro ilustrativo das pesquisas em LC no Nordeste, destacando as informações disponíveis sobre as Instituições, os Programas de Pós-Graduação, os laboratórios e os grupos de pesquisa, além das pesquisadoras e seus trabalhos; na seção 4, discutimos os principais interesses de pesquisa das linguistas cognitivistas do Nordeste, e suas contribuições para o desenvolvimento científico; na seção 5, exibiremos os desafios e as perspectivas da área, do ponto de vista teórico, metodológico e sociopolítico.

2. A Linguística Cognitiva: fundamentos e perspectivas teórico-metodológicas

A Linguística Cognitiva é uma disciplina que introduz uma nova perspectiva na análise dos fenômenos linguísticos, considerados sob o ponto de vista mental. Essa descrição da LC, embora correta, é absolutamente imprecisa. Inicialmente, é impossível reunir o conjunto teórico de pesquisas, vagamente denominadas cognitivas, sob uma mesma disciplina. Igualmente, a consideração dos fenômenos linguísticos como fenômenos mentais, feita pela LC pode ser caracterizada como uma abordagem diferente daquela que fazem várias teorias de linguagem, centradas no componente estrutural de uma língua ou nas funções sociais da linguagem para a comunicação e a cultura. Entretanto, essa não é uma abordagem totalmente nova, se nos lembrarmos que o deslocamento do objeto da Linguística para o terreno das preocupações mentais e cognitivas é uma das premissas da Linguística Gerativa, já na década de 1950.

Igualmente, o monopólio da linguagem como fenômeno cognitivo nunca foi exclusividade do gerativismo. O foco da atenção aos fenômenos cognitivos foi partilhado por cognitivistas de diversas áreas, como a psicologia, a neurociência, a inteligência artificial, dentre outras. Se, por um lado, as teorias mentais da linguagem, articuladas em torno dos seus aspectos sintáticos, foram capazes de explicar alguns fenômenos sobre o funcionamento da mente, precisamente suas características enquanto construto formal, computacional; por outro, várias questões foram deixadas em aberto, exatamente porque extrapolavam os domínios puramente sintático-formais da linguagem. Essas questões, materializadas em problemas de semântica, de usos culturais da língua e da mediação linguístico-cognitiva dos conhecimentos enciclopédicos, incluindo o léxico e a categorização, passaram a ser de interesse das investigações que viriam a ser conhecidas como Linguística Cognitiva.

Segundo Marcuschi (2005b), a afirmação de um “compromisso cognitivista”, nos leva a refletir não apenas sobre a natureza da linguagem sob o ponto de vista de seu estatuto cognitivo, mas também sobre a própria natureza da cognição e seus reflexos na atividade na atividade referencial e na significação.

“devemos considerar o desafio cognitivo como a maior perplexidade da linguística contemporânea, tendo em vista que se trata de uma determinação tanto interna como externa da língua e aqui não se pode mais ser dicotômico nem formal ou funcional simplesmente” (2005b, p. 12)

Por ser um ramo interdisciplinar da linguística, a LC também compartilha os conhecimentos e interesses de pesquisa com a psicologia, a neurociência e a própria linguística formal, na tentativa de descrever como a linguagem interage com a cognição, do ponto de vista mental, social e biológico. Além disso, o quadro de interes-

ses centrais de cada uma das sub-áreas agrupadas no programa da Linguística Cognitiva é bastante diversificado e envolve questões de Semântica, de Gramática, de Fonologia, de Pragmática e de Sociolinguística, todos articulados sob a denominação “cognitiva”.

O ponto em comum entre as diversas disciplinas da Linguística Cognitiva é a premissa de que o conhecimento linguístico envolve não apenas o conhecimento da língua, mas o conhecimento do mundo mediado pela cognição. Além disso, a LC argumenta que a linguagem é incorporada (ou corporificada, no mesmo sentido que Varela, Thompson e Rosch atribuem o termo “*embodied*” à cognição) e situada em um ambiente específico³. Um desdobramento desses dois primeiros argumentos é o de que as estruturas formais da linguagem devem ser estudadas não como se fossem autônomas, mas como resultado da organização conceitual geral, dos princípios de categorização, dos mecanismos de processamento e das influências experienciais e ambientais (inclusive dos contextos sociais).

A gramática cognitiva, por exemplo, supõe que a gramática (conhecimentos morfossintáticos), a semântica e o léxico existem em um *continuum* ao invés de constituírem processos separados. Nessa perspectiva, a gramática não é um sistema formal que opera independentemente do significado, mas é, em si mesma significativa e inextricável da semântica. Considerada um dos primeiros projetos de LC, a gramática cognitiva⁴ explora a hipótese de que uma teoria de gramática pode ser desconstruída em padrões que se juntam para representar conceitos.

A semântica cognitiva é também considerada um marco teórico inicial no movimento de consolidação da Linguística Cognitiva.⁵

3 Dentro do LC, a análise da base conceitual e experiencial das categorias linguísticas é de importância primordial (VARELA, THOMPSON E ROSCH, 1991).

4 Cf. Langacker, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1 Theoretical Prerequisites; Vol. 2 Descriptive Application. Stanford University Press, 1987.

5 Cf. Talmy, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. 1 Conceptual Structuring Systems; Vol. 2 Typology and Process of Concept Structuring. MIT Press, 2000.

Essa abordagem da semântica compreende a linguagem como parte da habilidade cognitiva humana mais geral e que, portanto, só pode ser descrita a partir da compreensão de como as pessoas concebem a realidade, isto é, a conceptualizam. A conceptualização como parte da atividade linguística, por sua vez, só é possível porque a gramática manifesta uma concepção do mundo situada culturalmente. Assim, a capacidade de usar a língua se baseia em recursos cognitivos gerais, adquiridos contextualmente por meio de processos inferenciais, e não delimitados a um módulo linguístico especificado.

Como parte do corpo teórico da Linguística Cognitiva, a abordagem da semântica cognitiva rejeita a separação tradicional da linguística em fonologia⁶, morfologia, sintaxe, pragmática, etc. Em vez disso, esses níveis de análise são recrutados em dois grandes projetos de interesses da LC: a construção de significado e a representação de conhecimento. Dessa forma, a semântica cognitiva estuda grande parte da área que tradicionalmente foi dedicada à pragmática⁷ e à semântica.

Assim, a Linguística Cognitiva, examina as propriedades formais da linguagem a partir da perspectiva conceptual, ou seja, os padrões e os processos pelos quais o conteúdo conceptual está organizado na linguagem; e relaciona seus achados com as estruturas cognitivas de que se ocupa a abordagem psicológica, a qual inclui a análise da memória semântica, a associatividade de conceitos, a estrutura de categorias, a geração de inferências e o conhecimento contextual (TALMY, 2000).

6 Não confundir com Fonologia Cognitiva, a qual pressupõe que outros aspectos da gramática são diretamente acessíveis devido à sua relação subordinada com a gramática cognitiva, tornando assim possíveis relações entre fonologia e vários aspectos da sintaxe, semântica e pragmática.

7 Não obstante a rejeição da dicotomia entre semântica e pragmática na LC, a área de conhecimento denominada Pragmática Cognitiva existe e se define como o estudo dos princípios e processos cognitivos envolvidos na interpretação do significado em contexto, diferenciando-se da abordagem filosófica da pragmática tradicional que rejeita os aspectos psicológicos da significação contextual.

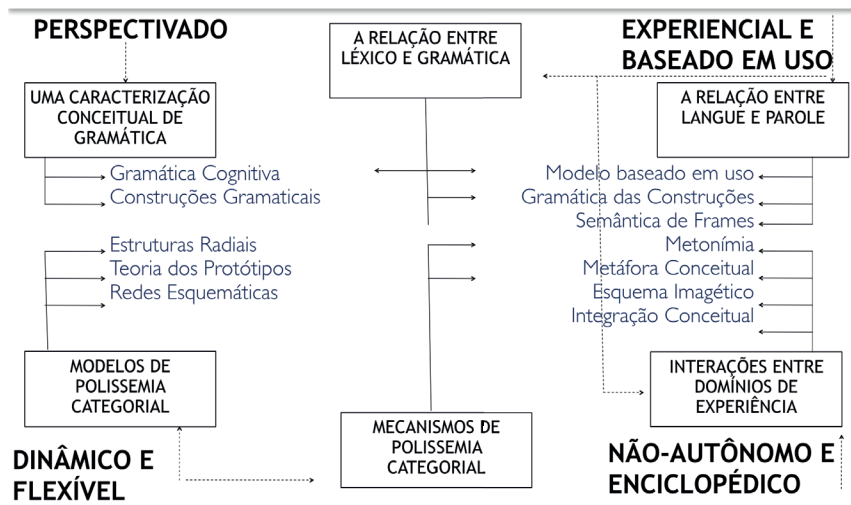
O esforço epistemológico das abordagens de gramática e semântica acima mencionadas sugere que a Linguística Cognitiva segue uma tendência pós-gerativista que propõe um deslocamento do objeto da ciência de sua estrutura linguística para o sentido dos usos da linguagem. A propósito desse deslocamento e da importância da LC para a agenda dos estudos linguísticos no século XXI, Salomão (2010) ressalta:

“O florescimento, com grande abrangência, da vertente construcionista dos estudos da gramática é a contrapartida oferecida pela LC aos tratamentos formalistas da sintaxe e do léxico. As diversas versões de gramáticas das construções, hoje em desenvolvimento, (Goldberg 1995; 2006; Fillmore, Kay, Michaelis e Sag 2007; Sag e Boas 2010; Culicover e Jackendoff 2005; Croft 2001; Feldman 2006) assumem, todas elas, idéias fundantes da LC, embora variem nas soluções que oferecem, no modo como lidam com a categoria epistemológica de motivação, no tipo de formalização que praticam. Além disso, mesmo que a LC não investisse em teoria da gramática e limitasse sua contribuição aos estudos da significação, o que não é verdade – seu impacto seria considerável para os estudos linguísticos pelos avanços que provocou no campo da semântica lexical, dos estudos da referenciação, pelas soluções elegantes que oferece a problemas clássicos referentes à projeção de pressuposições e implicaturas no discurso, e, finalmente, pela incorporação à Linguística do estudo dos processos figurativos da metáfora, da metonímia e da mesclagem conceptual. Não fora por mais nada, a LC já poderia reclamar uma folha bastante expressiva de serviços prestados.”⁸

8 *Entrevista com Margarida Salomão.* In, Leite, Jan e Falcone, Karina. **Investigações.** UFPE, 2010. Available from: https://www.researchgate.net/publication/274383306_Entrevista_com_Margarida_Salomao [accessed Aug 10 2019].

Tal abordagem compreensiva dos fenômenos linguísticos, torna a LC um conjunto robusto e articulado de soluções teóricas para muitas questões em torno da gramática e do processo de significação. Naturalmente, a busca por evidências empíricas a respeito da realidade cognitiva dos fenômenos observados, também provoca a adoção de métodos e técnicas que complementem a intuição das pesquisadoras. O quadro abaixo (Figura 1) é uma amostra parcial dos interesses da LC. Os títulos em negrito indicam as características atribuídas ao significado. As caixas de texto referem-se às abordagens-chave da relação entre língua (forma se sentido) e outros domínios da cognição. As setas conectadas aos termos fora das caixas de texto indicam as relações entre os modelos teóricos específicos e as abordagens do processo de construção de significado, notadamente interdisciplinar.

Figura 1: Abordagens da construção do sentido em LC



Fonte: Adaptado de Geeraerts (2006) Cognitive Linguistics: Basic Readings

Além de fazer uso do método hipotético-dedutivo, como quase todas as subáreas da Linguística, e de utilizar a introspecção como metodologia de verificação das intuições da pesquisadora sobre a língua, especialmente na manipulação de sentenças, a LC compartilha com outras áreas de investigação cognitiva, métodos e técnicas desenhados para conferir validade a produção científica às pesquisas sobre os fenômenos cognitivos.⁹

Entre esses métodos destacamos o naturalístico, mediante o qual são feitos a observação e registro de padrões de comportamentos linguísticos e comunicativos nos contextos em que eles normalmente ocorrem. Esses métodos, amplamente utilizados nas pesquisas de aquisição da linguagem, tem a vantagem de garantir boa validade ecológica aos dados coletados e analisados em virtude de serem os mais próximos dos usos reais de uma língua e dos sentidos nela inscritos. Técnicas longitudinais e utilização de protocolos linguístico-cognitivos, como modelagem imagética e simulação mental, auxiliam na testagem de hipóteses sobre as operações mentais envolvidas no processamento e compreensão dos sentidos.¹⁰ Complementam a observação naturalística outras técnicas amplamente utilizadas na Sociolinguística, Análise da conversação e Aquisição da Linguagem, a saber os conjuntos de *corpora* e as gravações audiovisuais. A análise de protocolos

9 Dada a crescente produção científica na área de Linguística Cognitiva (LC) no Brasil, é possível observar grande diversidade metodológica, que reflete os diferentes interesses dos pesquisadores sobre os temas da cognição e da linguagem, e que se estendem desde a adoção de métodos intuitivos até o uso das metodologias empíricas (descritivas, experimentais) e técnicas da neurociência. Essa diversidade merece devida catalogação que resulte não apenas no reconhecimento da afiliação teórica e metodológica dos trabalhos em Linguística Cognitiva, mas também na constatação de que a interdisciplinaridade das pesquisas em cognição não prescinde da adoção de métodos científicos confiáveis e verificáveis. Nesse sentido, organizei em 2014, juntamente com Espíndola, L. um dossiê temático sobre Métodos em Linguística Cognitiva, publicado no volume 39 da Revista Signo <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/issue/view/264>

10 Cf. Talmy. L. *Foreword*. In: Gonzalez-Marquez et al (2007) *Methods in Cognitive Linguistics*. John Benjamins Publishing Co. para uma revisão dos métodos empregados nas pesquisas em LC.

verbais, em conjunto de técnicas de “pensar alto” e tomada de decisões por meio de raciocínio inferencial são igualmente produtivas e empregadas conjuntamente com os métodos de simulação computacional da cognição, os modelos de rede neural. Esses modelos, fortemente influenciados por uma abordagem conexionista do cérebro, simulam processos de aprendizagem e reconhecimento de padrões de ação, e se aplicam a uma variedade fenômenos linguístico-cognitivos.

Outro terreno de bastante influência nas metodologias de pesquisa da LC são as técnicas neuropsicológicas, tanto no que concerne a testes experimentais de comportamento, quanto aos instrumentos de análise fisiológica, seja do cérebro, seja do movimento ocular, seja da ação motora.¹¹ A Neuropsicologia se destacou no estudo das lesões cerebrais e seus efeitos no funcionamento cognitivo (a exemplo do estudo das lesões no hemisfério cerebral esquerdo e sua correlação com a perda de certas habilidades linguísticas). Entretanto, com o avanço das neurociências, não apenas o estudo das lesões, mas o de cérebros saudáveis é capaz de revelar os princípios neurocognitivos básicos subjacentes à compreensão e processamento de linguagem, à interação entre linguagem e sistemas motores, às habilidades leitoras, aos comprometimentos linguístico-cognitivos decorrentes de instalação precoce de demências como a Doença de Alzheimer; à relação entre linguagem e outros sistemas cognitivos, como a cognição visuo-espacial. etc.

11 As técnicas de captação de imagens do cérebro em repouso ou em atividade, incluem: CAT Scan – Tomografia Computadorizada Axial; PET Scan – Tomografia por Emissão de Pósitrons e MRI – Ressonância Magnética por Imagens. As técnicas eletrofisiológicas que medem a atividade cerebral durante a execução de tarefas cognitivas e relaciona os potenciais cerebrais aos eventos medidos são: EEG - Eletroencefalograma e MEG - encefalograma magnético. Técnicas de rastreamento ocular e de rastreamento de atividade motora também são utilizadas em pesquisas neurocognitivas.

3. Contextualização da Linguística Cognitiva no Nordeste brasileiro

A introdução dos estudos cognitivos da linguagem no Nordeste, organizados sob a abordagem interdisciplinar da Linguística Cognitiva, ocorreu sob a influência de duas escolas principais: a norte-americana, representada, sobretudo, pelas pesquisas em semântica, psicologia cognitiva e teorias de gramática da Universidade da Califórnia (LAKOFF, TALMY, GIBBS E LANGACKER); e a escola europeia, tributária, de um lado, dos estudos textuais-discursivos e etnometodológicos (VAN DIJK, MONDADA) e, do outro, da linguística de texto e filosofia da mente (no Brasil, representadas pelos trabalhos de Koch e Marcuschi).

Um dos principais responsáveis pela divulgação das ciências cognitivas no Nordeste é, sem dúvida, o saudoso Luiz Antonio Marcuschi, professor titular da UFPE, a quem coube a missão de não apenas ministrar, no final do último milênio, a inovadora disciplina de Linguística Cognitiva no Programa de Pós-Graduação em Letras daquela instituição, mas a de formar mestres e doutoras que se tornariam pesquisadoras em LC em diversas instituições do Nordeste. Além disso, Marcuschi publicou algumas das principais revisões teóricas sobre a área no Brasil¹², atuando conjuntamente com Margarida Salomão, uma das expoentes da LC no país, na consolidação de um grupo de pesquisadoras reunidas sob o Grupo de Trabalho Linguística e Cognição na ANPOLL, na realização de diversos eventos, com a participação de alguns dos prin-

12 Alguns trabalhos notáveis de Marcuschi sobre a LC incluem: *Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais* (2007); *Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa* (2002); *Introdução à Linguística 3: Fundamentos Epistemológicos* (2004); *O léxico: lista, rede ou cognição social?* (2004); *Atividades de referência, inferência e categorização na produção de sentido* (2003).

cipais nomes da Linguística Cognitiva internacional, e na profícua produção de livros, periódicos e anais acadêmicos¹³.

Outro grupo pioneiro que contribuiu para o fortalecimento da LC no Nordeste é representado pelas pesquisadoras Paula Lenz e Ana Cristina Pelosi, participantes de grupos conjuntos de pesquisa na UFC e UECE, responsáveis pela formação de diversas pesquisadoras em LC e por volumosa produção bibliográfica, a exemplo dos trabalhos em *Metáforas Conceptuais*, *Metáforas Primárias*, e mais recentemente, dos trabalhos sobre representações conceituais na mídia brasileira em conjuntos de dados do tipo *Big Data*¹⁴.

No final da primeira metade da década de 2000, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, foi articulada uma das primeiras linhas de pesquisa na região a se voltar para os estudos de linguística e semântica cognitiva. Como recém-doutor em LC e orientando de Marcuschi, aceitei o desafio, juntamente com Lucienne Espíndola, de ministrar as disciplinas de Linguística Cognitiva e Semântica Cognitiva naquela instituição. As atividades de pesquisa e orientação vieram naturalmente e, desde então, a LC está representada na UFPB por meio da formação de recursos humanos, pesquisas, publicações e promoção de eventos (abaixo destacados).

O esforço dessas pesquisadoras e deste pesquisador não apenas trouxe a Linguística Cognitiva para o cenário nordestino, como motivou o desdobramento de pesquisas e formação de novas intelectuais, que são hoje representativas da LC no Brasil e no exterior. Em menos de duas décadas, os estudos de cognição que

13 Eventos e itens de produção científica relevantes para pesquisa na região serão mencionados nas próximas páginas desta seção.

14 Incluímos como exemplo, os livros: *Cognição e Linguística, explorando territórios, mapeamentos e percursos* (2008), já publicado em segunda edição pela Editora da PUC-RS; *Faces da Metáfora* (2006); *Corporalidade e ciência cognitiva: uma leitura da obra de Raymond Gibbs* (2011), organizados por Pelosi; e os artigos de Lenz: *Emergência e natureza das metáforas conceituais* (2001); *Metaphor is grounded in embodied experience* (2004) e *About primary metaphor* (2006).

então eram tímidos e vinculados ora à Linguística Textual, ora à Semântica, ora à Psicolinguística, hoje encontram independência em diversas linhas de pesquisa, dos programas de pós-graduação no Nordeste, conforme mapeados abaixo:

Tabela 1: Linhas de Pesquisa em LC na pós-graduação em Linguística no NE

PROGRAMA/ INSTITUIÇÃO	LINHA DE PESQUISA	DESCRIÇÃO
Linguística - UFPB	Linguagem, Sentido e Cognição	Os objetivos desta linha de pesquisa é reunir projetos que se dedicam ao estudo da significação, da relação entre língua, discurso, contexto e cognição, a partir de diferentes concepções teórico-metodológicas.
Estudos da Linguagem - UFRN	Discurso, Cognição e Interação	Esta linha desenvolve perspectivas e concepções da linguagem de cunho cognitivo/funcional. Entre os temas desenvolvidos estão: as bases funcionais da gramática, a relação entre cognição e corporalidade, construções linguísticas e cognição de eventos, os aspectos cognitivos, socioculturais e pragmáticos da estrutura linguística e dos seus padrões discursivos.
Linguística - UFC	Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem	Estudo da aquisição, do desenvolvimento e do processamento da linguagem; investigação dos processos de compreensão e produção da fala e da escrita em seus aspectos linguísticos e cognitivos.

<p>Linguística Aplicada – UECE</p>	<p>Multilinguagem, Cognição e Interação</p>	<p>Esta linha de pesquisa tem como objetivo investigar as relações entre linguagem e cognição sob três perspectivas complementares em ambientes multilíngues. Do ponto de vista da linguagem como fenômeno intersubjetivo, pesquisa processos de aprendizagem e desenvolvimento da linguagem (língua materna, línguas adicionais e outras linguagens) e de tradução (interlinguística, intralinguística e intersemiótica). Do ponto de vista da linguagem como conhecimento gerado na interação, pesquisa processos de produção e de interpretação de sentidos e seus efeitos para diferentes usuários da linguagem em situações concretas de uso. Do ponto de vista da linguagem como sistema (re)criado na interação, pesquisa variação e mudança de regras de uso, levando em conta a comparação entre línguas consideradas naturais e precisamente delimitadas.</p>
--	---	---

<p>Linguística - UESB</p>	<p>Texto, Significado e Discurso</p>	<p>Estudo do texto e diferentes gêneros textuais, do significado e do discurso, em diferentes esferas da atividade de língua(gem) humana, com base em diferentes pressupostos teórico-metodológicos das áreas e interfaces da Linguística do Texto, da Linguística Cognitiva, da Semântica e da Análise de Discurso.</p>
<p>Língua e Cultura - UFBA</p>	<p>Linguagem, Cognição e Discurso</p>	<p>Esta linha abarca estudos interdisciplinares acerca de interconexões entre linguagens, cognição, texto e discurso, bem como entre cultura, sociedade, história e ideologia, com base em premissas da Linguística Cognitiva e/ou da Teoria da Complexidade e/ou da(s) Análise(s) de Discurso e/ou da Linguística Textual, ainda, de outras áreas do saber. Três são as perspectivas da linha: linguagem e cognição, linguagem e discurso e linguagem e texto podendo ser o viés metodológico quantitativo, ou qualitativo, ou, ainda, quali-quantitativo; a abordagem, sincrônica ou diacrônica, e o corpus, mono ou multimodal.</p>

Fontes: CAPES; Programas de Pós-Graduação (2019)

Vinculados às linhas de pesquisa e programas de pós-graduação acima informados, procedemos à busca de grupos de pesquisa com certificação vigente do CNPq, no diretório de grupos de pesquisa daquela agência. Restringimos à busca apenas aos grupos que fazem referência aos estudos cognitivos da linguagem, seja em sua descrição, seja na estruturação de suas linhas de pesquisa¹⁵.

Tabela 2: Grupos de Pesquisa em LC no Nordeste

INSTITUIÇÃO	GRUPO	LÍDERES
UFPB	LACON - Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem	Jan Edson Rodrigues Leite
UFPB	Semântica, léxico e cognição	Maria Leonor Maia dos Santos
UFPB	Texto: produção e recepção sob vários olhares	Erivaldo Pereira do Nascimento Lucienne Claudete Espíndola
UFC	GELP - COLIN (Cognição e Linguística)	Ana Cristina Pelosi Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos
UFRN	Cognição e Práticas Discursivas	Ada Lima Ferreira de Sousa Paulo Henrique Duque
UFRN	Estudos Sociocognitivos do Texto (ESCOT)	Erik Fernando Miletta Martins
UFRPE	Letramento, Alfabetização, Tecnologia Digital e Cognição – LATEC	Renata Barbosa Vicente

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa CNPq

15 Utilizamos a sintaxe 'linguística AND cognitiva (OR sociocognitiva OR neurocognitiva) OR semântica AND cognitiva OR gramática AND cognitiva na busca booleana. 15 registros de grupos foram retornados. Após análise individual dos grupos e pesquisadores, reduzimos a lista para 7. É possível que algum grupo não vinculado à LC como área de atuação específica tenha sido listado por utilizar um destes parâmetros em sua descrição. Pode ocorrer igualmente que alguns grupos diretamente ligados a LC não tenham sido incluídos, por escaparem desses parâmetros. Além disso, utilizamos os filtros de região (Nordeste), área de atuação (linguística) e desconsideramos os grupos não atualizados no diretório.

Não constam, surpreendentemente, neste mapeamento, as investigações científicas e as pesquisadoras vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, onde foram formadas algumas das primeiras linguistas cognitivistas no Nordeste. Embora não diretamente vinculadas a linhas de pesquisa e grupos de trabalho em LC, a produção acadêmica e formação de recursos humanos na área recebeu robusta contribuição das pesquisas empreendidas por Elizabeth Marcuschi e Karina Falcone, representantes daquela instituição. E. Marcuschi faz uma integração entre os estudos sociocognitivos e uma abordagem educacional da linguística, enquanto Falcone investiga o discurso, especialmente o jornalístico, sob a tutela dos Estudos Cognitivos do Discurso, a partir da tradição de Teun Van Dijk.

Diversas pesquisadoras em LC da região Nordeste estão vinculadas ao Grupo de Trabalho Linguística e Cognição¹⁶, que foi aprovado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) em julho de 2004. A constituição de um GT de Linguística e Cognição tornou-se importante para a consolidação desse campo teórico no Brasil e no Nordeste. Conforme explicitado em seu histórico, “a justificativa para sua criação reside na importância da reflexão sistemática e regular da teorização linguística em torno da problemática cognitiva, presente de forma cada vez mais incisiva e promissora na agenda dos estudos sobre a linguagem, bem como na agenda das ciências da cognição”. Citamos aqui os nomes das pessoas cadastradas no GT (conforme consulta ao site):

16 <https://www.gtlinguisticaecognicao.org/>

Tabela 3: Participação no GT Linguística e Cognição

NOME DA/O PARTICIPANTE	GRUPOS DE PESQUISA EM QUE ATUA	LINHAS DE PESQUISA EM QUE ATUA:
ANA CRISTINA PELOSI – UFC/ UNISC	Linguagem e cognição Cognição e Metáfora – COMETA GELP – COLIN (Cognição e Linguística)	Linguística Aplicada Lexicologia Processamento da linguagem Linguística Cognitiva Aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem Processos cognitivos e textualização Tradução
JAN EDSON RODRIGUES LEITE – UFPB	LACON – Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem	Aspectos neurocognitivos da aquisição e compreensão de L1 e L2 Memória e percepção visual no processamento da leitura Déficits de memória e cognição na compreensão léxico-semântica
LUCIENNE CLAUDETE ESPÍNDOLA – UFPB	GEIM – Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora Texto: produção e recepção sob vários olhares Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas – GEADEL	Linguagem, sentido e cognição Linguagem, sentido e cognição / UFPB Metaforização e Representação
MAÍRA AVELAR MIRANDA – UESB	Sistemas inteligentes, automação e controle – SIAC Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) COMPLEX COGNITIO – uma visão integrada da cognição humana: corpo, cérebro, mente, linguagem, significação Laboratório de Estudos em Cognição e Linguagem (LeCogLing)	Sistemas inteligentes Texto, Sentido e Discurso Estrutura formal e conceitual da linguagem Estudos em Linguagem e Cognição Linguagem e Multimodalidade

<p>PAULA LENZ – UECE</p>	<p>Cognição e Metáfora – COMETA GELP – COLIN (Cognição e Linguística) Propriedade Intelectual, Transferência de Tecnologia e Prospecção Tecnológica</p>	<p>Lingüística Aplicada Lexicologia Processamento da linguagem Lingüística Cognitiva Modelos Cognitivos Idealizados e Conceitualização Aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem Tradução Ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras Prospecção Tecnológica</p>
<p>PAULO HENRIQUE DUQUE – UFRN</p>	<p>Gramaticalização de construções Cognição & Práticas Discursivas Neurociências Cognitiva e Comportamental Estabilidade, Variação e Mudança Linguística</p>	<p>Gramaticalização Discurso, Cognição e Interação Laboratório de Estudos da Linguagem (LABEL) Teoria e Análise Linguística</p>

Fonte: GT Linguística e Cognição da ANPOLL

A promoção e realização de eventos científicos na área de Linguística Cognitiva no Nordeste contribuiu para a integração da região com pesquisadores de outras partes do país e do mundo ao mesmo tempo que serviu de vitrine para as pesquisas em andamento na região sobre o fenômeno cognitivo.

Em 2008, foi realizada o III CMLP (Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento)¹⁷, em Fortaleza e sob a tutela das Universidades Federal e Estadual do Ceará (UFC e UECE). Este evento foi organizado por Paula Lenz, Ana Pelosi e Emilia Farias e contou com a participação de Ray Gibbs (University of California at Santa Cruz), Francisco José Ruiz de Mendoza

17 https://www.academia.edu/1913907/iii_congresso_internacional_sobre_met%-c3%81fora_na_linguagem_e_no_pensamento

(Universidad de La Rioja, Espanha, Zoltán Kövecses (Eötvös Loránd University, Budapest, Hungary), Lynne Cameron (The Open University, UK) e Margarida Salomão (UFJF) como conferencistas convidadas.

Uma outra versão desse evento, o VI CMLP¹⁸, versando sobre o tema *Metáfora e Multimodalidade*, foi realizado em 2017, em Salvador, promovido pela UFBA organizado por Maíra Avelar (UESB) e Ariadne Domingues (UFBA), Este evento contou com conferencistas como Mark Turner (Case Western), Eve Sweetser (UC Berkeley), Alan Cienki (Vrije Universiteit Amsterdam) e Lilian Ferrari (UFRJ).

Em João Pessoa, promovido pela UFPB e pelo GT de Linguística e Cognição da ANPOLL, ocorreu em 2015 a VII Conferência Linguística e Cognição¹⁹ organizada por Lucienne Espíndola e Jan Edson Rodrigues Leite. Após seis edições, realizadas nas regiões Sudeste e Sul do país, a Conferência aconteceu pela primeira vez em uma Universidade da região Nordeste. e teve como tema a articulação da Linguística Cognitiva com as Neurociências, a Educação e a Tecnologia. Entre as pesquisadoras convidadas, destacamos Margarida Salomão (UFJF), Edwiges Morato (UNICAMP), Solange Vereza (UFF), Rove Chishman (UNISINOS) e Michele Feist (University of Louisiana). Também estiveram presentes como conferencistas Mark Turner (Case Western), Alan Cienki (Vrije Universiteit Amsterdam), Daniel Lakens (Eindhoven University of Technology) e Raymond Becker (RWTH Aachen University).

Este evento aconteceu imediatamente após a realização do VII Workshop on Empirical Methods in Cognitive Linguistics²⁰

18 <https://sites.google.com/view/cimlp2017/>

19 http://cogvii.virtual.ufpb.br/cog_port/

20 <https://sites.google.com/site/emcl7joaopessoabrazil/>

(Métodos Empíricos em Linguística Cognitiva), promovido pela UFPB em parceria com a Associação Internacional de Linguística Cognitiva (ICLA), um evento mundial que ocorreu pela primeira vez na América do Sul.

O workshop foi organizado por Jan Edson Rodrigues Leite e Monica Gonzalez-Marquez (Cornell University) e teve por objetivo facilitar o diálogo entre pesquisadoras da linguagem com experiências metodológicas diferentes, isto é, aqueles que trabalham com teoria, experimentação, linguística de corpus, etc. Foi oferecida uma série de mini-laboratórios, cada um conduzido por dois pesquisadores internacionalmente reconhecidos e com diferentes experiências, que colaboraram guiando um grupo de oito estudantes nas etapas de desenvolvimento e execução de um projeto empírico durante o curso de uma semana.

A produção bibliográfica coletiva das pesquisadoras em LC no Nordeste está em grande parte vinculada à realização dos eventos e à participação no GT de Linguística e Cognição. Correndo o risco de omitirmos dados importantes, apresentamos uma pequena amostra do esforço conjunto de nossas linguistas cognitivistas:

Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Organização: Ana Cristina Pelosi, Heloísa Feltes e Emília Farias. Ed.1 Editora da PUC-RS, 2008. Esta coletânea reúne algumas das principais articulações entre o campo das ciências cognitivas e a linguística, objeto da pesquisa de diversas investigadoras da região Nordeste, em colaboração com linguistas de outras regiões do país.²¹

Cognição e(m) práticas de linguagem. Organização: Jan Edson Rodrigues Leite. Editora da UFPB, 2012. Nesta coletânea,

21 <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/cognicao.pdf>

são apresentados, alguns trabalhos que discutem como a cognição é situada em práticas efetivamente usadas e descritas a partir da produção e compreensão linguística. Essa opção metodológica é muitas vezes complementar à investigação de laboratório que, se por um lado, produz análises com resultados validados estatisticamente, outras vezes estabelece padrões que não correspondem exatamente ao que pode ser observado in situ, sem interromper a atividade natural dos sistemas cognitivos em uso. Esse objetivo, em termos de pesquisa, produz a discussão sobre práticas de linguagem conjuntamente com o uso de habilidades cognitivas observadas e descritas em ambientes reais de uso.²²

Dossiê: Métodos em Linguística Cognitiva. Organização: Jan Edson Rodrigues Leite e Lucienne Espíndola. Revista Signo volume 39, número 67, 2014. Teve como objetivo reunir trabalhos voltados para as variadas linhas de pesquisa em Linguística Cognitiva, tendo como foco principal as metodologias e técnicas de pesquisa empregadas nas investigações²³.

Conferência Linguística e Cognição. Organização: Lucienne Espíndola, Jan Edson Rodrigues Leite et.al. Revista PROLINGUA (UFPB) – Vol 11. Nº 1, 2015. Este volume número reúne trabalhos sobre a teorização linguística em torno da problemática cognitiva, presente de forma cada vez mais incisiva e promissora na agenda dos estudos sobre a linguagem (e na agenda das ciências da cognição), refletindo sobre sua interface com as áreas da Educação, Tecnologia e Neurociência²⁴.

35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff & Johnson. Organização: Augusto Soares da Silva e Jan Edson

22 Cognição e(m) práticas de linguagem. Available from: https://www.researchgate.net/publication/311286222_Cognicao_em_praticas_de_linguagem [accessed Aug 11 2019].

23 <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/issue/view/264>

24 <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/issue/view/1811>

Rodrigues Leite. Revista Investigações (UFPE) vol. 28, n. 2, 2015. Este volume comemora os 35 anos de publicação de *Metaphors we live by* (Metáforas da Vida Cotidiana, tradução brasileira). Considerando que a obra de Lakoff & Johnson trouxe novo fôlego não apenas aos estudos de semântica, mas também à compreensão geral do funcionamento de sistemas cognitivos relacionados à linguagem e ao pensamento, as contribuições aqui apresentadas discutem as virtudes e vicissitudes da Teoria da Metáfora Conceptual como figura central nos estudos de semântica cognitiva contemporâneos²⁵.

Dossiê: *Cognição e Interface: Educação, Tecnologia, Saúde/ Neurociência e Sociedade*. Organização: Jan Edson Rodrigues Leite e Lucienne Espíndola, Monica Nobrega. Revista Ling. (dis) curso vol.16 no.3 Tubarão Sept./Dec. 2016. Teve como objetivo articular pesquisas e estudos entre a Linguística Cognitiva e outros campos do saber que se dedicam à cognição humana, nas perspectivas da Saúde/Neurociências, das Ciências da Educação, da Tecnologia da Informação e das Ciências Sociais. Objetivamos, com essa temática, divulgar reflexões da teorização linguística em torno da problemática cognitiva, presente de forma cada vez mais incisiva e promissora na agenda dos estudos sobre a linguagem (e na agenda das ciências da cognição).²⁶

Linguística Cognitiva e Interfaces. Organização: Lucienne Espíndola, Jan Edson Rodrigues Leite et al. João Pessoa: Ideia, 2016. Com o objetivo de articular pesquisas e estudos entre a Linguística Cognitiva e outros campos do saber que se dedicam à cognição humana, nas perspectivas das Ciências da Saúde, em especial das Neurociências, das Ciências da Educação, da Sociedade e da Tecnologia da Informação, este livro reúne alguns

25 <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/issue/view/120/showToc>

26 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322016000300523

trabalhos apresentados nas sessões temáticas da VII Conferência Linguística e Cognição²⁷.

Metáfora e metonímia: múltiplos olhares. Editora: Ana Cristina Pelosi. Revista SIGNO (UNISC). v. 41, n. 70 2016. Este volume enfoca a metáfora e a metonímia sob múltiplos olhares, em especial, a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) como instrumento de organização e compreensão da realidade e dos modos como esta se (re)constrói dinamicamente no âmbito das relações intra/intersubjetivas.

Cognição e práticas discursivas. Organização: Paulo Henrique Duque e Ada Lima Ferreira de Sousa. Editora da UFRN, 2018. Este livro reúne textos escritos por componentes do grupo de pesquisa Cognição e Práticas Discursivas, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trata-se de uma obra introdutória, que objetiva, à luz da Linguística Cognitiva, apresentar conceitos operacionais e exemplos de análises acerca de comportamentos linguísticos, considerando-se o papel da mediação sociocultural na interação homem-ambiente²⁸.

Dossiê: Metáforas Multimodais. Organização: Maíra Avelar, Lilian Ferrari e Eve Sweetser. Revista SIGNO (UNISC) v. 44, n. 79, 2019. Este volume é um resultado concreto de parcerias internacionais e pesquisas realizadas, sobretudo no Brasil, enfocando aspectos multimodais das metáforas. O tema do dossiê corresponde ao tema da sexta edição do Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento, realizado em Salvador, em outubro de 2017.²⁹

27 https://www.researchgate.net/publication/311064662_Linguistica_Cognitiva_e_Interfaces

28 <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26174>

29 <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/issue/view/553>

4. A pesquisa científica em Linguística Cognitiva no Nordeste

Uma vez que a Linguística Cognitiva vê a linguagem uma das capacidades cognitivas dos seres humanos, seus tópicos de interesse incluem: as características estruturais da categorização natural da linguagem (como prototipicidade, polissemia sistemática, modelos cognitivos, imagens mentais e metáfora conceitual); os princípios funcionais da organização linguística (como iconicidade e naturalidade); a interface conceitual entre sintaxe e semântica (conforme explorada pela gramática cognitiva e gramática de construções); o contexto experiencial e pragmático da linguagem em uso; e a relação entre linguagem e pensamento, incluindo questões sobre relatividade linguística e universais conceituais.

O cenário levantado na seção 3 é bastante indicativo de como as pesquisas em LC no Nordeste têm contribuído para a explicação dos fenômenos acima elencados, bem como de outros fenômenos que integram a agenda de estudos cognitivistas (parcialmente explorados, igualmente, na figura 1 supramencionada). Por questões de espaço, não poderemos aprofundar todos os interesses de pesquisa e seus desdobramentos no contexto da Linguística Cognitiva do Nordeste. Apresentaremos, sucintamente, uma amostra das investigações teórico-metodológicas, destacando os temas de pesquisa, a formação de recursos humanos na área e as contribuições das pesquisas para os fenômenos cognitivos observados.³⁰

30 Nos desculpamos antecipadamente pelas omissões e esperamos que brevemente elas possam ser corrigidas. Nossa busca por pesquisadores em LC nas instituições da região Nordeste retornou um quantitativo impossível de analisar nos limites deste capítulo. Por exemplo, uma busca booleana com a seguinte sintaxe: 'linguística AND (cognitiva OR sociocognitiva OR neurocognitiva) OR semântica AND (cognitiva OR sociocognitiva OR neurocognitiva) OR gramática AND (cognitiva OR sociocognitiva OR neurocognitiva)' forneceu 373, quando aplicados os filtros da região (Nordeste) e área de atuação (linguística). Quando acrescido o filtro titulação (doutores) e a presença no diretório de pesquisas do CNPq, os resultados foram reduzidos para 238. Ainda assim esse número foge ao escopo deste trabalho. Um critério utilizado para a reduzir a lista de pesquisadoras e suas contribuições foi a busca direta pelos nomes constantes dos grupos de pesquisa e do GT de LC na ANPOLL.

A produção de literatura em Linguística Cognitiva tem sido bastante profícua no Brasil nos últimos anos. Boa parte das pesquisas em LC ganhou fôlego a partir da obra *Metaphors we live by* (LAKOFF; JOHNSON, 1980). O estudo seminal de Lakoff & Johnson representa também um dos próprios pilares iniciais da Linguística Cognitiva, e se caracteriza por estudar a linguagem como parte integrante da cognição e manifestação da organização conceitual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento mental e da experiência individual, social e cultural.³¹ Vários debates têm sido empreendidos nesse campo, e algumas revisões críticas têm sido proposta, como a consideração da relação entre metáforas conceituais e modelos culturais, ou a adoção de uma perspectiva mais discursiva sobre o processos de compreensão das metáforas.

No Nordeste, algumas contribuições para o desenvolvimento desse tema e a proposição de soluções metodológicas complementares para a descrição linguístico-cognitiva da metáfora, advém das pesquisas de Lenz, Pelosi, Espíndola, entre outros.

Lenz (2006, 2010) investigou o papel da experiência corpórea na geração de metáforas primárias³², apresentando contribuições relevantes para a discussão da relação entre linguagem e pensamento. Sua proposta de um glossário bilíngue de metáforas conceituais evidencia a produtividade de expressões metafóricas sistematizadas na língua em seus mais diversos temas e gêneros textuais e fornece um *corpus* para os estudos da tradução e o ensino/aprendizagem de línguas.

31 Cf. Soares, Augusto e Leite, Jan Edson. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. Revista Investigações Vol. 28, nº 2, Julho/2015

32 a hipótese da metáfora primária indica que correlações recorrentes em experiências corpóreas distintas geram as metáforas conceituais, licenciando as expressões metafóricas usadas pelos falantes de uma língua.

Pelosi (2006), por sua vez, investiga as interconexões entre metáfora, cognição e cultura, propondo um estudo exploratório de influências culturais na constituição de dois desses dois grupos metafóricos: as metáforas de semelhança (GRADY, 1997) se referem àquelas construções metafóricas que não envolvem correlações entre domínios fonte e alvo; e as metáforas de imagem, nas quais singulariza-se um aspecto saliente do domínio fonte (o veículo) na descrição de outro domínio (o tópico). Nessa pesquisa, o objetivo foi investigar como modelos cognitivos, sócio-culturalmente situados, influenciam na compreensão e uso de metáforas não correlacionais. Ou seja, que tipos de conhecimentos, envolvendo esquemas de imagem e informações linguísticas as pessoas parecem evocar quando compreendem ou usam expressões metafóricas.

Já Espíndola (2011), descreve as metáforas/ metonímias conceptuais utilizadas em diferentes gêneros discursivos/textuais, e investiga que funções e efeitos semântico-discursivos as expressões linguísticas atualizadoras de metáforas/metonímias imprimem nos respectivos gêneros.

Avelar (2016, 2017) analisa a emergência das metáforas multimodais em interações face a face no gênero discursivo debate político-eleitoral, considerando as variáveis verbais, a prosódicas, e gestuais. Sua hipótese central é a de que, quanto mais entrincheirada a expressão metafórica está em nosso sistema conceitual, mais difícil será reconhecê-la como metafórica e mais baixo será o grau de compressão da argumentação do turno de fala. Em pesquisa correlata, a autora analisa a emergência das metáforas multimodais no discurso dos deputados e pastores da Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Utilizando a teoria da mente corporificada, a autora analisa: a metaforicidade multimodal em compostos verbo-gestuais; a compressão; a prosódia como uma

característica baseada no corpo (body-based) e as famílias gestuais. O tratamento das questões cognitivas sob a consideração da multimodalidade da produção e compreensão linguística tem sido incorporada às pesquisas não apenas da metáfora conceptual, como aqui ilustradas, mas igualmente à construção de referência e dêixis (AVELAR, 2016, 2017) à compreensão visuo-espacial (LEITE, 2017), e aos processos gerais de conceptualização.

Souza e Leite (2016), abordam a compreensão de metáforas primárias e complexas em indivíduos com declínio cognitivo. O estudo baseia-se na Teoria Neural da Linguagem – TNL, a qual descreve o processamento das metáforas conceptuais como sendo realizado no nível físico, através da ativação simultânea de neurônios ou grupos neurais, tendo como funções respectivas origem e alvo do sentido pretendido e um link instituído entre eles, bem como uma eventual integração conceitual advinda desta operação contexto (LAKOFF, 2008).

Leite e Feist (2018, 2019) investigam o custo do processamento metafórico por pacientes com Doença de Alzheimer. Discutem, por exemplo, a validade da dicotomia sustentada pelas pesquisas em ciências cognitivas, entre linguagem metafórica e linguagem literal e sugerem que mesmo compreensão das metáforas pode requerer esforços cognitivos diferentes, dependendo do tipo de conteúdo mapeado entre domínios concretos e abstratos. Exemplificam, por meio de testes experimentais, que os custos de processamento do conteúdo espacial são significativamente maiores não apenas para condições metafóricas e literais, mas também que participantes saudáveis de grupos de controle são afetados por por esse incremento no esforço cognitivo.

A descrição de frames semânticos e de categorias discursivas utilizadas na conceptualização da realidade tem sido de interesse frequente da LC no Nordeste. Esta abordagem integra

alguns dos princípios da Linguística Cognitiva (a hipótese da corporificação; os níveis integrados de análise; o conhecimento enciclopédico) com as práticas sócio-discursivas em que a língua é usada contextualmente.

A influência de Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) na compreensão da linguagem também tem sido objeto de investigação frequente em LC. A indagação por quais tipos de conhecimento as pessoas parecem evocar quando compreendem ou usam expressões linguísticas, envolve não apenas a análise de esquemas de imagem, metáforas e outros tropos, mas igualmente a contextualização desse conhecimento em esquemas mentais vinculados à produção discursiva situada, como *frames* e espaços mentais.

O trabalho de Falcone (2008), por exemplo, investiga o processo de construção de (des)legitimação de um movimento social (MST), analisando como a cobertura do jornal Folha de S. Paulo (FSP), entre os anos de 1996 a 2006, sobre o massacre em Eldorado de Carajás, ocorrido em abril de 1996, abre espaço para a construção de versões de mundo e modelos cognitivos divergentes, a partir de processos de categorização do MST, segundo os *frames* utilizados pelo veículo jornalístico.

Pelosi (2017) observa as representações cognitivas socio-culturalmente situadas na fala de vítimas diretas e indiretas de violência em centros urbanos brasileiros. Nesse projeto, a autora analisa atitudes, crenças e sentimentos relativos à conceptualização do fenômeno da violência urbana, bem como a conceitos de (in)segurança, empatia, (dis)patia para com agressores. O papel da metáfora conceptual nessas representações é complementado com a concepção de que o discurso é sistema adaptativo complexo.

Duque (2017, 2018) evoca os conceitos de *framing* e metáforas sistêmicas para investigar como como esses construtos influenciam nossas visões de mundo e até que ponto são responsáveis por comportamentos políticos e sociais. Para o autor um frame é orientado linguisticamente pela escolha de itens lexicais, por um arranjo gramatical e por projeções e mapeamentos metafóricos, os quais podem ser empregados na análise de narrativas cotidianas veiculadas na mídia e redes sociais e que ativam conceptualizações de terrorismo, preconceito, política, crise econômica e humor. O uso das redes sociais como enquadre comunicativo para a análise das conceptualizações sociopolíticas também é foco do trabalho de Almeida (2016).

Sousa (2018, 2019), por sua vez, analisa como se constroem os sentidos de anarquia, terrorismo e liberdade na narrativa em quadrinhos, utilizando ferramentas da semântica de simulação, análise construcional e resolução contextual, focando no aprimoramento de práticas de ensino de narrativas caracterizadas pela integração de texto verbal e de recursos não-verbais.

Martins (2010, 2012) estuda a circulação e consolidação de sentidos, crenças e conhecimentos de mundo nos grupos religiosos neopentecostais, focalizando a produção linguística das lideranças religiosas e a recepção dos discursos pelos grupos de fiéis. De um ponto de vista teórico, o autor procura confirmar algumas hipóteses sociocognitivas sobre a linguagem, em especial no tocante à inter-relação entre língua e cognição.

O trabalho de Leite (2010) sobre a conceptualização investiga a construção do conhecimento acadêmico como parte de um processamento cognitivo, socialmente categorizado e culturalmente delimitado, numa abordagem sociocognitiva dos fenômenos de categorização e referenciação, utilizando a integração

conceptual ou *blending* (FAUCONNIER; TURNER, 2002) como instrumento analítico.

Outro foco de investigação da LC no Nordeste tem sido as pesquisas desenvolvidas na área de compreensão de linguagem e comprometimentos cognitivos de populações com déficits de memória, causados por processos de envelhecimento normal ou patológico, ou por outros comprometimentos cognitivos em populações jovens. Essas pesquisas integram os construtos teóricos da LC (metáforas conceituais, *blending*, imagética conceptual, *frames* semânticos, simulação mental, etc) com abordagens metodológicas da psicolinguística experimental e das demais ciências cognitivas.

O trabalho sobre compreensão dos domínios imagéticos em sentenças gramaticais por pessoas com Alzheimer, desenvolvido por Morais e Leite (2016), por exemplo, investiga a hipótese de que a compreensão de leitura é afetada precocemente e mais seriamente, na Doença de Alzheimer, do que a compreensão auditiva, seja por problemas na memória operacional, déficits visuais e atencionais, bem como por déficits de acesso lexical e deterioração de representações semânticas. A pesquisa descreveu o processamento da linguagem realizado por pessoas com Alzheimer através do uso de inputs visuais (texto, imagem) e auditivo; assim como as estratégias cognitivas adotadas por estes indivíduos para compreensão de sentenças gramaticais no nível de especificidade, proeminência e perspectiva (LANGACKER, 2008). A compreensão semântica e os déficits de memória também são objeto das pesquisas de Leite (2013, 2014, 2016, 2018); Leite e Gonçalves (2014, 2018), Leite e Souza (2016), Toscano e Leite (2013), entre outros.

Leite, Toscano e Gonçalves (2018) investigam as inferências conceptuais e os processos de mesclagem feitos por indi-

víduos com Alzheimer, na compreensão de humor, considerando o elemento surpresa que emerge com a mudança de *frames* em narrativas classificadas como piadas e frases engraçadas. Também descrevem o processamento das inferências em expressões metafóricas convencionais e não convencionais (expressões idiomáticas).

Gonçalves (2014) demonstra a relação entre humor e doença de Alzheimer (DA) em estágio inicial. O objetivo de sua pesquisa foi confirmar se sujeitos com DA demoram mais para compreender a mudança de frame semântico em sentenças com humor do que em sentenças sem humor. Seu estudo experimental é baseado nos pressupostos da Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), e no conceito de mudança de frame de Coulson (1997), e Coulson & Kutas (1998, 2001).

Toscano (2014) enfoca um aspecto crucial para a compreensão da linguagem na presença da Doença de Alzheimer (DA): a inferência construtiva. Decorrente do pressuposto comum de que a DA traz prejuízos cognitivos desde seus primeiros estágios, que afetam a memória declarativa e a capacidade de integrar adequadamente os domínios conceituais para a compreensão de estruturas literais e metafóricas, a autora testou a leitura e compreensão dessas estruturas em indivíduos com DA.

O estudo dos *frames* de referência espacial na compreensão das coordenadas espaciais por indivíduos com Alzheimer (LEITE, 2017, 2018) é um dos desdobramentos das pesquisas sobre inferências conceituais e déficits cognitivos realizadas pelo Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem, da UFPB. Essa pesquisa tem como objetivo descrever como indivíduos com a doença de Alzheimer analisam os cenários espaciais e empregam raciocínio espacial para a tomada de decisões de modo diferente de grupos de controle saudáveis. A construção de

uma cena espacial faz uso de sistemas de coordenadas de localização, referenciais espaciais, construções linguísticas locativas, tomada de perspectiva, bem como elementos associados à cognição visual-espacial e à memória de curto prazo. Para demonstrar uma possível correlação entre déficits cognitivos e espacialidade, Leite (2018) propõe a realização de estudos comparativos experimentais sobre a representação linguística e não linguística das cenas espaciais, utilizando diferentes *frames* referenciais, entre grupos de participantes com e sem doença de Alzheimer.

A variedade dos temas pesquisados e das abordagens de análise utilizadas é reveladora da robustez da LC como paradigma científico em franca ascensão na região Nordeste. Uma de suas virtudes é, sem dúvida, sua agenda interdisciplinar que permite integrar seus pressupostos teóricos a outras abordagens funcionais da linguagem na exploração de fenômenos de aprendizagem e aquisição da língua e no desenvolvimento de pesquisas descritivas sobre os conhecimentos linguísticos empregados pelos falantes em situação de usos reais da língua, mediados pela cognição.

5. Perspectivas e Desafios da Linguística Cognitiva no primeiro quarto do século XXI

No prefácio da obra *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*, editada por Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (2004), Marcuschi e Salomão apontam para uma guinada de foco no objeto da linguística contemporânea: as pesquisas centradas na prioridade da forma sobre a função linguística seriam equilibradas pela emergência de mais estudos sobre a construção da significação na linguagem. A Linguística Cognitiva tem dado especial contribuição para a sustentação dessa guinada, e

para o reconhecimento da Semântica como um empreendimento linguístico relevante.

No campo da linguística, entretanto, os estudos de cognição apresentam dois grandes desafios que podem causar alguma perplexidade as pesquisadoras da área. Um, de cunho teórico-epistemológico, diz respeito a onde situar a cognição e, por consequência, os fenômenos da linguagem: Na mente? Na fisiologia do corpo? Nas práticas sociais? O outro, relativo ao exercício da pesquisa, e por isso diretamente vinculado ao primeiro, nos impõe uma reflexão sobre como harmonizar a investigação científica do fenômeno cognitivo – tradicionalmente reconhecido como uma atividade descorporificada e, portanto, acessada principalmente por meio de testes, observação empírica e experimentos controlados – com as contingências práticas dos indivíduos que fazem uso da cognição espacial, da linguagem, da memória e da percepção em eventos reais, concretos do dia a dia.

Tentamos demonstrar, neste capítulo, a partir da exposição das pesquisas em LC, a preocupação das autoras e autores em refletir sobre a adoção de alguns princípios teórico-metodológicos relacionados a um objetivo comum: preservar a validade ecológica dos dados obtidos para análise de fenômenos cognitivos. Esse objetivo, em termos de pesquisa, produz a discussão sobre práticas de linguagem conjuntamente com o uso de habilidades cognitivas observadas e descritas em ambientes reais de uso. Essa opção metodológica é muitas vezes complementar à investigação de laboratório que, se por um lado, produz análises com resultados validados estatisticamente, algumas vezes estabelece padrões que não correspondem exatamente ao que pode ser observado *in situ*, sem interromper a atividade natural dos sistemas cognitivos em uso. Ao enfatizar a validade ecológica, não negamos a necessidade de validade estatística. Nossa pretensão

é exatamente a de vislumbrar os desenvolvimentos futuros da LC a partir de pesquisas que demonstrem como a cognição está situada em práticas linguístico-comunicativas efetivamente usadas pelas falantes, e como as estruturas cognitivas podem ser adequadamente descritas por meio da análise da produção e da compreensão linguística.



ESTUDOS DE PSICOLINGUÍSTICA NO NORDESTE DO BRASIL

Elisângela Nogueira Teixeira (UFC)
Márcio Martins Leitão (UFPB)
José Ferrari Neto (UFPB)

1. Introdução aos Estudos em Psicolinguística

A Psicolinguística é uma disciplina que já soma quase setenta anos. Desde seu marco histórico, a publicação do livro *Psycholinguistics: a survey of theory and research problems*, de Osgood e Sebeok (1954), inúmeros trabalhos nessa área vêm sendo produzidos. Consiste em uma subárea das Ciências Cognitivas, juntamente com a Psicologia Cognitiva, Neurociência Cognitiva e Neurociência da Linguagem, com as quais possui claras interseções no que se refere à investigação de determinados fenômenos linguísticos em nível mental. É, pois, um campo multi e interdisciplinar, para o qual concorrem ramos da Filosofia (Filosofia da Mente, Teoria do Conhecimento), das Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia), da Psicologia e, é claro, da Linguística Geral. Mas, exatamente, como podemos definir a Psicolinguística?

É um lugar comum definir a Psicolinguística como a junção entre os estudos de aquisição de linguagem e os estudos de processamento de linguagem. No entanto, essa é uma área cujos limites são difíceis de serem delineados com precisão. Em boa

medida, essa dificuldade decorre do caráter multi-disciplinar da Psicolinguística, conforme aludimos acima, o que faz com que muitos de seus objetos de investigação sejam compartilhados, de algum modo, com outras disciplinas científicas. Mesmo no que tange especificamente à Psicolinguística como um ramo das ciências da linguagem, existem fatores que dificultam a delimitação da área dos estudos psicolinguísticos - afinal, praticamente todos os linguistas querem saber que mecanismos que fundamentam nossa capacidade de comunicação por meio de sinais, o que está na base da investigação sobre o processamento linguístico, assim como a maneira como essa capacidade se desenvolve nos seres humanos, seja por meio da linguagem oral, de sinais ou da escrita, o que está na alçada dos estudos sobre o desenvolvimento linguístico.

Para os fins pretendidos por este capítulo, pode-se assumir que a Psicolinguística é a área dos estudos da linguagem voltada para a investigação dos processos mentais e cognitivos envolvidos nas atividades de produção e compreensão de linguagem, oral, de sinais e escrita, bem como para a pesquisa sobre o modo como esses processos se desenvolvem nos seres humanos. E, como objetivo, este capítulo pretende fornecer uma visão geral da distribuição dos estudos psicolinguísticos realizados no Nordeste do Brasil, apresentando a formação brasileira de recursos humanos nessa área. Mais especificamente, este capítulo apresentará os grupos de estudo em Psicolinguística nas universidades da região nordeste. Para realizar o levantamento desses grupos, considerou-se como estudos na área de Psicolinguística:

1. Estudos que versem sobre processamento linguístico e aquisição da linguagem numa perspectiva experimental, concentrando-se em quaisquer dos níveis de descrição (fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, textual, etc.)

2. Estudos que versem sobre aquisição da linguagem numa perspectiva interacionista, em suas várias vertentes, baseando-se em dados qualitativos e focando-se na aquisição multimodal da linguagem, interação, gêneros textuais, etc.¹
3. Estudos em aquisição e processamento que se situem em interfaces com a sintaxe gerativa, sociolinguística, psicologia cognitiva, etc.

Com vistas a compreender bem a formação e a consolidação desta área neste país, mapeamos os grupos de pesquisa nas universidades, assim como as universidades onde se doutoraram os líderes de pesquisa com atuação no nordeste. Espera-se, portanto, que o presente capítulo beneficie a área de Psicolinguística para que novas pontes possam ser construídas entre os grupos de pesquisas sobre as questões de Psicolinguística investigadas no nordeste brasileiro.

O mapeamento dos grupos e as universidades onde os líderes se doutoraram não foi um levantamento fácil de fazer, o que provavelmente pode nos ter levado a cometer alguma omissão, uma vez que a busca foi feita com base em registros de cada universidade publicados on-line e no Diretório de Grupos de Pesquisa publicado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Científico (CNPq - Brasil). Antecipamos uma eventual desculpa àqueles que não tenham sido citados neste capítulo. Na seção seguinte, apresentaremos a formação e a consolidação da Psicolinguística no Brasil, apontando as origens da área no Brasil, em seguida, apresentaremos os grupos de pesquisa no nordeste do Brasil.

1 Os estudos em Aquisição de Linguagem nesta vertente, por si sós, têm constituído um campo de pesquisa autônomo e bastante frutífero, tanto na Região Nordeste quanto no restante do Brasil. Dado que suas origens se misturam à da Psicolinguística, não poderiam deixar de ser citados aqui. Por outro lado, uma descrição mais detalhada de seus desenvolvimentos mais recentes escaparia aos limites deste capítulo. Assim, recomendamos fortemente a leitura do capítulo de Cavalcante (2019), também neste volume, para se ter uma visão panorâmica dessa linha de pesquisa.

2. Formação e Consolidação da Psicolinguística no Brasil

Em nosso país, os trabalhos dessa natureza começaram a surgir na segunda metade da década de 1970, o que faz com que a produção acadêmica em Psicolinguística em nosso país tenha quase 50 anos. A primeira revisão de estudos de psicolinguística em português do Brasil data de 1988, quando um número muito pequeno de estudiosos fazia algumas perguntas sobre questões gerais, tais como: “como um bebê adquire a linguagem?”, ou “como nós adquirimos habilidades de escrita?”, etc.

A Psicolinguística tem seu marco inaugural no Brasil com o retorno da Professora Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, depois da conclusão, em 1975, de seu doutorado na Universidade de Edimburgo sob a orientação de John Lyons. A Professora Cláudia Lemos voltou ao Brasil para trabalhar na Universidade de Campinas (UNICAMP). Em 1976, Lemos assina um trabalho (Lemos e Campos, 1976) sobre a utilização do modelo piagetiano em estudos de aquisição da linguagem no II Simpósio de Psicologia Cognitiva que aconteceu em Gramado, no Rio Grande do Sul. A Professora Cláudia Lemos não fez carreira na área de Psicolinguística Experimental mas, juntamente com o Professor Edson Françaço, formou doutores na área do estudo da linguagem e cognição na Unicamp, inaugurando o que chamamos aqui de Escola de Campinas, a primeira das escolas de Psicolinguística brasileiras. Outras três escolas surgiriam com o passar dos anos, ainda entre as décadas de 70 e 80.

A Professora Leonor Scliar-Cabral, doutora pela Universidade de São Paulo (USP) em 1977, é também uma das pioneiras da Psicolinguística no Brasil, pois estuda a aquisição da sintaxe e da semântica numa perspectiva gerativa, e vai seguir carreira na área até os dias atuais. A partir de seus trabalhos forma-se a chamada

Escola de São Paulo. Scliar-Cabral se dedica sobretudo aos mecanismos cognitivos subjacentes à alfabetização e/ou ao letramento. Seu primeiro trabalho experimental de alcance internacional (Morais, Castro, Scliar-Cabral, Kolinsky e Content, 1987) é publicado em uma parceria entre a Universidade Livre de Bruxelas, a Universidade do Porto e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atualmente é professora catedrática, dando ali continuidade à Escola de São Paulo. Neste trabalho, Moraes et al. (1987) reportam os resultados do efeito do letramento no reconhecimento de palavras dicóticas. A técnica experimental *Dichotic Words*, que afere indiretamente um processamento linguístico, é usada neste trabalho que observa o letramento em português brasileiro, embora o termo ainda não fosse usado com a consciência e aceção que é usado atualmente.

A Professora Eleonora Cavalcante Albano, também filiada à Universidade de Campinas, retorna em 1980 ao Brasil, após doutorar-se nos Estados Unidos pela *Brown University* com um trabalho sobre Processos fonológicos e lexicais em uma gramática gerativa do Português (*Phonological and lexical process in a generative grammar in Portuguese*). A Professora Albano funda um laboratório de estudos da fala (LAFAPE - Laboratório de Fonética e Psicolinguística) na UNICAMP, mantendo o foco principal na descrição dos sons das línguas naturais e na produção e percepção da fala, formando uma série de doutores na área de Fonética, mas distanciando-se um pouco da Escola de Campinas e da Psicolinguística, origem de sua formação.

Finalmente, já na segunda metade da década de 1980, a Professora Letícia Maria Sicuro Corrêa retorna ao Brasil após doutorar-se em 1986 pela *University of London*, sob a orientação de Jean Aitchison e John MacShane. A Professora Corrêa defendeu uma tese sobre a compreensão de orações relativas: um estudo desenvolvimental referente ao Português (*On the comprehen-*

sion of Relative Clauses: A developmental study with reference to Portuguese). O estudo estava no âmbito da aquisição da linguagem, o que levaria a Professora Letícia Corrêa a fundar o Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem (LAPAL) na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), cujos trabalhos investigam tanto o processamento da linguagem em adultos quanto em diferentes fases de desenvolvimento e aquisição da linguagem, com propostas de modelos integrados entre processamento e teoria gramatical. No LAPAL, até o momento, doutoraram-se mais de 20 professores, cujas carreiras seguiram a área de Psicolinguística e de Aquisição da Linguagem. O trabalho iniciado por Corrêa constitui um dos braços da chamada Escola do Rio.

Já na década de 1990, mais precisamente em 1997, surge o Laboratório de Psicolinguística Experimental (LAPEX), fundado por seu coordenador, o Professor Marcus Maia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ao retornar ao Brasil após doutorar-se pela *University of Southern California*, em 1994, com uma tese sobre a compreensão da anáfora de objeto no Português Brasileiro (*The Comprehension of Object Anaphora in Brazilian Portuguese*), sob a orientação de Maryellen MacDonald. O Professor Maia e seu grupo no LAPEX constituem um dos principais centros de formação de pessoal na área de processamento da linguagem no Brasil, mais especificamente, processamento da sentença ou sintaxe experimental, com ênfase em estudos em processamento linguístico em adultos, em vários níveis linguísticos - fonológico, morfológico e sintático - e em diferentes populações (alunos universitário e do ensino fundamental, portadores de algum déficit ou patologia relacionada à linguagem, bilíngues, etc). Tem-se, assim, a formação do segundo braço da Escola do Rio.

Esta primeira geração de psicolinguistas é responsável pelas quatro principais escolas no Brasil. A Escola do Rio, especificamente a Escola da PUC-Rio é responsável pelos trabalhos sobre

aquisição da linguagem com hipóteses relacionadas a teorias e modelos formalistas. Nesta escola foram formados professores que atuam em outras Instituições de Ensino Superior brasileiras, como a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais; a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Nordeste do Brasil, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Ceará (UFC). Nestas instituições já foram formados os professores da terceira geração de Psicolinguística.

A Escola do Rio, especificamente a Escola da UFRJ, desenvolve trabalhos para estudos de processamento da linguagem. Possui dois laboratórios que trabalham com as técnicas experimentais de rastreamento ocular e eletroencefalografia. Pela UFRJ foram formados pesquisadores que atuam na Universidade Federal Fluminense (UFF), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na Universidade de Campinas (Unicamp) e na própria UFRJ.

A Escola de Campinas formou diversos psicolinguistas que atuam em temas mais ligados à cognição, a uma visão mais conexionista e interacionista do que modularista. Professores formados pela Unicamp atuam em universidades do nordeste, como a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e em universidades do sudeste, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A Escola da Universidade de São Paulo (USP), embora tímida na área de Psicolinguística, tem a atuação mais importante do país na área de Psicologia Cognitiva. É responsável pela formação da Prof. Leonor Scliar-Cabral, que atua na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui um laboratório e um grupo de pesquisa dedicado a estudar a Aquisição da Linguagem sob a ótica da gramática gerativa, abrigando um importante grupo na área de sintaxe gerativa, que interage fortemente com o grupo de psicolin-

guistas, consolidando discussões acerca das principais mudanças paramétricas do Português Brasileiro, que vêm sendo evidenciadas por métodos experimentais da Psicolinguística.

Da Escola do Sul, consolidada na Universidade Federal de Santa Catarina, com o trabalho da Professora Scliar-Cabral, saíram pesquisadores que atuam na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (URFN), na Universidade Federal do Ceará (UFC), na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e na própria UFSC.

Da UFMG, UFC, UFSC, PUC-RS, PUC-Rio e UFF já surge a quarta geração de psicolinguistas brasileiros com atuação em outras instituições de ensino ou nas instituições de suas formações. A cada geração, o método experimental ganha fôlego e a pesquisa se profissionaliza, com a devida atenção ao rigor do método científico, aos modelos e teorias explicativas da linguagem e aos problemas gerais em Psicolinguística, que são as maiores preocupações dessa área. A área busca encontrar a universalidade dos padrões linguísticos, o que torna o trabalho, por si só, um desafio típico do século XXI.

Em resumo, os primeiros trabalhos em Psicolinguística no Brasil datam da década de 70, a partir das pesquisadoras pioneiras na área: professora Eleonor Albano, professora Leonor Scliar-Cabral e professora Cláudia Lemos. A partir dessas três pesquisadoras e de seus orientandos, é que a área se instalou no Brasil.

Considerando a produção estável destas escolas, e dos laboratórios na área que delas são derivados, poderíamos nos ariscar a dizer que o volume de trabalhos publicados por pesquisadores brasileiros aumentou mesmo a partir do final da década de 1990, quando a Escola do Rio (somando trabalhos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Rio de Janeiro) se consolida. No entanto, a produção brasileira

ainda é, de um modo geral, tímida, se considerarmos a área como de crescente interesse e constituída como a disciplina que pode fornecer respostas robustas para um dos maiores desafios do século XXI, a descrição e a explicação dos mecanismos cerebrais da linguagem.

Há muito campo a se explorar, do estudo dos aspectos neurofisiológicos e patológicos da linguagem às aplicações da Psicolinguística no campo educacional e do tratamento clínico. Muitos grupos têm atualmente se dedicado à investigação dessas questões. No entanto, dadas as restrições do volume de um capítulo de livro, apresentaremos, de modo breve e panorâmico, somente alguns dos principais temas investigados sobre a aquisição e o processamento de estruturas sintáticas do português brasileiro desenvolvidos no Nordeste brasileiro recentemente, surgidos a partir da expansão dos trabalhos iniciados nas escolas aqui citadas e descritas.

Os grupos citados nesta seção são os mais antigos laboratórios de Psicolinguística no Brasil, o que nos faz perceber o quanto esta área é recente em termos nacionais. Com base nesses laboratórios iniciais, adicionando-se o grupo de pesquisa da professora Leonor Scliar-Cabral na UFSC, sempre muito produtivo, temos as sementes que deram origem a uma série de pesquisas e de outros laboratórios pelo Brasil.

Pode-se dizer que, a partir de 2010, o Brasil entrou na sua quarta geração de psicolinguistas. Da década de 1970 para os tempos atuais, pode-se perceber claramente quatro distintas gerações. A primeira geração, de doutores formados integralmente ou em parte em universidades estrangeiras, é responsável por estruturar os primeiros laboratórios de Psicolinguística no país, formando as Escolas de Campinas, de São Paulo e do Rio. As demais gerações foram se espalhando pelo país a partir dos pesquisadores

formados nessas escolas pioneiras, que, com o correr dos anos, foram fundando e consolidando laboratórios e grupos de pesquisa em diversas instituições, em vários estados brasileiros, sucessivamente. A seguir, vamos apresentar como essas gerações chegaram e se fixaram na Região Nordeste do Brasil.

3. Os Grupos de Pesquisa em Psicolinguística do Nordeste do Brasil

Conforme já dissemos, a Psicolinguística estuda como os seres humanos desenvolvem a linguagem desde o seu nascimento e como ocorrem os processos cognitivos relacionados à linguagem humana na mente/cérebro dos indivíduos, formando assim a divisão clássica entre Psicolinguística Desenvolvimental e Psicolinguística Experimental, a primeira subárea vinculada a estudos da aquisição da linguagem e aprendizado da leitura e da escrita e a segunda subárea vinculada aos estudos sobre o Processamento da Linguagem. Focalizando a subárea do Processamento da Linguagem, pretendemos fazer um mapeamento cronológico do que foi e continua a ser feito na área desde os estudos iniciais até os dias de hoje na região Nordeste.

Nesta região, especificamente, a primeira Universidade a ter uma linha de pesquisa que abrigou a área do Psicolinguística foi a Universidade Federal do Ceará (UFC), por influência da professora Maria Elias Soares, que fez o seu doutoramento na PUC-Rio, sob a orientação da professora Letícia Sicuro Corrêa. No entanto, o primeiro laboratório dedicado ao estudo do Processamento Linguístico com base em metodologia experimental foi o LAPROL – Laboratório de Processamento Linguístico na UFPB, criado em 2007, coordenado pelo professor Márcio Martins Leitão, que teve sua formação na UFRJ, sob a orientação do professor Marcus Maia, atualmente contando com os pesquisadores Rosana Oliveira, oriunda também da UFRJ, e José Ferrari Neto que fez o doutorado sob

orientação da Professora Letícia Sicuro Corrêa da PUC-Rio. Em seguida, na UFC, em 2013, surge o Laboratório de Ciências Cognitivas e Psicolinguística (LCCP), coordenado pela professora Elisângela Teixeira e, mais recentemente, em 2017, foi criado o Laboratório de Estudos Experimentais em Linguagem (LEELIN), coordenado pela professora Mahayana Godoy, sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Por outro lado, ao se enfocarem os estudos psicolinguísticos mais voltados à aquisição da linguagem, o quadro cronológico se altera um pouco. Isso porque os estudos sobre o desenvolvimento da linguagem têm precedência temporal sobre as pesquisas em processamento da linguagem. Estudos em Aquisição da Linguagem têm sido feitos pelo grupo da professora Elisabeth Teixeira na Universidade Federal da Bahia (UFBA) desde 1987, quando foi formado o PROAEP (Programa de Estudos em Aquisição do Português). Em seguida, investigações também em Aquisição da Linguagem foram iniciadas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pela Professora Marígia Ana de Moura, e continuados na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Tais grupos, voltados mais para a Psicolinguística Desenvolvimental, podem ser considerados marcos iniciais da Psicolinguística nordestina, ainda que não focassem estudos sobre o processamento. Seus desdobramentos não custaram a surgir: em 1994, é iniciada a linha de pesquisa Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem na UFC a partir da atuação da Professora Maria Elias Soares. Em seguida, em 2002, surge o LAFE (Laboratório de Aquisição de Fala e Escrita), sob a coordenação da Professora Marianne Cavalcanti, na UFPB. Por fim, surgem as pesquisas da professora Paula Lenz, na UECE, em 1999.

A disseminação dos estudos em processamento e aquisição, no Nordeste, se deu, então, a partir desses núcleos iniciais. Atualmente, estudos em Psicolinguística são realizados por diversos grupos e laboratórios na Região Nordeste, conforme a seguir:

I - UFBA (a partir de 1987):

A Linha de Pesquisa em Aquisição, Ensino e Aprendizagem de Línguas tem se dedicado à Investigação e análise de fenômenos linguísticos, em contextos diversificados e relacionados tanto à aquisição, quanto ao ensino/aprendizagem de língua materna e línguas estrangeiras. Além das práticas interacionais, são enfocadas configurações identitárias e os eventos discursivos que permeiam os processos de aquisição e ensino/aprendizagem de línguas, incluindo-se a LIBRAS. A Professora Elizabeth Reis Teixeira, especificamente, tem focado temas como aquisição da linguagem, em especial aquisição fonológica e lexical no português e na LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), ensino de língua materna, em especial aquisição do sistema ortográfico, e distúrbios da linguagem e da fala, em especial os que ocorrem durante a aquisição da linguagem

II - UNICAP (a partir de 2002):

A Linha de Pesquisa Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas diversas manifestações tem desenvolvido pesquisas sobre diferentes aspectos e elementos envolvidos no processo de aquisição da linguagem; singularidades; desvios e distúrbios da linguagem. Além disso, há estudos voltados para a questão da aquisição e dos distúrbios da linguagem, merecendo destaque a afasia, a gagueira, o autismo, surdez, surdocegueira, cegueira e a linguagem de sujeitos idosos. Os docentes envolvidos nessa pesquisa são as Professoras Glória Maria Monteiro de Carvalho, Isabela Barbosa do Rêgo Barros, Maria de Fátima Villar de Melo, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, Renata Fonseca Lima da Fonte e Wanilda Maria Alves Cavalcanti

III - UFPB (a partir de 2007):

O LAPROL (Laboratório de Processamento Linguístico) tem como objetivo pesquisar a linguagem humana na perspectiva da Psicolinguística Experimental, investigando os processos mentais relacionados à compreensão e à produção de linguagem. Os temas

focalizados nas pesquisas do LAPROL dizem respeito ao processamento linguístico em adultos sem patologia, processamento linguístico em aprendizes de L2, e ao processamento linguístico em indivíduos com patologias e déficits de linguagem. Além disso, investiga também fenômenos referentes à interface Aquisição/Processamento Linguístico. Os docentes que formam o LAPROL são os Professores Márcio Martins Leitão e José Ferrari-Neto, e a Professora Rosana Costa de Oliveira.

IV - UFC (a partir de 1994):

A Linha de Pesquisa Aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem concentra-se no estudo da aquisição, do desenvolvimento e do processamento da linguagem, com investigações dos processos de compreensão e produção da fala e da escrita em seus aspectos linguísticos e cognitivos. Em 2013, funda-se o Laboratório de Psicolinguística e Ciências Cognitivas, sob coordenação das Professoras Maria Elias Soares e Elisângela Nogueira Teixeira, ligado a essa linha de pesquisa. Já a Linha de Pesquisa Linguística Aplicada volta-se à aplicação dos resultados da pesquisa desenvolvida pelas diferentes disciplinas linguísticas na resolução de problemas relacionados à produção, percepção, aquisição ou processamento computacional da linguagem natural, ao ensino/aprendizagem de línguas e à elaboração de dicionários, glossários e gramáticas pedagógicas. Esse trabalho é conduzido pelas Professoras Ana Cristina Pelosi, Ana Célia Moura, Luciane Ferreira, Mônica Serafim, Sandra Vasconcelos, Rosemeire Monteiro-Plantine Vlândia Borges.

V - UFAL:

A Linha de Pesquisa Estudos em Processamento Fonético e Fonológico congrega trabalhos nas áreas de fonética e fonologia. Os trabalhos são elaborados dentro de várias correntes de estudos dos sons. No âmbito da Fonética, lida-se com fonética articulatória,

a fonética acústica experimental e a fonética perceptual. No campo da Fonologia, os trabalhos são de cunho descritivista, apoiados em princípios básicos de descrição fonológica mais explicações de base gerativa - do modelo padrão aos modelos autosegmentais. As áreas abrangidas são descrição de línguas (línguas indígenas, português e outras línguas), ensino e aquisição. A Professora Januacele da Costa e o Professor Miguel Oliveira Jr. são os líderes desse grupo, que conta ainda com as Professoras Eliane Barbosa da Silva, Luzia Payão, Adriana Lopes Lisboa Tibana e Aline Vieira.

VI - UFS:

Apesar de não haver linha de pesquisa específica relacionada ou que abrigue a Psicolinguística, o Grupo GELINS – Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade, coordenado pela professora Raquel Freitag Ko Meister tem feito trabalhos psicolinguísticos em interface com Educação e com Sociolinguística.

VII - UEFS:

A Universidade Estadual de Feira de Santana apresenta pesquisas de documentação, descrição e análise da aquisição, da variação e da mudança linguística de vários pontos de vista: histórico, social, regional e cultural. Inserem-se nesta linha os quadros teóricos da Sociolinguística, da Gramaticalização, da Etnolinguística, da Teoria Gerativa (sobretudo a abordagem da Sociolinguística Paramétrica), do Funcionalismo e de outras teorias da aquisição, da variação e da mudança. Em relação à aquisição, as pesquisas investigam a aquisição do português brasileiro como L2.

VIII - UESB:

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia possui uma linha de pesquisa denominada Aquisição e Desenvolvimento da Língua(Gem) Típica e Atípica, com estudos com base em diferentes pressupostos teórico-metodológicos das áreas e interfaces da

Aquisição da Linguagem, da Neurolinguística, da Psicolinguística. Língua(gem), cérebro e cognição em sujeitos com afasia, neurodegenerescência, surdez, síndrome de Down, transtorno do espectro autista, fissura palatina e implante coclear. Esta linha é composta pelas Professoras Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira, Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, Ivone Panhoca, Maria de Fátima de Almeida Baía, Marian dos Santos Oliveira, Nirvana Ferraz Santos Sampaio e pelo Professor RoneiGuaresi.

IX - UFRN:

O Laboratório de Estudos Experimentais em Linguagem (LEELin), que foi fundado em 2017, abriga três linhas de pesquisa desenvolvidas por seus docentes fundadores: Aprendizagem e Cognição, sob responsabilidade da Professora Janaína Weissheimer, Linguística Cognitiva, liderada pelo Professor Paulo Henrique Duque, e Psicolinguística, liderada pela Professora Mahayana Cristina Godoy. O Projeto de Pesquisa Semântica de Termos Coletivos e Processamento Linguístico tem se desenvolvido a partir de uma perspectiva que tem, como método principal, a comparação de sentenças a partir de um julgamento introspectivo do pesquisador. Neste projeto, estão sendo testadas algumas das previsões dos modelos que explicam a semântica dos coletivos a partir de dados oriundos de experimentação psicolinguística *offline*.

Em resumo, pode-se dizer que os estudos em Psicolinguística Experimental, mais especificamente, os voltados para investigações sobre o processamento linguístico, encontram-se realizados na UFPB (mais voltados ao processamento sintático), UFC, UFRN (com estudos na linha integrativa entre processamento e cognição), UFAL (processamento fonético-fonológico), UFS (processamento de variação linguística) e UECE.

4. Conclusões

Diante do quadro aqui descrito, uma pergunta óbvia é: a Psicolinguística já se encontra consolidada na Região Nordeste do Brasil? Uma visão em perspectiva pode nos ajudar a responder a contento essa questão. Nela, pode-se cotejar a quantidade de núcleos de pesquisa nessa área com a totalidade dos grupos de pesquisa em Linguística existentes nas instituições de pesquisa nordestinas. O gráfico abaixo traz, assim, uma comparação entre os programas de pós-graduação que possuem linhas de pesquisa (e, conseqüentemente, laboratórios e grupos de pesquisa) voltadas para os estudos psicolinguísticos e os que não possuem tal campo de investigação:

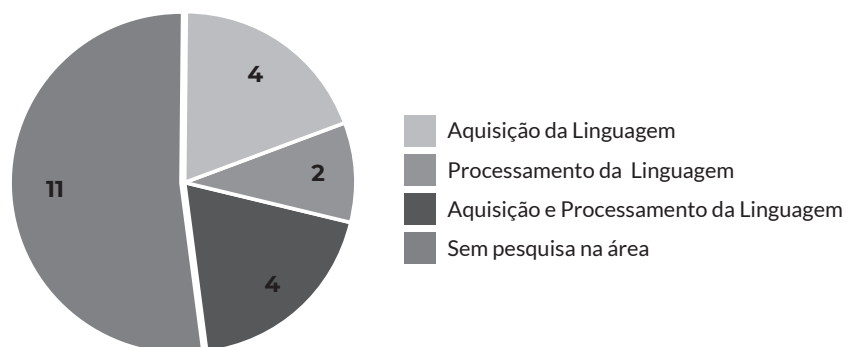


Gráfico 1: Distribuição por Subárea

O gráfico nos mostra que a Psicolinguística, seja ela experimental ou desenvolvimental, está presente em pouco menos da metade dos programas de pós-graduação atualmente em operação na Região Nordeste. Importante frisar que esses números são baseados unicamente na análise dos programas de pós-graduação em Linguística, desconsiderando os que estão voltados para áreas afins, como Psicologia e Neurociências, os quais podem ter linhas de pesquisa dedicadas a questões de interesse da Psicolinguística. Seja como for, nota-se claramente um espaço para o crescimento

desse campo de estudos no quadro geral da pesquisa em linguagem nessa região do país. A tabela abaixo nos ajuda a entender melhor esse potencial de crescimento, mostrando as instituições que não abrigam estudos na área de Psicolinguística:

Distribuição das instituições por subáreas da Psicolinguística

Instituições de Ensino Superior do Nordeste	Subáreas da Psicolinguística	
	Aquisição da Linguagem	Processamento da Linguagem
Universidade Católica de Pernambuco	Sim	Não
Universidade Estadual da Bahia	Não	Não
Universidade Estadual da Paraíba	Não	Não
Universidade Estadual de Alagoas	Não	Não
Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia	Sim	Não
Universidade Estadual de Santa Cruz - Bahia	Não	Não
Universidade Estadual do Ceará	Sim	Sim
Universidade Estadual do Maranhão	Não	Não
Universidade Estadual do Piauí	Não	Não
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte	Não	Não
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	Sim	Não
Universidade Federal da Bahia	Sim	Não
Universidade Federal da Paraíba	Sim	Sim
Universidade Federal de Alagoas	Sim	Sim
Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba	Não	Não
Universidade Federal de Pernambuco	Não	Não
Universidade Federal do Ceará	Sim	Sim

Universidade Federal do Maranhão	Não	Não
Universidade Federal do Piauí	Não	Não
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Não	Sim
Universidade Federal do Sergipe	Não	Sim

A ampliação da área de estudos em processamento e aquisição da linguagem no Nordeste deveu-se a uma série de ações executadas a partir da formação dos núcleos iniciais de pesquisa. Dentre essas ações destacam-se as parcerias com laboratórios já consolidados de outras regiões, em especial, Sul e Sudeste, bem como parcerias entre alguns dos laboratórios e grupos de pesquisa dos programas existentes no NE, para o que muito tem contribuído o GELNE. Essa associação tem possibilitado a divulgação dos trabalhos realizados e tem criado e espaços de discussões temáticas, notadamente nos encontros do GELNE com a oferta de simpósios, mesas-redondas e minicursos oferecidos. O GELNE também tem apoiado regularmente a organização de eventos da área no Nordeste brasileiro.

Porém, para que a expansão da Psicolinguística aconteça de forma mais significativa, são necessárias ações mais efetivas, para além do que já vem sendo feito. Além de continuar e aprofundar as ações que vem sendo executadas, pode-se:

- Fomentar novas parcerias dentro do Nordeste (com os laboratórios e grupos dentro e com apoio de grupos de fora da região);
- Mapear o interesse pela área de pesquisadores dos 11 programas em que não existem linhas de pesquisa vinculadas à Psicolinguística (Aquisição e Processamento) no Nordeste;
- Oferecer minicursos, palestras e participar de encontros para divulgação da área no Nordeste e no Norte;

- Na região Nordeste, as ações podem ser apoiadas e articuladas via GELNE (a partir da proposta da gestão atual).

É preciso, igualmente, reconhecer a existência de fatores que têm dificultado esse trabalho de expansão e consolidação da Psicolinguística, mesmo que ele seja atinentes à evolução da pesquisa científica nordestina como um todo. A diminuição dos editais de fomento às parcerias citadas anteriormente e a eventos de divulgação da área apresenta-se como um dos principais entraves, assim como o fomento para a obtenção de recursos (mobilidade, equipamentos, articulação internacional, etc.) para criação de grupos novos e para consolidação de grupos e laboratórios já existentes.

Outro empecilho tem sido o perfil dos cursos de graduação em Letras, que, no mais das vezes, não dão formação adequada aos graduandos tanto em relação ao perfil multidisciplinar necessário para um pesquisador em Psicolinguística, quanto, em muitos casos, em relação ao currículo básico dos cursos que não abrigam disciplinas específicas sobre Aquisição e Processamento, ou abrigam apenas como temas dentro de outras disciplinas. Urge fomentar a inclusão de disciplinas ligadas à Psicolinguística no currículo básico das graduações em Letras e Linguística.

Por fim, aponta-se o desconhecimento ainda, em alguns casos, da relevância e das potencialidades da Psicolinguística e suas interfaces, causando, por exemplo, o difícil acolhimento de pesquisadores da área em instituições e programas de pós-graduação que não tem alguma tradição na área de Psicolinguística.

Superados esses entraves, certamente se chegará ao ponto em que se poderá dizer que a Psicolinguística está definitivamente consolidada na Região Nordeste do Brasil.

5

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. de. Fonética do Português do Ceará. **Revista do Instituto histórico do Ceará**. v. 51, p. 271-307, 1937.

AGUIAR, M. A. M. O papel da família na aquisição da linguagem. **Symposium**. v. 1, número especial, p. 35-38, 2000.

AGUIAR, M; LEAL, A. Marcas Entoacionais na Aquisição da Linguagem Infantil. Leitura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL)**. v. 28-29, p. 153-164, 2004.

AGUIAR, M. A. M.; LEAL, A. L. Marcas Entoacionais na Aquisição da Linguagem Infantil. Leitura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFAL)**. v. 28-29, p. 153-164, 2004.

AGUIAR, M. A. M. A pesquisa em linguagem na pós-graduação stricto sensu da UNICAP: contribuição para os estudos da aquisição da linguagem no Nordeste do Brasil. In: CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B.; LEITÃO, M. M. (Orgs.). **Aquisição da linguagem e processamento linguístico: perspectivas teóricas e aplicadas**. João Pessoa: Ideia Editora Universitária, 2011, v. 1, p. 161-172.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Brasil, 2015: como a presidenta, seu partido, seus eleitores e seu governo podem ser conceptualizados em rede social. **Scripta** Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas. v. 20, p. 99-118, 2016a.

_____. A. Ariadne Domingues. Oh, oh, o gigante acordou! Brasil, junho de 2013: conceptualizações e metáforas das manifesta-

ções. **Acta Scientiarum**. Language and Culture (Online). v. 38, p. 139-152, 2016b.

ALMEIDA, A.; CARVALHO, W. Desenvolvimento da escrita o desenvolvimento da escrita na pré-escola sob a perspectiva dos processos fonológicos. **Amazônida** (UFAM). v. 3, p. 15, 2018.

ALMEIDA, F. A. S. D. P.; VIAN JR., O. Estudos em avaliatividade no Brasil: panorama 2005-2017. **Signótica**. v. 30, n. 2, p. 273-295, abr./jun. 2018.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Maneiras de compreender Linguística Aplicada. **Revista Letras**. vol. 2 n. 1, p. 4-10, 1991.

BARROS, Z. G. P. A pesquisa em Letras na Universidade Federal da Bahia. **Universitas**, n. 19 Especial, p. 9-27, 1978.

ALVES, G; DELGADO, I. C. Movimentos linguístico-discursivos na escrita de uma criança surda usuária de língua brasileira de sinais. **Revista Querubim** (Online). v. 03, p. 232, 2007.

ALVES, G; DELGADO, I. C.; VASCONCELOS, M. L.. O Desenvolvimento da Linguagem Escrita em Crianças com Síndrome de Down. **Prolíngua**. v. 1, p. 07, 2008.

ALVES, G; LEITÃO, M. M. ; MELO, M. F. B.. Processamento Morfológico em Adultos e Crianças com sem Dificuldades de Leitura e Escrita. **Veredas** (UFJF. Online). v. 2, p. 144-146, 2008.

ALVES, G; VASCONCELOS, M. L. ; MIRANDA JÚNIOR, M. A. S.. Construção da Escrita na Deficiência Visual: uma perspectiva sociointeracionista. In: AZEVEDO, N; FONTE, R; Renata Fonseca Lima da Fonte (Orgs.). **Aquisição da Linguagem, seus Distúrbios e Especificidades**: diferentes perspectivas. Curitiba: EDITORA CRV, 2011, v. 1, p. 71-85.

ALVES, G. A. S.; DELGADO, I. C. ; LIMA, I. L. B. ; LIMA, J. A. S. Letramento Multimodal na Surdez: perspectivas de acesso linguístico mediado pela língua brasileira de sinais. In: BARROS at al

(Orgs). **Aquisição, Desvios e Práticas de Linguagem**. Curitiba -PR: Editora CRV, 2014, p. 79-90.

ALVES, G.; LIMA, I.; LIMA, J.; LUCENA; DELGADO, I. C. Alterações de fala em crianças com Síndrome de Mobius: análise da literatura. **Revista do GEL**. v. 12, p. 33-45, 2015.

ALVES, G. A. S.; LIMA, I. L. B.; LIMA, J. A. S.; DELGADO, I. C.. Aspectos da Fala na Síndrome de Down. In: DELGADO et al (Orgs). **Contribuições da Atuação Fonoaudiológica no Empoderamento de Pessoas com Deficiência Intelectual**. 1 ed. Ribeirão Preto: BookToy, 2016, v. 1, p. 191-206.

AMARAL, M. P. do. **As Proparoxítonas: teoria e variação**. Tese (Doutorado em Linguística). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

AMORIM, N. C. S. de. **O item linguístico mesmo: confrontando usos e funções no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009.

AMORIM, V. R. S. **Gramaticalização do subjuntivo: um estudo do português popular**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória da Conquista/BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2015.

ARAGÃO, M. do S. S. de. (Org.). **A Linguagem Regional Popular: Aspectos Léxico-Semânticos**. João Pessoa: Ideia, 2015.

_____. **Linguística Aplicada aos Falares Regionais**. João Pessoa: A União, 1983.

_____. A Linguagem como Marca de Identidade da Cultura Regional. In: SILVA, M. F. da; SANTOS, N. M. (Orgs.). **Na Tessitura do Texto**. João Pessoa: Sal da Terra, 2015.

_____. A Variação Semântico-Lexical em Atlas Linguísticos Nordestinos. In: **Anais da XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos** – João Pessoa, 2004.

ARAÚJO, E. F. C. S. **O item linguístico NI como variante da preposição EM**: um estudo sobre o processo de gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória da Conquista/BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.

ATAÍDE, C. *et al* (Orgs). **Gelne 40 anos**: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em linguística e literature, volume 1. São Paulo: Blucher, 2017.

_____. *et al* (Orgs). **Gelne 40 anos**: vivências teóricas e práticas nas pesquisas em linguística e literatura, volume 2. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

AVELAR, M. The Emergence of Multimodal Metaphors in Brazilian Political-electoral Debates. In: ZLATEV, J.; SONESSON, G.; KONDERAK, P. (Org.). **Meaning, Mind and Communication: Explorations in Cognitive Semiotics**. 1ed.Frankfurt am Main: Peter Lang, 2016, p. 331-348.

AVELAR, M. Gestos e metáforas multimodais: iconicidade, cognição e (inter)ação. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Org.). **Linguística Cognitiva: Pensamento, Linguagem e Cultura**. 1 ed.Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017, v. 2, p. 98-115.

AVELAR, M.; BENEVIDES, F. A. B. Integração conceptual e multimodalidade: análise de uma capa de revista. **Linguagem em Foco**. v. 10, p. 173-184, 2018.

AVELAR, M; FERRARI, L. SWEETSER, E. Dossiê: Metáforas Multimodais. **SIGNO** (UNISC). v. 44, n. 79, 2019.

AZEVEDO, N. P. S. G.. Gagueira: a estrutura da língua desestruturando o discurso. **Symposium**. v. 4, p. 35-40, 2000.

_____; FREIRE, M.R. Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA, M. C. (Orgs.). **Gagueira e subjetividade**: possibilidades de tratamento. São Paulo: Artmed, 2001.

_____. Una análisis discursivo de la tartamudez. Internet Research, **Argentina**. v. 1, p. 1-6, 2002.

_____. A gagueira na perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia. **Distúrbios da Comunicação**. v. 19, p. 1-2, 2007.

_____; LUCENA, J. Perspectiva linguístico-discursiva na terapêutica da gagueira. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. v. 2, p. 167-186, 2010.

_____; FONTE, R. F. L. (Orgs.). **Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades**: diferentes perspectivas. 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2011. v. 1. 233p.

_____; LUCENA, J.; CAIADO, R. O percurso terapêutico de uma criança com gagueira sob o enfoque linguístico-discursivo. In: BARROS, I. B. R. et al (Orgs.). **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2014, v. 1, p. 121-134.

_____. Um estudo da Gagueira sob a perspectiva discursiva. **Prolíngua**. v. 10, p. 209-220, 2015.

_____; CAVALCANTI, M. C. G. P. Análise do discurso de famílias de crianças identificadas como gagas: mitos e silenciamentos. **Entremeios**. v. 15, p. 59-73, 2017.

_____. Uma análise discursiva de sujeitos com afasia e gagueira. **Linguagem & Ensino**. v. 21, p. 433-463, 2018.

BAIA, M. F. A. O formato prosódico na fala infantil: a produção de criações lexicais, produções familiares e erros de acento em dados experimentais e naturalísticos. In: MINUSSI, R; ROCHA, S. (Orgs.). **Anais do X ENAPOL**. 1 ed. São Paulo: Paulistana, 2008a, v. 10, p. 01-13.

BAIA, M. F. A. Estudo experimental sobre o formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro. **Estudos Linguísticos**. v. 37, p. 24-33, 2008b.

BAIA, M. F. A.. O formato prosódico inicial do português brasileiro: uma questão metodológica? **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 6, p. 1-27, 2008c.

BAIA, M. F. A.. A reduplicação fonológica na aquisição do português brasileiro: uma comparação com outras línguas românicas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 8, p. 31-46, 2010.

BAIA, M. F. A.. O papel do balbucio na formação de templates. **Estudos Linguísticos**. v. 43, p. 191-207, 2014a.

BAIA, M. F. A. Estudo de caso de uma criança adquirindo a fonologia do português brasileiro: a emergência de templates. **Lingu@ Nostr@**. v. 2, p. 95-103, 2014b.
BAIA, M. F. A. Há tendência para agrupamento segmental em classes naturais no balbucio e palavras iniciais?. **Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório**. v. 1, p. 44-66, 2016a.

BAIA, M. F. A.; CORREIA, S. A auto-organização na emergência da fonologia: templates na aquisição do português brasileiro e europeu. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 14, p. 53-78, 2016b.

BAIA, M. F. A. Variabilidade e instabilidade no desenvolvimento fonológico: estudo dos templates. In: CAVALCANTE, M. C. B. et al (Orgs). **Questões em aquisição da Linguagem e Psicolinguística: fonologia e prosódia, língua de sinais, sintaxe e processamento**. 1 ed. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Ltda., 2016c, v. 1, p. 175-192.

BAIA, M. F. A. A variabilidade inter e intra-sujeito no desenvolvimento fonológico de crianças gêmeas e não gêmeas. **Estudos linguísticos**. v. 46, p. 493-504, 2017.

BAIA, M. F. A.; MATTOS, V. C. S.; AGUIAR, J. C. S. O desenvolvimento silábico do português por crianças gêmeas: o sistema fonológico como um sistema complexo. **Revista Linguística**. v. 14, p. 157-177, 2018.

BAGAROLLO, M. F.; RIBEIRO, V.; PANHOCA, I. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v. 19, p. 107-120, 2013.

BARBETTA, N. L. ; PANHOCA, I. ; ZANOLLI, M. L. . Aspectos fonoaudiológicos e pediátricos na linguagem de gêmeos monozigóticos. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 26, p. 265-270, 2008a.

BARBETTA, N. L.; PANHOCA, I.; ZANOLLI, M. L. Gêmeos monozigóticos - revelações do discurso familiar. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. v. 13, p. 267-271, 2008b.

BARBETTA, N. L.; PANHOCA, I. . Detalhes terapêuticos da clínica de linguagem na síndrome de Down. In: ALMEIDA, C. S.; GHIRELLO-PIRES, C. (Orgs.). **Síndrome de Down: perspectivas atuais**. 1 ed. Vitória da Conquista - BA: Edições UESB, 2016, v. 1, p. 51-66.

BARBOSA, M. A. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. **Anais do I Encontro de Estudos Linguísticos de Assis**. Assis: UNESP, 1993.

BARROS, G. C. **De meyo a meio que**: usos e gramaticalização do item linguístico *meio* na língua portuguesa. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória da Conquista/BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

BARROS, I. B. R.. Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação. **Distúrbios da Comunicação**. v. 23, p. 227-232, 2011.

BARROS, I. B. R.; BARROS, ISABELA BARBOSA DO REGO 2012_____. Os marcadores dêiticos e a produção de sentido na linguagem desviante. **Estudos da Língua(gem)** (Online). v. 10, p. 181-192, 2012.

BARROS, ISABELA BARBOSA DO REGO 2013_____; VILAR DE MELO, M. F.; CARVALHO, G. A relação entre ecolalia-linguagem e

sujeito no autismo: um estudo de caso. **Revista FSA**. v. 10, p. 244-263, 2013.

_____. A linguagem como lugar de enunciação do sujeito autista. In: MURATORI, F; LERNER, R. (Orgs.). **Os enlaces do corpo e da escrita na criança e no adolescente**. 1 ed. São Paulo: Instituto Langage, 2014, p. 167-176.

_____; FERREIRA JUNIOR, J. T. Inversão pronominal e autismo: considerações sob a perspectiva enunciativa de Émile Benveniste. In: BARROS, I. B. R. et al (Orgs) **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2014, v. 1, p. 51-61.

_____. O Sistema Saussureano: discussões em torno dos eixos linguísticos no autismo. In: ACIOLI, M. el al (Orgs). **Linguagem: entre o sistema, o texto e o discurso**. 1ed.Curitiba: CRV, 2015, v. 1, p. 11-20.

_____; EFKEN, K.; ACIOLI, M. D.; AZEVEDO, N.P.S.G.; FONTE, R. F. L.; CAIADO, R.; CAVALCANTI, W.M.A. (Orgs.). **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2014. v. 1. 199p.

_____; FONTE, R. F. L. Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 16, p. 745-763, 2016.

BARROS, I. B. R.; BARROS, ISABELA BARBOSA DO REGO2011_____; FONTE, R. F. L. Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 16, p. 745-763, 2016.

_____; VILAR DE MELO, M. F.; CARVALHO, G. M. A relação entre ecolalia-linguagem e sujeito no autismo: um estudo de caso. **Revista FSA**. v. 10, p. 244-263, 2013.

BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. **Introduction to Text Linguistics**. London : Longman, 1981.

BELTRAMIN, J. B. La teoria del contexto de T. van Dijk como proyecto analítico derivado del pragmatismo peirciano: un aporte a la comprensión semiótica del discurso. **DELTA** [on-line]. v. 25, n.2, p.427-463, 2009.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

BERRENDONER, A. Notes sur la contre-inference. **Cahiers de Linguistique Française**, 7, p.259-272, 1986.

BERTULEZA, C. D. S. **A gramaticalização dos itens ANTES, AGORA e DEPOIS nos gêneros acadêmicos**. Dissertação (Mestrado em Letras). Pau dos Ferros/RN: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2013.

BIDERMAN, M. T. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BISOL, L. **Language, variation and change**. USA: Cambridge University Press, 1989.

BISPO, E. B.; OLIVEIRA, M. R. de. **Orações relativas no português brasileiro**: diferentes perspectivas. Niterói: EdUFF, 2014.

BORGES, R.; SACRAMENTO, A.; MATOS, E. S. D. de; ALMEIDA, I. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.

BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, C. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, R. (Org.) **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação/CAPES. **Banco de Teses e Dissertações da Capes**. Disponível em: <<http://www.capes.br/www.capes.br>>. Acesso em 10 de Set. 2018.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. Cambridge: CUP, 2005.

BRITO, C. M. C.; TEIXEIRA, E. R. (Orgs.). **Aquisição e ensino-aprendizagem do português**. BELEM: EDUFPA, 2002. v. 1. 340p.

BRITO, I. P. L. **Gramaticalização de itens adversativos em textos jornalísticos sobre futebol: análise funcionalista em perspectiva histórica**. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

CAIXETA, V. **Descrição e Análise da Redução das Palavras Proparoxítonas**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.

CALIL, E; NAGAMINE, R. A delimitação da unidade em aquisição da linguagem. In: MOURA, D. (Org.). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: EDUFAL, 1999, p. 68-72. _____; CRUZ, M. A. As dimensões do sujeito: um estudo preliminar sobre relações entre aquisição de linguagem e análise de discurso. In: MOURA, D. (Org.). **Oralidade e Escrita: estudos sobre os usos da língua**. 1ed. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2003, v. 1, p. 316-320.

_____; FELIPETO, C. A singularidade do erro ortográfico nas manifestações d?Alíngua. **Estilos da Clínica** (USP). v. XIII, p. 118-137, 2008.

_____; PEREIRA, L. Reconhecimento antecipado de problemas ortográficos em escreventes novatos: quando e como acontecem. **ALFA: REVISTA DE LINGUÍSTICA** (UNESP. ONLINE). v. 62, p. 91-123, 2018.

CALLOU, D.; MORAES, J. A. de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1995, p. 133-147.

CÂMARA Jr., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CANO AGUILAR, R. **Introducción al análisis filológico**. Madrid: Castilia, 2000.

CARDOSO, S. A. M. Discurso de paraninfo dos formandos de 1984 do Instituto De Letras da UFBA. **Estudos Linguísticos e Literários**. n. 3, p. 101-111, 1985.

CARDOSO, S. A. M. Atlas Linguístico do Brasil. **Projeto**. Salvador: UFBA, 1998, p. 6.

CARVALHO, D. S.; SOUSA, L. T. 30 Anos de teoria da gramática na ANPOLL: Uma apresentação. **Revista da Anpoll**. v. 1, n. 46, p. 7-14, 2018a.

CARVALHO, D. S.; SOUSA, L. T. Gramática Gerativa em Perspectiva: Escopo, Objetivos e Estrutura. In: CARVALHO, D. S.; SOUSA, L. T. **Gramática Gerativa em Perspectiva**. 1 ed. São Paulo: Blucher, 2018b, p. 7-24.

CARVALHO, G; AVELAR, T. O Erro e o Diálogo: levantamento de questões em aquisição de linguagem. **Letras de Hoje**. v. 36, n.3, p. 617-624, 2001a.

CARVALHO, G; AVELAR, T . Levantamento de questões sobre o reconhecimento da fala do autista. **Psicologia. Teoria e Prática**. v. 3, n.2, p. 13-19, 2001b.

_____; _____. Aquisição da linguagem e autismo: um reflexo no espelho. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. 5, n.3, p. 11-27, 2002.

CARVALHO, G; RÊGO, F. L. B.; LIMA, D. M. Aquisição de linguagem e a verbalização ecológica do autista. **Psyche**. v. 1, n.12, p. 159-174, 2003.

CARVALHO, G. A singularidade em aquisição de linguagem: um impasse metodológico. **Letras de Hoje**. v. 39, n.3, p. 27-36, 2004a.

CARVALHO, G. Uma discussão sobre o efeito provocado pela ecolalia do autista. **Colóquio do LEPSI**, São Paulo-SP, p. 1-6, 2004b.

_____. Aquisição de linguagem e singularidade da fala da criança. **Inter-ação**. v. 30, n.2, p. 279-288, 2005a.

_____. O reconhecimento da singularidade da fala da criança: um desafio para o investigador no campo da aquisição de linguagem. In: SPINILLO, A. G.; DIAS, M.G. (Org.). **Tópicos em Psicologia Cognitiva**. 2ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2005b, v. 1, p. 315-336.

_____. Questões sobre o deslocamento do investigador em aquisição de linguagem. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. v. 1, n.46, p. 61-67, 2005c.

_____. Ecolalia e aquisição de linguagem: levantamento de questões sobre o deslocamento do investigador. In: FREIRE, M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M (Orgs.). **Lingüística aplicada & contemporaneidade**. 1 ed. Campinas: Pontes, 2005d, v. 1, p. 307-316.

_____. A mudança em aquisição de linguagem: levantamento de questões sobre a singularidade da fala da criança. **Signotica**. v. 18, p. 247-271, 2006a.

_____. **A singularidade como efeito da fala na relação**: um lugar de equívoco. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006b. v. 1. 100p.

_____. A singularidade das produções verbais infantis: o confronto com a subjetividade do investigador. In: SPINILLO, A; MEIRA, L. (Orgs.). **Psicologia Cognitiva**: cultura, desenvolvimento e aprendizagem. 1 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006c, v. 1, p. 222-235.

_____. O erro em aquisição da linguagem: um impasse. In: LIER-DE VITTO, M. F; ARANTES, L. (Orgs.). **Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem**. 1 ed. São Paulo: EDUC - PUCSP, 2006d, v. 1, p. 63-78.

_____. O estatuto da interação no estudo da trajetória lingüística da criança: a questão do investigador. In: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F.; CARVALHO, G. M. M.; CAVALCANTE, M. C. B.; ANDRADE, W. T. L.; CAVALCANTI, W. M. A. (Orgs.). **ENEAL - Encontro Nordestino em Aquisição da Linguagem**. 1 ed. Recife: Editora da UNICAP-FASA, 2007.

CARVALHO, G. A singularidade da fala da criança e o estatuto do investigador da aquisição de linguagem. **Intercâmbio** (CD-ROM). v. 1, p. 10-14, 2009.

_____. Linguagem e autismo: a questão dos Pronomes Pessoais. **Confluência**. v. 1, p. 226-245, 2011.

_____. Natureza das produções complexas na fala da criança: um impasse entre o saber e o não saber do investigador. **Revista Intercâmbio**. v. 24, p. 118-128, 2011.

_____. O estatuto teórico do 'erro': um desafio para o investigador da aquisição de linguagem. In: CAVALCANTE, M; FARIA, E; LEITÃO, M (Orgs.). **Aquisição da linguagem e processamento lingüístico**: perspectivas teóricas e aplicadas. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, v. 1, p. 39-51.

CARVALHO, G; GUERRA, A. Linguagem e autismo: uma abordagem à luz da transgressão de formas verbais culturalmente estabelecidas. **Agalia** (A Corunha). v. 1, p. 119-131, 2012.

CARVALHO, G. O investigador e a teoria: uma questão no campo da aquisição de linguagem. **Letras de Hoje**. v. 48, p. 283-289, 2013.

CARVALHO, G; ARAÚJO, M . Notas sobre a ecolalia do autista: seu efeito de exclusão. **Revista do GEL**. v. 10, p. 80-102, 2013.

CARVALHO, G. Escuta do equívoco na fala da criança: um impasse entre estrutura e função da língua. **Estudos da Língua(gem)** (Online). v. 12, p. 201-216, 2014a.

_____. El error en adquisición del lenguaje: un impasse. In: LIERDE VITTO et al (Orgs.). **Adquisición, patologías y clínica del lenguaje**. 1 ed. Rosario - Argentina: Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario., 2014b, v. 1, p. 79-98.

_____. Notas sobre a questão da singularidade da fala da criança. **Revista do GEL**. v. 13, p. 79-90, 2016.

_____. Questões sobre o investigador da trajetória linguística da criança. **Revista Intercâmbio**. v. 34, p. 58-70, 2017.

CARVALHO, G; VILAR DE MELO, M. Ecolalia e música: a linguagem no autismo. **Revista do GEL**. v. 15, p. 63-84, 2018.

CARVALHO, W. J. de A.; COSTA, L. S. A aquisição dos róticos em posição pós-vocálica e na margem inicial da sílaba em crianças pré-escolares de Fortaleza. In: ARAGÃO, M (Org.). **Estudos em fonética e fonologia no Brasil**. 1 ed. João Pessoa: GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL, 2008.

CASTILHO, A. T. de. A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. **Alfa**. v. 9, p. 105-153, 1966.

CASTILHO, A. T. de. Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa. **Alfa**. v. 12, p. 9-126, 1968.

CASTRO, J. L. de. Extração da média aritmética da pronúncia nacional. Caracterização da base carioca, como resultado da média. Notas subsidiárias a respeito do linguajar cearense. In: Anais do Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, 1. Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 101-112.

CAVALCANTE, M. C. B. A fala atribuída: as vozes que circulam na fala materna. **Letras de Hoje**. v. 36, n.3, p. 1-758, 2001.

_____. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. Investigações (UFPE. Impresso), v. 21, p. 153-170, 2009.

_____. (Org). **Multimodalidade em aquisição da linguagem**. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010. v. 200. 183p.

_____.; BARROS, A.; SOARES DA SILVA, P. M.; ÁVILA NÓBREGA, P. V. Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil. **Estudos Linguísticos**. v. 45, p. 411-426, 2016.

_____. Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem. **Linguagem & Ensino**. v.21, n. esp., p. 5-35, 2018.

_____.; FARIA, E. M. B; LEITAO, M. M. (Orgs.). **Aquisição da linguagem e processamento linguístico**: perspectivas teóricas e aplicadas. 1. ed. João Pessoa: Idéia; Editora Universitária UFPB, 2011. v. 200. 298p.

_____.; FARIA, E. M. B. (Orgs.). **Cenas em aquisição da linguagem**: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. v.1. 220p.

CAVALCANTE, D. A. **Diga-me com quem andas, então direi quem tu és**: o processo de gramaticalização do *então*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2018.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014. 167p.

CAVALCANTE, M. M. Referenciação: uma entrevista com Mônica Magalhães Cavalcante. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, p.367-380, 2015.

_____. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012. 176p.

_____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não-ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011. 192p.

CAVALCANTI, T; AZEVEDO, N; PETRUSK, L. A Prática Discursiva em um grupo terapêutico de gagueira: um estudo de caso. In: AZEVEDO, N; FONTE, R. (Orgs.). **Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades**: diferentes perspectivas. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2011, v. 1, p. 113-126.

CAVALCANTI, W. M. A. Aquisição da Língua Portuguesa por surdos usuários de Libras: analisando algumas práticas. **Línguas & Letras**. v. 1, p. 23-41, 2011.

_____; BEZERRA, L. C. S. Entre dois mundos: rompendo a barreira das dificuldades de comunicação de surdocegos. In: CAVALCANTI, W. M. A.; VILAR DE MELO, M. F.; MATOS, J. C. (Orgs.). **Linguagem, inclusão e diversidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Calibán, 2009a, v. 1, p. 1-236.

_____; BEZERRA, L. C. S. A comunicação do surdocego. In: MARTINS, L; SANTOS, L. (Org.). **Múltiplos olhares sobre a inclusão**. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009b, v. 1, p. 89-104.

_____. Aquisição da Língua Portuguesa por surdos usuários de Libras: analisando algumas práticas. **Línguas & Letras**. v. 1, p. 23-41, 2011.

_____; VILAR DE MELO, M. Algumas considerações a respeito da aquisição da língua portuguesa por surdos usuários de Libras. In: CAVALCANTE, M; FARIA, E.; LEITÃO, M. (Orgs.). **Aquisição da linguagem e processamento linguístico**: perspectivas teóricas e aplicadas. 1ed.João Pessoa: Ideia/UFPB, 2011, v. 1, p. 111-129.

_____. Havia uma leitura no meio do caminho da pessoa surda: considerações acerca da aquisição da língua portuguesa como segunda língua. **Letra Magna** (Online). v. 20, 2017.

CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013

CIENKI, A.; AVELAR, M.; VILELA, C.; DONLON, S.; PACHECO, V. Spatial deixis in Brazilian Portuguese: an experimental pilot-study. **Signo**. v. 44, p. 135-142, 2019.

CHAROLLES, M. Introduction aux problèmes de la coherence des textes. **Langue Française**. 38, p.7-41, 1978.

CHOMSKY, N. Three models for the description of language. **IRE Transactions on Information Theory** (2), p. 113–124, 1956.

CHRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. da. (Orgs.). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise e ensino**. João Pessoa: Idéia, 2004.

COELHO, L. C. **A gramaticalização do verbo dar: de predicador a integrante de construções dar uma x-ada**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória da Conquista/BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

CONFESSOR, F. W. **Alí, Lá, Ali e Aqui: gramaticalização de um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/USP, 1982.

COSTA, T. M.; MAGALHÃES, T. M. V. Ocorrências pronominais em Português Brasileiro: da aquisição ao ensino fundamental. In: MOURA, M. D. (Org.). **Novos Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: Edufal, 2010.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: OUP, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistic**. Cambridge: CUP, 2004.

DA FONTE, Renata Fonseca Lima. (Org.). **Análise do Discurso: mo(vi)mento de interpretações**. 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2011, v. 1, p. 71-94.

DELGADO, I; ALVES, G. A. S.. Movimentos lingüístico-discursivos na escrita de uma criança surda usuária de Língua Brasileira de Sinais. **Revista Querubim**. v. 03, p. 232, 2007.

_____; ALVES, G. A.; VASCONCELOS, M. O desenvolvimento da linguagem escrita em crianças com Síndrome de Down. **Prolíngua**. v. 01, p. 01-08, 2008.

_____; CAVALCANTE, M. O contexto bilíngue de aquisição da linguagem escrita na Surdez. In: CAVALCANTE. (Org.). **Multimodalidade em aquisição da linguagem**. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010, v. 1, p. 149-183.

_____; CAVALCANTE, M. C. B.. O processo de Letramento versus Alfabetização na Surdez e a construção de sentidos. In: AZEVEDO, N; FONTE, R. (Orgs.). **Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2011, v. 1, p. 191-209.

_____; LIMA, I.; FARIAS, T.; MATIAS, W.; ALVES, G. A. (Orgs.). Perspectivas de Letramento em Sujeitos com Déficit Intelectual. **Prolíngua**. v. 10, p. 221-229, 2015.

_____; SILVA, W. J. N.; LIMA, A. G.; MACEDO, A. E. R. M.; NOBREGA, D. R.; FREITAS, M. O. Interface das Dificuldades de Escrita com os fatores Psicossocioafetivos na infância. In: CAVALCANTE, M. et al

(Orgs). **Questões em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística:** Aquisição de Gêneros Textuais e Leitura. 01ed. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, 2016, v. 03, p. 422-436.

_____; ALVES, G. A.; LIMA, I.; ROSA, M. (Orgs.). **Contribuições da Fonoaudiologia na Síndrome de Down.** 1 ed. Ribeirão Preto: Booktoy, 2016. v. 1. 212p.

DIK, S. C. **The theory of funcional grammar.** part I: the structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.

DUARTE, L. F. A Maldição do manuscrito autógrafo. **Qvinto Império:** Revista de Cultura e Literatura de Língua Portuguesa. Salvador, v. 1, 1995.

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística Cognitiva:** em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. 1. ed. Natal: Editora da UFRN, 2012. v. 300. 218p

DUQUE, P. H.; SOUSA, A. L. F. de (Orgs.). **Cognição e Práticas Discursivas.** 1. ed. Natal: EDUFRN, 2018. 320p.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics.** New York/London: Continuum, 2004.

ESPÍNDOLA, L. C. **Metáforas conceptuais no discurso.** 1 ed. João Pessoa - PB: Idéia / Editora Universitária UFPB, 2011. v. 01. 172p.

ESPÍNDOLA, L. C; LEITE, J, **Linguística Cognitiva e Interfaces.** João Pessoa: Ideia, 2016.

ETINGER SILVA, M. C. **Do Fifó aos blogs:** análise do item linguístico ir na formação do futuro composto. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Linguística). Vitória da Conquista/BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis:** the critical study of language. Essex: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysing for social research. London and New York: Routledge.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 (2 ed., 2016).

FALCONE, K. **(Des)legitimação**: ações discursivo - cognitivas para o processo de categorização social. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

FARIA, E. Aquisição e desenvolvimento da língua oral: um olhar sobre a transição entre gêneros. In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E.; LEITÃO, M. (Orgs.). Aquisição da linguagem e processamento linguístico. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001, v. 1, p. 77-87.

FARIA, E. M. B.. A postura do ouvinte na argumentação oral infantil. **ABRALIN**. v. II, p. 186-189, 2003.

FARIA, E. M. B.. A linguagem infantil e a capacidade de argumentação. **Letra Viva**. v. 5, p. 71-84, 2004a.

FARIA, E. M. B.. **Argumentação infantil**. João Pessoa: Bagagem, 2004b. v. 1. 184p.

FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. As pesquisas em aquisição da linguagem na Paraíba: uma brevíssima apresentação. **Revista Cadernos do LAFE**. v. 1, p. 1-6, 2006.

FARIA, E. M. B.. A criança e as diversas linguagens na Educação Infantil. 1 ed. João Pessoa: UFPB, 2009. 220p.

FARIA, E. M. B.. Práticas de letramento na aquisição da escrita: um olhar sobre a mudança de paradigmas na aquisição. In: PEREIRA,

R. (Org.). **Práticas de leitura e escrita na escola**. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, v. 9, p. 13-43.

FARIA, E. M. B.; MENEZES, R. L. C. Incidência de variantes ambientais familiares no processo de aquisição de linguagem escrita/leitura. **Prolíngua**. v. 1, p. 286-295, 2013.

FARIA, E. M. B.; PIRES, T. S. J. **Aquisição de escrita por surdo**: um olhar sobre adaptação curricular. 1 ed. digital: Novas Edições Acadêmicas, 2015. v. 1. 136p.

FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B. (Org.). **Cenas em aquisição da linguagem**: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. v. 1. 220p.

FARIA, E. M. B.; MEDEIROS, N. A. Gêneros orais no discurso da criança: O ingresso nas práticas de letramento. In: ARAÚJO, J; SILVA, K. (Orgs.). **Letramentos, Discursos midiáticos e Identidades**: novas perspectivas. 1 ed. Campinas, S Paulo: Pontes Editores, 2015, v. 1, p. 181-205.

FARIA, E. M. B.; LINS, R. N. V. Exposição oral: estratégias linguísticas utilizadas por crianças de 03 e 04 anos em centros de referência em educação infantil da rede municipal de ensino de João Pessoa. In: CAVALCANTE, M; LEITÃO, M; ÁVILA NÓBREGA, P.V. (Orgs.). **Questões em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística Aquisição de Gêneros Textuais e Leitura**. 1 ed. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Limitada, 2016, v. III, p. 79-87.

FARIA, E. M. B.; MEDEIROS, N. A. A aquisição de gêneros orais: o papel da conversa regrada no sistema de gêneros. In: CAVALCANTE, M.; LEITÃO, M.; NÓBREGA. (Orgs.). **Questões em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística**: Aquisição de Gêneros Textuais e Leitura. 1ed.João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Limitada, 2016, v. III, p. 171-190.

_____; PEDROSA, J. L. R. ; SILVEIRA, M. C. A. A. ; CAVALCANTE, M. C. B.; FERNANDES, T. A ; AFONSO, M. A. V. **Aquisição do siste-**

ma de escrita alfabética: iniciando: 1o ano: caderno 1. 1 ed. João Pessoa: Editora do CCTA- UFPB, 2017. v. 1. 102p

FARIA, N. O input e a imprevisibilidade na aquisição de linguagem. In: MOURA, M. (Org.). **Os múltiplos usos da língua**. 1 ed. Maceió - AL: EDUFAL, v. 1, 1999, p. 83-86.

_____. A área da aquisição de linguagem sob os efeitos do reconhecimento da ordem própria da língua. In: SPINILLO, A.; CARVALHO, G.; AVELAR, T. (Orgs.). **Aquisição da linguagem: teoria e pesquisa**. 1a.ed. Recife - PE: EDUFPE, 2002, p. 13-43.

_____. A difícil aritmética do corpo e da linguagem: reflexões sobre o input e a aquisição de linguagem. **Cadernos de estudos linguísticos**. v. 47, n.1 e 2, p. 69-81, 2005.

_____. Interação e singularidade em aquisição de linguagem: reflexões sobre a inclusão do corpo. In: MADEIRO, et al (Orgs). **Eneal** - Pesquisas em Aquisição de Linguagem. Recife: FASA, 2007.

_____. O que se exterioriza do conhecimento lingüístico: reflexões sobre o input. In: MOURA, D. (Org.). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008a, p. 497-500.

_____. O trabalho do texto na aquisição da escrita. In: MOURA, D. (Org.). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008b, p. 495-496.

_____. Forma e substância na linguagem: reflexões sobre o bilinguismo do surdo. **Leitura**. v. 1, p. 233-254, 2013.

_____. A expressão gráfica do texto na relação sujeito-linguagem. In: SIBALDO, M. (Org.). **O texto literário na educação infantil: teoria e prática**. 1 ed. Recife: Pipa Comunicação, 2014, v. 1, p. 263-298.

_____. Z. Harris: a imperfeição e o acesso à língua. **Revista Leitura**, v. 2, p. 204-218, 2017.

FARIAS, E. M. P.; LIMA, P L C. Metaphor and foreign language teaching. **DELTA**. v. 26, p. 453-478, 2010.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think**. New York: Basic Books, 2003. 440p.

FELIPETO, C.; CALIL, E. (Não) era uma vez... Saussure e os estudos em Aquisição da Escrita. In: PINHEIRO, C. L.; CALIL, E; LIMA; M. H. A. (Orgs.). **Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos**. 1 ed. Natal: Editora da UFRN, 2015, p. 217-239.

FIALHO, D. S.; FIDELES, L. L. As primeiras Faculdade de Letras no Brasil. **Revista História do Ensino de Línguas no Brasil**. n. 2, 2008.

FIGUEIREDO-GOMES, J. B. **O percurso de gramaticalização do é que**. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; OLIVEIRA Jr., L. V. A. (Orgs.). **Termos-chave da gramaticalização**. Açu/RN: Edições UERN, 2015.

FIORIN, J. L. A criação dos cursos de letras no brasil e as primeiras orientações da pesquisa lingüística universitária. **Línguas & Letras**. v. 7 n° 12 1º sem. 2006, p. 11-25.

FONTE, R. Cenas de atenção conjunta na interação mãe-criança cega: contribuições à aquisição da linguagem. **Revista Signótica**. v. 25, p. 393-412, 2013.
FONTE, R. Aquisição da linguagem e cegueira: uma abordagem multimodal. In: CAVALCANTE, M.; FARIA, E. M. (Orgs.). **Cenas de aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade**. 1ed.João Pessoa: Editora UFPB, 2015, v. 1, p. 125-139.

FONTE, R.; BARROS, A.; CAVALCANTE, M. C. B.; SOARES, P. M. A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: BARROS, I. et al (Orgs.). **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2014, v. 1, p. 11-26.

FONTE, R.; CAVALCANTE, M. C. B. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: MONTENEGRO, A. C.; BARROS, I.; AZEVEDO, N. (Orgs.). **Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática**. 224ed. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 205-225.

FONTE, R; CAVALCANTE, M. C. B. Gestos dêiticos e atenção conjunta nas especificidades do autismo: uma abordagem multimodal. In: NÓBREGA, P. (Org.). **Nuances da Linguagem em Uso**. 1 ed Campina Grande: EDUEPB, 2018, v. 1, p. 192-220.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EdUFRN, 1998.

_____. (Org.). **Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista**. Natal: EdUFRN, 2000.

_____. (Org.). **Banco conversacional de Natal**. Natal: EdUFRN, 2011.

_____. (Org.). **A gramática da oração: diferentes olhares**. Natal: EdUFRN, 2015.

_____.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

_____.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2015.

_____.; SILVA, M. A. A gramaticalização do verbo *ir*: implicações para o ensino. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EdUFRN, 2007, p. 53-86.

_____; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*. Vol. Especial, p. 55-67, 2016.

_____; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. Princípios clássicos funcionalistas e abordagem construcional da gramática. Apresentação. **XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo Discurso & Gramática**. Niterói: UFF, 2017.

_____; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EdUFRN, 2007.

_____; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. 2 ed. Natal: EdUFRN, 2016.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GARESI, R. Etapas da aquisição da escrita de Emília Ferreiro e o papel do hipocampo na consolidação de elementos declarativos complexos. *Letrônica*. v. 2, p. 182-193, 2009.

_____. Influência da leitura ao desenvolvimento da escrita: uma incursão pela (in)consciência. In: PEREIRA, V. P.; GUARESI, R. (Org.). **Estudos sobre leitura: Psicolinguística em interface**. 1aed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 63-75.

_____. Repercussões de descobertas neurocientíficas ao ensino da escrita. *Revista FAEEBA*. v. 23, p. 51-62, 2014.

GARESI, R; SOUZA, K. Leitura e atenção: um olhar sobre o input linguístico sob a perspectiva da Psicolinguística. In: PEREIRA, V. W.;

GUARESI, R. (Org.). **Estudos sobre leitura**: Psicolinguística e interfaces. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 31-41.

GEERAERTS, D. **Cognitive Linguistics**: Basic Readings. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A. Gênese do preconceito e implicações no funcionamento de linguagem na síndrome de Down. **Estudos da Língua(gem)**. v. 09, p. 105-135, 2011.

_____. Formas usuais de entendimento sobre a síndrome de Down e a Teoria Histórico Cultural. In: BARROCO, S.; LEONARDO, N.; SILVA, T. (Orgs.). **Educação Especial e Teoria Histórico Cultural**: em defesa da humanização do homem. 1 ed. Maringá (PR): Eduem - Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2012, v. 1, p. 174-203.

_____. Síndrome de Down: Linguagem e Identidade. **Muitas Vozes**. v. 3, p. 229-242, 2014.

_____. **Síndrome de Down**: perspectivas atuais. 1 ed. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2016a. v. 1. 200p

_____. Algumas questões sobre a linguagem oral de crianças com síndrome de Down. **Revista Comunicações**. v. 23, p. 259-273-273, 2016b.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A.; BARROCO, S. M. S. **Linguagem e Síndrome de Down**: das primeiras aquisições ao pensamento abstrato. In: BEATON, G.; SOUZA, M; BARROCO, S; BRASILEIRO, T. (Orgs.). **Temas escolhidos na Psicologia Histórico-Cultural**: interfaces Brasil-Cuba. 1 ed. Maringá: Editora da Universidade da Universidade Estadual de Maringá, 2018, v. II, p. 215-240.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A.; BARROCO, S. M. S. Constituição histórico-cultural do processo de aquisição de linguagem em indivíduos com síndrome de down. **Plures Humanidades**. v. 18, p. 5-27-27, 2017.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A.; MORESCHI, S. R. Especificidades no acompanhamento inicial de linguagem de Down: uma abordagem histórico-cultural. In: GHIRELLO-PIRES, C. S. A. (Org.). **Síndrome de Down: perspectivas atuais**. Vitória da Conquista (BA): Editora UESB, 2016, v. 1, p. 17-32.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A.; LABIGALINI, A. P. V. Síndrome de Down: funcionamento da linguagem. In: COUDRY, M.; FREIRE, F.; ANDRADE, M.; SILVA, M. (Orgs.). **Caminhos da Neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011, v. 1, p. 357-376.

GIBBS JR, R. W.; LIMA, P L C.; FRANÇOZO, E. Metaphor is grounded in embodied experience. **Journal of Pragmatics**. v. 36, p. 1189-1210, 2004.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: _____. (Ed.). **Syntax and semantics**, v. 12: Discourse and syntax. New York: Academic Press. 1979.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. California: University of California, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: OUP, 2006.

GOMES, V. E. F. I.; PESSOA, A. B. L.; ALVES, G; DELGADO, I. C. As Interfaces da intervenção Fonoaudiológica com ênfase no letramento em Sujeitos com Síndrome de Down. In: CAVALCANTE, M. et al. (Orgs.). **Questões em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística: multimodalidade, interacionismo e patologias da linguagem**. 1 ed. João Pessoa: Mídia gráfica Editora, 2016, v. II, p. 573-584.

GONCALVES, M. J.; LEITE, J.; Compreensão de Humor e Doença de Alzheimer. **Palimpsesto**. v. 13, p. 325-339, 2014.

GONDIM, E. M. **Os advérbios em -mente no português dos séculos XIV, XVI e XX**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

GONZALEZ-MARQUEZ, M.; MITTELBERG, I.; COULSON, S.; SPIVEY, M. J. **Methods in Cognitive Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company,

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Revista Matraca**. v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

GRADY, J. E. **Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes**. Dissertation (Ph.D. in Linguistics), University of California, Berkeley, Fall, 1997, 299p.

GUARESI, R.; OLIVEIRA, J. S. ; OLIVEIRA, E. S. D. ; SANTOS, L. T. A consciência fonológica e o vocabulário no aprendizado da leitura e da escrita na alfabetização. **(Con)textos Linguísticos**. v. 8, p. 97-109, 2017.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold, 1985a; 1994.

HALLIDAY, M. A. K. Systemic background. In: BENSON, J. D.; GREAVES, W. S. (Eds.) **Systemic Perspectives on Discourse**. Selected Theoretical Papers from the 9th International Systemic Workshop Norwood, NJ: Ablex Publishing Co., 1985b. v. 1, p. 1-15.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**. London, New York: Continuum, 1999.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4 ed. London and New York: Routledge, 2014.

HASAN, R. Part B. In: HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. Tradução de BENTES, A. C; REZENDE, R. C; MACHADO, M. A.R. São Paulo: Cortez, 2008. 280p.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: OUP, 2008.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIERMER, B. (Eds.). **What makes grammaticalization: a look from its fringes and its components**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004, p. 19-40.

HOPPER, P. J. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.). **Syntax and semantics**. v. 12: Discourse and syntax. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, P. J.; TRAUOGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2 ed. Cambridge: CUP, 2003. (Col. Cambridge Textbooks in Linguistics).

HORA, D. da. Vocalização da lateral: correlação entre restrições sociais e estruturais. In: **SCRIPTA**. v. 9, n. 18, p. 29-44, 2006.

_____. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 7 Letras, p. 69-89, 2003.

_____. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba**. 1993.

_____. Palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

ILARI, R. **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1986.

JESUS, L. R. de. **O uso do verbo tomar no português escrito dos séculos XIV, XVII e XX**. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

KASTAN, D. S. **Shakespeare and the book**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

KATO, M. A.; RAMOS, J. Trinta anos de Sintaxe Gerativa no Brasil. **D.E.L.T.A.** v. 15. Número Especial: 105/146. Educ. São Paulo, 1999.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007. 168p.

KRESS, G. R.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. London and New York: Routledge, 2006.

KUPSKE, F. O real e o artificial no processo de aquisição do conhecimento linguístico. **Expressão**. v. 2, p. 101, 2010a.

KUPSKE, F. É possível se adquirir uma língua artificial? O papel comunicativo real na aquisição linguagem. **Travessias**. v. 09, p. 52, 2010b.

_____. A Aquisição da Linguagem à luz de um Paradigma Teórico de Cognição. **Littera**. v. 3, p. 174-190, 2012.

_____. Efeitos do contato entre categorias fonéticas distintas em contextos de imigração: uma revisão sobre o atrito de língua materna. **Revista Gragoatá**. p. 85-106, 2017.

_____; GUTIERRES, A. Uma leitura cognitiva do processo de perda não patológica de língua materna. **Gragoatá**. v. 23, p. 448, 2018.

LAJOLO, M. **No jardim das letras o pomo da discórdia**. Disponível em www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios. Acesso em 01 de junho de 2019.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980. 256p.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. 1 Theoretical Prerequisites; Vol. 2 Descriptive Application. Stanford University Press, 1987.

LEAL, A. L.; MADEIRO, F. M.; AGUIAR, M. A. M. Comunicação Mãe x Bebê: Padrões entoacionais e trocas comunicativas. In: ACIOLI, M. (Org.). **A Linguagem e suas interfaces**. Recife: Editora Livro Rápido, 2006, v.1, p. 01-26.

LEITÃO, S. O manejo de contra-argumentos na escrita argumentativa infantil. **Temas em Psicologia**. v. 8, n.1, p. 79-92, 2000a.

LEITÃO, S.; ALMEIDA, E. G. S. A produção de contra-argumentos na escrita infantil. **Psicologia Reflexão e Crítica**. v. 13, n.3, p. 351-361, 2000b.

LEITÃO, S. Aquisição da escrita argumentativa: um estudo sobre a organização de conteúdos na produção textual. In: SPINILLO, A. G.; CARVALHO, G.; AVELAR, T. (Orgs.). **Aquisição da linguagem: Teoria & Pesquisa**. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2002, p. 101-132.

LEITÃO, S. Evaluating and selecting counterarguments - Studies of children's rhetorical awareness. **Written Communication**. v. 20, n.3, p. 269-306, 2003.

LEITÃO, S.; BANKS-LEITE, L. Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens. In: DEL RÉ, A. (Org.). **Aquisição da lin-**

guagem: uma abordagem psicolingüística. São Paulo: Contexto, 2006a, p. 45-62.

LEITÃO, S.; FERREIRA, A. P. Argumentação infantil: condutas opositivas e antecipação de oposição. In: LUCIANO L. MEIRA, L; SPINILLO, A. (Orgs.). **Psicologia cognitiva**: cultura, desenvolvimento e aprendizagem. 1 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006b, p. 236-258.

LEITÃO, S. Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco. **Pro-Posições**. v. 18, p. 75-92, 2007a.

LEITÃO, S. Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. **Psicologia**: Reflexão e Crítica. v. 20, p. 454-462, 2007b.

LEITÃO, S. Challenging questions in the study of early semiotic activity in children. In: ABBEY, E.; DIRIWÄCHTER. (Orgs.). **Innovating genesis**: microgenesis and the constructive mind in action (Serie Advances in Cultural Psychology). Greenwich, CT: Information Age Publishing (InfoAge), 2008a, p. 227-238.

LEITÃO, S. Auto-argumentação na linguagem da criança: momento crítico na gênese do pensamento reflexivo. In: DEL RÉ, A.; DINUCCI FERNANDES, S. (Orgs.). **A linguagem da criança**: sentido, corpo e discurso (Série 'Trilhas Lingüísticas'). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008b, v. 15, p. 35-60.

LEITE, J.; FALCONE, K. Entrevista com Margarida Salomão. In: **Investigações**. UFPE, 2010. Available from: https://www.researchgate.net/publication/274383306_Entrevista_com_Margarida_Salomao. Acesso em 10 de agosto de 2019.

LEITE, J. (Org.). **Cognição e(m) práticas de linguagem**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

_____; TOSCANO, M.; AURELIANO, T. Inferências conceituais em idosos com e sem Alzheimer. **Signo**. v. 38, Especial, p. 225-250, 2013.

_____; ESPÍNDOLA, L. C. (Orgs.). Dossiê: Métodos em Linguística Cognitiva. **Signo**. v. 39. n. 67, 2014.

_____; ESPÍNDOLA, L. C. Linguística e Cognição. Revista **PROLINGUA**. v. 11. n. 1, 2015.

_____; ESPÍNDOLA, L. C. Dossiê: Cognição e Interface: Educação, Tecnologia, Saúde/Neurociência e Sociedade. **Revista Ling. (dis) curso**. v.16, n. 3 Sept./Dec. 2016.

_____; TOSCANO, M. N.; GONCALVES, M. J. Mesclagem e processamento conceptual de inferências na Doença de Alzheimer. In: TENUTA, A. M.; COELHO, S. M. (Org.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas**. 1ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018, v. p.249-270.

_____; FEIST, M. I. Metaphorical cost: processing of metaphorical and literal language in Alzheimer's patients. In: **International Symposium on Linguistics, Cognition, and Culture (LCC)**, 2019, Belo Horizonte. Book of Abstracts. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019. v. 1. p. 114-116.

LIMA, A. N. F.; ANDRADE, W. T. L.; AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F. Recursos Linguísticos Prosódicos como Facilitadores do Desenvolvimento da Linguagem na Clínica Fonoaudiológica do Autismo. **Investigações**. v. 23, p. 49-64, 2010.

LIMA, A. P. **Um estudo sobre o item linguístico agora no Corpus de Português Popular de Vitória da Conquista**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória da Conquista/BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2014.

LIMA, G. O. **O Efeito da Síncope nas Proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

LIMA, P. L. C.; GIBBS JR, R. W.; FRANÇOZO, E. Emergência e natureza das metáforas conceituais. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. v. 40, p. 107-140, 2001.

LIMA, P. L. C. About primary metaphor. **DELTA**. v. 22, n. Especial, p. 109-122, 2006.

LISBOA, A.; CHAVES, A. A.; GRAÇA, B.; COTRIM, E. T.; MIRANDA, M. A. Análise comparativa da repetição gestual e da emergência de metáforas multimodais em sessões legislativas. In: ATAÍDE, C.; SOUSA, V. V. (Org.). **Língua, texto e ensino: descrições e aplicações**. 1 ed. Recife: Pipa comunicação, 2018, p. 99-110.

LYRA, M. C. D. P. An Excursion into the Dynamics of Dialogue: Elaborations upon The Dialogical Self. *Culture&Psychology*, **INGLATERRA**. v. 5, n. 4, p. 477-489, 1999.

_____. Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: contribuições da comunicação no início da vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 13, n. 2, p. 257-268, 2000a.

_____. Comunicação no Início da Vida: Modelo EEA, Sistemas Dinâmicos e Dialogismo. In: DIAS, M.; SPINILLO, A. (Orgs.). **Tópicos em Psicologia Cognitiva**. 2 ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2005, p. 214-235.

_____. O Modelo EEA para a Investigação da Emergência e Desenvolvimento da Comunicação e do Self: Bases Conceituais e Fundamentos Teórico-Metodológicos. **Estudos de Psicologia**. v. 11, p. 25-33, 2006.

_____. O Modelo EEA: Definições, Unidade de Análise e Possíveis Aplicações. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 20, n.1, p. 87-95, 2007a.

_____. On Abbreviation: Dialogue in Early Life - special issue. **International Journal for Dialogical Science**, Nijmegen, Holanda, v. 2, p. 15-44, 2007b.

_____. Uma Proposta para Investigação da Comunicação Pré-verbal. In: AGUIAR, M. et al (Orgs.). **ENEAL- Encontro Nordestino em Aquisição da Linguagem**. 1 ed. Recife: Editora da UNICAP-FASA, 2007c, v. 1, p. 1-13.

_____; BERTAU, M-C. Dialogical Practices as Basis for Self. **StudiaPsychologica**. v. 8, p. 173-193, 2008.

_____. Communication Development and the Emergence of Self: Contributions of Dynamic Systems and Dialogism. In: LIGHTFOOT, C.; LYRA, M. (Orgs.). **Challenges and Strategies for Studying Human Development in Cultural Contexts**. 1 ed. Roma, Itália: Carlo Amore Edizioni, 2009, v. 1, p. 13-34.

_____. On Interaction Analysis and Dialogical Perspective: Emergent Patterns of Order and Relational Agency. **Integrative Psychological & Behavioral Science**, p. 1-8, 2010.

_____. Self and Symbol Emerging from Dialogical Dynamics. In: BERTAU, M.; MIGUEL M. GONÇALVES, M; RAGGATT, P (Orgs.). **Dialogic Formations: Investigations into the Origins and Development of the Dialogical Self**. 1ed.Charlotte: IAP - Information Age Publishers, 2012, v. 1, p. 121-143.

_____. A Developmental and Process Approach to -Choice Categories-: Imagination and -Tacit Knowledge-. **Integrative Psychological&Behavioral Science**, p. 392-400, 2016.

MAGALHÃES, T. Pronomes na Aquisição do PE e do PB: primeiras observações. **Linguística** (Madrid), São Paulo, v. 13, p. 249-258, 2001

_____. A aquisição de pronomes sujeitos no PB e no PE. **Letras de Hoje**, v. 42, n. 1, p. 97-112, 2007a.

_____. A produção de sujeitos e o uso da terceira pessoa na aquisição do português europeu e do português brasileiro entre os 2;0.0 e 2;3.17 anos. In: A. Castilho; Maria Aparecida T. MORAIS,

C; LOPES, R; CYRINO, M. (Orgs.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. 1 ed. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007b, p. 661-672.

_____. As pessoas do discurso na produção de sujeitos nulos na aquisição do português brasileiro e do português europeu. In: MOURA, M. D. (Org.). **Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008, p. 459-462.

MAGALHÃES, T. M. V. Pronomes na Aquisição do PE e do PB: primeiras observações. **Linguística**. v. 13, p. 249-258, 2001.

_____. A produção de sujeitos e o uso da terceira pessoa na aquisição do português europeu e do português brasileiro entre os 2;0.0 e 2;3.17 anos. In: CASTILHO A. et al (Orgs.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. 1 ed. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007, p. 661-672.

_____. As pessoas do discurso na produção de sujeitos nulos na aquisição do português brasileiro e do português europeu. In: MOURA, D. (Org.). **Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008, p. 459-462.

MAIA, V. L. M. As pretônicas médias na fala de Natal. In: **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 5, p. 209-225, 1986.

MANGUEIRA, M; GUARESI, R. O reconhecimento visual da palavra no processo de aprendizagem inicial da leitura numa abordagem dinamicista. **Domínios de Lingu@Gem**, v. 9, p. 353-373, 2015.

MARCUSCHI, L. A. Coerência e Cognição Contingenciada. In: XIII **Encontro Nacional da ANPOLL**, 1999. Campinas. Produção Textual: Interação, Processamento, Variação. Natal: EDUFRN, 1998. p. 111-130.

_____. Cognição, Explicitude e Autonomia no Texto Falado e Escrito. In: **III Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita - III**

ELFE, 1999, Maceió. Os Múltiplos Usos da Língua. Maceió: EDUFAL, 1999. p. 38-48.

_____. A propósito da metáfora. **Revista de Estudos da Linguagem**. v. 9, n.1, p. 71-90, 2000.

_____. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas**. v. 6, n.1, p. 43-62, 2002.

_____. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES H. P. de M. (Org.). **Produção de Sentido - Estudos transdisciplinares**. São Paulo/Porto Alegre/Caxias: Annablume/Nova Prova/Educs, 2003, p. 239-262.

_____; SALOMAO, M. M. M. Introdução à Obra "Introdução à Lingüística 3: Fundamentos Epistemológicos". **Introdução à Lingüística 3: Fundamentos Epistemológicos**. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004, v. 3, p. 13-26.

_____. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: NEGRI, L.; FOLTRAN M. J.; OLIVEIRA R. P. de. (Org.). **Sentido e Significação**. Em torno da obra de Rodolfo Ilari. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-284.

_____. Contribuições da Lingüística Contemporânea ao Estudo das Relações entre Língua e Conhecimento. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (Orgs.). **Língua e Cidadania: Novas Perspectivas para o Ensino**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2004, p. 255-272.

_____. Compreensão textual como trabalho criativo. In: CECCANTINI, J. L. C T; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA JUNIOR, J. (Org.). **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação - Língua Portuguesa**. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2004, v. 2, p. 31-52.

_____. Discurso, Cognição e Gramática nos Processos de textualização. In: SILVA, D. E. G. da. (Org.). **Nas Instâncias do Discurso: uma permeabilidade de fronteiras**. 1 ed. Brasília: Editora UNB, 2005a. p. 21-35.

_____. Perplexidades e Perspectivas da Lingüística na Virada do Milênio. **DLCV**. v. 3, n.1, 2005b, p. 11-36

_____. **Linguística de texto**: o que é e como se faz? São Paulo: Parábola, [1983] 2012.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARQUILHAS, R. Filologia oitocentista e crítica textual. CONGRESSO INTERNACIONAL FILOGIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO. Lisboa, 2008. **Actas...** Lisboa: Húmus, 2008. p. 355- 367.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Nacional, 1934.

MARTIN, J. R. **Genre studies**. In the Collected Works of J.R. Martin. Edited by Wang Zhenhua. Shanghai: Shanghai Jiao Tong University Press, v. 3, p. 337-356, 2012.

MARTIN, J.R.; ROSE, D. **Genre relations**: mapping culture. London: Continuum, 2008.

MARTINS, E. F. M.; MORATO, E. M. Referenciação e orientação argumentativa na retórica neopentecostal: o percurso sociocognitivo das recategorizações metafóricas. In: Mônica Magalhães Cavalcante; Silvana Maria Calixto de Lima. (Org.). **Referenciação**: teoria e prática. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 86-104.

MARTINS, E. F. M. O papel da teledifusão na organização textual-interativa da retórica neopentecostal. In: SILVA, A. S.; MARTINS, J. C.; MAGALHÃES, L.; GONÇALVES, M. (Orgs.). **Comunicação, Cognição e Media**. Braga: Aletheia, 2010, v. 2, p. 191-202.

MATTHIESSEN, C.M.I.M.; HALLIDAY, M.A.K. **Systemic functional grammar**: a first step into the theory. Beijing: Higher Education Press, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEILLET, A. **Linguistique générale et linguistique historique**. Paris: Champion, 1912.

MENDES, W.V. A perspectiva sistêmico-complexa na relação com os estudos da linguagem: experiência com textos acadêmicos. **Diálogo das Letras**. v. 7, n. 1, p. 21-40, jan./abril 2018.

MEURER, J.L.; BALOCCO, A.E. A linguística sistêmico-funcional no Brasil: interfaces, agenda e desafios. **Anais do SILEL**. v. I. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg14_artigo_8.pdf. Acesso em 28 jul 2018.

MONTICELLI, G. S. C. ; ZANOLLI, M. L. ; PANHOCA, I. . Sobre a síndrome de Down na perspectiva da neurolinguística enunciativo-discursiva. In: SALATI, C; GHIRELLO-PIRES. (Org.). **Síndrome de Down: perspectivas atuais**. 1 ed. Vitória da Conquista - BA: Edições UESB, 2016, v. 1, p. 119-135

MORAES, B; LEITE, J. Compreensão de frases gramaticais com nível de especificidade e esquematicidade por pessoas com Alzheimer: uma análise psicolinguística e cognitiva. **Signo**. v. 41, p. 164-175, 2016.

MORAES, B.; LEITE, J.; SOARES, A. P.; OLIVEIRA, H. A Importância do Teste de Plausibilidade na Validação de Frases em Experimentos Psicolinguísticos. **PROLÍNGUA**. v. 11, p. 17-26, 2016.

MORATO, E. M. Das relações entre linguagem, cognição e interação – algumas implicações para o campo da saúde. **Linguagem em (Dis)curso**. v.16, n.3, p.575-590, set./dez. 2016.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. O conceito de estrutura Potencial do Gênero de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. A short cartography of genre studies in Brazil, **Journal of English for Academic Purposes**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jeap>. Acesso em 06 de maio de 2015.

MOTTA-ROTH, D.; SELBCH, H.V.; FLORÊNCIO, J.A. Conversações indisciplinadas na Linguística Aplicada brasileira entre 2005-2015. In: JORDÃO, C. M. (Org.) **A Linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas: Pontes, 2016.

MOURA, D.; SIBALDO, M. A. (Org.). **Estudos e pesquisas em teoria da gramática**. Maceió: Edufal, 2013.

MOURA, D. (Org.). **Pós-graduação em Letras e Linguística: 20 anos na formação de mestres e doutores**. Maceió: Edufal, 2009.

_____. Contribuição da Abralín à área de Linguística. In: HORA, D.; ALVES, E. F.; ESPÍNDOLA, L. C. (Orgs.). **Abralín: 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, pp. 175-191

MWINLAARU, I.N.; XUAN, W.W. A Survey of Studies in Systemic Functional Language. **Functional Linguistics**. p. 3-8, 2016.

NASCENTES. **Linguajar Carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NASCIMENTO, C.; FONTE, R. Recursos multimodais em contação de histórias: um estudo de caso de uma criança cega. In: CAVALCANTE, M. et al (Orgs.). **Questões em aquisição da linguagem e psicolinguística: aquisição de gêneros textuais e leitura**. 1ed. João Pessoa: Mídia Gráfica Editora, 2016, v. 3, p. 121-134.

NEVES, M. H. de M. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.** v. 15, n. especial, p. 71-104, 1999.

NOBREGA, P. V. A. ; CAVALCANTE, M. C. B. . Aquisição de linguagem em contextos de atenção conjunta: o envelope multimodal em foco. **Revista Signótica.** v. 24(2), p. 469-491, 2012.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. **Functions of Language.** v. 14, n. 2, p. 177-202, 2007.

NOGUEIRA, M. T. **Estudos Linguísticos de orientação funcionalista.** Fortaleza: Edições UFC, 2007.

NOGUEIRA, M. T.; LOPES, M. F. V. **Modo e modalidade:** gramática, discurso e interação. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

OLIVEIRA, J. M. **/R/ implosivo na norma culta de Salvador.** Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.

OLIVEIRA, L. A. B. **A trajetória de gramaticalização do onde:** uma abordagem funcionalista. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997.

_____. A trajetória de gramaticalização do *onde*. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. **Procedimentos discursivos na fala de Natal:** uma abordagem funcionalista. Natal: EdUFRN, 2000, p. 171-211.

OLIVEIRA, M; PACHECO, V ; PEREIRA-SOUZA, L. Processos fonológicos na fala de sujeitos com síndrome de down: uma interpretação via geometria de traços e teoria métrica da sílaba. **Cadernos de estudos linguísticos.** v. 59, p. 459-478, 2017.

OLIVEIRA, M. J. **A multifuncionalidade do item agora através dos séculos:** uma análise na fala e na escrita. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2018.

OLIVEIRA, M. S. Questões de linguagem em sujeitos com síndrome de down. **Prolíngua**. v. 3, p. 62-81, 2010.

OLIVEIRA, M. S.; PACHECO, V. Características acústicas da vogal /i/ produzida por sujeitos com síndrome de Down. **Veredas**. v. 16, p. 104-119, 2012.

____; _____. Produção vocálica: análise acústica e Síndrome de Down. **Diadorim**. v. 14, p. 99-126, 2013.

____; _____. Avaliação da dispersão vocálica em dados de sujeitos com Down. In: DA HORA, D; LOPES, J; LUCENA, R. (Orgs.). ALFAL 50 anos - **Contribuições para os estudos linguísticos e filológicos**. 1 ed. João Pessoa: Ideia Editora, 2015, v. único, p. 1846-1869.

____; _____. Características fonéticas e contrastes fonológicos em dados de fala de pessoas com down: perspectiva da geometria de traços. **Revista Linguística**. v. 32, p. 73-90, 2016a.

____; _____. Dispersão vocálica em sujeitos com down: avaliação das zonas espectrais. In: MARTINS, M. A; JÚNIOR, L. A; MOURA, K; MORAIS, A. (Org.). **Estudos linguísticos: textos selecionados / Abralin-2013**. 1 ed. Natal: Ideia, 2016b, v. 1, p. 83-97.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. A análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.) **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005, p 75 - 88.

PADOVANI, C. C. A.; TEIXEIRA, E. R. . Using macarthur Communicative Development Inventories (CDI>S) to assess the lexical development of cochlear implanted children. **Pró-Fono**, BARUERI, SP. v. 16, n.2, p. 217-224, 2004.

PAIVA, M. A. N. **Regência e transitividade verbal: gramaticalização dos verbos *assistir* e *visar***. Dissertação (Mestrado em Estudos da

Linguagem). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

PAGANO, A.; VASCONCELOS, M.L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **D.E.L.T.A.**, 19, v. Especial, p.1-25, 2003.

PAGANO, A., VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de corpus. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (Orgs.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p.177-207, 2005.

PANHOCA, I. A construção da leitura e da escrita a partir das narrativas orais dos contos de fada. In: LODI et al (Orgs.). **Letramento e Minorias**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002, v. 1, p. 76-80.

_____. Linguagem e envelhecimento: reflexões sobre o silenciamento na velhice (versão acadêmica). In: MARTINS DE SÁ, J; PANHOCA, I; PACHECO, J. (Orgs.). **Na intimidade da velhice**. 1 ed. Holambra, SP: Editora Setembro, 2006, v. 1, p. 101-110.
PANHOCA, I.; GONCALVES, C. A. B. Afasia e qualidade de vida - Consequências de um acidente vascular cerebral na perspectiva da fonoaudiologia. **Arquivos de Ciências da Saúde** da UNIPAR. v. 13, p. 249-257, 2009.

PANHOCA RIBEIRO, V. V. ; BAGAROLLO, M. F. Relatos orais de sujeitos afásicos sobre (suas) afasias. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**. v. 21, p. 251-266, 2018.

PÊCHEUX, Michel. [1969] Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3 ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61 - 161.

_____. [1975]. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2 ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1995.

_____. [1984] Ousar pensar e ousar se revoltar: ideologia, marxismo e luta de classes. **Revista Décalages**, vol, 1, 2013, p. 1-22. Disponível em: https://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15/?utm_source=scholar.oxy.edu%2Fdecalages%2Fvol1%2Fiss4%2F15&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages. Acesso em 27 de setembro de 2019.

PELOSI, A. C.; FREITAS, A. M. A. (Org.). **Faces da Metáfora**. 1 ed. Fortaleza: Artes Gráficas, 2006. v. 1. 180p.

PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. de M. (Orgs.); FARIAS, E. M. P. (Orgs.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2014. v. 01.

PELOSI, A. C.; LETÍCIA, A. P. S.; AMARAL, J. P. (Orgs.). **Violência, Polidez, Mediação de Conflitos e Acesso à Justiça: Alguns Caminhos**. 1 ed. Fortaleza: Estácio, 2017. v. 1. 276p.

PELOSI, A. C. Metáfora e metonímia: múltiplos olhares. Revista **SIGNO**. v. 41, n. 70, 2016.

PENA-FERREIRA, E. **Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo pancrônico do verbo chegar**. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

PEREIRA, E. S. **Gramaticalização do item 'aí' no português falado pela comunidade da Matinha**, Feira de Santana-BA. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Feira de Santana/BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.

PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PRAXEDES FILHO, P. H. L.. The lexico-grammatical complexification level of the interlanguage of Brazilian beginning EFL students: An exploratory study using systemic-functional grammar as a data categorization model. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. v. 41, p. 119-146, 2003.

_____. Um olhar sistêmico-funcional sobre o desenvolvimento da língua materna. **Criançar - Revista Casa de Criança**, Fortaleza-CE, p. 8 - 13, 01 jul. 2011.

RACHED, S. F. da S.; CAVALCANTI, W. M. A. Ver y Oirlasordoceguera: elemerger de lacomunicaciondeçsordociegoprelingüístico. In: JACOBO, et al (Orgs.). **Sujeto, Educación Especial, Integragión e Inclusión**. 1 ed. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018, v. 1, p. 251-279.

RACHED, S. F. da S.; CAVALCANTI, W. M. A.; MORAES, A. H. C. Panorama e perspectivas de propostas para a comunicação do surdocego ontem, hoje, amanhã. **Humanidades**. v. 18, p. 121-

RAMOS, A. P. **Descrição das Vogais Postônicas Não Finais na Variedade do Noroeste Paulista**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Uberlândia: Universidade Estadual de São Paulo, 2009.

REGIS, M; LIMA, I; ALMEIDA, L; ALVES, G; DELGADO, I. Speech-language therapy stimulation in children with Downs syndrome. **REVISTA CEFAC**. v. 20, p. 271-280, 2018.

RÊGO, F.; CARVALHO, G. Aquisição de linguagem: Uma contribuição para o debate sobre autismo e subjetividade. **Psicologia Ciência e Profissão**. v. 1, p. 12-25, 2006.

ROCHA, S. R. **Trajetória do mais-que-perfeito**: contribuições para a história do português popular de Vitória da Conquista. Dissertação (Mestrado em Linguística). Vitória da Conquista/BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

ROSE, D.; MARTIN, J.R. **Learning to write, reading to learn**: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School. Sheffield and Bristol: Equinox, 2012.

SÁ, K. B. de. **Coerência e articulação tópica**: uma análise a partir de redações do ENEM. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade, Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SALGUEIRO, I; AZEVEDO, N; Fonte, R. A Linguagem de Sujeitos e seus Interlocutores em Reuniões de Grupos Afásicos. In: AZEVEDO, N.; FONTE, R. (Orgs.). **Análise do Discurso**: mo(vi)mento de interpretações. 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2011, v. 1, p. 59-70.

SAMPAIO, N. F. S. Processos verbais e não-verbais na constituição da significação na afasia: estudo de caso. **Estudos da Língua(gem)**. v. 7, p. 21-39, 2007.

_____. Centro de Convivência de Afásicos: Uma abordagem etnográfica da afasia. **Estudos Linguísticos**. v. 37, p. 71-79, 2008.

_____. Linguagem e memória no envelhecimento: um estudo neurolinguístico. **Investigações**. v. 25, p. 185, 2012.

_____. Linguagem e afasia: enfrentamento de dificuldades linguísticas e recomposição da subjetividade no ECOA. **Muitas Vozes**. v. 1, p. 255-269, 2012.

_____. Um olhar para o sujeito com dificuldades na linguagem: contribuições da Neurolinguística Discursiva. In: SALATI, C; GHIRELLO-PIRES (Orgs). **Síndrome de Down**: perspectivas atuais. 1 ed., 2016, p. 159-.

_____; Novaes, T.P. Práticas de linguagem e a retomada da escrita pelo sujeito RR. Intersecções. **Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**. v. 1, p. 86, 2018.

SANDES-DA-SILVA, J.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. A estrutura argumental no processo de aquisição do português escrito por surdos. In: PILATI, E. (Org.). **Temas em teoria gerativa**: homenagem a Lúcia Lobato. 1 ed. Curitiba: Blanche, 2016, v. 1, p. 139-148.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Para que Filologia/Crítica Textual. In: **Revista Acta**, Revista do grupo de pesquisa “A escrita no Brasil colonial e suas relações” Acta, Assis, v I, 2011.

SANTOS, A. S. **A gramaticalização dos itens ‘tipo’ e ‘feito’ no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SANTOS, E. C. S.; CRISOSTOMO, F. L. S.; ALVES, G. A. S.; DELGADO, I. C.; SANTOS, I. C.; DANTAS, L. S. A Relevância da consciência Fonológica na Inclusão de uma Criança com Síndrome de Down. In: Faria et al (Orgs). **Letramentos e Inclusão PNAIC Paraíba**. 1 ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2014, p. 27-36.

SANTOS, J.; CALIL, E. **Aprendizagem da ortografia durante a produção textual**: reflexões de uma díade recém-alfabetizada. 1 ed. Beau Bassin: Mauritius, 2018, 180p.

SANTOS, L. de F. **Realização das oclusivas /t/ e /d/na fala de Maceió**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1996.

SANTOS, M. M. **O fenômeno da gramaticalização da perífrase conjuncional já que e sua configuração discursivo-pragmática em textos orais e escritos na cidade do Natal**. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2018.

SANTOS, S. C. G. dos. **Apagamento do /R/ nas falas popular e culta de Feira de Santana – BA**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

SCARTON, G.; MARQUARDT, L. L. **O princípio da variação e suas implicações numa política para o idioma**. **Boletim do Gabinete Português de Leitura**. Porto Alegre: (24): 21-31, jun/1981.

SCHERRE, M. M. P.; RONCARATI, C. Programa de estudos sobre o uso da língua (PEUL). In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 7 Letras, 2008.

SCLIAR-CABRAL, L. Evolução das pesquisas em aquisição da linguagem oral monolíngüe no Brasil. In: FINGER, I; QUADROS, R. (Orgs). **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 221-244.

SERAFIM, M. S. Os comentários metadiscursivos em narrativas produzidas por crianças: a materialização do sujeito-autor. **Veredas**. v. 1, p. 142-156, 2010.

SERAFIM, M. S. Do desenho à escrita: a presença de elementos vicários em narrativas produzidas por crianças. **Caminhos em Linguística Aplicada**. v. 13, p. 47-65, 2015.

SERAFIM, M. S.; OLIVEIRA, R. M. L. A criança: uma autora de textos em formação. **Psicopedagogia On Line**, v. único, p. 1-20, 2010.

SERAFIM, M; OLIVEIRA, R. **Autores e produtores de textos na contemporaneidade**: multiletramentos, letramento crítico e ensino de línguas. 1 ed. Campinas: Pontes, 2016. v. 1. 235p.

SILVA, D. L. G. 2016 SILVA, D. L. G.; BARROS, I. B. R.; FERREIRA JUNIOR, J. T.; RÊGO BARROS, F. R. A. Valor linguístico e desvio de linguagem: um estudo acerca do autismo. **Prolíngua**. v. 11, p. 13-23, 2016.

SILVA, A. do N. **As pretônicas no falar teresinense**. Tese (Doutorado em Linguística). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, A. P. da. **Vogais postônicas não-finais**: do sistema ao uso. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2010.

_____. A reestruturação acentual do PB mediante o apagamento da vogal postônica medial. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 107-130, Jan./Jul. 2015.

SILVA, A. P. da; MAGALHÃES, J. S. Ainda as proparoxítonas: apagamento e preservação da vogal postônica não final. In: HORA, D.; NEGRÃO, E. V. (Orgs.). **Estudos da Linguagem: casamentos entre temas e perspectivas**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2011.

SILVA, C ; MAGALHÃES, T. A aquisição de sujeitos e objetos no português europeu e no português brasileiro: novos rumos para reflexão e análise lingüística. In: MOURA, M. D (Org.). **Novos Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: Edufal, 2010.

SILVA, C. R.; CHRISTIANO, M. E. A.; HORA, D. da. (Orgs.). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia, 2004.

_____; MATOS, D. P. (Orgs.). **Usos linguísticos: formas e funções**. Curitiba: CRV, 2016.

_____; HORA, D. da. (Orgs.). **Forma e conteúdo: estudos de sintaxe e semântica do português**. João Pessoa: Idéia, 2016.

SILVA, H. H. B. **O processo de gramaticalização de e, aí, mas, assim e então em falantes de distintos graus de instrução**. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

SILVA, J. R. **O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2015.

SILVA, M. A. **O processo de gramaticalização do verbo ir**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

SILVA, T. X. **A multifuncionalidade do ONDE e sua trajetória de gramaticalização para a construção de sentidos de textos falados e escritos do português brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Letras). Pau dos Ferros/RN: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2011.

SILVA, W.R.; ESPÍNDOLA, E. Afinal, o que é gênero textual na linguística sistêmico-funcional. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 34, p. 259-307, jan./jun. 2013.

SILVA, M. B. da. **As pretônicas no falar baiano.** Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, 1989.

_____. M. B. da. Pretônicas fechadas na fala culta de Recife. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 320-336.

SILVA FILHO, E. B. **Oclusivas alveolares e africadas alveopalatais no Português de Recife.** Tese (Doutorado em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

SKEETE, N. A. **O uso variável da vibrante na cidade de João Pessoa.** Dissertação (Mestrado em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1996.

SOARES, A.; LEITE, J. E. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações.** v. 28, n. 2, Julho/2015

SOARES, M. E. A aquisição da competência textual: estratégias para a instauração da coerência e da coesão em narrativas. In: CABRAL, L; MORAIS, J. (Orgs.). **Investigando a linguagem.** Florianópolis/SC: Editora Mulheres, 1999, p. 227-244.

SOARES, M. E. Variação e aquisição da competência textual escrita. In: KAZUE, S.; BARROS. (Orgs.). **Produção Textual: interação,**

processamento, variação. Natal/RN: Editora da UFRN, 1999a, p. 171-182.

SOARES, M. E. O desenvolvimento da habilidade de organização textual em língua escrita. **Letras de Hoje**. v. 34, n.3, p. 101-110, 1999b.

_____; MELO, B. Alfabetização de crianças e de adultos: proposta de um breve estudo comparativo. In: SOARES, M. E (Org.). **Pesquisas em Lingüística e Literatura: Descrição, Aplicação, Ensino**. Fortaleza: UFC/PPGL/GELNE, 2006, p. 334-335.

_____; MELO, B. Alfabetização e Letramento: Pontos e contrapontos. **Em Cena Piauí**. Teresina-Piauí: Editora Idéia, 2008, p. 40-45.

SOUSA, A. L. F. A figuratividade em narrativas em quadrinhos: uma proposta de análise. In: SOUSA, A. L. F. de; DUQUE, P. H. (Orgs.). **Cognição e Práticas Discursivas**. 1 ed. Natal: EDUFRN, 2018, p. 162-188.

_____. A construção metafórica e metonímica da anarquia na história em quadrinhos V de Vingança. **Signo**. v. 44, p. 96-107, 2019.

SOUZA, F. C.; LEITE, J. Compreensão de metáforas primárias e complexas em indivíduos com declínio cognitivo. In: ESPÍNDOLA, L.; LEITE, J. E.; NÓBREGA, M. (Orgs.). **Linguística Cognitiva e Interfaces**. 1 ed. Joao Pessoa: Ideia, 2016, v. 1, p. 84-91.

SOUZA, G. G. A. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Letras). Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2016.

SPNILLO, A.; CARVALHO, G, M. M. de; AVELAR, T. C. (Orgs.) Aquisição da linguagem: reflexões teóricas e resultados de pesquisa. Recife: **Editora Universitária** - UFPE, 2002. v. 1. 157p.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. 1 Conceptual Structuring Systems; Vol. 2 Typology and Process of Concept Structuring. MIT Press, 2000.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista. Natal: EdUFRN, 2014.

TEIXEIRA, E. R. Pesquisas Neuropsicológicas e Neurofisiológicas sobre a Língua Falada e Estudos sobre a Aquisição dos Sistemas de Sons: Relações. **Palavra**. v. 17, p. 61-73, 2001.

_____. Padrões iniciais na aquisição do sistema de sons do português: características universais e específicas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. v. 40, p. 53-60, 2003.

_____. **ERT (Exame Fonético Fonológico Reis Teixeira)**: Manual. 2006. (Manuscrito).

_____. **Aspectos Fono-articulatórios e Fonológicos do Português**. Salvador: Gráfica Aquarela, 2005. 46p.

_____. Um estudo sobre Processos de Simplificação Fonológica. In: RIBEIRO, S; COSTA, S; CARDOSO, S. (Orgs.). **Dos sons às palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. SALVADOR: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 173-186.

_____. Os Processos de Simplificação Fonológica na Aquisição do Português. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 44, p. 13-48, 2014.

_____. Os processos de simplificação fonológica na descrição do desenvolvimento de crianças falantes do português em situações aquisicionais típicas e atípicas. **Prolíngua**. v. 10, p. 79-92, 2015.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TOSCANO, M. N.; LEITE, J; AURELIANO, T. M. L. Inferências conceituais em idosos com e sem Alzheimer. **Signo**. v. 38, p. 225-250, 2013.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G; VEENSTRA, T. V. (Eds.). **Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language**. New York: Mouton de Gruyter, 2008a.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of gramatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Eds.). **Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution**. London: Kings College Publications, 2008b.

_____. Grammaticalization and construction grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.). **História do português paulista**. v. 1. Campinas: Publicações IEL, 2009.

_____; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TURNER, M.; AVELAR, M.; OLIVEIRA, M. M. Blended Classic Joint Attention and Multimodal Deixis. **Signo**. v. 44, p. 03-09, 2019.

VAN DIJK, T. Análisis Crítico del Discurso. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, Barcelona. n.30, p.203-222, 2016.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. [1991] **A mente incorporada**. Ciências Cognitivas e Experiência Humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VASCONCELOS, M. L. Estudos sistêmico funcionais em tradução (TSFs): a teoria viajando no contexto brasileiro. **DELTA**. v. 25, n. esp., p.585-607, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/03.pdf>. Acesso em 28/07/2018.

VIAN JR., O.; SOUZA, M. M. de. Linguística sistêmico-funcional e suas contribuições à pesquisa no contexto brasileiro. **Odisseia**. v. 2, n. esp., p. 185-203, 2017.

VIAN JR., O. **Por uma Linguística do Consumidor**. UFRN, IV Simpósio Internacional de Linguística Funcionalista/SILF, 2017.

VIAN JR., O. Linguística Sistêmico-Funcional. In.: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Orgs.) **Ciências da linguagem**: o fazer científico. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2014.

VIEGAS, M. do C. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. Belo Horizonte: UFMG, Tese (Doutorado em Letras). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao Português**. Tradução: Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

XIMENES, E. E. **Auto de Querela e Denúncia**: edição de documentos jurídicos do século XIX do Ceará para estudos filológicos. Fortaleza: LCR, 2016.

AUTORES E ORGANIZADORES

Cleber Ataíde é graduado em Letras pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (2004), mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2008) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2013) com estágio sanduíche na Universidade Presbiteriana Mackenzie e na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é do comitê técnico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), colaborador da Universidade de Pernambuco e professor adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Funcional e Histórica, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, tradição discursiva, diacronia de textos, gramaticalização e história. Como pesquisador, coordena o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco - LeDoc (MT-APQ-0042-8.01/15) e o projeto Para História do Português Brasileiro em Pernambuco (PHPB). É membro dos grupos de pesquisa certificados pelo CNPq Tradições Discursivas do Ceará (TRADICE-UFC), do Grupo de Investigações Funcionalistas (GIF-UFPB), líder do Grupo de Estudos da Língua em Uso (ELU-UFRPE). Foi presidente do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE), no biênio 2016-2018 e, atualmente, é membro conselheiro da Associação Brasileira de Linguística (ABRALINn) e do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE).

E-mail: cleberataide@gmail.com

Valéria Severina Gomes é graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (1994), com mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (1998), doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2007) e pós-doutorado em Letras Vernáculas, com Bolsa de Estágio Pós-doutorado do CNPq, na Universidade Federal do Rio

de Janeiro, no Rio de Janeiro em 2014. Atualmente é professor Associado II da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística de Texto, Linguística Aplicada, Linguística Sócio-histórica e Tradições Discursivas. Consultora Ad Hoc da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe-FAPITEC/SE; membro do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq TRADICE (Tradições Discursivas do Ceará); Coordenadora Regional, em Pernambuco, do Projeto Nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB), no período de 2008-2018, atualmente integra a equipe como pesquisadora. Também atua como pesquisadora no Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Unidade Acadêmica de Serra Talhada). Presidente do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE, no biênio 2014-2016 e vice-presidente no biênio 2016-2018. Professora colaboradora da Escola de Conselhos de Pernambuco, Programa de Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora colaboradora do ProfLetras da Universidade de Pernambuco. E-mail: lelavsg@gmail.com

Emanuel Cordeiro da Silva é graduado (2007) em Letras e Mestrado (2010) e Doutorado (2015) em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. É professor Adjunto 2 de Linguística da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez parte da Diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE (biênio 2014-2016 e biênio 2016-2018). Integra o Conselho Editorial da Revista DLCV - “Língua, Linguística & Literatura”, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e o Conselho Editorial da Revista “Ao Pé da Letra”, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Foi coordenador do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) de Letras da UFRPE/UAST. Como pesquisador, integra o grupo de pesquisa Estudos da Língua em Uso - ELU e dedica-se ao estudo da língua portuguesa sob a perspectiva da Linguística Funcional Norte-americana. Atualmente, participa do projeto de pesquisa “LEDOC-PE” (Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco), financiado com recursos da FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco), e coordena o projeto de pesquisa “Análise, descrição e documentação do português falado de Tejucupapo-PE”. E-mail: emanuelcords@gmail.com

Sherry Morgana Justino de Almeida é professora adjunta do curso de Letras do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco; possui Doutorado em Teoria da Literatura, pela Universidade Federal de Pernambuco (2013), possui Mestrado em Teoria da Literatura (2006) e graduação em Bacharelado em Crítica Literária (2003) também pela UFPE, tendo sido bolsista CNPq tanto na graduação quanto no mestrado. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e Estudos culturais, Literatura Comparada, Literatura e Ensino e Literatura infanto-juvenil no Brasil. Fez parte da diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE) de 2014 a 2018. E-mail: sherry_almeida@yahoo.com.br

Thaís Ludmila da Silva Ranieri é doutora em Letras com ênfase em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2015) com orientação da professora Elizabeth Marcuschi. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2007) e mestra em Linguística (2010) pela mesma Universidade sob orientação da professora Elizabeth Marcuschi. Na graduação, foi bolsista de Iniciação Científica do Nelfe (Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e da Escrita) sob orientação do Professor Luís Antônio Marcuschi e co-orientação da Professora Judith Chambliss Hoffnagel. Atua principalmente com trabalhos voltados para a Linguística Textual de base sociocognitiva, com foco na temática da referenciação e Ensino de Língua Portuguesa. Tem interesse também por trabalhos que atuam numa relação multimodal da língua em associação com semioses diversas, em especial o gestual. Profissionalmente atua na Universidade Federal Rural de Pernambuco na Unidade de Serra Talhada como Professora Adjunto 2 na área de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Língua Portuguesa. Também coordena o PIBID-Letras (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) na mesma unidade acadêmica. Fez parte da Diretoria do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste) no biênio 2016-2018. E-mail: thaisranieri@yahoo.com.br

André Pedro da Silva é mestre (2006) em Linguística e Língua Portuguesa e doutor (2010) em Linguística ambos pela Universidade Federal da Paraíba (2010). Atualmente está como professor adjunto da Universidade

Federal Rural de Pernambuco, atuando no curso presencial e à distância de Letras, e como professor colaborador da Universidade de Pernambuco, no Programa de Pós-Graduação Profissional (PROFLetras); além de coordenar o Projeto de Pesquisa Relação entre Fala e Escrita (REFALES). O mesmo fez parte da Diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE) biênios 2014-2016 e 2016-2018. Com experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atua principalmente nos seguintes temas: fonologia, fala e escrita, variação linguística, fonologia e ensino.

Adeilson Pinheiro Sedrins é professor Associado de Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG). Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2009), com estágio de doutorado na University of Maryland (College Park, MD - EUA) e graduado em Letras (Português-Ingês) pela Universidade Federal de Alagoas (2004). Atua em pesquisas na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, principalmente em pesquisas sobre a sintaxe das construções nominais do português brasileiro, sob a perspectiva da teoria gerativa chomskyana. É professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, integra o Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN), vinculado a esse Programa e é vice-líder do Grupo de Estudos em Teoria da Gramática (GETEGRA), vinculado ao diretório do CNPq. Também é docente do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Email: sedrins@gmail.com

Alícia Duhá Lose é licenciada em Letras Vernáculas pela PUCRS, Mestre e Doutora em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, com Pós-Doutoramento em Letras (Filologia) pela UFBA; Pós-Doutoramento em História (Paleografia e Diplomática) pela Universidade de Coimbra e Pós-Doutoramento em História (Relações Internacionais) pela UnB. É Professora Associada do Instituto de Letras e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. É Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira

de Santana. É coordenadora da Equipe de Pesquisa Memória em Papel; membro dos Grupos de Pesquisa Nova Scripta Philologica (CNPq-UFBA), Grupo de Pesquisa em Crítica Textual da Biblioteca Nacional (CNPq-BN) e do METAMORPHOSE – Materialidade e interpretação de manuscritos e impressos da Época Moderna (CNPq-UnB) e membro da Equipa POMBALIA (Universidade de Lisboa). Desenvolve projetos em acervos literários, eclesiásticos, históricos e especializados, em diversas instituições do estado, como a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição da Praia (Salvador), Congregação de Nossa Senhora dos Humildes (Santo Amaro da Purificação), Sociedade Protetora dos Desvalidos (Salvador) e Centro de Memória Documental da Polícia Militar da Bahia (Salvador).

E-mail: alicia.lose@ufba.br

Antonio Carlos Xavier é doutor em Linguística pela Unicamp e mestre em Letras pela UFPE, da qual é professor adjunto de Língua Portuguesa, na graduação, e de Linguística, na pós-graduação em Letras. Desenvolve e orienta pesquisas sobre hipertexto, letramento digital, educação a distância e formação de professor com novas tecnologias (TDIC); coordena o grupo de pesquisa Nehte (Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias na Educação da UFPE) e edita a Hipertextus Revista Digital. Presidiu a Abehte (Associação Brasileira de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional) entre 2008-2010 e publicou vários trabalhos acadêmicos em revistas científicas e capítulos de livros e tem diversas obras publicadas. Site: <http://profxavier.blogspot.com/>.

E-mail: xavierufpe@gmail.com

Arivaldo Sacramento de Souza, mais conhecido como Ari Sacramento, é professor do Setor de Filologia da Universidade Federal da Bahia. Atua no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, nas linhas de Documentos da Memória Cultural e Crítica e Processos de Criação em Diversas Linguagens. Integrante do Grupo de Pesquisa *Nova Studia Philologica*, desenvolve pesquisas na área de Crítica Filológica, estudos paleográficos, estudos linguísticos em perspectiva histórica e de crítica textual.

E-mail: arisacramento@gmail.com

Aurea Zavam é professora associada do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Linguística, atua no Programa de Pós-graduação em Linguística e no Mestrado Profissional em Letras, ambos da UFC. É líder do grupo Tradice e membro dos grupos Protexoto e Praetece. Tem desenvolvido estudos e publicado artigos sobre tradições discursivas, gêneros textuais, ensino e formação do professor de língua portuguesa.

Email: aurea.ufc@gmail.com

Célia Marques Telles é professora titular da Universidade Federal da Bahia. Possui doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (1988). Desde setembro de 2012 é docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, dentro do Propap. Tem experiência na área de Linguística Histórica, com ênfase em Linguística Românica e Filologia Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: manuscritos, resgate da memória cultural, crítica textual moderna, literatura de viagens (século XVI) e análise de fatos linguísticos românicos.

E-mail: cmtelles@ufba.br

Daniel da Silva Carvalho é professor associado de Linguística da Universidade Federal da Bahia. É doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Foi Pesquisador Visitante na Queen Mary, University of London (2014-2015). É líder do Grupo de Pesquisa *A Sintaxe-phi das Línguas Naturais*. Coordenou o GT de Teoria da Gramática da Anpoll em dois biênios (2010-2012 e 2016-2018) e coordena atualmente o Projeto 24 da ALFAL – Morfologia e suas Interfaces. Autor e organizador de livros, capítulos de livros e artigos sobre a gramática das línguas naturais, desenvolve pesquisas sobre morfossintaxe das línguas naturais, sistema pronominal do português e suas interfaces morfossintática e sintático-semântica.

E-mail: danielcarvalho@ufba.br

Dermeval da Hora Oliveira é graduado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1976), mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1983) e doutorado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1990). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Livre de Amsterdam pela segunda vez ao longo do ano de 2010. Atualmente é professor da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Língua

Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: fonologia e sociolinguística variacionista. Atualmente, como bolsista de Produtividade do CNPq 1B, desenvolve o Projeto «Variação Linguística no Estado da Paraíba - fase III: variação, estilo, atitude e percepção». Foi Presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) no período de 31 de agosto de 2007 a 31 de agosto de 2009. Coordenou a Área de Linguística e Literatura da CAPES (período 2011-2018). Presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (2017-2023). Representante da ALFAL no Comitê Internacional Permanente de Linguistas (CIPL).

E-mail: dermeval.dahora@gmail.com

Dorothy Bezerra Silva de Brito é licenciada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (2004), Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (2009), com estágio sanduíche na Universidade de Cambridge, Inglaterra (2007-2008), e Pós-Doutorado pelo PROLING/UFPB (2017-2018), com ênfase em Sintaxe Experimental. Atualmente é professora adjunta IV de Linguística na Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada, tutora do PET Conexões de Saberes - Letras, Linguística e Artes da UFRPE/UAST, professora do PROGEL/UFRPE, e integra o Grupo de Estudos em Teoria da Gramática (GETEGRA) - UFRPE, o Grupo de Pesquisa A Sintaxe-Phi das Línguas Naturais (PHINA) - UFBA, o Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN) - UFAL e o Grupo de Estudos em Processamento Linguístico (GEPROL) - UFPB, todos vinculados ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq.

E-mail: dorothybsb@gmail.com

Edvaldo Balduino Bispo é professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em Estudos da Linguagem, foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN (2015-2019), e do GT Descrição do Português da ANPOLL (2016-2018). Pesquisador do grupo Discurso & Gramática, seus temas de interesse voltam-se à morfossintaxe do português, notadamente relacionados a adjetivos, orações relativas e estrutura argumental em perspectiva funcional e construcionista, e à interface Linguística Funcional e ensino de língua portuguesa.

E-mail: edbbispo@gmail.com.

Elisângela Nogueira Teixeira é orientadora de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, onde é professora adjunta do Departamento de Letras Vernáculas desde 2013. Criou e coordena o Laboratório de Ciências Cognitivas e Psicolinguística, especializado em rastreamento ocular. É graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2000), mestre em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003) e doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2013). Em 2008, fez estágio na França, no Departamento de Estudos Cognitivos da École Normale Supérieure de Paris e no Laboratoire de Neuropsychologie Interventionnelle, na Universidade Paris-Est Créteil. Tem experiência na área de Psicolinguística e Psicologia Cognitiva, atuando principalmente nos seguintes temas: movimentação ocular, processamento da linguagem e resolução anafórica.

Evandra Grigoletto é doutora em Teorias do Texto e do Discurso pela UFRGS (2005). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da UFPE, atuando nas linhas de pesquisa “Análises do Discurso” e “Análises de práticas de linguagem no campo do ensino”. Líder do NEPLEV (Núcleo de Pesquisa em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual). Possui vários artigos e capítulos de livros publicados, no campo da Análise do Discurso pecheuxtiana, dedicando-se a temas que envolvem sobretudo o discurso das mídias, inclusive as digitais. Entre suas publicações, destaca-se a publicação de três coletâneas, organizadas com outros autores: *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço* (Ed. UFPE, 2011); *Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas* (Pontes Editores, 2016); *Representação dos dizeres na construção dos discursos* (Pontes Editores, 2018).

E-mail: evandragrigoletto@gmail.com

Exedito Eloísio Ximenes Exedito Eloísio Ximenes é professor Adjunto do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará-UECE, atuando também no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada-POSLA e no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras-MIHL da mesma instituição. É líder do grupo de pesquisa Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará - PRAETECE e pesquisa documentos do Ceará colonial dos séculos XVII, XVIII e XIX, centrando suas atividades em edição filo-

lógica e na análise de aspectos da língua portuguesa e da história social dos textos. Concluiu cursos de especialização, de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado, nessa perspectiva. Atualmente, orienta pesquisas de mestrado e de doutorado no MIHL e no POSLA na mesma abordagem. E-mail: expedito.ximenes@uece.br

Fabiele Stockmans De Nardi é Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Estudos da Linguagem/ Teorias do Texto e do Discurso pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), atua no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, onde orienta trabalhos nos níveis de mestrado e doutorado na área de linguística. Vice-líder do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV/UFPE) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (GEPAD-RS), é autora de diversos artigos e capítulos de livros, dedicando-se, especialmente, a pesquisas sobre ensino de línguas, memória e cultura pelo viés da Análise do Discurso de linha pecheuxtiana. E-mail: fabielestockmans@gmail.com

Helson Flávio da Silva Sobrinho é professor e pesquisador da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Sociólogo e doutor em Linguística na área de Análise do Discurso (AD). Desenvolve estudos sobre Discurso, Sujeito, História e Ideologia. É vice-líder do grupo de pesquisa: Discurso e Ontologia Marxiana (Gedom). Integra o Coletivo de Trabalho Discurso e Transformação (Contradit). É autor do Livro “Discurso, Velhice e Classes Sociais”, possui também publicações de capítulos de livros e artigos em diversas revistas especializadas na área de Linguística e Análise do Discurso. E-mail: helsonf@gmail.com

Jan Edson Rodrigues Leite doutorou-se na área de Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, onde defendeu sua tese em Linguística Cognitiva. Concluiu estágio de pesquisa pós-doutoral em Linguística Cognitiva, na University of Louisiana at Lafayette, no tema de cognição espacial. Atualmente é Professor Associado de Linguística e Português na Universidade Federal da Paraíba, atuando na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística. É orientador de Doutorado, Mestrado e de Iniciação Científica. Tem experiência

na área de Linguística, com ênfase em Linguística Cognitiva. Seus interesses no campo da Linguística Cognitiva se concentraram no trabalho teórico e experimental sobre a natureza da linguagem como parte da cognição, o processamento dos significados linguísticos e a compreensão. Tem investigado fenômenos de compreensão nos casos em que os indivíduos têm algum tipo de comprometimento cognitivo devido ao envelhecimento normal ou a demências, enfocando o raciocínio inferencial, a resolução de ambiguidades, a cognição espacial e processamento de linguagem figurativa.

E-mail: jan.edson.leite@gmail.com

José Ferrari Neto é graduado em Letras pela Universidade Católica de Petrópolis (1999), especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), mestrado (2003) e doutorado (2008) em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica – RJ (2003). Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Tem experiência em docência e pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística e Aquisição da Linguagem. Foi Professor Assistente de Língua Portuguesa e Linguística Geral na Universidade Católica de Petrópolis (RJ) e Professor de Linguística na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Atualmente é Professor Associado II de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) e desenvolvendo pesquisas no LAPROL (Laboratório de Processamento Linguístico), com investigações voltadas para o léxico, morfologia e correferência.

E-mail: joseferrarin@ibest.com.br

José Romerito Silva é graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – (1981), graduação em Pedagogia pela UFRN (1990), mestrado em Estudos da Linguagem, área de concentração em Linguística aplicada, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PpgEL/Letras -, UFRN (2000) e doutorado em Estudos da Linguagem (Linguística Aplicada) pelo PpgEL/UFRN (2008). É professor associado da UFRN, ministrando disciplinas de graduação na Escola de Ciências e Tecnologia e de pós-graduação no PpgEL, no qual, além disso, orienta pesquisas de mestrado e de doutorado. Atualmente, é vice-líder do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática, do PpgEL, desenvolvendo

pesquisas na linha teórica da Linguística Cognitivo-Funcional, com especial interesse na articulação entre a Linguística Funcional norte-americana e a Gramática de Construções.

E-mail: j.romer.silva@gmail.com

Maria Auxiliadora Bezerra é professora adjunta de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. É doutora em Estudos Romanos (ênfase em Sociolinguística e Dialetologia) pela Universidade de Toulouse- le Mirail (França). Coorganizadora de livros e autora de vários capítulos e artigos sobre ensino de vocabulário, de leitura e escrita, de gramática de língua portuguesa e formação de professor em interface com a Linguística Aplicada.

Maria Angélica Furtado da Cunha é professora titular de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora visitante da Universidade da Paraíba. É doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É líder do Grupo de Estudos Discurso & Gramática da UFRN e pesquisadora do CNPq. Coorganizadora de livros e autora de vários capítulos e artigos sobre gramática de construções, estrutura argumental, transitividade, negação e interface Linguística Funcional e ensino de gramática.

E-mail: angefurtado@gmail.com

Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo é doutora em Linguística pela Universidade Federal do Pernambuco, Instituição em que também fez estágio pós-doutoral. É professora titular do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Participa do Grupo Teorias de Linguagem e Ensino. Tem experiência na área de Linguística com ênfase em Linguística Aplicada. Coorganizadora de livros e autora de vários capítulos e artigos sobre ensino de língua materna e formação de professor.

E-mail: augusta.reinaldo@gmail.com

Maria do Socorro Silva de Aragão é graduada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Regional do Nordeste (1969), Mestrado (1973) e Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1974). Fez Pós-Doutorado na Université de Paris Sorbonne Nouvelle (1976-1977), Pós-Doutorado na Universidad Complutense de Madrid (1976/1978), Pós-

Doutorado na Central Connecticut State University - USA (1989/1990). Atualmente é Professor Visitante Titular da Universidade Federal do Ceará e Professor Voluntário Titular da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência nas áreas de Lingüística e Literatura, com ênfase em Sociolingüística, Dialetologia e Geolingüística, atuando principalmente nos seguintes temas: Dialetologia, Atlas Lingüísticos, Falares Regionais, Fonética e Fonologia, Língua Portuguesa e Literatura Regional. E-mail: socorro.aragao@terra.com.br.

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante é pós-doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (2002), doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (1999), mestre em Letras e Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco (1994), e graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco. É professora Titular da Universidade Federal da Paraíba, atuando na Graduação em Letras e na Graduação em Fonoaudiologia. É também professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Lingüística e do Mestrado Profissional em Lingüística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba, vinculada à linha de pesquisa Aquisição da Linguagem e Processamento Lingüístico. Coordena o Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE), com um acervo de dados de fala e escrita infantis entre um e trinta e seis meses de idade das crianças. Desenvolve pesquisas voltadas para aquisição, desvios e especificidades de linguagem, com foco de interesse nos temas: Aquisição da Linguagem, Multimodalidade, Prosódia, Gestualidade, Letramento infantil. É autora e co-organizadora de diversos livros e artigos em periódicos. É pesquisadora CNPq – PQ 1D. E-mail: marianne.cavalcante@gmail.com

Márcio Martins Leitão é graduado em Letras (Português) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), mestrado em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), doutorado em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e Pós-doutorado em Psicolingüística pela Universidade de Lisboa (Financiado pela CAPES). Atualmente é professor associado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordena o LAPROL (Laboratório de Processamento Lingüístico), Além disso, foi coordenador do GT de Psicolingüística da ANPOLL no biênio 2013-2014 e é membro da Rede de Ciência para Educação - REDE CpE. Tem experiência na área de

Linguística, com ênfase em Psicolinguística Experimental, atuando principalmente nos seguintes temas: processamento da correferência, processamento anafórico, processamento linguístico e patologias relacionadas a linguagem (Afasia, Alzheimer, Gagueira), e processamento linguístico em aprendizes de L2. Tem interesse também na interface entre Processamento Linguístico e Educação, além de divulgação científica. Além disso, é editor do blog literário Zonadapalavra (<https://zonadapalavra.wordpress.com/>).

E-mail: profleitao@gmail.com

Maria Medianeira de Souza é doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, desde 2010 e docente do Departamento de Letras /UFPE, Graduação e Pós-Graduação em Letras. Realiza trabalhos em Teorias e Análise Linguística, especificamente em Linguística Sistêmico-Funcional e Gramática Sistêmico-Funcional, áreas nas quais tem artigos e capítulos de livros publicados. É coautora, em parceria com a professora Maria Angélica Furtado da Cunha, do livro *Transitividade e seus contextos de uso*.

E-mail: medianeirasouza@yahoo.com.br

Mariza Angélica Paiva Brito é graduada em Psicologia, tem mestrado e doutorado em Linguística e é professora do Curso de Letras - Língua Portuguesa e do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa da FUNCAP (BPI); pós-doutora em linguística textual (UFC); líder do GELT - Grupo de Pesquisa em Linguística Textual da UNILAB e vice-líder do Protexto. Desenvolve pesquisa nas áreas de linguística textual, psicanálise, heterogeneidades enunciativas e argumentação.

E-mail: marizabrito02@gmail.com

Mônica Magalhães Cavalcante é graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1985); tem mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (1996) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2000). Em 2003, fez pós-doutorado em Linguística pela Unicamp. Desde 1989, é professora da Universidade Federal do Ceará e, atualmente, é bolsista CNPq de Produtividade em

Pesquisa nível PQ-2. Tem experiência na área de linguística textual, com ênfase em referência, intertextualidade, metadiscursividade, argumentação, heterogeneidades enunciativas, gêneros do discurso, articulação tópica e sequências textuais.

E-mail: monicamc02@gmail.com

Pedro Farias Francelino é doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). É Professor Associado do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da UFPB e docente do Programa de Pós-graduação em Linguística da mesma instituição. Foi vice-coordenador do GT Anpoll Estudos Bakhtinianos (biênio 2014-2016) e Coordenador desse grupo no biênio 2016-2018. É líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação (CNPq/UFPB). Atua nas áreas de Língua Portuguesa e Linguística, desenvolvendo pesquisas em teorias do discurso, especificamente a perspectiva dialógica dos estudos da linguagem. É autor de livros e capítulos e de artigos publicados em periódicos qualificados. E-mail: pedrofrancelino@yahoo.com.br

Patrícia Fernandes de Messias é Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), possui Graduação em Letras pela mesma Instituição. Na Educação Básica e no Ensino Superior, atua em disciplinas como Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Linguística, Semiótica e Metodologia Científica. Atuou em cargos de gestão, como o de Coordenadora da Comissão Própria de Avaliação - CPA (liderando projetos de sensibilização à comunidade acadêmica frente à Autoavaliação Institucional e ENADE, auxiliando na abertura e reconhecimento de cursos, no Recredenciamento Institucional, na reestruturação e implantação de processos acadêmico-administrativos, na capacitação docente e na orientação pedagógica discente). Também executou a função de Coordenação de Comissão de Vestibulares, tendo liderança sobre equipes multidisciplinares para a elaboração de provas e correção de redações, sendo responsável, ainda, pela diagramação e arte de provas. Possui experiência em desenvolvimento, produção e revisão de PDI e Projetos Pedagógicos e em consultoria Organizacional na

área de Avaliação de Ensino Superior. Desempenhou, ainda, os papéis de Corretora de redações de Vestibular e de Professora em cursos de nivelamento em Língua Portuguesa.

E-mail: patricia.fernandes@live.it

Orlando Vian Jr. é professor associado de Língua Inglesa no curso de Letras/Inglês e no Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Linguísticos da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atuou no curso de Letras/Inglês e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no período 2008-2015. É mestre e doutor em Linguística Aplicada pela PUC-SP. É coorganizador de livros e autor de capítulos e artigos sobre Linguística Aplicada e Linguística Sistêmico-Funcional.

E-mail: orlando.ufrn@gmail.com

Renata Fonseca Lima da Fonte é doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2011), mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2006), especialista em Linguagem pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (2011), possui especialização em saúde Pública pela Universidade de Pernambuco (2009) e graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Católica de Pernambuco (2003). Atualmente é professora da Universidade Católica de Pernambuco, atuando na Graduação em Letras e na Graduação em Fonoaudiologia. É também professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, vinculada à linha de pesquisa Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas diversas manifestações. Desenvolve pesquisas voltadas para aquisição, desvios e especificidades de linguagem, com foco de interesse nos temas: multimodalidade, cegueira e autismo.

E-mail: renata.fonte@unicap.br

Suzana Leite Cortez é professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Linguística pela Unicamp (2011), com estágio de doutorado sanduíche na Université de Lyon 2 - França, e Pós-Doutorado pela Université Sorbonne Nouvelle-Paris 3 (2016), tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística textual, atuando princi-

palmente nos seguintes temas: referência, heterogeneidade enunciativa, ponto de vista e ensino de língua.

E-mail: sucortez@gmail.com

Wellington Vieira Mendes é doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com período sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É professor do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Atua na área de Teoria e Análise Linguística, centrando a atenção em teorias de base funcionalista, no campo do texto e construção sentidos.

E-mai: wvmendes@gmail.com



